



*Piratas de
King's Landing*

*Demônio
do
Alto Mar*

USA Today BESTSELLER

LAUREN SMITH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

*Piratas de
King's Landing*

*Demônio
do
Alto Mar*

USA Today BESTSELLER

LAUREN SMITH

O DEMÔNIO DO ALTO-MAR

PIRATAS DE KING'S LANDING

BOOK TRÊS

LAUREN SMITH

TRANSLATED BY

FÁTIMA TOMÁS



CONTENTS

Untitled

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epilogue

Biografia da Autora

Este é um livro fictício. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são frutos da imaginação da autora ou foram utilizados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

English Text Copyright por Lauren Smith

Traduzido por Fatima Tomas

Tradução Copyright 2024

Todos os direitos reservados. Conforme a Lei de Direitos Autorais de 1976 dos Estados Unidos, escanear, publicar ou compartilhar eletronicamente qualquer parte deste livro sem a permissão da editora constitui pirataria e roubo da propriedade intelectual da autora. Caso queira usar parte do material deste livro (para outro propósito além de uma resenha literária), deve-se obter uma permissão prévia e por escrito da editora por meio do e-mail lauren@laurensmithbooks.com. Agradecemos por apoiar os direitos de propriedade intelectual da autora.

A editora não é responsável por sites (e seu respectivo conteúdo) que não sejam de sua propriedade.

ISBN: 978-1-960374-48-6 (versão e-book)

ISBN: 978-1-960374-49-3 (versão impressa)

UNTITLED

O Demónio do Alto-Mar

Lauren Smith

PRÓLOGO

1735 CORNUALHA, INGLATERRA

Gavin Castleton ajustou a sobrecasaca verde-garrafa e lançou um olhar pelo salão de baile cheio de gente. Os seus pais estavam ocupados com os convidados e não olhariam para ele durante algum tempo. Rapidamente, fugiu da multidão de dançarinos que, naquele momento, davam voltas pela pista de dança e escapuliu-se pela porta das traseiras para os jardins da mansão familiar grande, Castleton Hall.

Notas de música espalhavam-se pelos jardins perfumados, enchendo o ar da noite primaveril com magia e romance que até ele, um jovem de dezanove anos, conseguia apreciar. Os seus olhos procuraram no crepúsculo e vislumbraram umas saias de seda brilhantes a desaparecer por trás de uma fila alta de arbustos.

Ela estava ali. Viera como ele pedira. O seu coração saltou de alegria. Naquela noite... naquela noite, far-lhe-ia a pergunta que mudaria as suas vidas para sempre.

O coração de Gavin acelerou com entusiasmo enquanto perseguia a mulher que fora a dona da sua alma nos últimos dois anos.

– Charity – murmurou ele, enquanto perseguia o seu amor. Aquele era um jogo que tinham jogado muitas vezes desde os dezassete anos. Perseguições e beijos no jardim. Ouviu um risinho suave quando deu a volta a outro arbusto e voltou a vislumbrar as suas saias a desaparecer na esquina de uma fila de sebes elaboradas. A cauda comprida e leve do seu vestido francês tentava-o. Queria apanhá-la, pôr as mãos por baixo daquelas saias, tal como fizera tantas outras vezes.

– Apanhei-te! – Ele arquejou de prazer quando a agarrou por trás. Charity riu-se e depois gemeu quando ele depositou beijos suaves no seu pescoço.

– Oh, sim... por favor... sim – encorajou-o, enquanto ele começava a puxar as suas saias volumosas para cima. – Por favor, possui-me aqui, Griffin.

Gavin ficou paralisado e as suas mãos caíram das saias.

– *Griffin?* – A sua cabeça começou a encher-se de um zumbido estranho.

Charity virou-se nos seus braços. O seu rosto adorável era uma

máscara de confusão e depois de vergonha.

– Gavin? Eu não... Pensei que eras...

– Sei quem pensavas que era – disse ele, suavemente, e o seu coração partiu-se em dois. – Há quanto tempo preferes o meu irmão a mim?

Ela arqueou as sobrancelhas, confusa.

– Há quanto tempo? Há quanto tempo é que o Griffin te corteja?

– Quase há tanto tempo como tu me cortejas. Tu e eu nunca concordámos ser...

– Ser fiéis um ao outro? – concluiu Gavin, agora o seu tom era gelado enquanto se sentia como um estranho na sua própria pele.

– Nunca me pediste para o ser, Gavin. E ainda nem me pediste em casamento. – Charity fez uma careta. – Não deixarei que me faças sentir culpada. Tenho o direito de ser cortejada por qualquer pessoa até aceitar uma proposta.

Gavin planeara pedi-la em casamento naquela noite, mas não ia dizer-lho. Não agora.

– E o meu irmão? Já te pediu em casamento? – quis saber Gavin.

– Ia fazê-lo esta noite. – Ouviram a voz de Griffin atrás deles. O irmão gémeo de Gavin era mais novo do que ele apenas seis minutos e eram quase completamente idênticos em aparência. Só alguém que os conhecia conseguia ver as diferenças minúsculas nas suas feições.

– Então, como vai ser, minha senhora? – perguntou Gavin a Charity, incapaz de manter o desprezo afastado da sua voz. Amava o seu irmão intensamente, mas isto... isto parecia uma traição. Ele fora o primeiro a conhecer Charity há dois anos quando a sua família se mudara para ali, vinda de Londres. Fora amor, amor selvagem. Ela não era simplesmente bonita. Era corajosa, despreocupada, inteligente. Fizera-o querer ser um homem melhor, alguém merecedor de se casar com ela. No dia em que a conhecera, dissera a Griffin que se casaria com ela algum dia. Sempre soubera que Charity seria dele. Mas, oh, como estava enganado.

– Eu... – Ela olhou para ambos e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Ele conhecia-a suficientemente bem para saber que as lágrimas eram genuínas. Consequia ver no seu rosto que se apercebia agora de que as suas ações tinham destruído o laço de irmãos e arrependia-se disso. – Oh, Gavin – murmurou ela e soube que *ele* não seria o escolhido. *Ela* não era a pessoa com quem ela queria passar o resto da sua vida.

Gavin desviou o olhar do seu rosto para observar o seu irmão. Griffin parecia afetado, como se conseguisse sentir a dor que rasgava a alma de Gavin. Como gémeos, tinham partilhado centenas de segredos entre eles e sempre tinham sido capazes de sentir os sentimentos um do outro.

– Irmão, espera... – começou a dizer Griffin.

– Não – explodiu Gavin. – Não, Griffin. Não. – Virou-se e fugiu. Não podia ficar e vê-los juntos sem que o seu coração se partisse ainda mais. Sentia-se como se uma bala de canhão lhe tivesse explodido no peito. A sua própria alma estava obliterada. Cambaleou de volta à casa. Evitou o salão de baile e os convidados alegres enquanto corria para o seu quarto. Fechou a porta com força e encostou-se contra ela, tentando controlar a imagem terrível que agora aparecia à sua frente.

Charity casar-se-ia com Griffin e viveriam ali... ou talvez em Meadow Cross Cottage, mas estariam ali na mesma. Algum dia, Gavin teria de adotar o título do seu pai como conde de Castleton, mas o título e os seus privilégios não significavam nada quando teria de viver sem a mulher que amava.

«Vai-te embora...» As palavras sussurradas apareceram no fundo da sua mente.

«Vai-te embora... Nunca mais olhes para trás...»

Poderia fazer isso? Poderia abandonar os seus pais e o seu irmão? Se significasse escapar da dor que sentia no peito naquele momento, que escolha tinha?

Sem pensar mais, pegou na sua mala de viagem e começou a enchê-la com roupa antes de esvaziar uma caixa de moedas num saco de couro e de o atar ao cinto.

Quando abriu a porta do quarto, encontrou o seu irmão ali parado, com a mão levantada como se tencionasse bater.

Griffin parou ao ver o irmão a agarrar na mala de viagem com os seus pertences.

– Vais-te embora?

– Sim. – Foi a única palavra que conseguiu dizer.

– Não queria amá-la – disse Griffin, que também não sabia o que dizer.

– Mas ama-la na mesma – disse Gavin.

– Ao princípio, penso que a amei porque tu a amavas. Suponho que fosse porque somos gémeos. Mas depois comecei a amá-la por causa dos desejos do meu próprio coração. Disse-lhe esta noite que devia escolher-te, ficar com o título de condessa e viver aqui. É o que ela merece.

– E ela concordou? – Gavin soube a resposta quando o rosto de Griffin mudou.

– Mesmo assim, escolheu-me.

– Então, fica com ela e com o maldito título – disse Gavin, num tom agudo. – Fica com tudo. Estou morto para ti, irmão. Fica com tudo, porque não me resta nada.

– Gavin, por favor. Isso é ridículo. Não poderia ficar com o título, mesmo que quisesse, e não quero – indicou ele.

– Se for considerado morto, o pai ainda terá o seu herdeiro ao trono. Nunca mais voltarás a ver-me. – Empurrou o seu irmão gêmeo para sair do quarto, mas depois parou e a sua voz suavizou-se. – Diz à mãe que a amo e ao pai também. Diz-lhes que lamento e que o melhor filho ficará aqui, e será o herdeiro de que precisam.

Griffin segurou-lhe o braço quando tentou voltar a afastar-se.

– Gavin, independentemente do que acontecer entre nós, este será sempre o teu lar. Sempre.

«Também te amo, irmão. Sempre. Mas não posso ficar com o coração partido.»

Daquela vez, Griffin não tentou detê-lo quando Gavin se escapuliu. Em pouco tempo, saiu de casa e dirigiu-se para o mar e para o futuro incerto que o esperava. Os trovões ecoavam ao longe, assinalando que se aproximava uma tempestade.

1742 – SETE ANOS MAIS TARDE CORNUALHA, INGLATERRA

Não havia nada pior do que ser a irmã mais nova de um pirata famoso.

Josephine Greyville escondeu-se nas sombras da sala de baile, a observar o seu irmão, Dominic, e a sua noiva, Roberta, enquanto dançavam. A inveja e o anseio atingiram-na como a seta de um arco poderoso.

Josephine queria ter uma vida de aventuras como Dominic. Ele passara catorze anos no mar e vira o mundo. E, de acordo com a sua mãe, também causara bastantes sarilhos... afinal de contas, era um pirata famoso. Aventura era tudo o que Josephine alguma vez quisera... e algo que nunca poderia ter. As damas nascidas na alta sociedade não podiam fugir para o mar e tornar-se *piratas*.

Com dezoito anos, tinha idade mais do que suficiente para se casar, porém, era demasiado jovem para experienciar a vida que desejava. E era uma mulher. O seu irmão gêmeo, Adrian, tinha muito mais oportunidades do que ela alguma vez teria porque ela tinha de usar saias e interpretar o papel que o destino lhe reservara, o da filha de um conde.

Não é que não gostasse de um vestido bonito, como o vestido de baile de seda verde que usava agora. O tecido creme da saia e o corpete dourado bordado com padrões de espirais eram primorosos. Sentia-se bonita quando usava aquele tipo de vestidos, mas o que importava a beleza quando a sua vida não tinha entusiasmo ou alegria? Os homens simplesmente não compreendiam como uma mulher podia sentir-se presa numa vida restringida a atividades domésticas e sem oportunidade de fazer outra coisa.

Já sentia que a sua vida acabava. Naquela noite, estava na propriedade elegante do bonito conde de Castleton, onde lhe seria apresentada como a sua futura noiva.

– Estás aí, meu amorzinho. – A sua mãe, Lucia, descobrira o esconderijo de Josephine atrás de uma estátua grega. Lucia era uma mãe maravilhosa, uma beleza espanhola fogaosa que dava conta do seu marido elegante, Aaron, o pai de Josephine e conde de Camden.

– Olá, mãe. – Josephine suspirou.

A sua mãe segurou-lhe o queixo e virou Josephine para ela.

– O que é isto? Parece que estiveste a chorar.

Estivera, mas não queria admiti-lo. Afastou-se dela suavemente.

– Estou bem.

– O teu pai falou com o lorde Castleton e o noivado está combinado. O teu dote também já foi decidido. Pensei que gostarias de dançar com o lorde Castleton, agora que os papéis já foram assinados.

– Tenho de passar por isso? – perguntou ela, num sussurro desesperado.

Os olhos castanhos da sua mãe suavizaram-se.

– O lorde Castleton é jovem e bonito, mas também é um bom homem, meu amorzinho. Foi um bom vizinho para nós durante muitos anos e sente-se sozinho. Fazem um *bom* par, melhor do que qualquer pessoa que pudesses encontrar em Londres. Quando te casares com ele, viverás aqui, ao lado da nossa casa, por isso, o teu pai e eu estaremos por perto e poderás visitar-nos à vontade e também trazer os nossos netos.

Filhos? Era demasiado jovem para pensar em filhos e assentar.

– Vem dançar com o teu noivo. – Lucia afastou suavemente Josephine do seu esconderijo e acompanhou-a até ao homem alto com uma sobrecasaca elegante cor de vinho que observava os seus convidados a dançar.

Lorde Castleton era, sem dúvida, um homem bonito. Com vinte e seis anos, era o dono de uma das propriedades mais ricas ao longo da costa da Cornualha. A sua família e a dela eram vizinhas há mais de um século. Com olhos castanhos calorosos e o cabelo castanho rico puxado para trás numa trança e atado com uma fita cor de vinho, Castleton era o tipo de homem com que qualquer mulher sonharia casar-se. As suas feições tinham sido perfeitamente gravadas por anjos invejosos, mas havia uma nota de tragédia à sua volta. Sabia que se casara quando era jovem com a mulher que amara. Ela morrera ao dar à luz, tal como o filho que esperava, e ele não voltara a casar-se. Isso fazia o seu coração mexer-se na direção dele, apesar de aquela vida não ser a que ela queria.

– Lorde Castleton, encontrei-a – disse Lucia, com um risinho caloroso. – Estava escondida atrás de uma estátua num canto.

– Mãe! – protestou Josephine.

Lorde Castleton tinha um sorriso confuso nos lábios quando se baixou por cima da mão de Josephine.

– Espero não ser assim tão assustador! – Havia um desafio nos seus olhos que aliviou a onda de nervos dentro de Josephine. Os seus lábios eram quentes nos nós dos dedos dela e desejou conseguir apaixonar-se por ele, viver naquela casa bonita e educar filhos lindos com ele.

Contudo, por muito que o desejasse, não se realizou.

– Gostarias de dançar? – perguntou ele.

Josephine assentiu. Não podia rejeitar um cavalheiro que a convidava para dançar e, certamente, não um com quem se casaria em breve.

Lorde Castleton deu-lhe o braço e acompanhou-a até ao centro do salão de baile. O quarteto de músicos acabara uma canção e sussurrava, com as perucas empoeiradas tortas enquanto falavam uns com os outros. Depois, como se acabassem de decidir a próxima canção, levantaram os seus arcos e começaram a tocar uma música adorável. Castleton virou-a nos seus braços quando a dança começou e ela descobriu que conseguia, brevemente, esquecer o seu destino. Passou ao lado de Dominic e Roberta enquanto dava voltas nos braços de Castleton e o seu irmão mais velho piscou-lhe o olho.

Adorava Dominic e estava contentíssima por ele estar finalmente em casa. Ela e Adrian eram apenas bebés quando Dominic fugira para o mar. Eram demasiado jovens para se lembrarem realmente dele, mas tinham crescido com histórias dele toda a sua vida. Ele tinha apenas catorze anos quando se fora embora e tornara-se um dos piratas mais ferozes daquela nova era. E Josephine e a sua família não sabiam isso sobre ele até ao ano passado. Para o resto do mundo, estivera desaparecido durante quinze anos. Os seus pais tinham ficado com o coração partido durante todos os anos da sua ausência.

Ela nunca esqueceria aquele dia lindo de primavera quando ele entrara pela porta da frente da sua casa. Lançara um olhar ao homem sombrio e bonito, e vira o seu irmão perdido há tanto tempo. Precipitara-se para os seus braços, contentíssima por ele estar em casa. O seu pai partilhara a história de Dominic com ela, mas Josephine sabia que deixara muitos detalhes de fora por causa dos seus ouvidos supostamente delicados. Adrian sabia mais do que ela sobre a vida de Dominic como pirata e era a primeira vez nas suas vidas partilhadas como gémeos que ele se recusava a contar-lhe tudo o que sabia.

Josephine sempre estivera interessada em piratas. Como uma filha da Cornualha, tinha o mar no sangue. Sabia tudo sobre o Barba Negra, o Kidd, o Bonnet e outros piratas infames da Era Dourada, talvez até mais do que Adrian sabia, mas falar sobre piratas com outras jovens enquanto bebiam chá era mal visto, no mínimo.

A voz de Castleton irrompeu nos seus pensamentos perdidos.

– Em que estás a pensar?

– Piratas – replicou ela, antes de conseguir pensar bem na sua resposta.

Corajosamente, olhou para ele, esperando que a repreendesse, mas os seus olhos aguçaram-se com curiosidade.

– A sério? O que têm que chama a tua atenção?

Continuaram a dançar e ela mordeu o lábio antes de responder.

– Têm aventuras fantásticas em lugares longínquos. – Era uma resposta suficientemente segura. Não tencionava confessar que, realmente, invejava a sua liberdade. Oh, ter a liberdade de viver fora da autoridade dos outros...

– Fazes-me pensar em alguém que amei há muito tempo. Sentia-se fascinado com piratas e também com as histórias de tesouros enterrados. – Castleton sorriu. De alguma forma, a sua expressão aumentou a sua dor.

– Era a tua primeira esposa? – atreveu-se a perguntar ela.

– Não, o meu irmão.

A música acabou e ela tropeçou.

– Tens um irmão? – Soubera que Castleton tivera um irmão? Procurou na sua memória, mas não conseguiu lembrar-se de alguma vez lho terem dito. Nunca conhecera o irmão de Castleton e nunca ninguém o mencionara. Tinha a certeza disso.

– Tinha. Já se foi embora há sete anos. – O tom de Castleton era pesado com a dor da lembrança. – Anda, deixa-me acompanhar-te ao jantar.

E, com aquilo, a conversa sobre o seu irmão acabou e ela não se atreveu a pressioná-lo mais, apesar de presumir que «ir-se embora» significava que morrera.

As festividades da noite desviaram-se para a sala de jantar, que acomodava trinta convidados em duas mesas grandes. O vinho fluía livremente e todos pareciam estar a divertir-se, todos menos Josephine. Não tinha apetite e escapuliu-se silenciosamente da sala de jantar, inventando alguma desculpa sobre sentir-se mal.

Deambulou pelo corredor iluminado com velas e parou perto de uma janela alta com vista para a estrada que levava à casa.

Subitamente, um raio iluminou o mundo lá fora e ela afastou-se do vidro ao ver o brilho que a cegava. O seu coração saltou para a garganta ao ouvir o trovão alto que se seguiu pouco depois. Era apenas uma tempestade. Gostava de tempestades, mas aquele trovão parecera estar muito perto da casa.

Quando um raio voltou a iluminá-la, arquejou ao ver uma figura que saía da escuridão atrás dela, brevemente refletida no vidro da janela. Virou-se rapidamente, mas não havia ninguém ali. O corredor estava vazio, à exceção de uma pintura que pendia de uma parede com painéis oposta à janela.

Era um retrato grande, mas, apesar do tamanho, havia intimidade no sujeito e em como fora pintado. Reconheceu o homem imediatamente. Era o seu futuro marido.

Depois, Josephine corrigiu-se silenciosamente. Não, não era ele. Havia pequenas diferenças nas feições. Teria sido fácil presumir que o pintor simplesmente falhara ao tentar pintar o homem com exatidão,

mas quando ela leu o nome por baixo, soube que as suas suspeitas eram corretas.

A pequena placa dourada por baixo do retrato dizia: *Gavin Castleton, 1735*. Gavin, não Griffin. Era o irmão de Castleton. Deviam ser gémeos, tal como ela e Adrian, mas Griffin e Gavin deviam ser idênticos.

Gavin... O nome fê-la sentir arrepios nos braços. Aquele era o irmão de Castleton. Dado o ano da placa, adivinhou que teria cerca de dezanove anos quando fora pintado. Um ano mais velho do que ela era agora...

– É um homem bonito, não é? – disse alguém, num tom profundo, e Josephine deu um salto.

O seu irmão Dominic estava parado a alguns metros, a estudar o retrato com ela.

– Conheci o Gavin quando éramos jovens. Era um bom rapaz, mas um pouco selvagem... como eu.

Dominic sorriu com alguma recordação antiga e o coração de Josephine apertou-se. Às vezes, odiava ser tão jovem. Dominic tivera uma vida inteira enquanto ela fora criada com regras rígidas. Acontecia o mesmo com lorde Castleton. Ele tinha vinte e seis anos, apesar de a sua idade não ser muito diferente da dela, dado que muitas mulheres se casavam com homens com quarenta anos. Contudo, quando estava com lorde Castleton, parecia haver uma dor antiga dentro dele que punha um século entre ambos.

– O que lhe aconteceu? – perguntou ela.

– Ninguém sabe com certeza. Ele e o Griffin discutiram uma noite durante um baile muito parecido com este e o Gavin foi-se embora. Simplesmente, desapareceu.

Ela fez uma careta para o seu irmão mais velho.

– Estás a tentar assustar-me. – Dominic lançou-lhe um olhar curioso que ela não conseguia compreender por completo e teve a sensação estranha de que não lhe contava tudo.

– Nunca quereria assustar-te, minha pequena borboleta – disse Dominic, num tom bastante sério, usando a sua alcunha fraternal. – É verdade. O Gavin nunca mais foi visto nesta casa. Alguns pensam que se afogou nas cheias, outros pensam que foi assassinado por salteadores, mas...

– Mas o quê? – Ela segurou o braço do seu irmão. – O quê, Dom?

– *Eu acho* que ele foi para o mar, tal como eu – disse Dominic, num tom baixo, como se pensasse a sério no assunto. Contudo, a forma como disse «eu acho» pareceu-lhe estranha, como se tivesse mais certezas do que incertezas.

– Mas nunca mais voltou. Deve ter partido. – Não disse que estava morto. De alguma forma, não podia usar aquela palavra com o homem

do retrato. Até o óleo na tela parecia respirar naquele corredor iluminado por velas enquanto a tempestade continuava lá fora.

– Nem todos os homens perdidos no mar estão mortos... alguns estão simplesmente perdidos – disse Dominic. Pela primeira vez desde que o seu irmão mais velho regressara milagrosamente, ela viu um pouco da escuridão que ele devia ter enfrentado naqueles catorze anos que passara longe de casa.

– Então, talvez regresse algum dia? – perguntou ela, num tom tão baixo como o do seu irmão.

– Isso depende – disse Dominic.

– Do quê?

– Às vezes, um homem só precisa de uma luz para encontrar o seu caminho para casa, mas nem todos procuram essa luz. Alguns homens estão presos na escuridão.

Ela e Dominic olharam para o retrato de Gavin Castleton até um trovão fazer a casa abanar.

Dominic pôs um braço à volta dos seus ombros.

– Anda, Josie, vamos voltar para o jantar.

Deixou que o seu irmão a conduzisse para a sala de jantar, mas teve a sensação estranhíssima de que os olhos do retrato de Gavin a seguiam. As palavras do seu irmão ecoaram repetidamente na sua mente.

«Nem todos os homens perdidos no mar estão mortos... alguns estão simplesmente perdidos...»

Perto da costa da Cornualha

– *Capitão!* – gritou Ronald Phelps, através da tempestade. – Cuidado!

Gavin Castleton desviou-se com um salto enquanto um membro da sua própria tripulação tentava cortá-lo com uma cimitarra. O convés do seu barco, o *Lady Sereia*, estava cheio de piratas a lutar. Gavin balançou a sua própria espada, acertando no homem mais próximo e cortando-lhe o braço. O uivo de dor do homem foi engolido pelo barulho do mar e dos trovões por cima das suas cabeças.

Beauchamp e os seus homens tinham sido tolos por começar o motim no meio de uma tempestade. Os homens eram atirados para o mar a cada poucos segundos enquanto as ondas cinzento-escuras de água furiosa varriam o convés. O *Lady Sereia* era um barco forte, um barco rápido, mas, no meio de uma tempestade daquelas, sem o controlo da tripulação, os seus mastros partir-se-iam e afundar-se-ia contra as rochas distantes.

– Ronnie! – gritou ele para o seu contramestre. O homem ruivo abanou a espada antes de apunhalar um homem no estômago e de o atirar para o mar com um pontapé.

– Capitão? – gritou de volta.

– Abandonar o barco! – ordenou Gavin.

O contramestre aceitou a ordem e começou a cortar um caminho até ao pequeno bote que alguns homens leais tentavam baixar para a água. Gavin tinha um objetivo: salvar o *Sereia*. A única forma de o fazer era abandonando-o. Beauchamp era um bom marinheiro e conseguiria controlar o barco antes de se afundar, mas isso significava que teria de parar de tentar matar Gavin, e a única forma de isso acontecer era se Gavin não estivesse a bordo. Aquele dia era de Beauchamp, maldito fosse.

Algum dia, encontraria o caminho de volta para o seu barco e, quando o fizesse, mataria todos os homens que tentaram tirar-lho. Ele era o maldito Almirante Negro, líder da frota de piratas das Caraíbas. Haveria consequências com a Irmandade da Costa por causa daquele motim.

– Castleton! – gritou Beauchamp em desafio, dirigindo-se para Gavin. O usurpador não era tão alto como Gavin, mas era tão forte como um touro. Segurava duas espadas e mexia-as sem esforço, apesar de o convés tremer por baixo dos seus pés. Gavin agarrou a sua própria espada com mais força.

– Oferecemos abandonar-te no mar – gritou Beauchamp e mostrou os seus dentes amarelos quando fez uma careta.

– E eu *rejeitei* educadamente essa oferta – recordou ao seu inimigo.
– O Ronnie e eu objetámos a ficar abandonados juntos numa ilha com uma pistola e uma bala para os dois.

Beauchamp precipitou-se para ele, com ambas as espadas erguidas. Gavin preparou-se e usou o seu espadim para se defender das espadas de Beauchamp num conflito poderoso. A única coisa que tinha de fazer era sobreviver até o bote chegar à água. Beauchamp acertou-lhe no ombro com a ponta de uma das espadas. Afundou-se com profundidade suficiente para que uma dor ardente se espalhasse pelo corpo de Gavin. Mas Gavin mexeu a sua espada no ar, quase encontrando o seu alvo e obrigando o outro pirata a afastar-se e a tirar a espada do ombro de Gavin.

Beauchamp avançou de novo, brandindo as espadas para Gavin, que recuou um passo. Porém, enquanto o fazia, agarrou uma corda solta da vela principal, elevou-se no ar com o seu braço bom e dançou para longe do alcance do outro homem exatamente quando uma onda varria o convés. Gavin escapou da onda perigosa, mas Beauchamp não foi tão sortudo. A água negra fê-lo cair no convés e atirou-o contra vários caixotes que estavam presos contra o corrimão. Foram a única

coisa que impediu o amotinado de cair ao mar.

«Alguns canalhas têm muita sorte.»

Gavin deixou-se cair no convés, percebendo que a luta acalmara.

– Ronnie? – Ronnie não estava à vista, assim como o bote ou o resto da tripulação que o defendera durante o motim. Gavin só podia rezar para que o seu contramestre tivesse conseguido pôr o bote na água. Os restantes amotinados rodeavam Gavin num semicírculo, prendendo-o com as costas contra o corrimão a meio do convés.

– Matem-no! – ordenou Beauchamp, enquanto se levantava. – Mandem-no para o Davy Jones!

Gavin não podia ficar no *Sereia*, mas não era homem de se virar e fugir, especialmente não de algo que amava. O *Lady Sereia* era a sua amante, o seu amor, a sua própria alma. Fora o que o salvara há todos aqueles anos quando fugira de casa com o coração partido. E agora era obrigado a deixá-lo nas mãos dos seus inimigos.

– Podes saltar à vontade... o mar matar-te-á por mim. – Beauchamp sorriu desdenhosamente enquanto se juntava ao círculo de homens que rodeavam Gavin.

Gavin olhou para a costa distante atrás dele e viu a falésia familiar, e a casa ao longe cujas luzes brilhavam através da tempestade.

– Oh, Beauchamp, esse sempre foi o teu problema. Esqueces-te de que estou morto há sete anos. Não podes matar um fantasma!

Com aquilo, saltou por um dos lados do barco. A água subiu como uma parede escura para o acolher e, com os braços por cima da sua cabeça, cortou-a com a facilidade de um rapaz que aprendera a nadar e a mergulhar em águas turbulentas e insondáveis como aquelas.

Enquanto a água ondeava e batia contra ele, usou as pernas e nadou até chegar à superfície. Viu o contorno do bote nas ondas e dirigiu-se para ele. Como esperava, Beauchamp e os seus homens apressaram-se a alçar as velas e a guiar o *Lady Sereia* para longe da costa rochosa da Cornualha. Quando Gavin chegou finalmente ao pequeno bote, Ronnie ajudou a puxá-lo para dentro.

– Meu Deus, capitão, está magoado. – Ronnie esticou a mão para o ombro de Gavin, mas Gavin levantou a dele.

– Onde estão os outros? – Esperara ver pelo menos alguns dos seus homens leais no barco com Ronnie.

– Perdi-os. Ajudaram-me a pôr o bote na água e depois viraram-se para lutar para lhe dar tempo para escapar. Uma onda varreu-os do barco.

Gavin ofereceu uma prece silenciosa ao mar, pedindo paz para os homens que tinham morrido para o defender.

– Vamos para a costa. Há equipas de salteadores que procuram barcos afundados nesta parte da praia. Podíamos ser mortos se formos vistos na costa durante muito tempo, mesmo que não tenhamos nada

que valha a pena roubar.

– Conhece este bocado de terra?

– Sim, Ronnie, conheço, é... um lugar onde estive muitas vezes. – A palavra «lar» quase saiu dos seus lábios. Mas aquele não era o seu lar há muito tempo.

Remaram na direção que Gavin indicou. Assim que ficaram suficientemente longe das ondas, Gavin pediu a Ronald para parar de remar.

– O que fazemos agora, capitão? – perguntou Ronald. Ofegava um pouco quando respirava. Como qualquer homem com quarenta e muitos anos, vira muito e fizera muito como marinheiro, e Gavin tinha sorte por lhe chamar um amigo leal.

– Tens de ir à cidade e encontrar uma tripulação para mim e depois um barco. A seguir, iremos atrás de Beauchamp e recuperaremos o *Sereia*.

– Certo – disse Ronnie. – Quais são as minhas ordens?

– Rema pela costa até encontrares um caminho que sobe pela falésia. Levar-te-á a uma aldeia se o seguirees. Há uma pousada nos limites da cidade, a Stag Antlers. Diz à Mary MacGiver, a mulher que a gere, que és um velho amigo meu. Ela saberá tomar conta de ti. Entrarei em contacto contigo em breve. Tenho de tratar de uma coisa primeiro. – Gavin olhou para a entrada da gruta.

Ronnie seguiu o seu olhar.

– O que tem de fazer, capitão?

– Tenho de visitar o meu irmão. Depois, quando estiver tudo pronto, tu e eu ir-nos-emos embora. – Deu a Ronnie um saco de moedas que tinha sempre preso ao cinto. – Tem cuidado e espera por mim na aldeia.

– Sim, capitão – disse Ronnie.

Gavin saiu por um dos lados do bote e aproveitou as ondas para se dirigir para a costa para que Ronnie conseguisse continuar a remar para longe. Quando chegou ao penhasco e à entrada escondida da gruta, parou e tocou no ombro. Os seus dedos encheram-se de sangue. Havia uma hipótese, apercebeu-se sombriamente, de não conseguir encontrar-se com Ronnie na aldeia, afinal de contas. E se fosse esse o caso, queria ver o seu irmão uma última vez. Havia coisas que pesavam no seu coração e precisava de se livrar desse peso.

O que aconteceria depois disso? Só o destino e o mar saberiam.

Josephine estava deitada numa cama grande, com uma vela acesa na mesa-de-cabeceira, enquanto olhava sem ver para as páginas de um livro aborrecidíssimo à sua frente. Escolhera o livro para adormecer e, de alguma forma, era tão aborrecido que falhara naquela tarefa simples. Lá fora, a tempestade continuava, mas, pelo menos, o vento parara de abanar as janelas. Depois de um bom bocado, desistiu e apagou a vela.

Aninhou-se mais nos lençóis e pensou em como a noite não correria nada como ela esperara. Dançara, jantara e depois a tempestade chegara, o que a mantivera na propriedade de lorde Castleton. Agora, estava numa cama que não lhe era familiar, numa casa que nunca sentiria como dela. Aquele seria o seu futuro? Viver naquela casa, dormir numa cama que não parecia dela e fingir que era alguém que não era?

Era uma tolice, é claro. A tempestade forçara todos os convidados de lorde Castleton a passar a noite. Certamente, estavam todos tão desconfortáveis como ela, estando tão longe das suas casas.

No entanto, ela não conseguia escapar da realidade de um pensamento que a mantinha acordada. Quando se casasse com lorde Castleton, teria de encontrar uma forma de se adaptar à sua vida ali, não era? Aquela seria a sua nova casa, a sua nova vida. Tudo a que estava habituada deixaria de ser dela.

Não culpava lorde Castleton pelo seu desconforto. Como poderia? Fora um cavalheiro consumado toda a noite. Até a acompanhara aos seus aposentos, explicando que aqueles tinham sido os seus aposentos quando era criança antes de o seu pai morrer e de se mudar para a ala oposta da casa. Desejara-lhe uma boa noite e dera-lhe um beijo na mão.

Com um suspiro de frustração, deitou-se de costas e olhou para o teto, tentando obrigar-se a adormecer.

Um barulho súbito contra a porta fê-la ficar tensa. Alguém tentava entrar no seu quarto à força? Ou estava a imaginar coisas? As casas velhas rangiam e gemiam muitas vezes. Certamente, um barulho ou dois durante uma tempestade era normal. Repentinamente, o puxador da porta rodou com um rangido suave e a porta abriu-se para o corredor escuro do outro lado.

Josephine ficou deitada sem se mexer, assustada, enquanto uma

figura se dirigia para a cama. Devia ter adormecido e agora estava a ter um pesadelo. Sempre tivera medo de fantasmas e aquilo devia ser um fantasma.

Uma mão agarrou-lhe o ombro com força, abanando-a violentamente.

– Griffin... – chamou alguém, com uma voz profunda. – Griff... *ajuda-me...* – A figura caiu no chão ao lado da sua cama de quatro postes.

Aquilo não era um fantasma. Era um homem, um homem que procurava o seu futuro marido. O seu medo desapareceu e levantou-se com um salto. Encontrou a pedra e conseguiu acender um candeeiro em vez da vela para conseguir ver melhor o convidado inesperado. Levou o candeeiro para onde o homem estava sentado contra o poste da cama.

– Quem és? – Ela inclinou-se para a frente, tentando ver o seu rosto, e arquejou. Era Castleton... mas não era Castleton. Num instante, apercebeu-se de que devia ser o irmão perdido de lorde Castleton. *Gavin*.

– Onde está... o Griffin? – Ela mal conseguia ouvir as palavras ofegantes do homem.

– O Griffin? Referes-te ao lorde Castleton?

O homem gemeu.

– Sim, o maldito lorde Castleton. – Depois, caiu de costas no chão. Foi então que ela viu o sangue a encharcar o seu ombro esquerdo.

– Oh, meu Deus! Estás magoado! – Pousou o candeeiro na mesa-de-cabeceira e levou a mão à testa e à face do homem, tentando ver se tinha febre. Os seus olhos estavam vidrados por causa da dor enquanto a observava. Uns olhos iguais aos de lorde Castleton. Porém, quando olhou para os seus olhos, Josephine sentiu que caía de uma falésia. Respirou fundo como se algo mudasse profundamente dentro dela. Naquele momento, soube que faria tudo para o salvar.

Deitou-o de costas e pôs o candeeiro no chão ao lado dele. Estava pálido e o sangue encharcava-lhe o ombro. Felizmente, Josephine tinha um estômago forte e afastou a camisa rasgada para ver melhor a ferida. Era um corte bastante profundo, como se alguém o tivesse cortado com uma espada. Como se magoara daquela forma? Tinha de acordar Griffin e mandá-lo chamar o médico.

Gavin gemeu e as suas pestanas mexeram-se fracamente. De alguma forma, ela sentiu a dor profundamente dentro dela.

– Por favor, aguenta. Vou acordar o teu irmão e chamar um médico. – Passou as pontas dos dedos pela sua testa para tentar tranquilizá-lo. Ele levantou a mão, segurando-lhe o braço antes de ela se ir embora. Os seus dedos compridos e fortes enroscaram-se no pulso dela de uma forma chocantemente forte, dado o seu estado ferido.

Olhou para ela com os olhos mais limpos do que tinham estado há instantes.

– Não chames o médico... ninguém pode saber. *Por favor...* – A primeira parte das suas palavras foi claramente uma ordem, mas a forma como disse «por favor» foi uma súplica que ela não conseguiu ignorar.

– Porquê? – perguntou Josephine. Não era e nunca seria uma pessoa que simplesmente fazia o que lhe ordenavam sem saber porquê.

Os olhos de Gavin fixaram-se nela durante muito tempo enquanto respondia, num tom baixo:

– Porque todos pensam que estou morto e preciso que continuem a pensar assim.

Josephine pensou no que Dominic dissera sobre Gavin ir para o mar e estar perdido. Fingir que estava morto, ou deixar que o rumor se espalhasse, ter-lhe-ia dado uma quantidade relativa de liberdade para viver a sua vida como desejava, tal como acontecera com Dominic.

– És um pirata? – perguntou ela.

Os seus lábios tremeram com um sorriso cansado.

– Sou, sim. Um pirata temido e sem lei. É melhor que fiques afastada de mim. Quando estiver melhor, ir-me-ei embora.

Ela tentou esconder o brilho de entusiasmo que aquilo a fez sentir.

– Bom, isso é ridículo. Não tenho medo nenhum de piratas. Conheço bastantes.

Gavin arqueou a sobrancelha.

– Ah, sim, menina?

– Sim – replicou Josephine, empertigadamente. – Agora, se não queres um médico, alguém terá de tratar da tua ferida. Porque não te sentas na cama?

– Não, não posso ser visto aqui. Há um quarto... por onde eu vim. Tem uma cama. Posso descansar sem ninguém me descobrir aqui. – Finalmente, soltou-lhe o pulso.

– Está bem, mas vais ter de me dar indicações. – Agarrou-lhe a mão do lado que não estava ferido e ajudou-o a levantar-se. – Põe o braço à volta do meu ombro.

Ele fê-lo e ela sentiu a água fria do mar na sua pele e a dureza salgada do sal seco nas suas roupas. Tinha de o fazer despir a roupa molhada antes de ficar dura e não queria nada a esfregar-se contra a sua ferida que pudesse piorá-la.

Saíram do quarto e seguiram pelo corredor. Gavin apontou para algo à frente deles.

– Ali... atrás da tapeçaria, há uma porta no painel.

Gavin mostrou-lhe onde tinha de carregar na madeira e uma porta

escondida abriu-se. Passaram por baixo da tapeçaria e andaram por um túnel até chegarem a um quarto escuro. Uma luz distante entrava por algum lugar do lado oposto por onde tinham chegado. Parecia a entrada de outro túnel que descia.

– Aqui. A cama devia estar... aqui. – Gavin deixou-se cair, arrastando-a com ele enquanto colapsava em cima de algo que ela não conseguia ver no escuro. Uma nuvem de pó levantou-se, fazendo com que Josephine tivesse um ataque de tosse. Lutou para abafar o som, não fosse alguém conseguir ouvi-la fora daquele quarto.

Andou pelo quarto às apalpadelas. Pensou que vislumbrava uma mesa com um candeeiro a óleo à luz ténue. Tropeçando no chão rochoso com os pés descalços, bateu com o dedo do pé e praguejou sem parar ao sentir uma onda de dor inesperada.

O riso enferrujado de Gavin chegou de trás dela no escuro.

– Onde é que uma dama como tu aprendeu tais palavras?

– Com os meus irmãos – replicou ela. – Bom, onde estamos *exatamente*?

– Numa sala secreta no topo da entrada da gruta.

– Da gruta? Deve ser por isso que cheira a mar. É daí que vem a luz? Presumo que leve à praia? – Conseguia-se sempre sentir o cheiro do mar quando se vivia na costa, mas era mais poderoso ali, como se estivessem a centímetros da água.

– Sim, há uma gruta na base dos penhascos que nos traz até aqui.

– O teu barco está lá fora, na tempestade? – Ela chocou contra a mesa e apalpou para tentar encontrar o candeeiro e um fósforo, assim como uma pedra e aço. Acendeu o fósforo coberto de enxofre com a pedra e o aço e preparou o candeeiro.

– Não... perdi o meu barco. – O tom de Gavin avisava-a de que não devia fazer mais perguntas.

Quando se virou para ele com o candeeiro na mão, viu que, agora, estava sentado numa cama velha que estava muito perto do chão e coberta de lençóis empoeirados.

– Não podes dormir aí!

– Porque não? É uma cama como qualquer outra. – Parecia não estar incomodado com a condição da cama e dos lençóis velhos.

– Fica aqui. – Ela deixou o candeeiro na mesa e saiu do quarto secreto. A casa estava muito silenciosa, apesar do barulho distante da tempestade. Parecia que todas as outras pessoas tinham desaparecido da propriedade e só Gavin e ela estavam ali. Era... íntimo, mas de uma forma que nunca sentira antes e fê-la experimentar um arrepio de excitação. Contudo, abafou rapidamente o seu entusiasmo e concentrou-se na tarefa. Tinha um homem ferido para ajudar e não podia deixar que a sua imaginação tola tomasse o controlo.

Tirou um conjunto de lençóis do armário no seu quarto e regressou

rapidamente. Ordenou que se levantasse da cama e retirou os lençóis velhos, antes de pôr os novos na cama.

– Precisamos que dispas essas roupas – disse ela, olhando para o tecido molhado com seriedade.

– Sinto-me lisonjeado, menina e, noutras circunstâncias, seria um deleite deitar-te na cama e dar-te prazer até gritares, mas receio que não tenha forças neste momento.

O efeito do seu desafio arrogante diminuiu quando ela viu como estava cansado. Era apenas bravata masculina para esconder como estava magoado. Algo nisso se enroscou à volta do seu coração, sufocando-o com um calor e uma suavidade inesperados. Dirigiu-se para ele, esquecendo que vestia apenas a sua camisa de noite. Esticou a mão para a camisa dele e rasgou-a de lado.

Ele mexeu os ombros para tirar a camisa rasgada.

– Calma, menina! És forte, não és?

Josephine encolheu os ombros. Não era baixa nem particularmente alta, mas se era alguma coisa, era forte. O seu pai ensinara-a a usar uma espada juntamente com o seu irmão, e a sua mãe encorajara-a a dar passeios longos, em que acabava a correr muitas vezes por causa da sua energia impossível de conter. Tornara-a mais forte do que a maioria das mulheres da sua idade. Ajoelhou-se aos seus pés e tirou-lhe as botas enquanto ele se equilibrava contra a mesa. Depois, esticou a mão para as calças.

– É melhor se eu fizer isso... – Afastou-a e, com uma das mãos, desabotoou as calças e puxou-as para baixo, até ficar ali de pé apenas em roupa interior. Apesar da sua ferida, o homem tinha uma estrutura gloriosa, como uma parede de músculos.

Josephine engoliu saliva quando sentiu a boca subitamente seca. Clareou a garganta e fez um gesto para a cama.

– Agora, podes sentar-te – ordenou ela.

Ele sentou-se e um som suave e cansado escapou dele. Ela inclinou-se para examinar novamente a ferida. Enquanto o fazia, ele pareceu examiná-la também.

– Quem és tu? – perguntou ele.

– Josephine – disse ela.

Esforçou-se para não olhar para ele na cara. Era estranho que se parecesse tanto com Griffin. Mas Griffin tinha uma gentileza polida e poderosa, e Gavin tinha o mesmo poder, mas parecia mais rude. Sentira-se segura nos braços de Griffin. Mas, quando *aquele* homem tocava nela ou a observava como fazia naquele momento... era como se ela estivesse à mercê de uma tempestade. Tocar naquele homem era arriscar-se a ser queimada por um raio.

– Deita-te. Vou buscar água quente e alguns panos limpos. Temos de limpar a tua ferida.

Ele obedeceu e deitou-se, fechando os olhos. Mas não apagou a sensação de perigo que enchia o quarto pequeno. Porém, não era um perigo que a fazia temer pela sua segurança... era algo diferente.

– Obrigado, Josephine – disse ele.

– Josie... podes chamar-me Josie – deu por si a dizer, apesar de ser escandaloso deixá-lo usar o nome que a sua família usava.

– Josie – sussurrou ele.

– Voltarei em breve – prometeu ela e deixou-o para ir procurar alguma coisa para as suas feridas.

GAVIN FECHOU os olhos e deixou-se levar para algum lugar entre o sono e a vigília, mas, mesmo ensonado, os olhos cinzentos e brilhantes de Josephine enchiam a sua mente. Quem era ela? Porque estava a dormir no quarto do seu irmão? Pareceu flutuar num mar de inconsciência durante muito tempo, antes de a dor do seu ombro o puxar de novo para a superfície. Pestanejou contra a luz tremeluzente do candeeiro que estava demasiado perto da sua cara depois de tanta escuridão. Mexeu-se, lutando contra o desconforto e a dor.

– Está quieto, maldito – disse uma mulher, com frustração.

Apercebeu-se de que Josephine estava ali, a limpar-lhe a ferida.

– Dói muito.

– Imagino que sim. – Ela levantou uma garrafa de uísque para que ele a visse. – Encontrei isto num armário da sala de jogos. – Continuou a esfregar um pano encharcado em uísque contra a ferida do seu ombro.

Gavin observou-a enquanto trabalhava. Sentiu-se aliviado por ter uma criatura tão bonita para observar enquanto estava com dores. Josephine era uma mulher encantadora, com uma pele levemente olivácea e um cabelo castanho-escuro espesso que se espalhava pelos seus ombros em ondas. Tinha feições classicamente elegantes com uma nota de atrevimento nelas. Intrigava-o mais do que gostaria de admitir. Esticou o braço bom e enrolou uma madeixa do seu cabelo à volta do dedo, maravilhando-se por ser tão sedoso.

– Limpei-a o melhor que pude, mas acho que vais precisar de pontos. – Ela levantou uma agulha pequena de coser para que ele pudesse vê-la e depois um carretel de um fio sedoso.

– Sabes como coser uma ferida? – perguntou ele, com suspeita.

Ela observou-o.

– Bordo bastante bem... Imagino que isto não seja muito diferente.

– Bordar? – Ele deixou escapar um risinho que lhe magoou o ombro. – Meu Deus, menina, isto é a minha pele, não uma almofada. – Não gostava da ideia de ela o picar com uma agulha e fio. Talvez

devesse sair da casa e dirigir-se para a cidade. Se conseguisse encontrar Ronnie e um médico, talvez tivesse melhor sorte.

– Se não fizeres isso, não vais parar de sangrar. Confiás em mim? – perguntou ela.

Gavin observou-a à luz do candeeiro e viu a concentração séria nos seus olhos cinzentos. Uma ruga minúscula formara-se entre as suas sobrancelhas escuras como se já estivesse a imaginar a tarefa de lhe coser a ferida e algo nisso, na sua concentração e intensidade, fê-lo confiar realmente nela. Quase sorriu ao ver o movimento teimoso do seu queixo enquanto esperava pela resposta.

– Suponho que tenha de o fazer – admitiu ele.

Era isso ou deixá-la procurar um médico e não podia arriscar-se a que isso acontecesse. Ninguém na Cornualha sabia que ele estava vivo. Se isso mudasse e alguém se apercebesse de que ele não estava morto, criaria perguntas. Era procurado nas Caraíbas e na costa das colónias americanas por pirataria. Se fizessem perguntas às autoridades dali, a Marinha Real saberia muito depressa que ele era um pirata. Isso significava que qualquer pessoa naquela casa que soubesse da sua presença podia ser condenada por esconder e ajudar um pirata. Só estivera naquela casa e naquele quarto uma vez nos últimos sete anos quando pensava que estava pronto para enfrentar o passado. Mas estava enganado, por isso, permanecera escondido de qualquer pessoa que pudesse reconhecê-lo e fora-se embora com a maré seguinte, mas não queria correr esse risco agora.

– Fá-lo de uma vez, então – disse ele. Mas quando esticou a mão para ele, deteve-a. – Um instante. – Pegou na garrafa de uísque que estava ao lado dela e bebeu o seu conteúdo com vários goles profundos. Depois, pousou a garrafa no chão e assentiu rigidamente para Josephine para que continuasse.

Ela começou a trabalhar, cosendo o corte feito pela lâmina de Beauchamp. Doía muito mais ser cosido do que quando Beauchamp o ferira.

A dor era aguda e depois cega, o fio a passar pela sua pele doía-lhe. Esticou a mão para a mesma madeixa com que brincara antes e esfregou-a entre os dedos, concentrando-se em como era sedosa, suave, na forma como a cor escura se refletia com a luz do candeeiro. Acalmou-o enquanto ela trabalhava e distraiu-o da dor.

Quando Josephine acabou, voltou a limpar a ferida com um pano limpo e livrou-se dos restos de sangue.

– Parece estar a coagular. Acho que é uma coisa boa.

Gavin maravilhou-se com a habilidade daquela mulher para lidar com o sangue e para lhe coser a ferida sem problemas.

– Que idade tens, menina? – perguntou ele.

Ela ajudou-o a voltar para a cama e ele deitou-se. Depois, puxou

um cobertor quente até ao seu pescoço como se fosse uma criança. Algo naquilo fez o seu coração apertar-se. Não conseguia lembrar-se da última vez que alguém tomara conta dele daquela forma.

– Tenho dezoito anos – disse ela e a sua voz suavizou-se um pouco.

– Ah! Tão jovem. – Ele suspirou. Era jovem, mas soubera como lidar com uma crise, melhor do que a maioria das mulheres com o dobro da sua idade.

– E tu deves ser realmente um fóssil, com o quê? Vinte e seis anos? – perguntou ela, maliciosamente.

– Como sabes que tenho vinte e seis anos? – Os seus olhos começaram a fechar-se quando o seu corpo se rendeu finalmente ao suplício das últimas horas.

– Gavin... – Ela murmurou o seu nome. Os seus olhos abriram-se com aquela única palavra.

– Como sabes o meu nome? – Observou-a fixamente, com os olhos a estudá-la enquanto tentava perceber se o facto de saber o seu nome era um perigo para o qual devia preparar-se.

Ela afastou-se um pouco dele, como se receasse que a agarrasse. As sombras brincavam no seu rosto quando ele engoliu saliva. Por um instante, arrependeu-se do tom agudo que usara, mas, quando ela respondeu, o seu tom era forte.

– Reconheci-te através do retrato que vi no corredor. Não era difícil adivinhar quem eras.

Ah... O retrato que o seu pai encomendara mesmo antes do baile. Tanto ele como Griffin tinham feito retratos naquele ano. Devia arrancá-lo da parede e queimá-lo. Mas talvez o perigo não fosse demasiado grande. Ela era uma mulher, sozinha numa noite tempestuosa. Se comesse a contar histórias mais tarde... era possível que ninguém acreditasse nela. As tempestades da Cornualha tinham uma forma de pregar partidas às pessoas.

– Josephine, não deves dizer a ninguém que estou aqui – insistiu ele, esticando a mão para a dela e fechando os dedos à volta dos dela. – Promete-me.

Tencionava falar com o seu irmão, mas agora... agora não sabia se estava pronto para isso. Porque, assim que o fizesse, se ainda estivesse vivo, teria de se ir embora pouco depois e não queria abrir mão daqueles momentos breves com Josephine. Começava a sentir-se rapidamente apegado à sua simpatia e coragem, e à paz que a sua presença lhe dava enquanto aguentava a dor no ombro.

– Juro que não contarei a ninguém.

– Ainda bem... – Ele rendeu-se ao cansaço. Enquanto adormecia, sonhou com um par de olhos cinzentos adoráveis que viam dentro da sua alma.

JOSEPHINE SEGUROU a mão de Gavin até ter a certeza de que adormecera. Depois, foi ao seu próprio quarto buscar outro cobertor e uma almofada e regressou. Depois de coser a ferida, tinha demasiado medo de o deixar sozinho. Era um pensamento tolo, mas, de alguma forma, acreditava que se ficasse com ele naquela noite, ele ficaria bem. Brevemente, imaginou-se a contar a Dominic sobre a presença de Gavin, mas, se o fizesse, o seu irmão mais velho não a deixaria voltar a vê-lo. A última coisa que Dominic faria seria deixá-la dormir ao lado de um pirata perigoso e Josephine desejava aquele tempo com Gavin. Desejava a aventura e a excitação que aquele salvamento secreto lhe dera.

Empilhou os cobertores no chão e fechou os olhos, tentando dormir um pouco. A certa altura durante a noite, depois de um trovão violento, Gavin esticou a mão para fora da cama à procura dela. A palma da sua mão mexeu-se suavemente pelo braço dela até descobrir a mão dela e depois apertou-a. Ela agarrou-a como se fosse ela que precisava de ser tranquilizada numa noite de tempestade.

O vento era um uivo distante e assustador vindo do túnel que levava à praia. Fê-la sonhar com lobos a uivar em florestas proibidas. Depois, sonhou com um barco lindo a batalhar contra os elementos ao dirigir-se para mares mais calmos.

Mais tarde, caiu em sonhos muitíssimo diferentes. Sonhos de lábios quentes, duros, mãos ásperas na sua pele e a paixão quente de coisas que não compreendia por completo, mas que, mesmo assim, desejava. Sussurrou o nome de Gavin no escuro como uma prece fervorosa. O pirata ferido roubou os seus sonhos e reivindicou a sua imaginação.

Não havia pensamentos ou sonhos do homem com quem supostamente se casaria ou da vida sossegada a que devia render-se. Só havia sonhos de piratas, beijos quentes, mares abertos e *liberdade*.

Uma névoa leve escondia o cemitério molhado pela chuva. Uma tempestade recente viera do mar e agora deslocava-se para terra, deixando a relva molhada e dando ao ar um corte frio. Do limite do bosque, apareceu Gavin, dirigindo-se lentamente para as lápides de pedra dentro daquele terreno sagrado. A sua alma estava perdida enquanto aquelas pedras o chamavam, criando sombras no seu coração, bloqueando a luz que costumava brilhar com tanta força dentro dele.

O medo envolveu-o como uma capa enquanto contava as lápides que marcavam o pedaço de terra pertencente à família Castleton. Três novas lápides descansavam no chão. Engoliu saliva enquanto se aproximava, com medo de ver os nomes gravados nelas. O primeiro nome que vislumbrou foi um golpe para o coração de Gavin... o seu pai. Gavin passara seis anos longe da Cornualha e, nesse tempo, sem saber, perdera o seu amado pai.

Mas foi com um medo primário que finalmente se virou para as outras duas campas. A maior das duas tinha um anjo esculpido e dobrado por cima da lápide; as suas asas curvavam-se protetoramente enquanto chorava pela alma perdida da lápide que agarrava. Sussurrou as palavras gravadas na lápide.

– Charity Castleton... Toda a vida é um sonho maravilhoso, mas demasiado breve.

Gavin caiu de joelhos com a cabeça baixa. Ela morrerá, a luz a que se agarrara nas noites mais escuras. Já não era o seu amor quando se casara com o seu irmão, mas amor era amor e não tinha limites. Aprendera isso há muito tempo... quando uma pessoa amava profunda e verdadeiramente, era tão ilimitado como o mar.

– O que queres que faça agora, meu amor? – perguntou à pedra sem vida à frente dele. – Deixaste-me para sofrer na minha solidão indesejada.

Juntou o resto da sua coragem para ver uma lápide mais pequena ao lado da de Charity. Uma criança. Perdera uma criança. Reparou que a data da morte de Charity e da criança era a mesma. Devia ter morrido ao tentar trazer o filho de Griffin ao mundo e o bebé morrerá com ela.

Trepadeiras verdes cerosas tinham crescido por cima da campa da criança e Gavin afastou-as com cuidado até ver o nome do bebé.

– Gavin Castleton... Assim chamado pelo seu tio, um grande aventureiro que se perdeu no mar.

A culminação daquele momento, de estar com Charity e o seu filho, juntamente com uma vontade impossível de conter de ter conhecido o seu

sobrinho a quem deram o seu nome, rasgou o coração de Gavin. Tanto Charity como Griffin queriam tê-lo ali e, sabendo que não podia ficar, tinham dado o seu nome ao seu filho em sua memória.

Gavin respirou fundo enquanto o seu peito se apertava tanto que os seus pulmões ficaram esmagados, como se tivesse mergulhado demasiado fundo por baixo da superfície do mar. A escuridão esmagadora e a pressão da água... De repente, não conseguiu aguentar e gritou, deixando escapar toda a sua dor e raiva até o seu rosto ficar cheio de lágrimas e não restar nada nele senão a dor que enchera o seu coração.

Encostou a testa à lápide de Charity para um instante de lembranças e depois levantou-se lentamente e limpou os olhos.

– Foste o meu sonho – sussurrou-lhe. – Mas compreendo que o Griffin foi o teu.

Era assim com os gémeos... partilhavam quase tudo nas suas vidas, mas Charity não podia ser partilhada. Ela oferecera o seu coração a Gavin e ele sabia porque ela amara o seu irmão, apesar de lhe ter partido o coração.

Aceitara a sua escolha de se casar com Griffin, compreendera como apenas um irmão gémeo conseguia.

– Também o amo e lamento muitíssimo ter-vos deixado aos dois. Perdoem-me.

Como teria sido se ele tivesse ficado? Não conseguia imaginá-lo, mas havia uma grande parte dele que desejava ter tentado ficar. Talvez então Charity não tivesse morrido...

Era uma loucura vã pensar que poderia ter mudado o seu destino. O amor nunca se perdia... simplesmente mudava para dor por uma pessoa que já não estava presente. E a dor de Gavin era profunda, tão profunda como o mar que chamava por ele.

A névoa começou a clarear enquanto uma brisa fresca trazia sussurros dos segredos infundáveis do mar e o fazia virar-se para a costa distante. O mar sempre o chamara, o desejo de navegar até mais longe, de ver o que havia depois do horizonte. Fechou os olhos, jurando que quase conseguia ouvir Charity a sussurrar-lhe.

– Persegue e encontra o teu futuro fora dos limites do mapa...

Ela adorara falar sobre as aventuras que poderiam ter nas terras exóticas desenhadas nos mapas e atlas que tinham descoberto na biblioteca vasta da sua família. Tinham passado horas enroscados no sofá juntos, com o atlas aberto no seu colo enquanto ela se aninhava contra ele, traçando as linhas onde o mundo conhecido desaparecia. Inventava histórias de aventuras imaginadas com que Gavin nunca sonharia sozinho. Ela não tivera medo de nada... ou fora o que ele pensara.

Os lábios de Gavin curvaram-se num sorriso agri-doce enquanto se lembrava dela a falar sobre querer procurar os tesouros e a glória de ser uma pirata a deambular por alto-mar. Charity fora o seu tesouro. Agora,

fora-se embora. A faísca do seu brilho ficara nas sombras porque o sol se pusera na sua vida.

– Dorme bem – disse ele, suavemente, e voltou a tocar na lápide. Por muito que quisesse deitar-se e morrer junto dela, o destino tinha outras ideias.

O barulho de cascos fê-lo virar-se. Uma figura distante montada num cavalo trotava pelo caminho em direção ao cemitério. Gavin abandonou as lápides e correu para a proteção do bosque. Não sabia porque se virara para olhar para o cemitério pela última vez, mas fê-lo.

O cavaleiro parou no limite daquele espaço sagrado e desmontou. Um sussurro de algo chegou-lhe através daquela ligação invisível que sempre existira entre Gavin e o seu irmão gémeo. Griffin estava ali.

Griffin fez o mesmo caminho por entre as três lápides do terreno familiar que Gavin visitara há apenas alguns minutos. A sua cabeça virou-se em todas as direções, como se conseguisse sentir a presença de Gavin. Ou talvez percebesse que alguém limpara recentemente uma das lápides.

– Gavin? – gritou Griffin. Gavin quase fez um som, mas deteve-se no último instante. Os ombros de Griffin caíram e virou-se para as campas, deixando um ramo de flores em cada uma, antes de montar no seu cavalo e afastar-se.

– Griffin!

Gavin sentou-se de repente, com o nome do seu irmão a escapar dos seus lábios, mas apercebeu-se de que fora tudo um sonho... um sonho da sua última memória de quando ali estivera há um ano, muito antes de perder o seu barco num motim. A ferida palpitava no ombro, recordando-lhe o que o fizera voltar para casa tão cedo.

– Gavin? – disse uma mulher, ensonada. – Dói-te o ombro?

Ele respirou fundo para se tranquilizar. Estava numa gruta secreta ligada à casa ancestral da sua família e não no passado. Enquanto a sua mente juntava as memórias dos últimos dias, sentiu algo a apertar-lhe a mão e aquela mulher voltou a falar, perguntando-lhe pelo seu ombro. Olhou fixamente para a mão por um instante e depois seguiu o braço e levantou o olhar para o resto que estava iluminado por um único candeeiro a óleo. A mulher também o observou, abertamente preocupada, mas, por um instante, não conseguiu encontrar as palavras para falar.

Josephine.

O seu nome afetava-o muitíssimo, como se o seu coração fosse feito de cordas que podiam cantar quando lhes tocassem. Voltou a respirar fundo e o seu peito apertou-se enquanto continuava a observá-la e depois às suas mãos juntas.

A palma da mão dela era quente e encaixava perfeitamente contra a dele, quase como se as suas mãos tivessem sido feitas para agarrar uma na outra. O pensamento apanhou-o desprevenido e fez com que o

coração batesse lenta e dolorosamente contra as costelas. Não pensara que poderia voltar a sentir-se assim, não depois de perder Charity. No entanto, esta... ligação era algo que não conseguia explicar ou desafiar.

– O que se passa? – perguntou ela.

Ele observou-a fixamente, apercebendo-se de que ela estava deitada num catre no chão ao lado da cama.

– Eu... – Ele deu por si incapaz de falar e depois mudou de assunto. – Passaste toda a noite aí? – perguntou-lhe, soltando a sua mão relutantemente. Uma luz pálida crescia ao fundo do túnel que levava à praia, o que significava que a alvorada se aproximava.

– Sim. Precisavas de alguém para te vigiar durante a noite, não fosses sucumbir à febre. – Ela sentou-se e passou os dedos pelas ondas embaraçadas, penteando as madeixas escuras e selvagens, antes de apanhar o cabelo na base do pescoço e de o atar com uma fita dourada que tinha à volta do pulso. Por alguma razão, divertiu-o que ela tivesse uma fita à volta do pulso no caso de precisar dela para uma circunstância daquele estilo.

Depois, os olhos de Gavin desviaram-se para a camisa de noite que ela usava. Era fina e quase conseguia ver através dela. O inchaço lindo dos seus seios e ancas fê-lo lembrar-se brevemente de que, uma vez, fora um cavaleiro, clareou a garganta e desviou o olhar.

– Devias regressar aos teus aposentos antes que alguém descubra que não estás lá. Virarão a casa do avesso à tua procura e isso condenar-me-ia. – Estava a ser um pouco dramático, mas precisava que aquela beleza tentadora se fosse embora antes de permitir que as suas emoções, já descontroladas, o fizessem fazer algo precipitado e tolo, como seduzi-la.

– Devia ir... Certamente, a Vesper ficará preocupada se não me encontrar.

Ele repetiu o nome.

– Vesper?

– A minha criada. Se conseguir roubar alguma comida das cozinhas mais tarde, trar-ta-ei.

– Obrigado. – Gavin mexeu-se rigidamente, com cuidado para não pôr pressão no ombro que ainda estava a sarar enquanto se mexia para sair da cama. Os seus movimentos chamaram a atenção de Josephine e o seu olhar brilhou com desejo inocente. Desviou o olhar do seu corpo seminu.

– E vou tentar encontrar alguma roupa decente para vestires. As tuas estão destruídas. – Assentiu para a roupa rasgada, ensanguentada e cheia de sal que estava caída no chão.

Gavin observou-a por um longo instante, desfrutando do desconforto dela ao vê-lo seminu e quando os seus olhos não tão

inocentes voltaram a desviar-se para ele, esboçou um sorriso arrogante.

– É melhor parares de corar, menina. Dá a um homem o desejo de te fazer corar mais e em pontos muito mais *interessantes*. – Deixou que o seu olhar deslizasse pelo corpo dela até aos seios, antes de voltar a concentrar-se nos seus olhos.

– Oh! – Ela arquejou e, de repente, pareceu perceber que ainda estava com uma camisa de noite que mal lhe cobria as pernas. – És muito mais atrevido do que o teu irmão – acusou ela.

– E o que sabes sobre o meu irmão?

– Eu... bom... Ele vive perto da minha família. É por isso que estou aqui de visita. Fomos convidados para o baile de ontem à noite. Mas o tempo mudou e ele ofereceu a sua casa a todos os convidados.

– Ele convidou-te para um baile?

– Sim, a toda a minha família. Eu... devia ir... – Saiu tão depressa do quarto que ele quase se questionou se ela fora apenas outro dos seus sonhos agrídoces.

Gavin desejou mais do que qualquer outra coisa não ter sido ferido. Queria saltar da cama e segurar-lhe o braço para a impedir de se ir embora. Havia algo que ela não lhe dizia. A sua Josie tinha segredos... Mas que segredos é que uma mulher inocente poderia ter? Olhou fixamente para o candeeiro a óleo que ardia devagar e, praguejando, levantou-se da cama estreita e atravessou o quarto para o armário pequeno no canto. Ajoelhou-se e abriu as portas, para encontrar uma garrafa extra de óleo para o candeeiro. Não queria passar o resto do dia às escuras. Ele assustara-a?

«Não, ela voltará... não consegue resistir à tentação.» Ela dissera que conhecera *muitos* piratas. Não podia estar demasiado escandalizada com ele para se manter afastada, pois não?

Josephine, com aqueles olhos cinzentos calorosos e aqueles lábios que suplicavam o beijo de um homem... voltaria para ele. Conseguia senti-lo nos ossos.

– ENLOUQUECI COMPLETAMENTE – murmurou Josephine, enquanto punha a tapeçaria apressadamente no seu lugar e corria para o seu próprio quarto. Acabara de entrar quando ouviu um grito.

– Minha senhora! – gritou Vesper. Deixou cair o vestido de baile que segurava e correu para ela, agarrando Josephine com um abraço feroz.

Vesper Lyndon, uma jovem com vinte e poucos anos, era uma beleza discreta com olhos verdes e cabelo dourado. Josephine retribuiu o abraço da criada, sorrindo de alívio por ter conseguido

voltar para o quarto sem ninguém a ver senão a criada.

– Onde raios esteve? – quis saber Vesper, como uma mãe galinha.

– Eu...

– Não me conte histórias, minha senhora – avisou Vesper. – O seu bacio está vazio, a sua almofada desapareceu e você está coberta de pó e, meu Deus... isso é sangue? – A palavra escapou de Vesper num tom muito mais alto do que o resto das suas palavras.

Josephine espreitou para o corredor, verificando se havia mais alguém lá fora. Ainda estava vazio. Fechou a porta e trancou-a, antes de se virar para a criada.

– Vesper – começou a dizer ela, num tom tranquilizante. – Não deves contar a ninguém...

– Contar o quê? Oh, meu Deus... vou ser despedida por isto. O que andou a fazer?

Josephine segurou a mão de Vesper.

– Um homem veio ao meu quarto ontem à noite.

Vesper abriu muito os olhos.

– Um homem?

– Estava ferido e procurava o lorde Castleton. Em vez disso, encontrou-me.

– Onde está o homem agora? Está morto? – perguntou a criada, num tom preocupado.

– Não, foi ferido numa luta. Eu limpei-lhe a ferida e cosi-a. Ele está a descansar num quarto secreto. – Apertou as mãos de Vesper. – Por favor, não contes a ninguém. A vida dele está em perigo. Qualquer pessoa que seja encontrada a ajudá-lo também estará em perigo.

– Que tipo de homem é? Um ladrão? Um assassino?

– Nenhum deles. Bom... talvez ambos. Honestamente, não sei.

A criada olhou fixamente para ela, à espera de uma explicação.

– É um pirata.

– Um *pirata*! – gritou Vesper.

Ela fez a criada calar-se.

– Não fales tão alto.

– *Lady* Josephine, *não pode* ter um pirata como animal de estimação! Alguém descobrirá que está aqui e que você está a ajudá-lo.

– Ninguém saberá se *tu* me ajudares – disse Josephine, com um olhar esperançado.

– Ajudá-la com o seu pirata? É claro que não! Tem um casamento em que pensar. O lorde Castleton... – Os olhos de Vesper suavizaram-se com tristeza e melancolia antes de banir essas emoções da vista de Josephine. – Todos temos os nossos deveres, minha senhora. E o seu é para com o lorde Castleton.

– *Por favor*, Vesper. Temos de o ajudar.

A sua criada cruzou os braços por cima do peito.

– Porquê? – Uma Vesper teimosa era difícil de motivar, na experiência de Josephine.

– Porque... porque ele é o irmão do lorde Castleton.

Vesper abriu muito os olhos.

– Certamente, não se refere a...?

– Gavin – confirmou Josephine.

– O gémeo do lorde... – De repente, Vesper deixou-se cair na cama com o rosto pálido. – Oh, minha senhora, *temos* de lhe dizer. Ele tem de saber que o seu irmão está vivo.

– Fá-lo-emos, mas ainda não. O Gavin está ferido. Precisamos que recupere antes de falarmos dele ao seu irmão. Se discutirem e o Griffin o mandar embora antes de estar curado...

Vesper observou-a fixamente, mas o olhar da criada estava a centenas de quilómetros dali.

– Oh, pobre lorde Castleton. Nem sequer sabe que o seu irmão está vivo.

Aproveitando a distração da criada, Josephine pegou numa combinação limpa e num vestido do armário para mudar de roupa. Vesper guardava sempre um vestido extra no caso de terem de passar a noite, mesmo numa propriedade vizinha tão perto de casa. Josephine pensara que era uma tolice que a criada se preocupasse com tais detalhes, mas, agora, estava-lhe agradecida.

– Ajuda-me a vestir-me. Devo ter perdido o pequeno-almoço.

Meia hora mais tarde, Josephine usava um vestido cor-de-rosa vivo e azul-céu com saias largas e leves e um saiote creme suave adornado com renda belga. Vesper penteara-lhe o cabelo em ondas soltas e apanhara-o na base da nuca com uma fita cor-de-rosa de cetim. Já não parecia a criatura arrastada pelo vento que dormira numa gruta ao pé do mar.

– Voltarei em breve. – Beijou a face da criada e correu para a sala de jantar.

Metade dos convidados estava a comer quando ela chegou, incluindo os seus pais e lorde Castleton. Assim que Castleton a viu, levantou-se e afastou uma cadeira ao lado dele. Ela aceitou o lugar e Castleton ofereceu-se imediatamente para lhe preparar um prato de comida. Ia rejeitar a oferta educadamente, mas a sua mãe olhou para ela e assentiu para a encorajar. Ah, então, tinha de aceitar a oferta de Castleton. Seria isso que uma dama respeitável faria.

Com um suspiro abafado, baixou a cabeça recatadamente.

– Obrigada, apreciaria muito, meu senhor.

Sobreviveu à refeição e à conversa educada do resto dos convidados. Quando acabou, levantou-se da cadeira, mas Castleton agarrou-lhe a mão.

– Dar-me-ias a honra de passear comigo pelos jardins? Tenho permissão do teu pai para falar contigo em privado.

– Sim, é claro – concordou ela e depois deixou-o acompanhá-la para a rua. As nuvens ainda estavam grossas no céu e pesadas com a chuva, apesar de a tempestade ter passado há muito. Aumentava o cheiro das dúzias de variedades de rosas que floresciam à volta deles.

Josephine aceitou o braço de Castleton, pousando a mão levemente no antebraço dele enquanto passeavam pelo jardim em silêncio. Ele tinha uma figura bonita e marcante, mas o seu semblante estava temperado com solenidade.

– Quero que sejas feliz, Josephine. Quero que sejas a minha esposa. Sei que os teus pais também o desejam, mas o que é que *tu* queres?

Josephine não conseguia acreditar que alguém lhe perguntava o que ela queria. Ainda assim, Castleton era um cavalheiro em todos os sentidos da palavra. Se alguém pensaria nos outros, seria ele.

– Meu senhor...

– Griffin, por favor – corrigiu-a, com um sorriso encorajante.

– Griffin... o que quero é ser livre. Quero... – Engoliu o nó que sentia na garganta. – Quero uma vida que não posso ter.

Pararam no centro dos jardins e Griffin virou-a suavemente para ele. Passou os dedos pela sua face com carinho.

– Fazes-me pensar na minha falecida esposa. A Charity era vibrante, tão cheia de vida e de sonhos. O meu mundo acabou na noite em que ela e o bebé morreram. Sei mais do que pensas sobre o que significa perder a liberdade.

Um brilho de choque devia ter aparecido no rosto de Josephine.

Griffin riu-se tristemente.

– Surpreendi-te.

– Bom, sim. Quero dizer, és um homem. Podes fazer o que quiseres na vida. Uma mulher não pode. Está presa pelas regras dos outros.

– De algumas formas, posso, mas ainda estou preso a estas terras e a esta casa pelo meu título. Eu não devia ter sido conde, sabes. Como tu, tinha um irmão gémeo, o Gavin. Ele foi o primogénito, o que estava destinado a viver esta vida, mas... – O seu olhar desviou-se para o jardim e para as rosas que floresciam.

– Mas o quê?

– Eu cometi um erro grave. Apaixonámo-nos pela mesma mulher. Eles deviam casar-se, mas eu roubei-lha.

Josephine arquejou. O seu coração doía por ambos os homens e pela mulher que morrera.

– O Gavin estava apaixonado pela tua esposa?

– Sim. Ela foi dele muito antes de ser minha. Parti-lhe o coração quando ela foi obrigada a escolher entre nós e escolheu casar-se comigo. Ele foi-se embora nessa noite e não voltei a vê-lo. Depois, o

nosso pai morreu e eu fui declarado conde porque todos supunham que o Gavin estava morto. Mas não foi a bênção que todos pensavam. Fui castigado duplamente por afastar o meu irmão. Fui obrigado a tomar o seu lugar como conde depois de o nosso pai morrer e perdi a Charity e o nosso filho. – Griffin sorriu tristemente e o seu olhar distante voltou a concentrar-se no rosto dela. – Acho que o amor pode crescer entre nós, se lhe dermos tempo. Se lhe dermos uma oportunidade.

O coração de Josephine apertou-se. Griffin segurou-lhe o queixo e inclinou-se lentamente, dando-lhe tempo mais do que suficiente para se afastar, mas ela não o fez. E depois beijou-a. Os seus lábios eram quentes e suaves, e sentiu algo dentro dela. A promessa de uma vida doce, uma vida de amor gentil, carinho e calor. Sabia que poderia ser feliz como sua esposa, suficientemente feliz, mas assim que ele aprofundou o beijo, o rosto de Gavin apareceu na sua mente e afastou-se de Griffin.

– Lamento muito. Não devia ter-me aproveitado – desculpou-se ele, com um toque de cor nas faces aristocráticas.

– Não, não foi isso – insistiu Josephine. Só conseguia pensar em como ficaria profundamente magoada se o seu irmão a deixasse durante sete anos e depois regressasse secretamente sem lhe dizer. Seria uma dor que nunca conseguiria perdoar, uma ignorância terrível.

Antes de conseguir considerar as consequências, deixou escapar:

– O Gavin está vivo.

Gavin examinou a sua roupa da noite passada, que deixara num monte esfarrapado no chão ao lado do catre abandonado de Josephine. Passara mesmo a noite ao lado dele no caso de precisar dela? Algo mudou no seu peito, como as correntes a deslizar profundamente por baixo das ondas. Há muito tempo que ninguém se preocupava assim com ele.

Com um gemido, Gavin levantou-se da cama e pegou nas calças. Não foi fácil vesti-las, mas conseguiu fazê-lo sem rasgar os pontos. As calças estavam duras por causa da água salgada do mar, mas estava habituado a isso. Quando se vivia num barco, as roupas estavam muitas vezes molhadas com os salpicos do mar. Esticou a mão para a camisa, mas recordou que estava muito rasgada. Passou os dedos pela beira rasgada do tecido, sorrindo um pouco ao lembrar-se das mãos de Josephine a puxá-lo. A rapariga era realmente feroz, rasgara a camisa quase ao meio. Fê-lo querer retribuir o favor e rasgar os laços do seu corpete para ver a sua pele nua da próxima vez que estivessem juntos. O pensamento de a deixar nua e à sua mercê carinhosa fez com que o seu sorriso aumentasse.

Virou-se para a passagem que levava à casa quando o barulho de passos o alertou para o regresso de Josephine. Talvez conseguisse o seu desejo...

Mas *não foi* Josephine que apareceu à porta. Foi o seu irmão.

Griffin ficou ali parado, com os olhos a adaptar-se à luz ténue e os lábios separados com o choque. Mesmo por trás dele, estava Josephine, com as suas feições adoráveis cheias de preocupação. Era a primeira vez que a via com algo que não fosse a camisa de noite. O vestido com riscas cor-de-rosa e azuis fazia-a parecer um doce de uma pastelaria de Londres. Contudo, por muito que quisesse olhar para ela, a sua atenção estava fixa no seu irmão. Não se viam há sete anos e o quarto estava cheio de tensão.

– Estás... aqui.

A forma como Griffin disse «aqui», como se não conseguisse acreditar que Gavin estava vivo, abriu todas as feridas que se convencera de que fechara. Por um segundo, não conseguiu respirar e os seus pulmões arderam. O seu peito encheu-se da dor dos anos perdidos entre eles e Gavin conseguiu sentir o eco dessa dor dentro do seu irmão no mesmo instante.

– Sete anos. Meu Deus... – Griffin passou a mão pelo queixo sem acreditar. Ainda estava parado à porta e Josephine continuava ao seu lado, olhando ansiosamente para ambos.

– Griffin. – O nome saiu rouco, como se não falasse há um século.

O seu irmão aproximou-se um passo.

– Porquê agora?

Quando ficaram a poucos metros de distância, Gavin sentiu aquele aperto familiar no coração. A ligação que o unia ao seu gêmeo ainda estava ali, apesar de todo o tempo que passara entre eles.

– O meu barco foi... – começou a dizer, mas depois engoliu as palavras que lhe teriam causado vergonha. – Precisava de um lugar para descansar durante alguns dias.

Os olhos de Griffin caíram no ombro cosido de Gavin.

– O que aconteceu?

– Cai em cima de uma espada. – Gavin deu uma resposta simples. Quanto menos o seu irmão soubesse do assunto, melhor. – A Josephine coseu-me.

Os olhos de Griffin desviaram-se entre ele e Josephine, e semicerrou-os.

– Devias saber que não podes correr com armas na mão. O pai ter-te-ia dado um bom castigo.

– Teria, sim – concordou Gavin, solenemente.

Josephine abriu a boca e voltou a fechá-la, como se decidisse não interromper aquele intercâmbio tenso. Finalmente, Griffin desviou o olhar de Gavin e olhou para a rapariga ao lado dele.

– Obrigado por me falares do meu irmão. Importavas-te de nos deixar sozinhos? Preciso de um instante para falar com o Gavin e o teu pai ficaria furioso se descobrisse que te deixei ficar na presença de um homem seminu.

Josephine parecia relutante a ir-se embora, mas Gavin assentiu.

– Vai, rapariga. Vai correr tudo bem.

Só então é que ela levantou as saias e saiu silenciosamente do quarto. Gavin sentiu a falta dela assim que se foi embora. Ela fora um raio breve de sol naquele quarto escuro e, no entanto, nem sequer dissera uma palavra. Havia alguma coisa no seu silêncio que o incomodava. Não fora ela própria naquele momento, ele sabia isso, apesar de ter passado tão pouco tempo com ela. Parecia... fechada, mais como uma dama decente a respeitar a posição e os desejos do dono da casa que, naquele caso, era Griffin. No entanto, na noite passada e naquela manhã fora fogosa e faladora... estivera viva.

Estava tão perdido nos seus pensamentos sobre o comportamento de Josephine que não viu o golpe de Griffin a aproximar-se e acertou-lhe em cheio na cara.

– Onde raios estiveste? – gritou Griffin e a fúria iluminou os seus

olhos.

Gavin cambaleou para trás. A dor foi inesperada e praguejou quando os pontos do seu ombro se apertaram. Tocou no lábio, que se rasgara, e sentiu o sabor do sangue na língua.

– Estive morto – replicou.

– Não, o pai está morto. A *Charity* está morta. O meu... – As suas palavras quebraram-se com angústia e desviou o olhar, incapaz de continuar.

– O teu filho está morto. – Gavin concluiu as palavras não ditas por Griffin com uma finalidade pesada que continha um eco da dor que sabia que Griffin devia sentir centenas de vezes mais. – Voltei há um ano, esperando fazer as pazes contigo. Vi as lápides no cemitério.

Finalmente, Griffin olhou para ele.

– Então, *estiveste* aqui. Passei semanas a pensar que tinha enlouquecido, a acreditar que tinha imaginado que te sentia a regressar a casa. – As lágrimas brilharam nos olhos de Griffin. – Deixaste-me. *Deixaste-nos*... Não consigo perdoar-te por isso.

Vidros invisíveis cortaram a garganta de Gavin quando tentou falar.

– Eu... não estou a pedir-te para o fazeres. – Naquele momento, sentiu que navegava no seu barco mais uma vez através de uma tempestade e rezava para ver a luz na costa distante que o guiaria para casa. Mas a única coisa que via naquele momento era brilhos e depois a escuridão voltava a cair no seu mundo interior.

Centenas de palavras flutuavam no ar entre eles, mas nenhum dos irmãos se atrevia a dizê-las. Uma vez, tinham partilhado tudo, desde que as suas vidas tinham começado no ventre da sua mãe. Mas depois de tudo o que acontecera, algo se partira entre eles e Gavin temia que nunca sarasse.

– Ajudar-te-ei até estares suficientemente bem para te ires embora – disse Griffin, finalmente. – Trar-te-ei alguma comida e roupa. Precisas de um médico?

Gavin estudou o seu ombro, intensamente aliviado com a mudança de assunto. A pele não estava inflamada à volta da ferida. A rapariga fizera um bom trabalho a tomar conta dele.

– Não quero médicos, mas aceito a roupa e a comida – disse ele, num tom baixo. Não gostava de ficar à mercê de ninguém, nem sequer do seu próprio irmão, mas dera todas as suas moedas a Ronnie.

Griffin ficou parado por um instante e uma batalha silenciosa refletiu-se no seu rosto.

– Ela chamou por ti... no fim. Desejava ter podido ver-te uma última vez.

Aquelas palavras, certamente, ditas com carinho, foram como uma adaga no coração de Gavin. Deixou-se cair na cama, ainda a segurar a

camisa rasgada. Parecia uma metáfora adequada para o estado do seu coração.

– Arrependeu-se muito do que aconteceu naquela noite. Ambos o fizemos. – Griffin sentou-se numa das cadeiras da mesa. A luz minguate do candeeiro a óleo lutava contra as sombras no seu rosto enquanto observava a chama ardente.

– Não voltaste a casar-te? – perguntou Gavin.

– A Charity foi a única mulher que alguma vez teve o meu coração. Mas vou casar-me de novo em breve.

Um medo súbito e terrível daquela resposta apoderou-se de Gavin como o nevoeiro.

– Com quem? – perguntou ele. A sua voz ainda era um pouco rouca enquanto lutava para não trair as suas emoções.

– Com a Josephine.

Mais uma vez, aquela adaga rasgou-o. Precisava de atacar alguma coisa para afastar a sua mente da agonia e o seu irmão era o único que estava ali para lhe tirar a dor.

– Essa mulher é demasiado selvagem para ti, irmão. Até a Charity era mais dócil do que ela. Só vais fazê-la miserável e ela a ti. – Josephine não era uma mulher que pudesse ser suavizada. Ele sabia isso, apesar de ter passado tão pouco tempo com ela.

Como se compreendesse as intenções de Gavin, Griffin fez uma careta.

– Sei bem como é o espírito de Josephine. Os pais dela escolheram-me porque esperam que assente. Às vezes, uma mão suave consegue acalmar a criatura mais selvagem.

Gavin teve uma lembrança repentina dele e de Griffin a domar um cavalos juntos. O toque suave de Griffin conquistava quase sempre os cavalos selvagens, mas houvera um garanhão que não pudera ser domado com gentileza. Por isso, Gavin montara-o, soltara o cavalo nas terras e tinham corrido juntos, selvagens e livres, até o cavalo aprender a confiar nele. Nem todas as criaturas podiam ser domadas, nem deviam ser. Seria cruel quebrar o espírito de uma mulher como Josephine.

Gavin afastou a sua camisa rasgada.

– Quando é o casamento?

– Em breve.

Em breve. Gavin apertou o queixo.

– Não te preocupes. Já me terei ido embora antes de te casares com a tua nova noiva.

Griffin não discutiu, mas endireitou os ombros.

– O que raios aconteceu, Gavin? Não escondas a verdade. Estou apenas eu aqui... podes contar-me.

Gavin não queria contar-lhe, mas, de alguma forma, as palavras

saiam livremente dos seus lábios enquanto contava ao seu irmão sobre o motim de Beauchamp e a sua fuga do seu amado barco.

– Encontrar-me-ei com o meu companheiro de bordo em breve e ir-me-ei embora assim que encontrarmos um barco.

– Quando dizes *encontrar um barco*, queres dizer...?

– É melhor se não souberes – replicou Gavin. Não tinha dinheiro para comprar um barco, presumindo que conseguia encontrar algum à venda, mas roubar um barco, isso era algo que conseguia fazer.

– Não sejas tolo, Gavin. A Marinha Real tem barcos a patrulhar perto da costa e há dois atracados no porto mais próximo. Recebi um almirante para jantar na semana passada, assim como vários capitães. Andam à caça de *piratas*. – Deixou a palavra a flutuar no ar, cheia de significado, e olhou para Gavin nos olhos.

– Oiço o teu aviso, mas não posso ficar aqui. – Gavin cerrou os punhos em cima das coxas e pesou o perigo de a marinha patrulhar perto da costa.

– Para onde irás? – perguntou Griffin.

– Irei atrás do meu barco. Devo ao Beauchamp o sabor do meu aço. Dirigir-se-á novamente para as Índias Ocidentais. Depois disso, bom, terei uma vida noutra lugar. – Sorriu um pouco ao pensar na ilha pequena perto da costa das Bahamas a que chamava lar. A Ilha da Canção. Era o único lugar que sentia como dele ultimamente.

– Daria tudo para que ficasses... se as coisas fossem diferentes – murmurou Griffin.

– As coisas são como são... e não poderia ficar, mesmo que fossem – replicou Gavin, num tom igualmente baixo.

Ambos ficaram sentados em silêncio durante muito tempo, até Gavin se atrever a falar novamente sobre o seu passado.

– O pai perdoou-me por me ter ido embora?

Griffin passou os dedos pela asa do candeeiro a óleo.

– É claro que sim. Amava-te e compreendeu que não podias ficar.

A garganta de Gavin apertou-se. Tinha a sensação horrível de que estava a ficar sem tempo, de que a areia no relógio de areia da sua vida desaparecia demasiado depressa.

– Lamento, irmão. – Fizera-o. Finalmente, dissera as palavras que o tinham feito ir lá no meio da tempestade.

– Eu também – replicou Griffin e depois levantou-se. – Voltarei com a roupa e a comida. Precisarás de mais candeeiros para veres bem até te ires embora. Está demasiado escuro aqui.

Com um último olhar de dor agriçoce para o seu gémeo, Griffin deixou Gavin sozinho no quarto secreto. Enquanto estava sentado em silêncio, Gavin podia jurar que ouvia o som da areia daquele relógio invisível a tornar-se cada vez mais alta. O que devia fazer antes de ficar sem areia?

RELUTANTEMENTE, Josephine voltou para a sala de jantar depois de Griffin a ter mandado embora do quarto secreto. Não comera muito durante o pequeno-almoço, e agora alguns dos convidados estavam sentados para almoçar cedo.

– Anima-te, Josie. – O seu irmão gêmeo, Adrian, pousou um prato de comida ao lado dela na mesa e sentou-se. – Pareces realmente desanimada, querida irmã. – Os seus olhos cinzentos cintilaram com malícia e o seu bom humor quase conseguiu fazê-la sorrir.

– Não és tu que vais casar-te com um estranho – disse ela, num tom mais petulante do que pretendia. Adrian arqueou uma sobrancelha ao ouvi-la. O seu irmão e ela não discutiam muitas vezes, mas estava com mau feitio e o seu orgulho fora ferido pelos acontecimentos daquela manhã.

Ele esticou o braço e cobriu-lhe a mão com uma das dele.

– Tentei convencer o pai a não perseguir este casamento, mas ele deu-me um sermão sobre os meus próprios deveres em relação ao casamento. – O tom de Adrian endureceu um pouco. – É como se, assim que o Dominic regressou a Inglaterra, quisessem que ambos desaparecêssemos.

– Sabes que isso não é verdade. É só... Bom, o Dominic será o conde de Camden algum dia. Ele e a Roberta terão uma casa cheia de crianças e tu e eu estaremos no caminho, não é? – Ela e Adrian tinham pensado muito na nova dinâmica da casa agora que o seu irmão mais velho, que estivera fora durante catorze anos, voltava a interpretar o seu papel na família.

– O pai sugeriu que me juntasse à marinha. Acreditas nisso? Ainda bem que o Nicholas Flynn o convenceu a esquecer essa tolice. Seria chicoteado até à morte por rebelião na primeira hora de serviço.

– Tu na marinha seria realmente uma tolice – concordou Josephine. Muitos gêmeos fraternos eram opostos, mas ela e Adrian eram quase como imagens simétricas. Adrian não seria melhor a receber ordens do que ela na sua posição, e a enfrentar a vida num barco da marinha. A vida na marinha seria um desastre para ele.

– Mas estive a pensar. O Dom disse que precisará de capitães para liderar a sua nova frota de navios mercantes e pensei que podia juntar-me a uma das suas tripulações e trabalhar até ser promovido a capitão depois de alguns anos. Não me importaria de trabalhar, sabendo que poderia avançar com trabalho árduo e não teria de pagar um contrato.

– Suponho que não possa ir contigo? Vestir-me como um rapaz, como as histórias que a Roberta nos contou sobre fingir ser o empregado do Dom – disse ela, meio a brincar. Brevemente, Josephine

deixara-se levar pela fantasia de vestir calças de homem e escalar o cordame de um barco com uma faca entre os dentes enquanto as armas disparavam para um barco inimigo.

– O teu marido perceberia que te tinhas ido embora. – Adrian riuse. Porém, com aquele comentário, ela encolheu-se. – Parece ser um bom homem, Josie – acrescentou o seu irmão, rapidamente.

– E é, e suponho que seja esse o problema. Que tipo de vida teria com um homem bondoso e gentil?

– Uma vida segura? – indicou Adrian. – Certamente, qualquer pessoa queria isso? – No entanto, nem sequer ele parecia ter a certeza. O canto de sereia da aventura era irresistível para qualquer pessoa da sua família.

– Quero navegar para as Índias Ocidentais como o Dominic. Oxalá... – Deteve-se antes de dar voz aos seus desejos tolos.

– Oxalá? – O olhar do seu irmão tornou-se sério quando afastou o prato meio comido.

– É uma tolice...

– Nada do que dizes é uma tolice – disse Adrian. – Agora, o que se passa? Senti-te diferente desde ontem à noite. Vi-te a sair do jantar e o Dominic foi atrás de ti. Disse-te alguma coisa?

Adrian não fazia ideia de como estava certo. Dominic dissera alguma coisa... sobre homens perdidos no mar. E depois Gavin dera à costa e encontrara o seu caminho até ela. E *tudo* na sua vida parecia ter mudado a um nível elementar que ela não conseguia realmente explicar, nem mesmo ao seu gémeo.

– Não quero uma vida normal.

– Alguém quer? – O tom de Adrian era desafiante, mas ela abanou a cabeça.

– Não nasci para ficar sentada a fazer bordados tolos até as pontas dos meus dedos sangrarem e para fingir que não posso oferecer mais ao mundo.

O seu irmão apertou-lhe a mão.

– Duvido bastante que esse seja o teu destino. És uma Greyville, Josie. Como eu, como o Dominic, como a mãe e o pai. Nascemos para a aventura. Dá-lhe tempo e verás que o mundo espera por ti.

– Promete-me que este casamento será bom... – suplicou ao seu irmão.

A expressão do seu irmão era solene.

– *Prometo*, Josie. Casar-te-ás com o Castleton e terás a vida com que sempre sonhaste. Navegarás pelos mares e terás aventuras e todas as coisas com que poderias sonhar.

Queria acreditar nele, mas Adrian sempre fora um crente positivo nos sonhos dos outros. Mas, como mulher, Josephine não podia dar-se ao luxo de deixar que os seus sonhos ganhassem força e navegassem

em direção à aventura.

Acabou o seu almoço leve e permitiu que a sua mente vagueasse para o assunto que evitara cuidadosamente. Fora um erro contar a Griffin que o seu irmão estava vivo? Certamente, Griffin não trairia o seu irmão com as autoridades. Empurrou o prato e levantou-se.

– Onde vais? – perguntou-lhe Adrian.

– A lado nenhum. – Quando o seu irmão arqueou uma sobrancelha, ela revirou os olhos. – *A lado nenhum* – repetiu ela e deixou-o para acabar a sua refeição.

Estava a meio das escadas quando Griffin as desceu a correr. Encontraram-se no meio da escadaria principal.

– Ah, estás aqui, Josephine. – Suavemente, pôs um dos seus braços no dele e acompanhou-a para o fundo das escadas de onde viera. A sua audácia súbita confundiu-a. Há apenas algumas horas, o seu toque fora hesitante. Agora, havia uma urgência nele que a confundia. Acontecera alguma coisa a Gavin? A sua ferida piorara? Josephine esperava que parassem à frente da tapeçaria que escondia a passagem secreta, mas Griffin continuou para outra divisão mais ao fundo do corredor.

– Meu senhor...

– Griffin – corrigiu-a, automaticamente, enquanto a puxava para uma sala vazia e fechava a porta.

– O que se passa?

– Tu...? – Clareou a garanta. – O meu irmão fez...?

– Se fez o quê?

– Não te seduziu ontem à noite, pois não? – perguntou Griffin, finalmente, com as costas direitas e rígidas enquanto esperava uma resposta.

– *Seduzir-me?* Griffin, não, ele estava gravemente ferido. Tratei das suas feridas e só fiquei a passar a noite para me certificar de que estava bem. – Sentiu a raiva a crescer com a presunção de Griffin. – Esse é o meu único valor para ti? Que a minha virtude esteja intacta?

Griffin corou.

– Não – disse ele. – Mas o meu irmão é mais assertivo nos seus desejos do que eu e sei como pode ser encantador. Temi que se tivesse aproveitado...

– Seria bastante capaz de lidar com os avanços de um homem ferido caso os tivesse feito, mas não o fez. – Josephine pensou em contar a Griffin que também sabia usar espadins e pistolas, e que era perfeitamente capaz de tomar conta de si própria, mas mudou de ideias.

– Muito bem, muito bem. Estou simplesmente a dizer que é melhor manteres-te afastada dele. – Segurou as mãos dela e levou-as aos lábios para as beijar. – Também queria dizer-te que vou falar com os

teus pais hoje sobre o casamento. Acho que devíamos casar-nos mais cedo do que o planeado.

– Mais cedo? – O seu coração acelerou contra as costelas quando o medo a embargou.

– Sim. Daqui a dois dias.

Dois dias... e estaria casada. Dois dias e as correntes da escravidão matrimonial estariam à volta dos seus pulsos.

– O Gavin já se terá ido embora nessa altura e tu e eu poderemos retomar as nossas vidas. – Beijou-lhe novamente as mãos. Os olhos dele estudaram o seu rosto enquanto se esforçava para não lhe mostrar o terror que sentia com a ideia.

Queria gritar que não estava pronta, que precisava de uma década ou mais antes de sequer considerar o casamento. Mas conteve esses protestos como lhe tinham ensinado.

– Não precisas de te preocupar com o meu irmão. Ficarà bem. Certifiquei-me de que tem comida e roupa e continuarei a tomar conta dele até se ir embora. Porque não te juntas às outras damas lá em baixo? Acho que havia uma conversa sobre passear pelos jardins antes de beberem o chá na sala de estar. – Passou um dedo pela sua face e depois fez uma vénia antes de a deixar sozinha.

– Um passeio pelos jardins? – Não tinha vontade de passear e bisbilhotar entre as roseiras com outras mulheres. Naquele instante, conseguiu ver a sua vida com Griffin a desenrolar-se à frente dos seus olhos. Passeios nos jardins, bisbilhotar com outras mulheres por trás do leque, horas de bordados infundáveis, o nascimento ocasional de uma criança, que seria roubada dela para ser criada pelas amas, e beijos suaves na noite escura enquanto Griffin fazia amor com ela carinhosamente. Um zumbido aguçado cresceu nos seus ouvidos enquanto sentia o futuro a aproximar-se como uma maré inescapável.

Fechou os olhos, tentando respirar fundo quando o seu peito se apertou de repente. Num instante, Gavin encheu a sua mente como uma chama brilhante. Esticou a mão para ele na sua mente, perseguindo essa alegria ofegante de descoberta e aventura. Os seus beijos eram um fogo ardente que queimaria a sua alma. Não a prenderia, não a domaria. Simplesmente, persegui-la-ia da mesma forma que perseguia cada novo horizonte.

O aperto no peito acalmou-se e respirou fundo para encher os pulmões, afastando o pânico cego da sua mente enquanto saía da sala de estar e se dirigia para as escadas. Parou no topo das escadas e olhou para a tapeçaria que levava a Gavin e ao mar.

– Ainda não é o meu marido, lorde Castleton – disse ela, baixinho, e dirigiu-se diretamente para a passagem secreta.

Quando entrou no quarto escondido, viu três candeeiros acesos na mesa, dando ao quarto um ar mais brilhante. Gavin usava umas calças

limpas, uma camisa branca e um casaco de couro que deixara desabotoado. Estava sentado na cama, a calçar as botas de couro que Griffin devia ter-lhe dado. Ao vê-la a entrar, os seus olhos deslizaram lentamente pelo corpo dela com uma aprovação lânguida.

De repente, sentiu como o quarto era pequeno com os dois lá dentro e corou violentamente. Desviou o olhar da intimidade de saber que ele estava a vestir-se e tentou agir calmamente, endireitando os candeeiros na mesa, sem necessidade. Deu o seu melhor para ignorar o olhar dele nas suas costas.

– Suspeito que o meu irmão te tenha proibido de voltar aqui – disse ele.

Ela tentou não parecer surpreendida com a suposição correta.

– Fê-lo.

Gavin riu-se e levantou-se lentamente.

– Mas estás aqui...

– Estou aqui. – Olhou fixamente para ele quando um pensamento selvagem e irresponsável se apoderou dela. O facto de Griffin a informar de que se casariam dentro de dois dias criara uma espécie de loucura dentro dela.

– *Não te seduziu ontem à noite, pois não?* – As palavras de Griffin ecoavam-lhe na mente. Talvez tivesse sido seduzida... pela mera ideia de uma aventura com aquele homem e a vida que vivia. Queria saber tudo sobre ele e sobre as suas aventuras, mas também queria outras coisas. Como o conhecimento feminino do seu beijo, do seu toque. A necessidade feroz dentro dela de conhecer aquele homem de todas as formas, de lhe pertencer e de o reivindicar como dela, era tão avassaladora que se sentiu como se lhe tivesse lançado um feitiço. O encantamento obscuro parecia apoderar-se dela, sussurrando-lhe que devia aproximar-se dele.

Dirigiu-se para Gavin como se estivesse num sonho. Só existiam os dois naquele quarto. Não havia nenhum futuro à sua frente. Havia apenas o barulho distante do mar e da brisa salgada que vinha do túnel que levava à costa. Tudo o que existia era o mar e eles.

Parou a centímetros de Gavin e ele olhou para ela. O seu sorriso dissoluto desapareceu quando pareceu perceber o que ela esperava que os seus olhos lhe dissessem, lhe *suplicassem*. Esticou uma mão e acariciou-lhe o rosto. Depois, enroscou os dedos na nuca dela, segurando-a enquanto baixava a cabeça.

Reivindicou a sua boca primeiro, com os lábios ásperos, fazendo-a suspirar com a surpresa do calor. A língua penetrou entre os lábios dela, assaltando os seus sentidos com uma sensação deliciosa de maravilha e excitação. O seu sangue cantou árias infindáveis à medida que o beijo se prolongava.

As suas bocas separaram-se brevemente e ele parou por um

instante para a observar. Ela pestanejou, atordoada, e depois agarrou-lhe a camisa para o puxar para ela, para o possuir como ele fizera com ela.

Os olhos de Gavin ardiam com uma intensidade dura, mas os seus lábios eram suaves enquanto fazia amor com a sua boca. O ventre apertou-se quando passou a palma da mão pelo seu rabo e a puxou com força contra ele. Gavin fez um som suave saído do fundo da garganta e ela tremeu quando uma onda de tonturas se espalhou por ela. Não conseguia ter o suficiente da sensação maravilhosa da sua boca, do seu corpo, tudo concentrado nela.

Porque é que ninguém lhe dissera que um beijo podia criar centenas de sonhos novos na mente e no coração? Coisas em que nunca reparara pareceram aguçar-se, como o cheiro da pele de Gavin e a sensação sedosa do seu cabelo quando enterrou os dedos nele. O sabor da sua boca, doce com um toque de vinho e sal na pele vindo do mar.

Sentiu o membro duro e grosso dele pressionado contra ela e, pela primeira vez, soube o que significava criar desejo noutra pessoa. Sentiu uma onda de poder e de paixão ao pensar em afetar Gavin daquela forma.

Josephine mal se apercebeu de que a fazia recuar para a parede mais próxima. Depois, ficou presa, indefesa contra o prazer travesso da sedução sensual de Gavin. Ele mexeu a boca sobre a dela uma e outra vez, como se conseguisse beijá-la durante cem anos e nunca parar. Certamente, ela não queria que o fizesse.

Quando ele finalmente se afastou, fez uma careta.

– Estás a brincar com o fogo, criança – avisou-a. Ambos respiraram fundo, ofegando no quarto dourado.

Ela ergueu o queixo.

– Não sou uma criança.

O olhar de Gavin era o de um pirata.

– Não, não és. Mas eu vivo no mundo e tu não. Não sabes nada sobre os perigos da paixão... ou de te deixares levar.

Ela afastou-se da parede e ele deu um passo atrás, o suficiente para a deixar passar ao lado dele e dirigir-se para a porta que levava à casa.

– Posso não saber... mas desejo fazê-lo – disse ela, suavemente, com uma dor no peito. Então, acabara. Não diriam nem fariam mais nada apesar do que havia entre eles?

– Ele disse-me – disse Gavin, num tom pesado.

Ela parou para olhar para ele por cima do ombro.

– Disse-te o quê?

Os olhos de Gavin brilhavam com um fogo perigoso.

– Que és *dele*.

Ela deixou que o seu próprio fogo brilhasse nos seus olhos.

– Não pertenço a nenhum homem, apenas a mim própria.

Os olhos dele escureceram com a resposta, como se estivesse excitado com o tom desafiante.

– Cuidado, Josie. Nunca digas a um pirata que não pode ter alguma coisa – avisou-a Gavin. – Sentir-se-á tentado a roubá-la.

A voz dela suavizou-se quando compreendeu o que ele dizia.

– Oxalá pudesse acreditar em ti...

Queria, não, desejava *desesperadamente* que *realmente* a roubasse, mas não se atrevera. Não do seu irmão. Era a futura esposa de Griffin e não roubaria a noiva do irmão. Ela fugiu do quarto, precisando de escapar antes de ceder à necessidade de se perder nele de novo. Agora, sabia o que estava a perder, a paixão e o fogo que desejava tanto... que não teria com Griffin.

A ironia terrível do seu destino não lhe era indiferente. O único homem a quem daria a sua alma... era um pirata.

— Sim, é adorável.

Josephine olhou para o rosto satisfeito da sua mãe enquanto Lucia alisava as saias lindas do que seria o vestido de casamento de Josephine. Era um vestido lindo: saias de cetim azul-gelo e um corpete creme cheio de pérolas, espirais douradas de bordados decoravam a sobressaia leve, brilhando à luz do pôr-do-sol, como se o fogo dançasse nos seus fios. Era um vestido apropriado para uma princesa e qualquer mulher adoraria usá-lo. Josephine também... se fosse realmente casar-se com o homem que amava verdadeiramente.

Virou o rosto para o espelho alto no canto do seu quarto e estudou o seu reflexo numa tristeza silenciosa. O coração acelerou e desejou desesperadamente fechar os olhos e escapar daquele momento. E do que estava por vir.

Os dois dias desde que tinham saído da propriedade de Griffin tinham passado demasiado depressa.

Josephine só pestanejara e agora estava na véspera do seu casamento com Griffin.

Assim que regressara daquele beijo que lhe mudara a vida com Gavin no quarto secreto, encontrara os seus pais a preparar-se para voltar para casa. O comunicado dos seus pais de que se casaria dentro de dois dias destruíra qualquer hipótese de se despedir de Gavin. Estivera sob o olhar vigilante de Vesper e da sua mãe desde então, como se suspeitassem que fugisse antes da cerimónia.

Foi assim que se encontrou dois dias mais tarde, a usar o vestido mais bonito que alguma vez vira e a sentir que murchava por dentro como uma rosa plantada num solo onde nunca chovia.

Adrian encostou-se contra a porta do seu quarto, observando a sua mãe e Vesper a mexer no vestido. Os seus olhos cinzentos estavam escuros quando olhou para a irmã.

«Salva-me», suplicou ao seu gémeo com os olhos, silenciosamente.

O seu olhar de resposta disse-lhe que desejava poder fazê-lo.

— Como te sentes, meu amor? — perguntou a sua mãe, quando pôs as mãos nos ombros de Josephine. Lucia sorriu para ela e o sorriso brilhante cravou a lâmina invisível mais profundamente no seu coração. Queria desfrutar daquele momento, fazer a sua mãe feliz e sentir-se como se aquilo fosse a coisa mais maravilhosa do mundo, mas teria sido uma mentira.

«Como se estivesse numa prisão», pensou ela.

– Estou bem – consegui dizer, em vez disso.

– Maravilhoso. Estás pronta para amanhã de manhã. – A sua mãe beijou-lhe a face. – Vesper, vem comigo. Quero que me ajudes com uma coisa. – Lucia fez um gesto à criada para que a seguisse para fora do quarto. Adrian deu um passo atrás, permitindo que as mulheres passassem antes de se encontrar com Josephine à frente do espelho.

– *Mente-me* – suplicou ela, num sussurro trémulo. – Diz-me que este casamento será o começo de uma aventura.

Adrian sorriu com tristeza, parecendo entender o que ela precisava de ouvir.

– Isto será uma viagem *maravilhosa*. Tu e o Castleton navegarão à volta do mundo e visitarão os lugares que sempre quiseste visitar. Encontrarás tudo o que procuras.

Quase consegui acreditar nele.

– Obrigada.

Adrian abraçou-a e apertou-a com força.

– Tenta dormir.

– Ficarás comigo amanhã até termos de nos separar? – Não conseguia imaginar-se a sobreviver ao seu casamento sem estar perto dele. Sempre tinham estado lá um para o outro, um apoio silencioso quando precisavam.

– Durante o tempo que precisares – prometeu ele. Nenhum deles falou do dia em que ele teria de se ir embora para trabalhar num dos barcos de Dominic. Agora que era o segundo filho e não o herdeiro que fora educado para ser desde os dois anos, depois de Dominic se ter ido embora, tinha o dever de procurar a sua própria fortuna, tal como ela tinha o dever de se casar.

Ela e Adrian tinham passado toda a vida juntos e, no dia seguinte, ela ficaria separada dele para sempre, vendo-se apenas em visitas breves a partir desse momento. Ele era o seu melhor amigo. Como seria a vida sem o seu conselho constante em todos os assuntos?

Agarrou-se a Adrian por mais um instante, antes de o deixar ir.

– Dorme bem. Tenta não te preocupar – murmurou ele, antes de sair silenciosamente.

Ela olhou à volta do quarto, desejando que Vesper voltasse para a ajudar a tirar o vestido para que conseguisse tentar esquecer o casamento, pelo menos, até de manhã. Sentou-se no toucador ao lado da janela grande do seu quarto e passou os dedos por um fio de pérolas que a sua mãe mandara fazer para que as usasse no dia seguinte. As pérolas brancas perfeitas brilharam com uma luminescência suave contra a caixa de veludo em que estavam guardadas. Ela tocou em cada pérola, uma por uma, enquanto a sua mente revivia o beijo que partilhara com Gavin. Mais nada parecia real naquele momento, exceto aquela única memória. Aquela seria a

única coisa que lhe restaria do que antes fora a sua vida? Aquele único momento em que, por fim, se sentira verdadeiramente viva?

Um trovão distante ecoou e a noite a cair fê-la tremer um pouco. A tempestade não se dirigiria para lá, conseguia perceber pela forma como o vento se mexia, e os sons trouxeram-lhe lembranças vívidas da primeira vez que vira o retrato de Gavin, do seu aparecimento súbito no quarto dela e da forma como passara a noite a dormir ao seu lado, com as mãos dadas. Eram completos estranhos, porém, naquela noite, sentira que conseguia respirar pela primeira vez na vida e que, em todos os outros momentos, estivera simplesmente a sustentar a respiração.

Ele já deixara a gruta pequena? E se ainda lá estivesse quando ela regressasse como a nova noiva de Griffin? A lembrança daquele beijo maravilhoso e ardente estava-lhe gravada na alma e sabia que correria para aquele quarto para o procurar, mesmo que fosse apenas para se despedir. Levantou o fio da caixa de veludo e deixou que as pérolas tocassem na sua pele, antes de o pôr à volta do pescoço.

Os seus olhos fecharam-se enquanto passava as pontas dos dedos pelo pescoço e imaginava que era a mão de Gavin que lhe acariciava a pele. A dor que sentia por ele era tão intensa que os lábios tremeram-lhe e os olhos arderam-lhe com lágrimas de saudade profunda e incomensurável do que nunca teria. Queria sentir-se como ela própria, sentir-se como quando ele a beijara. Tudo parecera possível naquele momento em que a sua boca tocara na dela, *tudo*. Pela primeira vez, sentira-se tão livre como um falcão e não como um pássaro canoro numa gaiola.

Josephine deitou a cabeça para trás, ainda a imaginar os lábios de Gavin na sua face, no seu pescoço e como os dedos dele lhe agarrariam o cabelo, puxando as madeixas o suficiente para a manter prisioneira da exploração quente e suave da sua boca. Não a magoaria nem seria gentil no seu desejo de a beijar. Ela gostava disso, da sensação de ser tão desejada que não a tratava como uma criatura frágil e quebradiça, mas como uma igual. O seu desejo era tão forte como o dele.

A fantasia tornou-se tão real que até conseguiu imaginar o seu cheiro, o cheiro da chuva, das florestas e das praias costeiras. Embargou-a, aumentando o sonho acordado dos lábios de Gavin e das suas mãos nela. Até conseguia ouvi-lo falar num tom baixo e um pouco rouco que fez a sua barriga tremer.

– Vale a pena roubar-te – murmurou aquele Gavin imaginário, antes de lhe passar a língua pela orelha. Uma onda aguda de dor apertou-lhe a barriga e arquejou. Abriu os olhos devido à intensidade inesperada. A sua cara corada brilhava no espelho por cima da mesa.

Não estava sozinha. Outro rosto por cima do dela observava-a no

espelho. Alguém estava atrás de Josephine.

Os seus lábios separaram-se, prontos para gritar de choque, mas uma mão tapou-lhe a boca enquanto olhava para o reflexo da figura alta atrás dela. Gavin esboçou um sorriso feroz.

Aquilo já não era um sonho acordado. Ele estava *ali*. No quarto *dela*. A sua mão ainda estava por cima da boca dela para a silenciar. Abriu muito os olhos quando viu a espada grande e embainhada, pendurada no cinto dele. Naquele momento, acreditou realmente que era um pirata feroz e não o homem ferido de quem tratara numa gruta ao pé do mar.

– Vou afastar a mão se me prometeres que não vais gritar – sussurrou ele.

Ela não tinha medo, por isso, assentiu em concordância.

– Muito bem. – Afastou a mão da sua boca e ela virou-se na cadeira para o enfrentar.

– O que fazes aqui? – perguntou ela, num sussurro frenético. – Alguém poderia ver-te!

– Estás preocupada comigo? – troçou ele.

– É claro que estou! Não te cosi o ombro para te ver a seres enforcado, maldito tolo! – Disse aquilo num tom um pouco mais alto do que seria sensato, dado que tentava fazer com que ninguém soubesse que o seu... pirata de estimação... entrara às escondidas no quarto. Ele simplesmente sorriu. – O que foi? – quis saber ela, sem gostar daquela expressão. Parecia que não percebia alguma piada.

– *Tu...* Tu tens tanto fogo quando estás comigo – disse ele. A forma como disse «comigo» tinha um vestígio de posse que fez com que uma onda selvagem se espalhasse pelo seu peito.

– Gavin, tens de te ir embora.

Ele pôs um braço nas costas da cadeira e inclinou-se para lhe agarrar o queixo.

– É isso que queres? Que te deixe para enfrentares o teu destino? – Era como se conseguisse ler-lhe a mente.

Qual queria que fosse o seu destino? Oh, aquela era uma pergunta perigosa. Ele não sabia o quanto ela queria passar os braços pelo seu pescoço e suplicar-lhe que a beijasse... que a fizesse esquecer que o seu dever era casar-se com o irmão dele.

– O que eu quero não importa – disse ela, num tom baixo, perdendo um pouco do seu fogo.

O rosto de Gavin escureceu.

– *Importa*, sim. Neste momento, é a única coisa que importa. – As pontas dos dedos dele deslizaram pelo seu pescoço, tocando na linha do fio de pérolas até passar perto dos seios. Ela susteve a respiração com aquela carícia íntima e os seios levantaram-se como resposta.

– Meu Deus, tentas-me – murmurou ele. – Nunca quis tanto roubar

alguma coisa na minha vida como quero *roubar-te*.

A confissão espalhou-se por ela como uma onda lenta e quente que fez a sua barriga tremer com uma antecipação pesada.

Uma sombra pesada apareceu nos olhos de Gavin.

– O Griffin teve a Charity... Teve a sua oportunidade de ser feliz. Esta é a *minha* – murmurou Gavin para si, antes de puxar uma tira de tecido do bolso das calças.

Josephine estava demasiado perdida no desejo quando ele passou os lábios pelos dela para se aperceber do que ele planeava até ser demasiado tarde. Juntou-lhe os pulsos e atou o tecido com força à volta deles, prendendo-lhe as mãos.

– Gavin... – Queria dizer-lhe que aquilo não era necessário, que iria com ele de boa vontade.

– Cala-te, menina. – Acabou de lhe atar as mãos e levantou-a da cadeira.

Ia *realmente* roubá-la? O pensamento criou uma onda rebelde de excitação dentro dela.

– Gav... – Desta vez, ele silenciou-a com uma segunda tira de tecido que esticou por cima dos lábios abertos dela e atou na nuca, amordaçando-a.

– No caso de alguém nos ver. Não temos muito tempo. – Agarrou-lhe o braço e guiou-a para a janela do quarto, que tinha vista para os jardins. Abriu a janela com força e depois levantou-a pela cintura para a sentar no parapeito. Sentou-se ao lado dela e deixou-se cair para o chão antes de esticar os braços para ela. Assim que chegou ao chão ao pé dele, ele apontou para um cavalo parado ao longe, que relinchava suavemente no limite das árvores a menos de cinquenta metros da casa.

Gavin correu para o cavalo e ela seguiu-o o melhor que podia.

– Vou levantar-te primeiro – explicou ele e ela esticou as mãos para a sela para se equilibrar quando ele a levantou. Quando ficou firmemente sentada na sela, ele montou atrás dela e passou-lhe um braço à volta da cintura enquanto agarrava as rédeas com o outro. Ela aninhou-se contra ele para se equilibrar quando o cavalo começou a mexer-se.

«Isto está mesmo a acontecer?» Gavin acabara de a raptar na noite antes do seu casamento com o irmão dele. Queria perguntar-lhe para onde a levava, mas a mordaça impedia-a de fazer perguntas. Enquanto montavam, a face dele pressionou-se contra a dela mais de uma vez quando se inclinava para guiar o cavalo. A barba leve do seu rosto arranhava-lhe a pele, mas descobriu que não se importava com a sensação. O vento atingia as suas faces e o coração acelerava enquanto tentava assimilar a sua situação.

Pareceu que passavam horas no cavalo antes de verem uma aldeia

pequena que ela reconheceu como um lugar chamado Jack's Cove, perto de Saint Ives Bay. Estava a tremer de frio quando finalmente chegaram à aldeia pequena à frente do mar. Ele tirou uma capa do alforge e enrolou-a à volta de Josephine. O seu coração aqueceu ao pensar que ele tivera o cuidado de a manter quente. Até olhar para baixo e ver que a forma como enrolara a capa também lhe tapava convenientemente as mãos atadas. Ele tirou-lhe a mordaça da boca e ela lambeu os lábios para os humedecer.

– Lembra-te de te manter calada, menina. Não queremos fazer soar os alarmes – avisou ele.

Ela sentiu-se tentada a dizer-lhe que não gritaria, mas manteve-se em silêncio porque não se ouvia nenhum barulho na rua. Temia que até falar num tom baixinho pudesse acordar a aldeia adormecida.

Estava escuro, mas a lua era apenas uma crescente no céu, criando sombras suficientes para a esconder, e a Gavin, quando parou o cavalo à frente de uma pousada.

Ele desmontou e ajudou-a a fazer o mesmo. Mas esperou um bom bocado, a observar a escuridão à procura de algo que ela não via. Endireitou os ombros quando uma figura emergiu do escuro.

– Capitão?

– Aqui – replicou Gavin, num tom baixo.

Um homem ruivo saiu do beco ao lado da pousada e olhou para Josephine com curiosidade antes de voltar a concentrar-se em Gavin.

– Onde está o barco? – perguntou Gavin ao homem que se aproximou deles e apertou a mão de Gavin com um sorriso aberto.

– Ali, na baía. Temos de remar até ele. Já tem uma tripulação.

– Muito bem. Certifica-te de que este cavalo é devolvido a Castleton Hall e depois encontra-te connosco no bote.

O homem ruivo agarrou nas rédeas do cavalo e conduziu-o para uns estábulos mais ao fundo da rua. Gavin afastou Josephine da pousada e levou-a para uma doca pequena onde havia um bote atado. Ajudou-a a entrar no bote e depois começou a desapertar as cordas que o prendiam à doca. Gavin pegou nos remos quando o outro homem regressou e saltou para o bote com eles. Josephine observou os dois homens a pegar nos remos e a remar juntos num ritmo perfeito enquanto se dirigiram para o barco distante.

Quando chegaram ao barco, Gavin desatou-lhe as mãos.

– Acho que já não precisamos disto, pois não? – perguntou ele, com um vestígio de aviso no seu tom, mas ela sabia que não era necessário. Não ia gritar a pedir ajuda.

Assentiu com o coração acelerado e olhou para o volume alto do barco. Havia uma escada comprida posta de lado para eles.

– Senhoras primeiro – disse Gavin. – Estou mesmo atrás de ti.

Ela agarrou os degraus e levantou-se para a escada. Não era fácil

manter as saias fora do caminho dos pés, mas conseguiu puxar o tecido até aos joelhos com uma mão e usar a outra para subir. Demorou muito mais tempo do que qualquer um esperaria e o homem ruivo não parou de murmurar sobre saias e tolices. Mas o que poderia fazer? Gavin não lhe dera a oportunidade de mudar de roupa.

Quando chegou ao convés central, inclinou-se contra o corrimão do barco para respirar fundo enquanto os dois homens entravam a bordo. Gavin e o outro homem deixaram-se cair quase silenciosamente ao lado dela. Vários membros da tripulação estavam ali, a observá-los, expectantes.

– Vou levar o meu *prémio* para baixo, Ronnie. Pede à tripulação para se preparar para partir agora mesmo. Diz-lhes que me apresentarei mais tarde.

– Sim, meu capitão. – O homem ruivo dirigiu-se na direção oposta para a tripulação expectante enquanto Gavin agarrava o braço de Josephine e a levava para dentro do barco. Ela estava familiarizada com barcos e apercebeu-se de que se dirigiam para o que, certamente, seria a cabina do capitão na popa.

– Gavin...

– Cala-te, ainda não. – Abriu a porta da cabina no lado oposto do barco. Era um quarto grande com janelas altas viradas para o mar. Havia uma cama com uma cabeceira dourada encostada contra uma parede. Havia uma mesa coberta de mapas marítimos, com uma bússola e um sextante, tudo muito bem arrumado. O barco parecia novo. Josephine apercebeu-se de que todas as superfícies estavam polidas e de que a madeira praticamente brilhava. Aquele não podia ser o barco que Gavin perdera.

Gavin fechou a porta e trancou-a antes de se virar para ela. Era finalmente seguro falar?

– Gavin, porque me trouxeste? – perguntou ela. O sangue ainda lhe corria pelo corpo demasiado depressa devido ao entusiasmo da viagem e à subida íngreme para o barco. Fazia com que fosse difícil pensar tão claramente como desejava.

Aproximou-se dela, mas ela não se mexeu quando o pirata lhe segurou o queixo suavemente, com um sorriso devasso e quase duro enquanto os seus olhos se encontravam.

– Porque te *queria*. Vamos desfrutar da companhia um do outro enquanto navegamos para as Índias Ocidentais e, quando reivindicar o meu barco, serás livre para fazer o que quiseres e ir onde desejares. – O seu olhar castanho caiu nos lábios dela e a sua concentração intensa fê-la tremer. Passou o polegar pelo lábio inferior dela e a sensação foi incrivelmente sensual. Não ignorou que ele não mencionava deixá-la voltar e casar-se com o irmão dele.

– Não me deixarias ir para casa agora, mesmo que to suplicasse? –

perguntou ela, mas uma voz sombria sussurrou-lhe que não era nada disso que ela queria. Ir para casa significava casar-se com Griffin. Tinha de saber o quanto Gavin queria ficar com ela.

A boca de Gavin tremeu com outro meio-sorriso sombrio.

– Não, nem mesmo se mo suplicassem com uma doçura suficiente para fazer os anjos chorar. O meu irmão teve a sua oportunidade de te seduzir e não o fez. – O seu sorriso alargou-se e inclinou-se mais para ela, uma sensualidade perigosa emanava dele de tal forma que quase a fez perder a força nas pernas. – Quanto a mim, *quero-te*, menina. E ter-te-ei.

As palavras fizeram-na voar com esperança e excitação.

– Nunca mais queres voltar a pensar na Cornualha. – Inclinou-se para sussurrar: – Não quando posso mostrar-te tudo o que vale realmente a pena ter nesta vida. – Agarrou-lhe a cintura e virou-a para olhar para o mar escuro através das janelas. Pressionou o corpo contra o dela por trás e esticou o braço para lhe agarrar o pescoço, mas o toque foi suave, tranquilizador em vez de limitativo. – Ninguém te magoará enquanto estiveres comigo. Só haverá prazer para ti, doce Josie.

Sem dúvida, ele conseguia sentir o batimento frenético do seu coração e poderia confundir a sua excitação com medo. Ela estava estranhamente excitada com o pensamento de ele ter o controlo daquela forma, de a fazer render-se suavemente à sua vontade. Josephine não conseguia evitar pressionar os limites da sua situação. Queria ter a certeza de que a queria realmente, não apenas por necessidade de roubar algo do seu irmão, mas porque a desejava genuinamente.

– E se rejeitar essa tua grande oferta?

A sua gargalhada ecoante foi seguida por beijos suaves no pescoço dela. Ela vibrou quando o calor do seu corpo e do dela pareceu pronto para incendiar algum fogo antigo dentro dela.

– Sou um pirata, menina, e os piratas tiram o que querem. E eu quero-te. – Mordeu o lóbulo da sua orelha e a pontada de dor fê-la gemer e recostar-se contra ele, querendo mais.

Gavin virou-lhe a cabeça para ele com uma mão na sua face e beijou-a. O beijo foi duro, implacável, pirata até ao núcleo. Ela gemeu, indefesa, e derreteu-se. Uma dama respeitável ter-lhe-ia resistido, lutando contra ele como um gato selvagem ou gritando para pedir ajuda, mas Josephine não era uma dama respeitável, por muito que os seus pais tivessem tentado. A verdade era que ela queria aquela aventura com aquele homem. Sentira-se aliviada por ser sido raptada de boa vontade, mas também excitada para além das palavras. Aquela era a sua oportunidade de viver, apesar de saber que acabaria na cama de Gavin. Sim, ficaria arruinada e não poderia casar-se com outro

homem quando já não fosse virgem. Contudo, acreditava que tudo isso eram tolices.

Uma mulher não devia ter as mesmas liberdades do que um homem? Fora o que Roberta e Brianna, uma antiga pirata com quem o melhor amigo do seu irmão, Nicholas, se casara, sempre tinham sussurrado quando os homens não estavam presentes. Elas pensavam que não as ouvia, mas sabia que pensavam o mesmo. As mulheres mereciam liberdade, especialmente liberdade para desfrutar dos seus corpos e das suas vidas como os homens faziam. Estava tão distraída com os seus pensamentos que, de repente, se apercebeu de que ele já não a beijava. Em vez disso, observava-a atentamente.

– Em que estás a pensar? – perguntou ele. – Pareces tão séria. – Passou-lhe a ponta de um dedo pelas sobrancelhas para afastar as suas preocupações.

– É só que... sou livre.

Com aquilo, ele sorriu e levantou-lhe o queixo de novo.

– Ainda és a minha cativa – recordou-lhe ele, sedutoramente, e baixou-se para a beijar outra vez. Ela não conseguiu evitar sorrir com o pensamento. «E tu és o meu... só que ainda não sabes.»

Finalmente, Gavin interrompeu o beijo e abraçou-a durante muito tempo, ofegando tanto como ela. Encostou a testa contra a dela e fechou os olhos, parecendo voltar para si mesmo. Depois, deu um passo atrás.

– Tenho de preparar a nossa partida e falar com a tripulação. – Com um último olhar ardente, saiu da cabina.

Ela ouviu a porta a trancar-se atrás dela, mas não se importou. Estava ali, uma cativa de boa vontade, quer ele acreditasse, quer não. Atravessou o quarto para a cama e deitou-se enquanto uma onda enorme de alívio se espalhava por ela. Não haveria casamento no dia seguinte. Estava segura. Era *livre*. Deitou-se na cama e o cansaço apoderou-se dela. Deixou que as ondas e o movimento do barco a acalmassem. Tentou não pensar no que a família dela ou Griffin fariam quando percebessem que se fora embora.

«Sou livre... Bom, suficientemente livre. Isso é tudo o que importa.»

GAVIN ATRAVESSOU o convés para se encontrar com Ronnie. A tripulação estava no lado oposto do convés para o receber.

– Que barco é este? – perguntou ele a Ronnie, num tom suficientemente baixo para que mais ninguém ouvisse.

– Um barco bom, capitão, um barco *novo*. – Ronnie sorriu, orgulhoso, e tocou no corrimão mais próximo. – Algum tolo rico tinha

acabado de o fazer para a sua frota mercante. Ainda não tinha contratado um capitão e tinha uma tripulação à espera. Disse aos homens que você é o novo capitão.

– O quê? – Gavin não conseguia acreditar na sua própria sorte. – Que tolo deixaria um barco tripulado sem capitão no porto?

– Algum tolo chamado Greyville. – Ronnie riu-se.

O sorriso de Gavin desapareceu.

– Não o *Dominic* Greyville?

– Hum... Não tenho a certeza. Só ouvi o nome Greyville.

O nome atingiu-o como o martelo de um ferreiro a bater numa bigorna.

– Meu Deus, homem! Temos de nos ir embora. *Agora!* – Gavin correu para a nova tripulação, gritando ordens e sem se incomodar em apresentar-se. Tinham de pôr o barco a caminho e no mar o mais depressa possível.

Ronnie correu atrás dele.

– Porquê?

– Porquê? – gritou Gavin, virando-se e agarrando o seu contramestre pelos ombros. – Porque levei o barco de outro pirata e raptei a sua irmã mais nova para ser a minha amante. Greyville é o nome verdadeiro de *Dominic Grey*. – Gavin soubera que era suficientemente irresponsável roubar a irmã mais nova de outro pirata, mas estivera disposto a apostar que Dominic não adivinharia que fora ele. Mas um barco desaparecido e uma irmã desaparecida eram demasiada coincidência para que Dominic o ignorasse se Griffin lhe dissesse que ele voltara. Juntaria as peças.

O rosto de Ronnie ficou sem cor.

– Não o Dom Grey...?

– O próprio. – Gavin e Dominic tinham sido amigos na infância, mas, como piratas, tinham tido um respeito mútuo um pelo outro. Ronnie conhecera Dominic de passagem quando as suas tripulações se tinham encontrado nas reuniões da Irmandade da Costa na Ilha Negra. Dominic era uma lenda para todos os piratas das Índias Ocidentais. Se não tivesse ficado preso num casamento com a filha do almirante, provavelmente, ter-se-ia tornado o Almirante Negro em vez de Gavin.

Ronnie contou os seus pecados pelos dedos, dormente.

– Levámo-lhe o barco, a tripulação e a irmã... Oh, capitão, somos homens mortos.

– Só se não sairmos deste maldito porto!

O barco ganhou vida quando a tripulação correu para os seus postos para cumprir as ordens que Gavin lhes dera. Ninguém questionou a fuga louca do porto, mas, mesmo enquanto navegavam para mar aberto, Gavin continuou a olhar para trás, temendo ver um segundo barco a persegui-los a qualquer momento.

Ninguém conseguia fugir de Dominic Grey assim que estava na sua mira... exceto Gavin... se tivesse o barco certo. Dominic reformara-se da pirataria há pouco tempo, mas isso não mudava quem era. *Quando se é pirata, é-se para sempre.* Dominic ficaria suficientemente furioso quando descobrisse que Josephine se fora embora, mas pelo menos não saberia que Gavin estava envolvido. Porém, se Griffin contasse a Dominic que Gavin voltara a casa e depois descobrisse que o seu barco e a sua irmã tinham desaparecido, os dois homens poderiam juntar as peças e...

– Porra! – Gavin praguejou para o vento enquanto as velas se abriam e o barco começava a deslizar para longe da costa da Cornualha. Rezou para que o seu barco voasse como o vento ou a Marinha Real que patrulhava as águas à caça de piratas seria a menor das suas preocupações.

Quando tivesse a certeza de que o barco estava seguro no mar, faria as apresentações habituais como o novo capitão do *Duende da Cornualha*. Tinha de se certificar de que a tripulação acreditava que Dominic o contratara para ser o mestre daquele barco.

Com Ronnie a tomar conta do barco, Gavin retirou-se para a cabina do capitão e destrancou a porta. Preparou-se para uma fúria feminina depois de a trancar na cabina. Quando entrou no quarto, ficou surpreendido por ver que a sua cativa feroz estava deitada na cama no meio de uma catarata de seda azul-clara, a dormir profundamente, doce como uma gatinha.

Inclinou-se ao lado da cama, bebendo a visão dela. Usava o que, sem dúvida, teria sido o seu vestido de casamento. Era demasiado bonito para ser um vestido normal. Conseguia perceber pelas pérolas bordadas no corpete e nas mangas e pela renda fina nos cotovelos que era o vestido que Griffin devia tê-la visto a usar no seu casamento. Uma pontada de inveja misturada com arrogância presunçosa encheu-lhe o peito. O seu irmão não teria aquela mulher. Não a veria como ele a via agora. Seria de Gavin e apenas de Gavin.

– Lamento, irmão, mas levaste a minha mulher. É justo que leve a tua.

A rapariga bonita a dormir na sua cama não se mexeu, mas ele não se importava que dormisse naquela noite. Tinham uma viagem longa pela frente para perseguir o *Lady Sereia*. Haveria noites suficientes pela frente para seduzir o seu prémio. Com um sorriso atrevido, Gavin sentou-se na beira da cama e descalçou as botas. Despiu as calças e deitou-se ao lado de Josephine, puxando-a contra o seu corpo. Encostou o rosto no seu cabelo. Ela cheirava como um jardim depois de uma tempestade de chuva. O seu cheiro a rosas e lavanda encheu a mente dele enquanto respirava.

– Sim, penso que vou ficar contigo, minha querida Josie –

murmurou-lhe ao ouvido.

Josephine deixou escapar um suspiro suave, como se o tivesse ouvido, e virou-se para se aninhar mais perto dele. Algo afetou o seu coração partido há muito tempo, mas ignorou-o. Nunca mais amaria ninguém. Nem mesmo esta mulher cativante com fogo nos lábios e os olhos cheios de sonhos que navegavam como barcos nas nuvens.

— O que queres dizer com *foi-se embora*? – Griffin estava de pé atrás da secretária do seu escritório. Os três homens que olhavam para ele do outro lado não pareceram alterar-se com o seu tom. O pai de Josephine, lorde Camden; o irmão gêmeo, Adrian; e o irmão mais velho, Dominic, tinham chegado duas horas antes da hora em que planeava estar na igreja para se casar com Josephine.

Tentou acalmar o medo repentino no peito pela mulher a quem planeava unir a sua vida.

— Onde está? Deixou uma carta? – Depois de falar com o seu irmão, conseguia acreditar que Josephine pudesse desistir e esconder-se para evitar casar-se com ele. Apesar de ferir o seu orgulho, estava mais preocupado com ela estar segura e ilesa do que com ter fugido dele.

Lorde Camden e os seus dois filhos trocaram olhares preocupados antes de Camden falar.

— Receio que não tenhamos ideia do que lhe aconteceu. A minha filha estava a experimentar o vestido de casamento ontem à noite quando a minha esposa a viu pela última vez. Ela e a criada de Josephine saíram para preparar os presentes de casamento, que seriam uma surpresa para ela hoje, depois da cerimónia. Quando a criada voltou para o quarto, encontrou-o vazio e viu a janela aberta.

— A criada está aqui? Posso falar com ela? Talvez tenha visto alguma coisa que possa ajudar-nos a encontrar a Josephine – sugeriu Griffin.

— Sim, está lá fora no corredor. Adrian, vai buscá-la – ordenou Camden.

Adrian voltou um instante mais tarde com uma jovem ao seu lado que apresentou como Vesper Lyndon. A mulher baixava respeitosamente a cabeça e estava claramente demasiado assustada para olhar para alguém. Griffin deu a volta à secretária e aproximou-se dela. Ficou rígida quando ele parou mesmo à sua frente.

— Menina Lyndon? – disse o nome da rapariga, hesitante.

— Sim, meu senhor? – A sua voz era suave, mas ele ouviu uma nota de força nela. Não tinha medo dele... temia pela segurança da sua senhora. Levantou o seu rosto cheio de lágrimas e olhou para ele.

A luz do sol atingiu o seu cabelo dourado e os seus olhos verdes afetaram-no como um raio. Por um instante, não conseguiu respirar. Era como se estivesse tonto e, no entanto, sentia os pés no chão ao mesmo tempo, como uma árvore antiga que tinha as suas raízes

profundamente no solo e se agarrava à terra para que pudesse continuar a viver para sempre. Estava a *cair*?

«Meu Deus», pensou ele, com um calor que pareceu toldar-lhe a mente e quase se agarrou a alguma coisa para recuperar o equilíbrio.

Vesper observou-o fixamente, expectante. Aqueles olhos verdes pareceram beber dele tal como ele acabara de fazer com ela, como se nunca quisesse desviar o olhar, como se não conseguisse fazê-lo.

– Eu... hum... – Ele lutou para se acalmar. – O que desejo perguntar-lhe é... quando viu a Josephine pela última vez, agia de alguma forma estranha? Disse ou fez alguma coisa que possa dar-lhe alguma ideia do que aconteceu?

Vesper humedeceu os lábios nervosamente e olhou para o horizonte, como se estivesse a reviver o último encontro que tivera com a sua senhora.

– Ela parecia... distraída enquanto provava o vestido. Não parecia demasiado ansiosa, mas era como se estivesse a quilómetros de distância. Não consigo pensar em mais nada – disse Vesper.

– Obrigado, Vesper – murmurou Griffin e soltou-lhe o queixo. Não se apercebera de que esticara a mão para tocar nela. Parecera-lhe tão natural que nem se apercebera.

– Lamento não ter visto mais nada, meu senhor. A *lady* Camden e eu estávamos muito entusiasmadas com os vossos presentes de casamento. Devia ter sido uma surpresa... – A sua voz tornou-se um sussurro.

– Por favor, não chore. Tenho a certeza de que ela está bem. A Josephine é uma jovem corajosa.

– É, sim – concordou Vesper. – Devia ir. A *lady* Camden pode precisar de mim. – Vesper praticamente fugiu da sala e Griffin observou-a fixamente, com o coração ainda a bater pesadamente ao perder aquela mulher que nem sequer conhecia.

– Bom, certamente, isso não nos ajudou muito – murmurou Dominic. – O que sabemos com certeza, Castleton, é que não se foi embora sozinha. Encontrei pegadas, dela e de um homem, a dirigir-se para o bosque. Dali, só encontrei as marcas de cascos de um cavalo, por isso, foram-se embora juntos.

– Temos de procurar no campo – disse Griffin. – Podemos dividir-nos e procurar nas pousadas e tavernas mais próximas. Não pode ter ido muito longe.

Ao ouvir aquilo, Adrian bufou, fazendo com que todos olhassem para ele. Griffin raramente passara tempo na companhia daquele jovem, mas o rapaz era o gêmeo de Josephine e era tão próximo dela como ele fora de Gavin uma vez.

– Ela fugiu? – perguntou Camden ao seu filho mais novo. – Conta-nos o que sabes, meu filho.

Adrian afastou a emoção do rosto.

– Honestamente, não sei para onde foi. Só fiquei um instante depois de a mãe a ver ontem à noite. Mas, se fosse a ela, teria fugido.

– Lançou um olhar amargo a Griffin. – Sem ofensa, meu senhor.

– Porque fugiria? – perguntou Griffin ao rapaz. – Eu ter-lhe-ia dado tudo o que ela quisesse. – Comprometera-se a fazer com que o casamento com Josephine funcionasse, com afeto e respeito mútuos.

– Porque mesmo com o seu título e deveres, há uma coisa que nunca poderia dar-lhe, a única coisa que ela precisava. – O rosto de Adrian corou um pouco.

– O quê? – perguntou Griffin, cautelosamente.

– Aventura.

Aquela única palavra ecoou por Griffin como o barulho de um sino grande. *Aventura*. Só havia uma pessoa que vivia apenas impulsionada pela aventura e pela paixão. E ele e Josephine tinham-se conhecido.

– Fui um maldito tolo – murmurou Griffin.

Saiu rapidamente do seu escritório, sem se importar que os três homens Greyville o seguissem de perto. Dirigiu-se diretamente para a tapeçaria que escondia a entrada do quarto secreto. A passagem estava fria e escura. Não vinham sons do quarto. Gavin já se fora embora? Griffin entrou mais no quarto para ver se estava vazio. Tal como esperava, Gavin fora-se embora.

Havia um único candeeiro aceso na mesa e a sua luz apagava-se. Ao lado dele, um pedaço de papel fora preso à mesa com uma adaga com joias. Griffin agarrou a lâmina e puxou-a para libertar o papel e ler as palavras ali escritas.

– *Ficaste com o meu prémio, por isso, levei o teu.*

– O que significa isso? Quem escreveu isso? – quis saber lorde Camden.

– O meu irmão escreveu-o. Parece que levou a Josephine.

– O teu irmão? – Dominic rosnou e semicerrou os olhos. – A última vez que o vi foi... – Dominic fechou a boca, apercebendo-se demasiado tarde do erro que cometera.

– O que sabes do meu irmão, Dominic? – perguntou Griffin, num tom duro. Quando eram crianças, os três tinham sido amigos. Não tão próximos como Dominic fora de Nicholas Flynn, mas tinham sido suficientemente próximos para passarem bastante tempo juntos.

Dominic trocou um olhar com o seu pai antes de continuar.

– Suponho que tenhas o direito de saber a verdade... Eu estive nas Índias Ocidentais durante muitos anos. Encontrámo-nos muitas vezes. Quando me casei com a Roberta e voltei para casa, ele aceitou o papel de Almirante Negro.

– Almirante *quê*? – Griffin nunca ouvira tal coisa.

Dominic baixou o tom de voz até sussurrar, apesar de ninguém

senão os quatro homens conseguirem ouvir as suas palavras naquele quarto privado.

– Os piratas nas Índias Ocidentais são mais organizados do que possas pensar. Para os manter organizados, é escolhido um pirata para os governar. O Almirante Negro. O antigo almirante reformou-se e votámos para escolher um novo homem. Segundo sei, o Gavin foi o escolhido. O que estava a fazer aqui na Cornualha?

Ao ver que Dominic lhe dizia a verdade, Griffin sentiu que era necessário dizer a verdade do que sabia da situação de Gavin.

– Aparentemente, o meu irmão estava perto da costa da Cornualha quando houve um motim no seu barco. Mal escapou com vida. Estava ferido e entrou na nossa casa através desta passagem. Procurou-me, mas eu não estava nos meus aposentos. Era a Josephine que estava lá.

Camden fez uma careta ao ouvir aquilo, mas Griffin continuou.

– A Josephine tratou das suas feridas nessa noite e depois levou-me a vê-lo. Ele disse-me que se iria embora dentro de alguns dias. Planeava recuperar o seu barco de alguma forma. Talvez a tenha levado com ele.

Lorde Camden deixou escapar um suspiro aflito.

– Então, a minha única filha foi raptada por um pirata. E não qualquer pirata, mas um que procura vingança e que, por acaso, é o atual *rei* dos piratas das Índias Ocidentais?

Dominic olhou para Griffin nos olhos, mas era impossível lê-lo.

– *Nenhum* dos meus filhos consegue manter-se longe de sarilhos? – queixou-se Camden. Lançou um olhar irritado a Adrian, como se esperasse que confessasse que também se juntara à tripulação de um pirata. O rapaz levantou os ombros e encolheu-os inocentemente.

– Não podem ter ido muito longe sem barco – disse Dominic. – Porque é que não nos sentamos e pensamos num plano para trazer a Josie de volta?

Camden lançou um olhar duro ao seu filho, antes de assentir para a adaga com joias na mão de Griffin.

– A minha filha está a salvo com o seu irmão?

Griffin apertou os dedos à volta do punho da adaga.

– Honestamente, não sei. Não a *magoaria*, mas, segundo sei, pode haver alguma paixão entre eles.

– Paixão? – Camden repetiu a palavra, confuso.

– O meu irmão é encantador, lorde Camden. E a sua filha passou a noite na companhia dele, a tratar das suas feridas. Penso que pode ter havido... sentimentos entre eles, por muito que tenham sido inocentes para a Josephine. – Griffin percebera-o através da reação do seu gêmeo a Josephine e da dela com ele naquele pouco tempo que tinham passado no quarto, e apercebera-se de que Josephine sentira mais do que curiosidade e talvez até se sentisse atraída por Gavin de

alguma forma. É claro, ela era demasiado inocente para perceber que a sua expressão e as suas palavras a tinham traído.

– Se tocar nela... – começou a dizer Camden, num tom cheio de fúria calada.

– Enfrentará a fúria de todos os homens neste quarto – prometeu Griffin.

«Gavin, maldito tolo. O que fizeste?»

Quando os quatro homens saíram da passagem secreta, alguém os chamou do corredor. Chegara um mensageiro da propriedade de Camden com um bilhete para Dominic. Dominic desceu a correr para se encontrar no fundo das escadas com o jovem que trazia a mensagem. Dominic pegou na missiva e leu-a. O seu rosto endureceu quando Griffin e os outros se juntaram a ele ao fundo das escadas.

– É da minha esposa. O meu novo barco, o *Duende da Cornualha*, que estava ancorado em Saint Ives Bay, navegou para o mar ontem à noite. – Amarrotou o bilhete na palma da sua mão. – *Aparentemente*, a tripulação que contratei ouviu dizer que tinham um novo mestre...

– O que estavas a dizer sobre não irem longe sem um barco? – perguntou Adrian, com uma nota de diversão no olhar. – O irmão de Castleton tem uma vantagem decente.

– Isto não é um assunto divertido, rapaz – disse Griffin. – Uma vez, o Gavin amou uma mulher que escolheu casar-se comigo. Agora, levou a minha futura esposa, a tua irmã. Certamente, seduzi-la-á antes de conseguirmos encontrá-los.

O humor de Adrian desapareceu quando olhou para Griffin.

– Sim, certamente, o canalha tentará seduzi-la, mas ele não conhece a Josie como eu. É inteligente e teimosa. Não descobrirá uma rosa fácil de domar. Se estiver lá contra a sua vontade, ele sentirá os seus espinhos.

– Espero que tenhas razão – disse Griffin. Se alguma coisa lhe acontecesse por causa de Gavin, nunca se perdoaria.

– Então, qual é o nosso plano agora que eles têm um barco? – perguntou Adrian.

– Temos de ir atrás deles – disse Dominic, sombriamente. – Uma vez, pensei no Gavin como um amigo, mas agora levou o meu barco e a minha irmã. Pagará por essas transgressões.

– Concordo – disse lorde Camden, num tom igualmente frio. – Ninguém leva a minha filha sem sofrer as consequências.

Griffin tentaria salvar a vida do seu irmão, se chegasse a isso, mas esperava que aqueles homens ficassem de melhor humor se Josie não tivesse sido magoada. Oxalá fosse apenas uma aventura inocente e Josephine voltasse para casa ilesa.

– Precisamos de um barco – disse Camden.

– O Nicholas e a Brianna estão cá. O barco da Brianna está na baía.

Imagino que fique feliz por nos ajudar, dada a história dela com o Gavin – sugeriu Dominic.

– Que história? – perguntou Griffin.

Dominic observou-o relutantemente.

– São velhos amigos... e, ocasionalmente, foram amantes.

– Ah... – Então, o seu irmão não fora um monge todos aqueles anos. Contudo, Griffin fora. Desde que Charity morrera, não estivera com nenhuma outra mulher. Não se sentira tentado por outra. Até àquele dia...

Obrigou-se a afastar os pensamentos da criada ou de como o seu mundo se virara no eixo quando a vira. Tinha de se preocupar com a sua noiva e tinha um pirata para perseguir.

– Vamos preparar-nos para sair o mais depressa possível – disse Griffin aos outros. Ainda segurava a adaga com joias e jurou que a devolveria ao seu irmão em troca de liberdade de Josephine.

«Será realmente um prémio por outro...»

JOSEPHINE ESPREGUIÇOU-SE e depois gemeu com desconforto. Cobertores pesados cobriam as suas pernas e algo se apertou à volta do seu peito quando tentou respirar. Deu pontapés minuciosos, tentando afastar o que lhe mantinha as pernas insuportavelmente quentes e presas.

– Au! – Uma voz profunda gemeu perto do seu ouvido. Abriu os olhos depressa e deu por si a olhar para o queixo de um homem. Um queixo bonito e cinzelado. Os seus olhos seguiram a linha desse queixo até à orelha e ao nariz e, finalmente, aos olhos. Gavin observava-a, divertido. Enquanto se orientava, apercebeu-se de que estavam deitados um à frente do outro numa cama que abanava suavemente.

«Oh, meu Deus...» Então, não sonhara ontem à noite? Gavin *raptara-a* na véspera do seu casamento com Griffin e levara-a para o mar? Olhou para o resto do seu corpo e viu que ainda vestia o vestido de casamento maravilhoso que usara na noite anterior. Tinham sido as suas saias volumosas enroladas à volta das pernas e o seu corpete apertado contra o peito que lhe tinham causado algum desconforto. Levantou o olhar para o rosto de Gavin, ainda sem acreditar que estava *ali* com ele. Supostamente, devia estar a caminho do seu casamento, não a acordar na cama de um pirata.

– Também dormiste aqui? – disse ela, atropalhadamente.

– Sim e tu, criatura adorável, esticas-te como uma estrela-do-mar quando dormes... e também *dás pontapés* – disse ele, com uma gargalhada baixa. – Vou ficar com nódoas negras nas canelas por causa da tua violência.

Josephine corou, mortificada. Sabia que se esticava um pouco enquanto dormia, a prova estava no estado dos lençóis todas as manhãs, mas nunca ninguém se queixara disso porque dormira sempre sozinha.

– Oh... – Praguejou para si ao sentir a onda de calor na face. Lentamente, sentou-se e ele deitou-se de costas, pondo um braço por trás da cabeça, apenas para gemer e voltar a baixá-lo. Ela olhou para a ferida, mas a área dos pontos parecia estar limpa.

Ela tentou passar as mãos pelo cabelo.

– Vejo que te sentes melhor.

– Sinto, sim. – Os seus olhos seguiram o movimento das mãos dela.

– Gosto muito quando fazes isso – indicou, suavemente.

– Quando faço o quê?

– Penteias o cabelo com os dedos. Fazes-me pensar numa sereia a apanhar sol nas rochas. – Acomodou o braço que não estava magoado por trás da cabeça e deitou-se novamente na cama. Ela tentou evitar olhar para o seu peito e falhou. A sua pele era de um dourado suave e os seus músculos peitorais estavam bem desenvolvidos. Os músculos do seu abdómen fizeram-na sentir a boca estranhamente seca. *Meu Deus...* Era um espécime de homem, não era? Não é que alguma vez tivesse visto um homem seminu, mas uma mulher sabia, profundamente no seu ventre, qual era o aspeto de um homem atraente. Algumas coisas estavam demasiado enraizadas na mente para serem apagadas pelos ditados da sociedade educada.

– Uma sereia? – perguntou ela, tentando distrair-se. – Já viste uma?

– Sim, é claro. São criaturas astutas. Escondem-se nos baixios à noite e cantam, mas nos dias bonitos de sol, quando não esperam que os barcos se aproximem, gostam de apanhar sol à vista nas rochas das praias. Escondi-me lá e vislumbrei-as enquanto penteavam o cabelo.

Estava a gozar com ela. As sereias não existiam, nem os monstros marinhos. Mas ela gostava de os imaginar na mesma.

Levantou-se da cama e explorou a cabina enquanto ele a observava, divertido. Havia um baú cheio de vestidos bonitos e de roupa de homem. Havia uma banheira grande de cobre num canto do quarto com um lençol discreto a cair por dentro, o que significava que uma dama podia tomar banho na banheira e manter um pouco da sua modéstia.

– Este barco não é teu, pois não? – perguntou ela. Ele dissera que perdera o seu barco e ela questionava-se se conseguira encontrá-lo de novo. De qualquer forma, como é que se perdia um barco?

– Agora, é. Roubei-o – disse ele, com uma gargalhada.

– Roubaste-o? – Josephine baixou-se à frente do baú para examinar os vestidos com mais atenção e depois ficou paralisada. *Conhecia*

aqueles vestidos. Já os vira antes... na sua cunhada.

– Qual é o nome deste barco? – perguntou ela, num tom baixo.

– *Duende da Cornualha*.

Ela virou-se para olhar para ele.

– Roubaste o barco do *meu irmão*?

– Oh? É o barco do teu irmão? Que divertido. Imagino que fique bastante furioso quando descobrir. – Gavin bocejou dramaticamente, como se não estivesse nada preocupado com a possibilidade de um pirata furioso ir atrás deles.

– Oh, meu Deus... – Ela começou a passear pela cabina, com as saias azuis a sussurrar por cima do chão de madeira polida. Dominic e Roberta planeavam navegar para as Índias Ocidentais dentro de algumas semanas para verificar as suas terras lá. Ele planeava capitanear o barco até encontrar um capitão que pudesse substituí-lo.

Finalmente, Gavin levantou-se e segurou-lhe o braço enquanto ela andava de um lado para o outro. Puxou-a para os seus braços e os seus olhares encontraram-se.

– Temos uma vantagem decente. O teu irmão não conseguirá apanhar-nos. – Gavin esfregou as mãos lentamente para cima e para baixo nos seus braços, fazendo-a tremer com uma excitação que não devia sentir.

– Não o conheces, Gavin. Ele é... – Parou antes de trair o seu irmão.

– É o quê? – Gavin virou-lhe o rosto para o dele quando ela tentou desviar o olhar. – Um pirata? – concluiu ele, com os olhos castanhos da cor do mel quente. – Não tens de manter esse segredo, não comigo. Conheço bem o teu irmão.

– Sim, conhecia-lo quando eram crianças...

– Não, como piratas. Ele e eu encontrávamo-nos muitas vezes no mar, partilhávamos uma cerveja e votávamos em assuntos juntos na Irmandade da Costa. Sei como é perigoso, querida.

Ela abriu muito os olhos ao ouvir a confissão de Gavin e a forma como lhe chamava «querida». Sabia sobre Dominic? Então, apercebeu-se de como fora tola. É claro que deviam conhecer-se. Os piratas pareciam conhecer-se, ou pelo menos ter *ouvido falar*, uns dos outros. Então, apercebeu-se do que ele dissera.

– O que é a Irmandade da Costa?

– Pensa nisso como o parlamento dos piratas – explicou Gavin, mas ainda olhava fixamente para a sua boca e ela sentia que a distraía olhar para os lábios dele.

– Um parlamento de piratas? – ecoou ela. Começou a inclinar-se para ele e os seus olhos começaram a fechar-se enquanto esperava por um beijo.

– Devia ir ver como estão os meus homens – disse ele,

relutantemente, e deu um passo atrás. – Queres que te traga comida quando voltar?

Ela recompôs-se depressa e alisou as saias para tentar recuperar a compostura.

– O quê? Oh, sim, por favor. Estou esfomeada. – Observou-o a ir-se embora e, quando ficou sozinha, voltou a examinar as roupas do baú. Não podia andar por um barco pirata com um vestido de noiva. Precisava de mudar de roupa. De repente, desejou que Vesper estivesse ali. A sua criada estava sempre preparada para aquelas coisas. Teria um vestido leve de dia e uma combinação e umas meias lavadas prontas para ela mesmo antes de acordar. – Vou ter de sobreviver sem ti, Vesper – murmurou para si e começou a procurar entre os vestidos.

Roberta era alguns centímetros mais baixa do que ela, mas os vestidos serviam-lhe em todos os lugares que importavam. Porque haveria de se preocupar com mostrar um tornozelo de vez em quando? Contudo, não queria usar vestidos, pelo menos, não naquele momento. Se aquela seria a sua aventura, queria mais liberdade para se movimentar pelo barco.

Foi buscar um par de calças do seu irmão, uma camisa e um casaco, muito parecidos com o que Gavin usava, e pô-los em cima da cama. No entanto, não conseguiu despir o vestido de noiva sem lutar. Felizmente, Vesper atava sempre os laços no fundo dos vestidos e escondia os fios soltos nas saias na base da espinha de Josephine. Mexendo os braços com um pouco de imaginação, conseguiu livrar-se do corpete e tirá-lo antes de fazer o mesmo com o espartilho.

Provavelmente, devia ter ficado com o espartilho, mas assim que se libertou da roupa interior, não quis voltar a vesti-la durante algum tempo. Em vez disso, vestiu a camisa e as calças, e depois abotoou o casaco cor de vinho. Olhando para si própria ao espelho, Josephine pensou que parecia uma pirata pronta para atacar um barco e encontrar tesouros. Quase se riu com aquele imprudente sonho acordado.

Depois, calçou um par de botas do seu irmão, mas eram demasiado grandes para ela, por isso, trocou-as por um par de botas pretas de Roberta. Satisfeita com a sua nova roupa, marchou para a porta e rodou a maçaneta. Não se mexeu. Gavin trancara-a lá dentro. Porque faria uma tolice dessas? Não é que pudesse fugir dele ou do barco, mesmo que quisesse.

Maldito fosse! Deu um pontapé à porta com o pé tapado pela bota e marchou, furiosa, para a cama, para onde se atirou. Quando Gavin regressasse, iam discutir aquele comportamento tolo.

GAVIN ESTAVA de pé no convés e olhava para a fila de marinheiros à sua frente. A maioria parecia homens fortes e jovens. Havia alguns homens experientes entre eles. Ronnie tossiu educadamente, chamando a sua atenção, e o contramestre assentiu para os homens, indicando que Gavin devia dirigir-se a eles.

– Certo – murmurou Gavin para si. Endireitou os ombros e falou com a tripulação. – O meu nome é Gavin Castleton. O dono deste barco contratou-me para o navegar para as Índias Ocidentais. Este é o Ronald Phelps, o meu, eh... primeiro-imediato. Quando eu estiver ocupado, receberão as vossas ordens dele. – Num barco pirata, um contramestre era o segundo no comando abaixo do mestre ou capitão, mas tinha de se recordar de que, num navio mercante, Ronnie seria o seu primeiro-imediato.

Um dos marinheiros mais velhos, com cinquenta e poucos anos, deu um passo em frente.

– Capitão?

– Sim? O seu nome e patente? – perguntou Gavin.

– Tom Greenwell, capitão. Mestre de armas – replicou o marinheiro.

– O que se passa, senhor Greenwell? – perguntou Gavin.

– Nós... quer dizer, eu e os outros... vimos que trouxe uma rapariga para o barco.

– Sim, qual é o problema? – Gavin arqueou uma sobrancelha.

– Bom... – Greenwell trocou olhares com os outros marinheiros de novo.

– Eh... – O homem corou. – Está consigo? É que, bom, dá azar ter uma mulher a bordo.

Gavin ficou surpreendido com aquela pergunta tão pessoal, mas Ronnie respondeu antes de ele conseguir falar.

– Sim, está com o capitão. É a esposa dele e será tratada com respeito.

Ouviram-se alguns murmúrios depois disso. Gavin gemeu para si. Não precisava daquilo.

– Sim, a sua *esposa* – replicou Ronnie. – Qualquer homem que sequer olhe para ela de lado será atirado borda fora.

Gavin mal conseguiu impedir-se de revirar os olhos e de dar uma palmada na cabeça de Ronnie. Os murmúrios sobre o azar pararam abruptamente e os homens endireitaram-se mais uma vez.

– Além disso, há outra mulher a bordo. A senhora O'Malley – recordou Ronnie à tripulação.

– Sim, mas é a cozinheira – acrescentou Greenwell. – As cozinheiras dão *sempre* boa sorte, mulheres ou não.

Ronnie parecia estar pronto para discutir o assunto do azar, mas Gavin deteve-o com uma mão no ombro.

– Obrigado, senhor Phelps – disse ele, depois falou de novo com o resto da tripulação. – Sim, a minha esposa viajará connosco para as Índias Ocidentais. Espero que se comportem da melhor forma possível, visto que ela é uma dama nobre. Farei com que vos valha a pena com doses extra de rum uma vez por semana e, quando chegarmos ao porto, terão algum tempo em terra para se divertirem. Agora, presumo que tenhamos um artilheiro e um médico a bordo?

Dois homens deram um passo em frente e pararam ao lado de Greenwell.

Greenwell assentiu para os outros dois homens.

– Este é o senhor Mefford, o nosso artilheiro, e este é o doutor Gladstone.

– Certo, conhecem as vossas posições neste barco? – perguntou Gavin. Ambos os homens responderam com um aceno confiante.

Ótimo, Dominic contratara uma tripulação capaz. Menos uma coisa com que se preocupar. Felizmente, tinham conseguido sair de Inglaterra na noite anterior sem problemas, mas só o tempo diria quão difícil seria navegar até às Índias Ocidentais.

– Convido os três para jantar comigo e com a minha esposa esta noite na minha cabina às oito da noite. – Sabia que, em barcos normais, aqueles que não tinham piratas como capitães, um jantar ocasional com o capitão era algo esperado pela tripulação de alta patente.

Assim que todos voltaram ao trabalho, Ronnie seguiu Gavin, que parou perto do leme. Um jovem chamado Brandon agarrava os fusos de madeira do leme com confiança. Não podia ter mais de vinte e um ou vinte e dois anos, mas parecia ser um jovem forte.

– Bom dia, capitão – disse o jovem, alegremente. Assentiu em vez de o saudar, dessa forma, podia continuar a segurar no leme.

– O senhor Phelps disse-lhe o nosso destino?

– Fê-lo, sim.

– Excelente. – Então, Gavin virou-se para os outros conveses, observando os homens a trabalhar. Havia uma paz em navegar com bom tempo, quando os homens podiam estar nos conveses, a escalar o cordame e a tratar das cordas e de outras coisas. Era um trabalho tranquilizante de que sempre desfrutara. As velas estavam cheias de vento e o céu estava limpo. Respirou fundo e a tensão nos seus ombros diminuiu.

– Capitão, qual é o nosso plano? – murmurou Ronnie, enquanto se afastavam do leme. Gavin aproximou-se do corrimão e encostou-se contra ele. Ronnie juntou-se a ele, com as pernas abertas e as mãos atrás das costas numa posição que rivalizaria com qualquer almirante.

– O nosso plano? – replicou Gavin.

– Sim, tem um barco e uma moça... eh, *esposa* – corrigiu Ronnie,

rapidamente. – Qual é o nosso plano? Pensei que iríamos atrás do *Sereia*.

– E vamos – prometeu ao seu amigo. – O Beauchamp tem de pagar pelo que fez. – Os rostos da tripulação leal que morrera a lutar no motim enchiam os cantos da sua mente, assombrando-o. Prometera que os vingaria e manteria essa promessa.

– Então, porquê arriscar-se a trazer a jovem a bordo, capitão? Ela só estará no caminho.

– Pararemos na minha ilha primeiro e deixá-la-emos. Estará suficientemente segura. Depois, iremos a Sugar Cove e recrutaremos homens para recapturar o *Sereia*. – Assentiu para a tripulação à volta deles. – Estes homens não escolheram ser piratas e não quero pô-los em perigo ou arriscar-me a outro motim.

– Precisamos de homens implacáveis – disse Ronnie, sabiamente.

– Sim – Gavin concordou. – Agora, é melhor ir e alimentar a minha esposa. – Deu ênfase à palavra de Ronnie com uma careta de troça. – Tenho de lhe explicar que temos de interpretar o papel de marido e mulher à frente da tripulação.

– Lamento, capitão. Pensei que seria melhor que pensassem que você não é do tipo de ter aventuras. Podia dar-lhes ideias.

Gavin riu-se com aquelas palavras «ter aventuras». Nunca gostara de se encontrar com prostitutas nos portos. Desfrutara dos favores de algumas mulheres anteriormente, era verdade, mas nunca fora a bordéis como a maioria dos homens. Descobrira que preferia a companhia de mulheres como Brianna Holland. Ela era uma pirata e a capitã do seu próprio barco. Desfrutara da camaradagem de partilhar a cama com alguém que compreendia a vida no mar e sabia como se mexer num barco. Porém, escapara por entre os seus dedos e casara-se com um oficial naval.

Desejava que corresse tudo bem a Brianna e ao seu marido, mas estava sozinho de novo. Talvez tivesse sido isso que o fizera traçar o plano louco de roubar Josephine ao seu irmão? Sofrera demasiadas perdas: o seu barco, a sua tripulação leal. E agora precisava de algo que pudesse reivindicar para si, mesmo que fosse apenas durante algum tempo.

Gavin deixou Ronnie no comando e desceu alguns conveses, para onde a senhora O'Malley, a cozinheira, estava a trabalhar. Era uma mulher vivaz com o cabelo escuro com alguns fios grisalhos. As suas mãos fortes agarravam o rolo da massa enquanto fazia o pão. Isso surpreendeu-o. A maioria dos cozinheiros não fazia pão enquanto estava a bordo. Ela também tinha limões frescos numa caixa e parecia que estava a espremê-los para uma garrafa de vidro para fazer limonada. Um frango acabado de assar descansava num prato de metal e o cheiro fez o seu estômago queixar-se. Quando a cozinheira

se apercebeu de que era observada, pousou o rolo da massa.

– Você deve ser o capitão – disse ela, deslizando um olhar crítico por ele.

Não conseguiu resistir a esboçar um sorriso encantador.

– Sou, sim. – Uma cozinheira contente significava comida melhor.

– O meu nome é Gavin Castleton. É um prazer conhecê-la.

– Ora, se não é encantador... – Ela riu-se. – Então, eu sou a Olive O'Malley. – Pegou num dos limões da caixa, cortou-o e deu-lhe um gomo.

– Há um senhor O'Malley? – desafiou-a Gavin, antes de saborear o gosto do limão ácido. Alguns marinheiros acreditavam que os limões preveniam o escorbuto. Sentia-se contente por ver que a cozinheira tinha o bom senso de fazer limonada com a fruta, visto que ele também acreditava que os limões ajudavam a saúde de um homem enquanto estava no mar.

– Oh, vá-se embora! – A mulher abanou um pano para ele. – Fique a saber que ele é o carpinteiro do barco.

– É um homem sortudo – disse Gavin e inclinou-se por cima do frango no prato para inalar o seu cheiro, com o estômago a queixar-se. – Posso levar este frango de aspeto divino para mim?

– E partilhá-lo com a sua amiga, espero? – perguntou ela, arqueando uma sobrancelha, desafiante.

– Sim, a Josephine, a minha esposa – disse ele, ainda a amaldiçoar silenciosamente o seu contramestre por causa daquela farsa, apesar de ter sido a melhor forma de fazer as coisas.

– Sim, leve-o e partilhe-o com ela. E leve isto. – Deu-lhe uma garrafa de vinho tinto e dois copos. – Ainda não tive a oportunidade de os pôr na sua cabina, mas disseram-me que os quereria lá.

Gavin olhou para a garrafa, percebendo que era bom vinho. Sorriu. Era mais uma prova de que Dominic planeava capitanear a primeira viagem daquele barco e levar Roberta com ele.

«É uma pena ainda maior que o Dom tenha perdido isto», pensou Gavin, com um sorriso arrogante. Em vez disso, ele e Josephine aproveitariam os benefícios dos planos bem traçados por Dominic.

– Obrigado, senhora O'Malley. – Piscou-lhe o olho, pegou no tabuleiro que ela preparara e dirigiu-se para a cabina do capitão. Enquanto regressava à sua cabina, pensando em Josephine à espera dele ali, teve uma ideia repentina.

Certamente, passariam quarenta dias ou mais no mar e não queria apressar a sua sedução. Conseguiria facilmente o que queria. Josephine era selvagem e reagia aos seus beijos, mas porquê acelerar a experiência? Sempre desfrutara de um desafio. Então, talvez esperasse e aumentasse lentamente o desejo de Josephine até ela suplicar que a possuísse. A sua união seria ainda mais doce por causa da fome que

crescera entre eles. Sim, isso dar-lhe-ia algo para se entreter naquela travessia. Quanto tempo é que um pirata conseguia passar sem tirar o que queria?

Com um sorriso, destrancou a cabina do capitão e entrou.

– Tenho comida, minha senhora. – O seu olhar deslizou pelo quarto. O quarto *vazio*.

«Mas que raios?» Entrou mais no quarto, tentando compreender o que via. Josephine não estava ali. O vestido azul prateado estava na cama, mas ela já não o usava.

– Josie?

Sentiu a carícia do vento atrás dele e virou-se a tempo de ver a porta da cabina a fechar-se e a trancar-se. Josephine passara por ele e só a vislumbrou pelo canto do olho. Fora mesmo Josephine? Pousou o tabuleiro na mesa com força e dirigiu-se para a porta fechada.

– Deixa-me sair, *agora*!

– É uma sensação tola estar trancado no quarto, não é? – gritou Josephine, através da porta, obviamente tentando conter uma gargalhada.

– Abre-a, *agora* – rosnou Gavin.

– Ou o quê, *capitão*? – perguntou ela, docemente. – Penso que devias tirar algum tempo para pensar em como tratar os teus convidados adequadamente e eu vou dar uma volta pelo barco enquanto o fazes.

Abanou a maçaneta furiosamente, sabendo que não se abriria.

– *Josie*! – gritou ele, mas os seus passos afastaram-se. Deu um pontapé à porta com um rosnado, mas a madeira era robusta. Deixou escapar outro grito, mas ninguém veio ajudá-lo.

Quando pusesse as mãos em cima dela, ia avermelhar-lhe o rabo. Com um grunhido, dirigiu-se para a mesa, deixou-se cair numa cadeira e começou a comer o frango assado, planeando centenas de formas perversas de castigar a sua «convidada» quando conseguisse libertar-se.

Imensamente satisfeita consigo própria, Josephine pegou na fita extra que tinha no pulso e apanhou o cabelo na base da nuca. Afastara-se da cabina, cantando uma música animada e ignorando Gavin enquanto praguejava e batia na porta.

Questionava-se porque Dominic tinha uma porta no seu barco que só se trancava por fora. Ainda assim, conhecendo Roberta e o seu temperamento, se o barco fosse atacado, Dominic teria literalmente de trancar a sua esposa na cabina para a manter a salvo. Josephine riu-se ao pensar que fora *ela* que beneficiara daquela tranca montada de forma tão estranha. Os homens eram criaturas tolas, sempre a trancar as mulheres e a pensar que era o correto.

Seguiu o cheiro da comida até ao corredor mais próximo e entrou na cozinha quase por acaso. Uma mulher elegante tratava do fogo no que Josephine reconheceu como o fogão da cozinha. À volta da mulher havia superfícies quentes com panelas e chaleiras rodeadas de grades de tubos de ferro. O fogão e o seu equipamento tornavam a mulher mais pequena, mas ela trabalhava na cozinha da mesma forma que Josephine imaginava que seis homens fariam nas suas posições de batalha. Virou-se, verificando as panelas que ferviam com carne de porco e de vaca, se os cheiros por baixo do nariz de Josephine fossem de confiar. Depois, a mulher tirou o pão do forno e substituiu-o por umas batatas pequenas cortadas que cheiravam ricamente a manteiga e alho.

– O que vais querer, rapaz? – começou a dizer a cozinheira, antes de levantar o olhar e arquejar. – Ora, não é um rapaz! – exclamou a mulher.

– Sim, é a minha grande falha ter tido o azar de nascer mulher – disse Josephine, com um suspiro dramático enquanto inalava os cheiros profundos da comida e o seu estômago se queixava.

A cozinheira recuperou e secou as mãos num pano limpo.

– Não era isso que queria dizer. Disseram-me que o capitão trouxe a esposa para bordo, mas não me disseram que havia *outras* mulheres. – Estudou a roupa de Josephine, deslizando curiosamente o olhar, antes de se concentrar na comida de novo.

Gavin dissera à tripulação que ela era a sua esposa? Josephine pestanejou e tentou pensar depressa.

– Eh... Sim, bom, sou, de facto, a esposa do capitão – admitiu ela, decidindo cooperar. Exigiria respostas a Gavin mais tarde. Era apenas

uma questão de tempo até alguém o ouvir a tentar abrir a porta trancada da cabina e o libertar. Até então, não ia desperdiçar a oportunidade de ser livre antes de ele voltar a prendê-la.

– *Você é a esposa do capitão?* – A cozinheira observou-a fixamente, voltando a observar a roupa masculina que Josephine usava.

– Sim, o meu vestido era... Era o meu vestido de casamento e não queria estragá-lo usando-o enquanto exploro o barco.

– Está a explorar o barco? – A cozinheira pronunciou as palavras em choque. – O seu marido sabe?

Josephine riu-se, incapaz de o evitar.

– Bom, sim. Ainda está a dormir na nossa cabina. Estava *exausto*.

Ao ouvir aquilo, a cozinheira riu-se.

– Oh, aposto que sim. Tem um homem muito bonito, menina. Mas até os melhores se cansam depois de fazer amor. O meu Davy também é assim. Fica a ressonar depois de um bom acasalamento e eu tenho de me levantar e cozinhar. – Ela revirou os olhos.

Josephine, em vez de se escandalizar com as palavras francas da cozinheira, sentiu-se completamente deliciada. Esticou a mão para a cozinheira.

– Sou a Josephine.

– Olive O'Malley. O meu marido é o carpinteiro do barco.

– É um prazer conhecê-la, senhora O'Malley.

– Olive, por favor, minha senhora.

– Então, debes chamar-me Josie – replicou Josephine, com um sorriso.

A cozinheira pousou um prato no balcão e começou a enchê-lo com pedaços de carne de vaca cozinhada. A carne desfazia-se com o mais leve dos toques do garfo que Olive usou para pegar nela e pô-la no prato. A visão da carne tenra fez com que o estômago de Josephine se queixasse.

– Suponho que o capitão te tenha levantado as saias e tenha ido direto à questão e não te tenha dado a oportunidade de comer o frango que te mandei?

Corando, Josephine assentiu. Certamente, podia fingir que fora para a cama com Gavin se a ajudasse a conquistar uma amiga... e uma comida deliciosa.

– Foi o que pensei. – Olive encheu o prato com mais comida e pão acabado de fazer, antes de dar um garfo a Josephine. Josephine começou a comer, quase sem se lembrar de comer como uma dama.

– Olive, o que podes dizer-me sobre o barco? Só sei que o meu irmão é o dono.

– Ah, é? Bom, é um bergantim e acho que tem doze armas e uma tripulação de oitenta e poucos homens.

– Foram armas giratórias que vi nos corrimões quando entrei a

bordo?

– Sim, são – disse Olive. – Conheces os teus barcos. – A cozinheira pareceu aprovar em vez de se zangar. Mas, mesmo assim, Josephine adivinhou que a cozinheira também era uma raridade.

– O meu irmão foi marinheiro durante muitos anos. Aprendi tudo o que pude com ele. – Não era bem uma mentira. Lera sobre piratas e sobre barcos toda a sua vida enquanto Dominic estava fora e não conseguira evitar aprender alguma coisa sobre barcos. O pai da sua mãe fora capitão de um barco espanhol e o seu pai passara muito tempo no mar quando era mais jovem. A navegação estava-lhe no sangue de ambos os lados.

– Bom, o teu irmão encomendou um bom barco. O meu marido disse que tínhamos sorte por trabalhar nele.

Josephine concordou. O barco era lindo. A madeira era limpa e polida, as superfícies tinham sido pintadas há pouco tempo. Era como uma casa de campo inglesa elegante a que tinham dado velas e tinham posto na água. Sentia-se muito em casa nele.

Ela e Olive trocaram bisbilhotices sobre a tripulação do barco enquanto Josephine comia. Quando simplesmente não conseguiu comer nem mais uma trinca, agradeceu à sua nova amiga e continuou a exploração do *Duende da Cornualha*. Quando chegou ao convés superior e sentiu o vento forte a varrê-lo para encher as velas que inchavam por cima dela, sentiu falta de ar. A visão daquela tela fresca e branca contra o céu azul limpo era *tudo* com que ela sonhara e, no entanto, de alguma forma, era ainda mais mágico do que ela poderia ter imaginado.

– Não há nada como ver o vento nas velas, eh? – disse um marinheiro velho perto do corrimão enquanto começava a trabalhar para reparar as pontas soltas de uma corda grossa que havia à volta dele em espirais desalinhadas. Parecia ter sessenta e muitos anos e ainda era magro e musculado. A sua pele estava gasta por baixo da barba branca e os seus olhos azuis brilhavam com uma malícia gentil.

– Sim, é a coisa mais bonita que alguma vez vi. – Josephine juntou-se ao homem ao pé do corrimão. Assentiu para as cordas que segurava. – O meu nome é Josephine. Posso ajudá-lo com isso?

– Não, consigo fazê-lo, mas pode fazer-me companhia. Um velho ainda gosta de olhar para uma mulher bonita quando tem oportunidade. O meu nome é Bartholomew. – Piscou-lhe o olho e sorriu, o que a fez rir-se.

– Oh, está bem, não posso rejeitar isso. De que falaremos?

– Bom, se puder satisfazer a curiosidade de um velho – disse ele, continuando a trabalhar com as cordas.

– Oh? Como assim?

– O seu marido, o capitão.

Parecia que todos a bordo tinham adivinhado que ela era a esposa do capitão. Josephine esperou que o marinheiro idoso fizesse a sua pergunta.

– Sim, o que se passa com ele? – Quando ela entrara a bordo na noite anterior, houvera apenas uma mão cheia de marinheiros que a tinham visto. Gavin levava-a tão depressa para dentro do barco que mal conseguira ver algum deles, contudo, todos sabiam que, supostamente, era a esposa de Gavin.

– Que tipo de homem é?

Ela ficou confusa com a pergunta.

– O que quer dizer com isso?

– Eh, ele parece... Bom, digamos apenas que vi muitos homens com esse olhar antes – disse o velho marinheiro, seriamente.

– Receio que continue sem compreender o que quer dizer.

O marinheiro suspirou.

– Ele atrai o perigo, é isso. Apostaria a minha vida nisso.

Josephine não podia discordar.

– Devia estar preocupado, menina? – perguntou o homem, num tom suave. – Tem mau feitio?

– Eu... bom, não tem... acho que não.

– O que quero saber é se chicoteará um homem até à morte por desobedecer às suas ordens.

– Oh, meu Deus, não, espero que não. – Josephine não conseguia imaginar Gavin a chicotear um homem ou sequer a ordená-lo. Mas a verdade era que só o conhecia há alguns dias e não podia prometer nada no que dizia respeito ao seu comportamento. Certamente, mudava de humor depressa, mas isso não era o mesmo do que ter mau feitio.

Antes de ela conseguir dizer mais, o seu «marido» emergiu do barco com um olhar sombrio e zangado. Parecia que alguém o libertara finalmente.

– Acho que vamos descobrir qual é o seu feitio – murmurou ela para si.

O marinheiro olhou para ela e para o capitão e juntou as peças.

– Sabe escalar?

– Sim – replicou ela, depressa.

– Então, dirija-se para a vigia na vela de cima. Há uma espécie de balde grande no meio das traves mestras. Talvez não a veja se se mexer depressa.

Josephine escondeu-se atrás das armas ao longo do convés e dirigiu-se diretamente para o mastro principal enquanto se esforçava para se manter escondida. Agarrou as cordas e subiu o cordame com uma velocidade que até ela se surpreendeu. Passou por alguns homens na sua subida enquanto eles trabalhavam para ajustar as velas.

Assentiu para eles e continuou a subir sem parar.

Quando finalmente chegou à vigia e subiu pela beira de madeira, manteve-se fora da vista. O seu coração acelerava enquanto esperava um bom bocado antes de se arriscar a espreitar por um dos lados. Gavin estava parado no convés traseiro, a falar com o primeiro-imediato. Respirou fundo com alívio. Não parecia estar à procura dela. Ambos sabiam que ela estava no barco e não podia fugir. Mesmo que não quisesse fazê-lo.

Lá em baixo, os homens começaram a cantar canções do mar ao mesmo tempo que trabalhavam. Josephine sorriu enquanto cantarolava também. O calor do sol depressa a fez adormecer e, como acontecia tantas vezes ultimamente, caiu de cabeça em sonhos excitantes que a faziam sorrir.

– NÃO HÁ sinal dela em lado nenhum, capitão – disse Ronnie, num tom baixo, no convés traseiro. Há apenas quinze minutos, Ronnie libertara-o da sua prisão na cabina do capitão. Tinham procurado no barco discretamente, sem querer alarmar a tripulação. Se os homens a bordo descobrissem que Gavin não fora realmente contratado como capitão do *Duende da Cornualha*, ele e Ronnie podiam ser subjugados e algemados no porão.

Quando não tiveram sorte abaixo do convés, subiram. Assim que Gavin pôs um pé no convés, tomou nota dos homens que trabalhavam naquele momento. Um marinheiro velho estava parado ao pé do mastro principal e estava claramente a evitar olhar para ele.

Gavin deslizou o olhar subtilmente pelo mastro e viu uma figura a saltar por cima do balde de madeira construído com uma largura suficientemente grande para albergar um homem de vigia. Ela desapareceu da vista. Não havia como confundir o seu rabo atraente.

– Não te preocupes, Ronnie. Encontrei a minha cativa perdida. – Gavin teve de se esforçar para não sorrir. – Não vai a lado nenhum.

– Ah, sim? Para onde foi a menina? – perguntou o seu imediato.

Assentiu subtilmente para o ponto de vigia.

– Vai trazê-la para baixo, então?

– Ainda não. O importante é que está longe do caminho de todos. Vou deixá-la divertir-se. – Não é que a mulher pudesse fugir do barco ou dele.

Gavin ficou no convés nas próximas horas com os seus homens e ficou algum tempo no leme antes de decidir subir o cordame para ver o que Josephine estava a fazer. Quando lá chegou, espreitou pelo topo e encontrou Josephine a dormir profundamente por baixo da sombra parcial da vela inchada. O sol passara o seu zénite há algumas horas e

agora a maior parte da vigia estava a uma sombra decente.

Parou por um instante para a observar a dormir. Vestira a roupa de Dominic, enrolara as pernas das calças para destapar as botas e pusera um cinto à volta da cintura para manter a camisa branca e larga dentro das calças. Os punhos da camisa tinham sido enrolados para que as mãos não ficassem cobertas pelas mangas compridas. Apanhara o cabelo em ondas brilhantes na base da nuca e prendera-o com uma fita. As suas pestanas compridas e espessas espalhavam-se pelas faces e a sua pele quente tinha uma nota da herança espanhola da sua mãe.

A rapariga era *maravilhosa*, quer usasse um vestido de noiva de cetim ou roupa de marinheiro. Toda a frustração anterior que sentira com as suas brincadeiras infantis desapareceu. Ela era muito inocente no que dizia respeito a como funcionava o mundo e, mesmo assim, a sua vontade de viver fazia-o pensar muito em Charity.

Mas não era um tolo. As duas eram mais diferentes do que iguais. Charity crescera em Londres e vira como o mundo funcionava lá. Soubera coisas da vida que aquela jovem não sabia. Charity não era calejada, mas também não tinha um coração inocente como o de Josephine. É claro, essa inocência desapareceria à medida que os anos passavam, mas a curiosidade e a coragem permaneceriam com ela. Tudo fazia parte da sua alma aventureira e chamava a atenção da alma dele.

– Onde estavas quando eu tinha dezassete anos? – murmurou para a mulher a dormir. Sabia que ela era apenas uma criança de nove anos, mas, naquele momento, desejou que fossem da mesma idade e que a tivesse conhecido quando era jovem. Se tivesse conhecido Josephine primeiro em vez de Charity, sabia que se teria apaixonado por ela. O pensamento incomodou-o mais do que esperava. Charity podia ter-se casado com Griffin e Gavin podia ter-se casado com Josephine. Então, os problemas entre ele e o seu irmão nunca teriam acontecido e...

Parou antes de os seus pensamentos se aprofundarem na melancolia. Não era bom pensar no que podia ter sido e esquecer-se de viver com a realidade do aqui e agora.

– Não estavas lá então, mas estás aqui *agora* e vou entesourar o tempo que tiver contigo.

Surpreendeu-se com o carinho que já sentia por Josephine. O seu plano fora levar a mulher que seria do seu irmão, mas, no fundo, sabia que fora mais do que isso. Ainda eram desconhecidos, porém, de alguma forma, a sua alma parecia chamar a dela como se se procurassem há séculos. Não quisera admiti-lo antes, mas estava ali, como os sinos da igreja a tocar numa manhã bela de primavera.

O vento mudou ligeiramente e o barco virou-se um pouco na água. Gavin segurou-se ao mastro, montando as ondas com o barco

enquanto o ar passava através da sua roupa. Era o mais perto que uma pessoa podia estar de voar, sentir-se como um petrel a seguir as correntes enquanto o som aquecia a sua pele e o mundo por baixo dele parecia infundável. Pela primeira vez em dias, aquela sensação terrível de areias movediças num relógio de areia desapareceu.

Olhou para Josephine, que continuava a dormir, e o seu sorriso feroz suavizou-se. Deixá-la-ia descansar. Contudo, só para a manter segura, pegou numa das cordas soltas que estavam parcialmente presas ao mastro e enroscou-a à volta do seu peito como uma espécie de arnês. Isso impedi-la-ia de rodar para um lado do ponto de vigia. Ela passara por muito e não havia nada como o descanso verdadeiro e profundo que se encontrava no mar. E apesar de, *supostamente*, ela ser a sua cativa, ele dera-lhe uma liberdade que mais ninguém poderia dar-lhe.

– Dorme – murmurou ele. – E sonha comigo. – Questionou-se se aquela criatura selvagem sonharia com ele, se o *quereria*. Causou-lhe uma dor profunda e surpreendente no peito, uma dor que apenas se aprofundava quanto mais olhava para ela.

Sabia o que era amar alguém com toda a sua alma e não ser correspondido. Fora rejeitado por Charity e depois por Brianna. Josephine não veria nada nele que desejasse para além de uma viagem rápida para o perigo e a excitação?

Não devia importar. Ele não precisava de ser amado. Aprendera há muito tempo como sobreviver sem isso. Mas ela não disparara simplesmente um tiro de aviso para o seu coração, estava a descarregar as suas armas no flanco e a preparar-se para entrar a bordo. O que aconteceria quando ela atacasse o seu coração e o reivindicasse?

Um grito súbito de que uma vela fora avistada chamou a sua atenção para os homens no convés por baixo dele. Ronnie estava no castelo da proa, a apontar para bombordo. Gavin seguiu a direção do homem e viu um barco a aproximar-se. Estudou o barco da sua posição no mastro, percebendo que um barco grande se aproximava depressa. Certamente, conseguiriam livrar-se dele, mas sentiu que não deviam fugir daquele barco. Desceu rapidamente pelo cordame e juntou-se a Ronnie no castelo da proa, que segurava uma luneta contra o olho.

– O que vê? – perguntou ele.

– Uma fragata naval. Estão a aproximar-se.

A atenção de Gavin concentrou-se na bandeira do Reino Unido que ondeava orgulhosamente ao vento no *Duende da Cornualha*. Não tinha cores senão essas e, por isso, estava agradecido. O *Duende* não era um barco pirata e seria seguro deixar que a fragata naval entrasse. Não encontrariam nada de mal. Só ele e Ronnie eram foras-da-lei. Tudo o

que tinham de fazer era manter o seu destino, não fazer nada suspeito e conseguiriam enganar a marinha para que acreditasse que estava tudo bem.

– Qual é o nosso plano, capitão? – perguntou Ronnie, passando a luneta a Gavin para que pudesse ver o barco que os perseguia.

– Interpretamos os nossos papéis, continuamos a navegar a não ser que nos parem. O Griffin disse que a marinha patrulhava a costa. Muito provavelmente, é apenas outro barco a fazer as suas rondas.

– Mal nos afastámos um dia da costa – queixou-se Ronnie.

– Sabíamos que nos arriscaríamos a isto – recordou Gavin ao seu amigo. – Mas, pelo menos desta vez, temos uma tripulação como deve ser e um barco legal. Não saberão o que somos... nem sequer a nossa própria tripulação sabe.

– Sim. Mas ainda me deixa nervoso.

– Serias louco se não fosse assim – disse Gavin.

Gavin respirou fundo para se acalmar e rezou para que a fragata os deixasse em paz, mas a sorte não estava com ele naquele dia. Dentro de uma hora, a fragata apanhou-os e fizeram-lhes sinal para que permitissem que um grupo de homens do barco naval pudesse entrar a bordo para uma inspeção. Com um ar sombrio, Gavin e Ronnie prepararam-se para o encontro com o grupo de homens. Vigiar o ponto de vigia e ainda não vira Josephine a acordar. A mulher conseguia dormir com a excitação no convés por baixo dela e isso preocupava-o e divertia-o ao mesmo tempo. Aprendera há muito tempo a nunca dormir muito profundamente. Um homem podia acabar com a garganta cortada no seu próprio barco se não tivesse cuidado.

– Faças o que fizeres, cinge-te à história – aconselhou Gavin ao seu amigo. – Fomos contratados pelo Dominic Greyville para navegar para as Índias Ocidentais.

– Sim – replicou Ronnie, enquanto iam receber os oficiais que se aproximavam do barco.

GRIFFIN OLHOU à volta da cabina que lhe tinham atribuído a bordo do barco de Brianna Flynn, o *Serpente do Mar*. Graciosamente, ela e o seu marido tinham concordado acompanhá-los, a ele, a lorde Camden, a Adrian e a Dominic até às Índias Ocidentais para perseguir o seu irmão.

Lady Camden, Roberta e a criada adorável, Vesper, também tinham vindo, para ajudar Brianna e Nicholas a tomar conta do seu filho, Asa, que tinha apenas três meses.

Griffin ficara chocado ao ver o bebé a ser levado por Brianna num

lenço especial que mantinha a criança segura contra as suas costas. Só vira algumas mulheres a fazer isso antes; mulheres que trabalhavam nos campos perto das casas dos pequenos agricultores nas suas terras. Dominic apercebera-se da expressão assustada de Griffin e explicara-lhe que Brianna era mais uma marinheira do que uma dama no seu coração, e recusava-se a navegar sem o seu filho sendo tão pequeno.

Griffin chamara a atenção para os possíveis perigos para a criança, tal como para as mulheres a bordo, mas Dominic escolhera os ombros e respondera que nunca ninguém conseguira dizer à sua esposa e à sua mãe o que fazer. A criada Vesper estava tão ansiosa por causa de Josephine que ele simplesmente não conseguira recusar-se quando suplicara para os acompanhar.

Em apenas um dia de navegação, Griffin aprendera muito mais sobre os seus vizinhos e as suas ligações com os piratas do que alguma vez teria gostado de saber. Entre o seu irmão e a *família* da sua noiva parecia que estava *rodeado* de piratas.

– Já te acomodaste, Castleton? – perguntou Dominic, da porta da cabina de Griffin, que não se apercebera da sua chegada.

– Sim. Tens a certeza de que o Gavin se dirige para as Índias Ocidentais? Não quero seguir pistas falsas até ao outro lado do mundo.

Dominic estava de pé com os braços cruzados enquanto estudava Griffin.

– Tenho a certeza. Disseste que o seu próprio barco foi levado e eu sei o que o *Sereia* significa para ele. Irá atrás dele e dos piratas que o roubaram. Esses homens regressão às águas que conhecem, o que significa as Índias Ocidentais. Ainda mais, ele tem a minha tripulação, que contratei, e que, com quase toda a certeza, não sabe que ele é um pirata. Se for inteligente, manterá a tripulação leal a ele navegando pela rota que eu tinha planeado originalmente, o que o levará para a minha casa em King's Landing.

– Ah, sim, isso faria sentido – replicou Griffin. O seu irmão era astuto e, certamente, manteria a tripulação mercante do seu lado, interpretando o papel de um capitão contratado. A questão era, como explicaria a presença de Josephine àqueles homens?

– O jantar estará pronto em breve. Vem à cabina do capitão dentro de uma hora.

– Obrigado. – Griffin assentiu e Dominic saiu do quarto.

Griffin concentrou a sua energia em guardar as malas de viagem e arrumar a secretária no canto da sua cabina com alguns livros que trouxera. Era uma tolice, ele sabia, querer levar alguns livros com ele, mas ler sempre o acalmara quando estava preocupado. E, conhecendo o seu gémeo, aquela viagem causar-lhe-ia uma boa dose de preocupação. Quando finalmente saiu da cabina e seguiu pelo

corredor, ouviu alguém a praguejar suavemente na cabina ao lado da dele. A porta da cabina vizinha estava parcialmente aberta e viu Vesper a examinar, preocupada, os vestidos que trouxera para quando salvassem Josephine.

O cabelo loiro de Vesper espalhava-se pelos ombros em ondas brilhantes e o seu rabo abanava enquanto se dobrava por cima de um baú cheio de vestidos.

Uma onda súbita e inesperada de luxúria atingiu Griffin, vinda do nada. Não se sentira assim desde que Charity falecera. Vesper parecia linda com um vestido verde-pálido com anáguas cremes e um corpete dourado. Era muito mais bonito do que o que uma criada usava normalmente, mas, dado o que ficara a saber sobre as suas origens e o que Dominic lhe dissera sobre Josephine a tratar mais como uma companheira do que uma criada, era pouco surpreendente vê-la vestida como uma dama e não como uma criada.

Clareou a garganta, fazendo com que Vesper desse um salto e se virasse.

Era arquejou e os seus olhos verdes brilharam de surpresa.

– Meu senhor! Lamento tê-lo incomodado. Pensei que ninguém me ouviria.

– Não me incomodaste, Vesper – assegurou-lhe. – Tu... não te importas que te chame Vesper, pois não? – Rezou para que concordasse que a chamasse Vesper. Queria desesperadamente chamá-la pelo seu nome próprio.

Ela hesitou e depois abanou a cabeça.

– Não, meu senhor.

– Ótimo, ótimo. Já te acomodaste nos teus aposentos?

Ela assentiu com o rosto um pouco pálido.

– Receio que nunca tenha estado num barco antes. É um pouco assustador estar rodeada de tanta água. Estou a tentar manter-me ocupada e não pensar no facto de não saber nadar. O meu pai achava que não era necessário que a sua filha aprendesse tais coisas, só o seu filho.

– O teu pai? Era o Squire Trenton, não era?

Ela corou e olhou fixamente para os seus sapatos.

– Conhecia-o?

– Não pessoalmente, não. Mas ouvi falar sobre o que aconteceu.

Griffin investigara discretamente a família de Vesper pouco depois de a ver pela primeira vez. Descobrira que era a filha de um cavalheiro do campo e, segundo percebera, o seu pai sofrera algum tipo de desgraça financeira que deixara a família numa situação desesperada. Era por isso que Vesper trabalhava como criada.

Nada disso detivera o interesse de Griffin. Sentia-se estranhamente mais confortável com Vesper do que com Josephine. Estava na sua

natureza proteger as mulheres, tomar conta delas acima das suas próprias necessidades, e havia algo em Josephine que o avisava de que nunca conseguiria dar-lhe o que precisava para ser verdadeiramente feliz. Tinha uma sensação terrível de que talvez só conseguisse contentá-la.

Mas Vesper... A forma como olhava para ele quando pensava que ele não via, sabia que ela o queria. Não era simples desejo carnal, apesar de certamente estar presente, mas também havia algo mais profundo, algo que o fazia sentir medo e excitação ao mesmo tempo. Há muito tempo que esses sentimentos não entravam no seu coração.

Não devia ter sentimentos pela criada da sua noiva, mas simplesmente não conseguia manter-se afastado daquela mulher. Ela puxava-o com uma gravidade calada, mas intensa, que era única nela, como a terra puxava a lua.

– Se ouviu falar do que aconteceu ao meu pai, então, não devia estar a falar comigo, meu senhor. – Subitamente, ela fungou e concentrou-se de novo nos vestidos de Josephine.

Sem querer ver Vesper incomodada com algo que ele dissera, Griffin aproximou-se e pousou-lhe suavemente uma mão no braço. Assim que os dedos tocaram nela, pareceu criar um sussurro tempestuoso na sua pele. Ela endireitou-se e olhou para os seus olhos.

– As ações do teu pai magoaram-te, mas não são culpa tua. Tens de deixar esses fardos para trás – disse ele.

Um brilho de fúria apareceu nos olhos verdes, o que o assustou.

– Como posso deixá-los para trás? Ele obrigou toda a minha família a trabalhar, a ser humilhada entre aqueles a que uma vez chamámos amigos. Não tenho vergonha de trabalhar, mas tenho vergonha de ser julgada pelos outros.

Griffin segurou-lhe o queixo, virando-lhe suavemente o rosto para olhar para ele.

– Não encontrarás julgamentos aqui.

Ela mordeu o lábio inferior com frustração e isso foi demasiado para ele resistir. Inclinou-se e pressionou os lábios contra os dela. O beijo foi suave e doce, mas, um instante mais tarde, um fogo ganhou vida entre eles. Segurou-lhe a nuca e aprofundou o beijo, saboreando a sua boca enquanto punha a língua entre os seus lábios. Pela primeira vez desde que perdera a esposa e o filho sentiu que conseguia respirar, e Vesper era o ar de que os seus pulmões precisavam.

Ela gemeu contra os seus lábios, pousou-lhe a mão na nuca e retribuiu o beijo. A sua alma explodiu dentro do peito e pareceu voar por cima dele até quase ficar tonto com a satisfação que sentia.

O barco desceu e subiu com uma onda, fazendo com que ambos cambaleassem. Ele segurou-a pela cintura, puxando-a contra o seu corpo enquanto se apoiava contra a parede da cabina. Entreolharam-

se durante um longo instante, com os corpos juntos.

– Oh, meu Deus – disse Vesper, com os olhos brilhantes.

– Mas que raios... – ecoou ele, concordando sombriamente.

Josephine acordou de repente com os sons de homens a gritar. Pestanejou para afastar o sono dos olhos e espreitou por cima da beira da plataforma de vigia no mastro principal. Esperava ver Gavin a ordenar à tripulação do *Duende da Cornualha* que a procurasse, mas o que viu, em vez disso, encheu-a de medo. Uma fragata naval flutuava a cento e oitenta metros a bombordo do *Duende* e havia um grupo de pessoas num bote a remar na direção deles.

Semicerrou os olhos para o bote e pensou que vislumbrava pelo menos um oficial de uniforme a bordo. Nos conveses do *Duende*, a tripulação estava em sentido enquanto Gavin e Ronnie se inclinavam por cima do corrimão de frente para a fragata, a observar o progresso do bote que se dirigia para eles.

Josephine tinha de agir depressa. Começou a mexer-se, mas descobriu uma corda atada ao seu peito, prendendo-a de forma segura à vigia. Bartholomew subira e prendera-a aos mastros? Devia tê-lo feito, o querido velhote. Tomou nota mental para lhe agradecer mais tarde. Abandonou o seu esconderijo na vigia do mastro principal e desceu o cordame apressadamente. Consequia ouvir as vozes dos homens da marinha a tornar-se mais altas enquanto subiam a bordo.

Alguém assobiou e Josephine olhou à sua volta. O marinheiro mais velho estava atrás da tripulação do *Duende* e apontava para um lugar ao lado dele.

– Anda cá – murmurou o homem.

Compreendendo o que ele queria, ela atravessou rapidamente o convés e parou ao lado dele. Lançou-lhe um olhar interrogativo quando chegou ao pé dele. O homem olhou para baixo e ela seguiu o seu olhar até onde ele abanava um chapéu de abas para ela.

Agarrou o chapéu que ele lhe esticava e pô-lo prontamente por cima da cabeça. A aba desceu, escondendo-lhe a cara. Apesar de ter o cabelo apanhado numa trança, ainda era demasiado comprido para a maioria dos homens, mas, com sorte, ninguém olharia com demasiada atenção naquele momento.

– Muito bem, menina – disse o velhote. – Agora, não te mexas.

O oficial inglês entrou no *Duende*. Alguns outros homens seguiram-no, pondo-se rapidamente em formação de frente para a tripulação do *Duende*.

– Sou o primeiro-tenente Landers do *HMS Torrington*. Desejo falar

com o mestre deste barco. – Era um homem alto com uma peruca branca e um corpo bastante musculado. Claramente, era um oficial experiente, não um jovem aspirante.

– Sou o Gavin Castleton, mestre do *Duende da Cornualha*. Damos-lhe as boas-vindas a bordo, tenente.

– Obrigado, capitão Castleton. – O olhar frio do tenente explorou o barco e Josephine olhou para os pés, rezando para que não olhasse para ela.

– Olha mais para cima – disse o velho marinheiro, num sussurro áspero. – Ou suspeitará que se passa alguma coisa contigo.

Josephine levantou a cabeça de novo, mas agora tinha demasiado medo de respirar, não fosse essa ação chamar a atenção para os seus seios livres.

– Não se importa que inspecionemos o seu porão? – perguntou o tenente a Gavin.

– É claro que não. Por favor, procure onde quiser, tenente.

Gavin acompanhou o oficial naval enquanto o tenente passeava pelo convés com as mãos juntas atrás das costas. Gavin conversava casualmente com o oficial e Josephine ouvia ocasionalmente algumas partes da sua conversa.

– As minhas desculpas. Tenho de fazer isto com todos os barcos, você compreende – explicou Landers.

– É claro – replicou Gavin.

– Há piratas por perto, você sabe. Rotas de comércio. Tenho de me manter vigilante... – O resto das suas palavras perdeu-se na brisa.

Passaram vinte minutos de silêncio tenso para Josephine e para a tripulação do *Duende* até o oficial e Gavin regressarem ao convés.

– Imagino que tenha pressa para seguir o seu caminho, mas, se estiver interessado, o nosso capitão adoraria que você e a sua esposa jantassem com ele.

Josephine encolheu-se quando ouviu a palavra «esposa». Gavin dissera ao homem que tinha uma mulher a bordo?

– Eh... – Gavin hesitou.

– Por favor, aceite. Não é todos os dias que encontramos companhia no mar e temos ainda menos oportunidade de ter companhia feminina. – O oficial parecia tão sincero que teria sido de má educação recusar.

– Muito bem. Quanto devemos ir ao vosso barco? – perguntou Gavin.

– O sol pôr-se-á dentro de algumas horas, mas o nosso capitão janta cedo. Que tal daqui a meia hora?

– Obrigado. – Gavin apertou a mão do tenente e ajudou o homem a passar por cima do corrimão e a descer para o bote que esperava por ele.

Assim que o oficial naval saiu da sua vista, a tripulação respirou fundo de alívio e voltou para as suas posições. Josephine seguiu o velho marinheiro pelo convés, mas Gavin passou por ela enquanto ia na direção oposta e agarrou-lhe o braço, virando-a depressa para a acompanhar abaixo do convés.

– Espera, não consigo mexer-me tão depressa! – Ela arquejou e cambaleou pelo corredor atrás dele. Dava passos tão grandes que ela não conseguia seguir o seu ritmo.

Só quando ficaram fora da vista do outro barco é que a deixou ir.

– Como raios sabias que era eu?

– Conheceria a curva desses seios em qualquer lado – declarou Gavin. – Menina, temos de jantar com aqueles oficiais do *Torrington*. Tens de te vestir depressa e vir comigo.

– Como tua esposa? – acrescentou, secamente, tirando o chapéu velho que usava.

– Sim, a minha esposa amante e devota. Esta é a nossa viagem de lua-de-mel e estamos a celebrar a minha nova posição como mestre do *Duende da Cornualha*.

Ela bateu com o dedo no queixo, pensativa.

– Então, não devia mencionar que és um pirata que me raptou na véspera do meu casamento? – Estava a gozar com ele, mas ele não parecia aperceber-se.

Aproximou-se para a pressionar contra a antepara mais próxima com o seu corpo e segurou-lhe a face. Os seus rostos estavam próximos e os seus olhos eram escuros enquanto a observava com seriedade.

– Se mencionares piratas, então, o Ronnie e eu somos homens mortos e a tripulação certamente acabaria na prisão ou talvez fosse enforcada.

– Gavin, estava apenas a brincar – disse ela, mais seriamente.

– Isto não é algo com que possas brincar, menina. Tenho a tua palavra de que vais ficar calada?

– É claro – prometeu ela. – Não direi uma palavra.

– Muito bem. – Ele relaxou e sorriu para ela. – Esta noite, discutiremos o teu castigo por me trancares na minha cabina.

– Castigo? – repetiu ela, com mau feitio. – Trancaste-me primeiro.

Gavin ignorou o argumento.

– Penso que o teu rabo precisa de algumas palmadas. Depois disso, veremos. – Inclinou-se mais alguns centímetros e beijou-a. Era cru e perverso. Agarrou-lhe o rabo com uma mão e deu-lhe uma palmada leve. Ela deu um salto e depois gemeu quando se seguiu uma onda de calor inesperado.

Ele deu um passo atrás.

– Veste um dos vestidos daquele baú e juntar-me-ei a ti em breve. – Afastou-se e voltou a subir as escadas. Em pouco tempo, conseguiu

ouvi-lo a gritar ordens aos homens.

Com um suspiro pesado, regressou à cabina do capitão e tirou a sua roupa de marinheiro. Do baú, escolheu um vestido cor de pêssego com anáguas azuis. Conseguiu apertar o espartilho quase até ao topo, mas praguejou quando não conseguiu acabar sem ajuda. Como se respondesse a uma prece silenciosa, a porta abriu-se. Sentiu-se realmente aliviada ao ver Gavin a entrar.

– Precisas de ajuda? – perguntou ele e os seus olhos deslizaram pelo vestido.

– Infelizmente, sim.

Ele aproximou-se por trás e pousou as mãos suavemente nos seus ombros nus. O toque fazia a sua pele fresca arder deliciosamente.

Ele riu-se.

– Preferia tirar-te esse vestido a ajudar-te a vesti-lo. – A sua mão deslizou pelas costas dela antes de apertar o espartilho com força, apesar de não o apertar demasiado. Depois, ajudou-a com as saias e abotoou-lhe o vestido por trás. Ela esticou a palma de uma mão contra o peitilho bordado do seu corpete.

– Isto mal te serve, mas terá de ser suficiente – observou Gavin. Nenhum deles podia ignorar que aquele espartilho apertado se pressionava contra os seus seios.

– Este vestido é da minha cunhada. Ela é mais baixa do que eu e tem o peito mais pequeno, mas, felizmente, não muito.

– Bom, nunca vou queixar-me de um peito maior. – Observou-a com um ar brincalhão antes de agarrar os últimos dois laços e apertá-los. Já sabia que devia esconder os fios dos laços por baixo da sobressaia e ela questionou-se quantas mulheres tinha despido e vestido para estar tão familiarizado com um detalhe tão ínfimo, mas tão necessário.

– Ajudaste muitas mulheres a vestir os seus vestidos? – perguntou Josephine.

– Algumas, mas não tantas como imaginas. Não sou homem de prostitutas. Pelo menos, não de acordo com o meu contramestre.

– Um homem de prostitutas? – Josephine não sabia se devia rir-se ou sentir-se insultada.

– Não te preocupes com as prostitutas, menina. – Gavin beliscou-lhe o rabo. – És a única mulher com quem estarei nos próximos tempos. Agora, apressa-te e arranja o cabelo.

Concentrou a sua atenção no baú de Dominic, tirando um par elegante de calças amarelo-escuras e um casaco de brocado azul. Ela usou o pente de madrepérola de Roberta para domar as ondas do seu cabelo enquanto Gavin se vestia. Espreitou algumas vezes pelo canto do olho enquanto ele mudava de roupa. Havia algo íntimo em estar no mesmo quarto do que um homem enquanto se vestia. Algo que um

marido e uma mulher a sério poderiam fazer.

– Como me tornei tua esposa? – perguntou ela, questionando-se como o rumor se espalhara pelo barco.

– Oh... Sim, suponho que tenhamos de ter alguma história para os oficiais, não é?

– Sim, precisarei de saber como nos conhecemos, mas também quero saber porque a tripulação pensa que sou tua esposa.

Ele vestiu o casaco. O brocado azul rico acentuava os tons mais claros do seu cabelo castanho, que ele apanhou numa trança e atou com uma fita. Naquele momento, viu claramente que Griffin e ele eram gémeos idênticos. Ele podia passar por Griffin para alguém que não conhecia nenhum deles de perto.

– O Ronnie disse à tripulação que és a minha esposa. Aparentemente, havia alguma preocupação e as superstições habituais entre a tripulação por haver uma mulher a bordo, por isso, tranquilizou-os, dizendo que és uma mulher nobre e que nos casámos. Poucas tripulações querem um sedutor como seu capitão. Mostra falta de disciplina e precisam de confiar em que um homem consegue controlar-se.

– A sério? Pensei que os piratas gostavam...

– Estes homens não são piratas, Josephine. O teu irmão contratou uma tripulação de homens honestos. Ainda assim, até os piratas têm regras sobre ter mulheres a bordo. Pode ser motivo de problemas ter mulheres nos barcos. Se houver demasiados homens e apenas uma mulher... leva a lutas. E um barco em viagens longas e perigosas não pode ter dúzias de mulheres a bordo para servir as necessidades dos homens.

A honestidade brutal de Gavin sobre o uso das mulheres nos barcos encheu a cabeça e os ouvidos de Josephine de um zumbido suave. Ele também via as mulheres dessa forma? Como objetos que podiam ser usados?

– Não tens nada a temer, Josie. Não deixarei que te magoem. – Pôs a palma da mão no seu braço.

– Não é isso que me preocupa. É a ideia de as mulheres serem usadas apenas para um propósito... servir o prazer do homem... e não serem vistas como mais nada. Não somos marionetas que podem usar e deitar fora. Temos vidas, temos almas e corações... não somos *coisas*.

O rosto de Gavin endureceu.

– Concorde contigo. Acontece, mesmo que não devesse. A mudança é sempre lenta a chegar porque a mudança significa conflito e a maioria do que chamamos nações civilizadas tenta evitar os conflitos, apesar de isso significar permitir que o mau comportamento continue sem ser desafiado. – Passou os dedos pelo queixo dela. Os seus olhos eram suaves e estavam demasiado cheios de compaixão

para um homem que vivia fora da lei. – Agora, vem comigo e vamos enganar aqueles homens da marinha.

Josephine seguiu-o para o convés e, com a ajuda de alguns marinheiros, saiu por um lado do barco e desceu as escadas para um bote que esperava por eles. Levaram-nos a remar pela distância curta até à fragata que estava por perto. Era uma massa grande que fazia com que o barco do seu irmão parecesse um duende do folclore que lhe dera o seu nome. Ainda assim, ela adivinhou que, se houvesse uma corrida em mar aberto, o *Duende* conseguiria ganhar à fragata se precisasse de o fazer. Contudo numa batalha entre os barcos, o *Torrington* certamente destruiria o barco mais pequeno por completo.

Quando entrou a bordo do *Torrington*, foi recebida por uma fila de oficiais desde guardas-marinhas jovens até ao capitão, que estava em forma, mas era um homem sólido com quarenta e muitos anos. O capitão fez uma vénia profunda quando Gavin e Josephine pararam à frente dele.

– Minha senhora, por favor, perdoe-me. Às vezes, esqueço-me das dificuldades de transferir as mulheres entre os barcos. Contudo, admito que é um prazer tê-la a jantar connosco esta noite.

Josephine nunca fora uma mulher que desejava a atenção dos homens e ter dúzias de olhos masculinos a observar o seu peito não foi bem-vindo. Recordou-se que era a filha de um conde e que aquele espetáculo salvaria a vida de Gavin.

– Muito obrigada, capitão. Será maravilhoso jantar com uns oficiais tão bonitos da marinha de Sua Majestade.

Os oficiais que estavam mais perto, quase todos perto da idade de Josephine, coraram com o elogio.

– Sou o capitão James Anderson.

– Eu sou o Gavin Castleton, mestre do *Duende da Cornualha*. É um prazer apresentar-lhe a minha esposa, Josephine.

O capitão segurou a mão de Josephine e deu-lhe um beijo cortês no dorso dos dedos. Depois, deu-lhe o braço e acompanhou-a à cabina do capitão, onde havia um festim extravagante preparado. Ajudou-a a sentar-se e só depois é que os outros homens se sentaram.

– Gostaria de beber um copo de vinho da Madeira? – perguntou-lhe o capitão.

– Sim, obrigada. – Aceitou, mas apercebeu-se de que Gavin rejeitava educadamente, usando a desculpa de que estaria de serviço naquela noite.

– Senhor Castleton, presumo que esta seja uma viagem de lua-de-mel para si? – perguntou o terceiro-tenente. Era um jovem com não mais de vinte ou vinte e um anos, com uma atitude acanhada.

– Sim, estamos casados há menos de uma semana – mentiu ela, sem dificuldade, e qualquer calor no seu rosto que pudesse aparecer

coincidiria com a mentira de uma noiva jovem e tímida.

Gavin ficou tenso ao lado dela, mas ela duvidou que alguém na mesa se tivesse apercebido. Naquele momento, todos os olhos estavam fixos nela.

– Gosta do mar? – perguntou o capitão Anderson, quando todos começaram a comer um prato de peixe fresco.

– É realmente adorável – replicou ela.

A atenção concentrou-se em Gavin.

– E para onde se dirige, capitão Castleton? – perguntou o capitão Anderson.

– Para as Índias Ocidentais – replicou Gavin, com um sorriso amigável. – O meu cunhado é o dono deste barco e dirigimo-nos para as propriedades que tem lá.

– E quem é o seu cunhado? Talvez o conheça – quis saber o capitão. Josephine apercebeu-se demasiado tarde de que aquele não era apenas um jantar. Era um *interrogatório*.

– O filho do conde de Camden. – Gavin pôs a mão no joelho de Josephine por baixo da mesa quando se apercebeu de que a tensão crescia. Ela respirou fundo, tentando manter-se calma.

Um dos tenentes pareceu surpreendido.

– Não foi o homem que... – O capitão Anderson lançou um olhar cortante ao homem e ele calou-se rapidamente.

– O meu irmão foi recentemente perdoado pelo rei. – Josephine sabia o que aqueles homens pensavam. A história do salvamento do seu irmão da força e do perdão real que o seu pai conseguira para o salvar espalhara-se por todos os cantos.

– Sim – disse o capitão, lentamente. – O pirata.

– *Antigo* pirata – indicou Josephine e depois passou o braço à volta de Gavin num espetáculo que esperou que parecesse de afeto matrimonial. – O meu marido só concordou capitanear o seu barco atual quando teve as garantias necessárias das autoridades de que a nossa viagem seria completamente legal. O meu marido segue a lei à letra.

– Não gosto de pirataria – concordou Gavin, solenemente. – Um assunto terrível. Não é possível gerir um império e fazer trocas comerciais com esses rebeldes à solta nos mares. – Falou com um desprezo tão convincente que Josephine teria acreditado nele e no seu ódio pelos piratas se não soubesse a verdade.

Ela tentou mudar de assunto.

– Capitão, já estive nas Índias Ocidentais?

– Oh, sim, muitas vezes. – O capitão sorriu carinhosamente, como se ela fosse uma criança.

Josephine aproveitou a sua vantagem.

– Gostaria de passar algum tempo lá com o meu marido antes de

fazermos a viagem de regresso a Inglaterra. Recomendaria algum lugar que seja adequado visitar?

– Oxalá pudesse dar-lhe conselhos, mas, em vez disso, peço-lhe cuidado. Os espanhóis ainda nos causam problemas e seria melhor ficarem em regiões controladas pelos ingleses enquanto estiverem nas ilhas.

– Oh, estou a ver. – Josephine fingiu sentir-se desiludida, mas não temia os espanhóis. Era meio espanhola, afinal de contas. Duvidava que Gavin tivesse medo deles.

Quando a refeição terminou, Josephine já conseguira levar a conversa para águas mais seguras. Sempre que os oficiais puxavam o assunto dos piratas ou das atividades ilegais, ela fazia uma pergunta tola do estilo do que os homens esperariam de uma mulher que não sabia nada sobre a vida no mar.

– Bom, muito obrigado, capitão Anderson. Gostámos muitíssimo da vossa companhia esta noite, mas temos de voltar para o meu barco. Temos um horário para cumprir e os ventos são amantes instáveis.

A mão de Gavin estava novamente no joelho de Josephine por baixo da mesa e deu-lhe o que pareceu um aperto congratulatório.

– Foi um prazer. – O capitão Anderson e os seus oficiais levantaram-se assim que Josephine se levantou da cadeira e o capitão voltou a segurar-lhe a mão para a beijar. – Imagino que o seu marido desfrute da sua lua-de-mel consigo. É uma companhia encantadora.

Josephine corou ao perceber o que o homem queria dizer, o que aumentou a fachada feminina delicada.

– Certamente, fá-lo-ei. – Gavin piscou-lhe o olho e acompanhou-a para fora da cabina, antes de ela conseguir descobrir como devia responder ao elogio do capitão.

Assim que regressaram ao *Duende da Cornualha*, os ombros de Josephine caíram quando a tensão presa dentro dela se libertou finalmente. Gavin falou em privado com Ronnie por um instante e depois voltou para ao pé dela, segurando-a suavemente pela cintura enquanto estavam de pé no convés iluminado pela lua.

– Fizeste-o muito bem, menina – disse ele. Antes de ela conseguir responder, ele levantou-lhe o rosto e beijou-a. Um zumbido quente como abelhas num dia de verão encheu-lhe o peito e inclinou-se para ele, saboreando a sua força enquanto se rendia ao beijo. Ele aprofundou-o, separando-lhe gentilmente os lábios com a língua para tocar na dela e ela esqueceu-se completamente de que estava no convés e à vista da tripulação.

Ela não sabia quanto tempo o beijo durara. Podiam ter sido minutos ou horas. Perdera-se no seu sabor, na sensação do casaco por baixo dos dedos, nas madeixas sedosas do seu cabelo que o vento despenteava e no toque da sua barba incipiente contra as faces. Nada

do que ela imaginara sobre beijar um homem se comparava com o que sentia agora enquanto beijava Gavin.

Era igual a como se sentia quando escalava o cordame enquanto o barco navegava no mar sem ondas, com o vento atrás deles. Era como estar no *céu*. Aquela seria uma das suas memórias mais prezadas para levar para a sua próxima vida, a lembrança do beijo de Gavin e do seu elogio nos ouvidos dela.

Quando finalmente se afastaram, ambos se viraram para observar a sombra grande do *Torrington* a tornar-se mais pequena enquanto os barcos se afastavam. Depois, sem dizer uma palavra, Gavin levou-a para a sua cabina e fechou a porta. Ele encostou-se contra a porta e observou-a com os olhos velados.

– Gavin? – Ela disse o seu nome como uma pergunta, apesar de ainda não saber bem o que perguntava realmente.

– Estou realmente orgulhoso da tua atuação esta noite. – O seu elogio fê-la corar de puro prazer. Ela também pensava que se saíra bem, mas era bom ouvi-lo a concordar.

Ele afastou-se da porta e dirigiu-se lentamente para ela por trás. Quando se aproximou, passou as palmas das mãos pelo seu corpete e, apesar das camadas de tecido, ela sentiu o calor da palma a queimá-la como se a marcasse. Observou o rosto dele enquanto o examinava por cima do ombro, bebendo a visão dele como se fosse a primeira vez que o via. O seu sangue ardeu com uma excitação nova. Aquela seria a noite em que a reivindicaria da forma que ela desejava desde o momento em que tocara nele pela primeira vez?

– Apesar da tua atuação brilhante, acho que ainda te devo um castigo, menina – disse ele, num tom brincalhão, mas a sua voz era suave e ligeiramente rouca com a excitação. Um arrepio de consciência do seu tamanho e força atravessou-a, fazendo o desejo crescer-lhe na barriga. Ele ainda lhe acariciava o corpete, descia até às ancas e voltava a subir para os seios, antes de deslizar a mão para o seu pescoço e enroscar os dedos suavemente à volta dele à medida que puxava o seu corpo contra o dele. Não a apertou nem a agarrou com mais força pelo pescoço, mas ela sabia que ele conseguia sentir o seu coração acelerado por baixo da ponta dos dedos. Os olhos castanhos tinham uma nota de perigo que a preocupava. Ainda não o conhecia realmente como homem e não sabia o que ele acharia um castigo apropriado. – Tens medo de mim? – sussurrou-lhe ao ouvido.

– Não exatamente – confessou ela. O seu corpo ardia por ele, mas ainda tinha um pouco de medo... não de que a magoasse, mas de não estar pronta para o que quer que fosse que ia fazer.

– Nunca tenhas medo de mim – disse ele, antes de lhe morder a orelha suavemente. – Mas vou ensinar-te a desfrutar de um castigo leve quando precisares dele.

– Certamente, compensei-te ao jantar pelas minhas transgressões tolas, não? – perguntou ela. – E só te tranquei aqui porque *tu* me trancaste primeiro – recordou-lhe ela, lutando para evitar um gemido quando ele lhe lambeu o lóbulo da orelha. Fê-la sentir um palpitar entre as pernas e apertou as coxas.

Ele observou-a com uma careta leve. Mas ela não viu uma raiva real nos seus olhos, apenas diversão trocista.

– Enganaste todos esses homens e tinha-los a comer da palma da tua mão como cães treinados. Ouvi todas as perguntas que te fizeram. Meu Deus, devias querer gritar com eles. Sabes mais sobre navegar do que aqueles guardas-marinhas – disse ele. Parecia um pouco zangado, mas sabia que não era com ela.

– Sim, foi frustrante – concordou ela. – Ninguém quer ser tratado como uma criança.

– Bom, eu vejo-te, Josie, vejo a tua mente brilhante, a tua coragem e a tua astúcia. Nunca debes esconder isso de mim – disse ele.

Ela corou ao ouvir o elogio.

– Então, talvez não tenhas de me castigar? – sugeriu ela, num tom leve.

O sorriso sombrio e brincalhão voltou.

– Oh, ainda planeio fazê-lo. Não podes trancar o capitão deste barco na sua cabina. – Acariciou-lhe a garganta com os dedos e passou-lhe o nariz pelo pescoço enquanto se pressionava contra ela por trás.

– Não é que pudesse escapar deste barco e, desde que me levaste da minha casa, nunca protestei. Não tinhas de me trancar aqui. *Quero* estar aqui, Gavin... contigo.

Lentamente, virou-a para ele e observou-a, e ela viu um brilho de algo nos seus olhos, algo demasiado rápido para conseguir compreendê-lo por completo, mas fez o seu coração doer por alguma coisa que pensava que talvez tivesse visto num vislumbre da sua alma.

– Tranquei-te aqui por duas razões. Ainda não conheço os homens deste barco. Há quase oitenta pessoas a bordo. Apenas sei com certeza que um homem não te magoará e é o Ronnie. Não conheço a moral do resto da tripulação. Estava a tentar manter-te a salvo.

– Falaste de duas razões – disse ela. – Qual é a segunda?

Soltou-lhe a cintura e deu um passo atrás para tirar o casaco, que atirou para a mesa. Depois, começou a arregaçar as mangas, expondo os braços bronzeados e musculados.

– A segunda é porque a ideia de te ter à minha mercê faz o meu sangue arder. O pensamento de te prender à cama para aceites o prazer que te dou, fazendo-te perder o controlo quando quiser... Deixa-me bastante louco de desejo por ti.

Ajoelhou-se ao lado do baú e começou a procurar no conteúdo até

encontrar uma fita de seda comprida. Gavin enrolou a fita à volta do punho, testando a sua força, mas levantou a cabeça para sorrir para ela.

O seu coração acelerava loucamente.

– Não podes estar a falar a sério...

– Falo muito a sério, menina. – Deu um passo para ela.

Oh, não, não ia permitir que aquele homem fizesse o que quer que fosse que planeava para ela.

– Terás de me apanhar primeiro – declarou ela e fez a única coisa que podia fazer, correu para a porta.

Ele precipitou-se para ela, segurou-a pela cintura e, com uma gargalhada ecoante e profunda, beijou-lhe o lóbulo da orelha.

– Isto vai ser divertido.

Gavin puxou o seu prémio capturado para ele e conseguiu sentir o batimento frenético do coração de Josephine enquanto o olhava com uma mistura de desejo e apreensão. Não queria assustá-la e, certamente, não ia magoá-la, mas tinha de aprender a confiar nele. Falara a sério em relação à tripulação. Não eram piratas, mas isso não significava que pudesse confiar neles, não com uma mulher tão bonita como Josephine. Não até conhecer melhor os homens. Não poderia vigiá-la a cada minuto do dia para se certificar de que estava segura.

Ela tremeu nos seus braços quando a beijou no pescoço e depois ele agarrou-lhe o cabelo suavemente e puxou-lhe a cabeça para trás para que olhasse para ele. Meu Deus, era linda, mas não eram apenas as suas feições que eram deslumbrantes. Era a forma como olhava para ele, a forma como o fazia sentir-se. Nunca se sentira mais consciente de uma mulher e de tudo o que podia ser num instante do que enquanto abraçava aquela virgem trémula com o coração de uma deusa guerreira. Era corajosa e o seu coração confiante brilhava através das profundidades dos olhos cinzento-prateados.

As próximas palavras de Gavin iam desafiá-la a confiar nele, mas tinha de a levar ao limite, para ver o que aceitaria dele.

Esfregou-lhe a nuca como faria para acalmar uma gatinha.

– Vais despir-te e deitar-te na cama.

O fogo iluminou os seus olhos de novo quando se mexeu contra os seus braços, provando que não era uma gatinha fraca.

– E se não o fizer?

– Então, dar-te-ei uma palmada no rabo... no teu rabo *nu...* depois de *eu* te tirar a roupa. – Deu ênfase às palavras com um sorriso feroz. – Mas se fizeres o que te peço... então, ficarei muito satisfeito contigo, menina.

– Oh, então, isto é um pedido e não uma ordem? – O seu tom rebelde fez com que o corpo dele ardesse com calor. Ela ergueu o queixo e acrescentou: – Não te ouvi a pedir *por favor*. – Um brilho de malícia apareceu nos seus olhos.

Uma jocosidade jovem que ele não sentia há anos espalhou-se por ele, suavizando os contornos duros que a sua alma adquirira ao longo dos últimos anos. Josephine fazia-o sentir-se como se voltasse a ter dezanove anos. Não estava zangado com ela, não queria realmente castigá-la, mas gostava daquela faceta rebelde que lhe mostrava

quando queria discutir. Era forte e também brincalhona, e gostava de o pressionar para lhe mostrar a sua própria força. Ele respeitava isso.

Com uma gargalhada, soltou-a e deu um passo exagerado atrás.

– *Por favor, podes despir-te e deitar-te na cama?*

Josephine passou os dedos pelo cabelo de uma forma que começara a reconhecer como um gesto que fazia sem pensar. Fê-lo tomar nota de que devia passar-lhe os dedos pelo cabelo para a relaxar.

– Muito bem. – Ela levou a mão às saias, mas ele abanou a cabeça.

– Tira os sapatos primeiro.

Com um olhar confuso, ela levantou as saias e pôs um pé em cima do baú. Depois, tirou delicadamente o sapato de cetim azul. A seguir, tirou o segundo sapato. A visão dos seus pés magros cobertos com umas meias brancas afetou-o como nenhuma outra coisa conseguia há muito tempo. Estava tão excitado que mal conseguia respirar.

A voz de Gavin aprofundou-se um pouco.

– Agora, as meias.

Ela puxou as saias volumosas e as anáguas até à cintura e tirou as meias das pernas, uma a uma. Mostrou a pele linda e ele lutou para não fazer um som que, provavelmente, a assustaria. Mas aquele ato de se despir estava a torturá-lo muito mais do que a ela. O seu membro apertou-se contra as calças e tinha de respirar devagar para acalmar o coração.

Ela tirou a segunda meia e atirou-lha. Ele apanhou-a com uma mão. A seda branca e fina ainda estava quente por ter tocado na sua pele. Ele ajustou as calças com uma mão, lutando para esconder o desconforto e ela observou-o, com um vislumbre de sorriso nos lábios, como se a pequena atrevida soubesse exatamente o que estava a fazer-lhe. E ele estava contente... queria que ela desfrutasse da sensação, que soubesse que o afetava tão fortemente.

– Agora, as saias e anáguas.

Ela baixou-se para tirar as saias e o seu cabelo caiu como uma cascata de ondas ocre. A seguir, ela mexeu-se para tirar a armação e deixá-la cair ao chão. Depois, olhou para ele, com calor e uma nota de medo nos olhos. Sem uma palavra, virou-lhe as costas e ele aproximou-se. A mão de Gavin tremia enquanto lutava para se controlar. Afastou o cabelo dela por cima do ombro para ver os laços do seu corpete. Desapertou-os com puxões lentos e suaves antes de ela tirar o vestido. Depois, tratou do espartilho, que depressa se juntou ao corpete no chão.

A sua respiração era rápida e ofegante enquanto tocava suavemente nas coxas nuas e esticava a mão para o fundo da combinação. Finalmente, levantou-lha do corpo, deixando-a completamente nua para o seu olhar voraz. Os seios cheios com os

mamilos cor-de-rosa pálido, erguidos por causa do ar fresco, deixaram-lhe a boca seca. Queria criar um caminho de beijos e lambidelas desde os lábios até ao centro da sua feminilidade, até explorar cada monte e vale do seu corpo.

– Na cama – quase rosnou ele. – Agora.

Ela afastou-se dele e subiu para a cama, dando-lhe uma vista demasiado perfeita do seu rabo em forma de coração antes de se virar e de se deitar de costas. Ele aproximou-se com as fitas que tirara do baú nas mãos, agarrou-lhe os pulsos e prendeu-os juntos, certificando-se de que não estavam demasiado apertados.

– Mantém-nos por cima da cabeça – avisou-a –, ou prender-te-ei à cabeceira.

Josephine acomodou-se melhor na cama e levantou os braços por cima da cabeça. Ele sentou-se ao seu lado e admirou-a. Depois, com uma excitação hesitante, passou um dedo pela cana do seu nariz até à boca. Ela separou os lábios, ele pôs o dedo entre eles e ela sugou-o. A sensação da boca húmida a sugar-lhe o dedo quase o fez chegar ao orgasmo nas calças como um adolescente inexperiente. Tentou ignorar a dor do seu membro a pulsar. Depois, ela passou a língua pela ponta do seu dedo e ele não conseguiu evitar o gemido que escapou dele. Queria pôr-lhe outra coisa entre os lábios, mas a sua primeira vez com ela não devia ser assim. Aquilo era sobre ela, sobre o seu prazer e entendimento. Queria que ela soubesse que tudo o que acontecesse entre eles na privacidade da cabina seria sempre para ela e para o seu prazer mútuo.

«Pequena atrevida», pensou ele, com satisfação. Seria realmente uma amante apaixonada, uma amante aventureira e ele era o canalha mais sortudo do mundo por a ter encontrado.

Deslizou o dedo para fora da sua boca e traçou padrões em cada um dos mamilos antes de o levar à barriga dela. Os seus músculos tremeram por baixo das pontas exploradoras dos dedos dele antes de ele acariciar os caracóis escuros entre as suas coxas a caminho do centro da sua feminilidade. Ela fez um som suave e assustado e apertou as coxas, tentando fechá-las, não por dor ou medo, mas por surpresa.

– Abre as pernas – disse ele, após um instante, e ela obedeceu. – Linda menina. – O elogio fez o rosto dela brilhar de felicidade. Lembrar-se-ia disso, de que elogiá-la a enchia de alegria.

Continuou a explorar o centro da sua feminilidade antes de acariciar suavemente a pérola pequena de sensações. Ela abanou as ancas fortemente, em choque.

– Calma, Josie – tranquilizou-a. – É a pérola que te dá prazer – disse ele. – Deixa-me acariciá-la.

– É demasiado... – Ela lutou para juntar as palavras enquanto ele

acariciava lenta e delicadamente o molho de nervos. Quanto mais lhe tocava, mais ela reagia. Primeiro, começou a mexer as ancas, depois, cerrou os punhos e abriu-os por cima da cabeça, lutando para compreender o que estava a fazer-lhe. Ele manteve os olhos no seu rosto durante todo aquele tempo, estudando cada expressão mínima, procurando os pontos e o tipo de toque que lhe causavam mais prazer. Quando conseguiu ver que estava próxima do clímax, deslizou o dedo para acariciar o centro da sua feminilidade. Ela gemeu de frustração e depois arquejou quando ele a penetrou com um dedo. Ao princípio, não queria penetrá-la profundamente, mas o suficiente para ela perceber que estava dentro dela. Tirou o dedo e voltou a penetrá-la com ele, fazendo com que ela emitisse um som de prazer curioso.

– É isso, menina, sente-me dentro de ti. Agora, imagina que é o meu membro a penetrar-te profundamente. – Pintou uma imagem sensual para ela enquanto a penetrava com um segundo dedo. Ela mexeu as ancas contra a sua mão e ele fê-la voltar a deitar-se na cama com uma gargalhada baixa.

Ofegou quando ele começou a dar-lhe prazer mais rapidamente, a mão a mexer-se cada vez mais depressa até passar o polegar pelo clitóris. Explodiu de prazer com um grito suave e ele continuou a prolongar o clímax até as coxas tremerem e ela mal conseguir respirar. Depois, retirou o dedo de dentro dela e ela ficou quieta, ainda com as mãos presas por cima da cabeça. Admirou o seu prémio com bastante satisfação. As suas pestanas tremiam enquanto descia lentamente do pico para onde ele a levava.

Havia muitas coisas que queria fazer-lhe, mas essas coisas teriam de esperar por outra oportunidade. Queria saboreá-la, levar o seu tempo e desafiar o seu autocontrolo. O resultado final seria muito mais doce quando finalmente a possuísse.

– Agora, quero que te deites na cama e durmas – disse ele.

– Como posso dormir depois disto? – murmurou ela, tímida, e sentou-se para que pudesse desatar-lhe as mãos.

– Encontrarás uma forma, menina. – Inclinou-se e beijou-lhe os lábios, saboreando o seu suspiro enquanto ela retribuía o beijo. Não foi um beijo ardente e desesperado. Foi um beijo suave e quente como o sol e ele deitar-se-ia entre as flores silvestres, absorveria a luz do sol e imaginaria a sua alma a crescer com aquelas flores em direção ao céu.

Também tinha um desejo suave de amor que fez o seu peito doer. Afastou-se, desviando o olhar. Era demasiado, demasiado cedo. Sentia-se envergonhado por pensar que não estava pronto para se sentir assim de novo depois de Charity. Sete anos eram muito tempo e, contudo, de alguma forma, não eram o suficiente.

– Agora, dorme – urgiu-a, suavemente, e deixou a cabina. Não foi

longe, mas precisava de esclarecer a mente. Recostou-se contra a antepara e respirou fundo algumas vezes. À volta dele, o *Duende da Cornualha* balançava com suavidade nas ondas enquanto navegava pelas águas iluminadas pela lua em direção ao Atlântico aberto.

«Lembra-te do que importa. Recuperar o *Sereia* e matar o Beauchamp, e a sua tripulação traiçoeira.»

Saber que Beauchamp e aqueles que se tinham amotinado contra ele ainda estavam por aí arrefeceu o calor do seu sangue. Fechou os olhos e recordou o momento em que ele e Ronnie se tinham afastado a remar do seu barco amado e da tempestade que finalmente escondera o *Sereia* da sua vista.

– Gavin... – O nome não foi dito em voz alta, mas dentro da sua cabeça. Parecia um eco distante. A voz do seu irmão.

Nas próximas seis semanas, ao navegar para as Índias Ocidentais, perseguiria o seu antigo barco enquanto o seu irmão, muito provavelmente, perseguiria o novo. Não percebia como sabia que Griffin o perseguia, mas tinha a certeza de que era assim. Griffin queria Josephine de volta. Como é que um homem poderia não querer uma mulher daquelas? Mas Gavin não deixaria que isso acontecesse. Agora, Josephine era o seu tesouro.

ERA PERTO da alvorada quando Griffin foi acordado por alguém que batia com força na porta da sua cabina. Cambaleou para fora da cama e vestiu a roupa, antes de convidar quem quer que batia a entrar. Dominic entrou na cabina e fechou a porta atrás dele.

– O que se passa? Encontrámo-los? – perguntou Griffin.

Dominic abanou a cabeça.

– Não, mas enquanto todos estavam a dormir, cruzámo-nos com o *HMS Torrington*, que tem ordens para navegar pela costa oeste de Inglaterra. Viram o *Duende* na noite passada e até jantaram com o capitão e a sua esposa.

– *Esposa?* – disse Griffin. – Certamente, não se *casou* com a Josephine?

– Conhecendo-o, muito provavelmente, inventou a história do casamento para evitar a suspeita de viajar com uma mulher solteira. Não sei se o fez ou não, mas disseram aos oficiais do *Torrington* que a Josephine era a sua nova esposa.

– Disseste aos oficiais que o Gavin a raptou? – perguntou Griffin.

Ao ouvir a pergunta de Griffin, o rosto de Dominic escureceu.

– Não, não mencionei isso.

Griffin sentiu-se aliviado e confuso.

– Fico contente por o ouvir, mas porque não?

– Porque os homens que estão no meu barco são antigos piratas e marinheiros que tiveram pouca sorte e procuravam um trabalho honesto. Prometi-lhes uma forma segura e legal de ganhar as suas vidas a bordo do *Duende da Cornualha*. Qualquer um que seja associado com o Gavin, presumindo que é capturado por pirataria, certamente também enfrentará acusações de pirataria. Se dissesse aos oficiais do *Torrington* que perseguíamos um pirata, sentir-se-iam obrigados a persegui-lo e a condenar a tripulação com ele. Penso que é melhor se mantermos a marinha de Sua Majestade fora desta nova pequena missão de salvamento.

– Concordo. Não desejo ver o meu irmão enforcado. Só quero salvar a Josephine e devolver-te o teu barco.

– Ainda bem que concordamos – replicou Dominic, com um olhar solene. – Mas penso que talvez nos dirijamos para mais perigo do que esperava inicialmente.

– O que queres dizer? – Se um antigo pirata se preocupava com o perigo, não era bom sinal para nenhum deles.

– O teu irmão é o Almirante Negro, o governante da corte dos piratas, a Irmandade da Costa.

– Sim, já mo tinhas dito – disse Griffin, urgindo-o a continuar.

– Este homem, o Beauchamp, que se amotinou contra o Gavin e roubou o seu barco... Bom, digamos apenas que os outros capitães piratas não aprovarão as ações de Beauchamp. Não aprovam os motins. O Beauchamp deve saber disso, o que me faz acreditar que o Beauchamp deve ter montado alguma armadilha que ainda não conseguimos ver. Se se encontrar com algum dos outros capitães, pode dizer-lhes que o Gavin e o resto da tripulação foram mortos quando atacaram outro barco. Não quererá que o Gavin viva para contar a história do motim, o que significa que a Josephine está em perigo enquanto estiver com ele. Quero que estejas em guarda. – Dominic clareou a garganta e desviou o olhar. – Se acontecer alguma coisa e nos encontrarmos em sarilhos, o meu pai, o Nicholas e eu atacaremos. Quero que tu e o Adrian levem as mulheres e o filho do Nicholas para um sítio seguro.

– Mas...

– Sei que não és um covarde, Castleton, é por isso que to peço. Se enfrentarmos um perigo real, estou a confiar-te as suas vidas. Precisarão de ti.

Griffin sabia, através do olhar de Dominic, que compreendia a natureza do que lhe pedia para fazer. Se chegasse a esse ponto, daria a sua vida pelas mulheres e pelo bebé. Faria isso sem hesitar.

– Prometo fazer o que for necessário – disse Griffin.

– Ótimo. Lamento ter-te acordado, mas pensava que quererias saber assim que tivéssemos notícias.

– Ainda bem que o fizeste – disse Griffin. – Mas agora que estou acordado, devia apanhar um pouco de ar fresco no convés.

Os dois homens foram enfrentar a alvorada no convés. Griffin surpreendeu-se ao ver Vesper já de pé perto do corrimão do convés central. O céu cor-de-rosa iluminava o vestido azul vivo que ela usava. Griffin aproximou-se dela, novamente puxado por aquela força invisível que os juntava.

– Vejo que perdeste o teu medo do mar – disse ele, inclinando-se no corrimão ao lado dela.

Vesper lançou-lhe um olhar tímido por baixo das pestanas dourado-escuras.

– A água ainda me assusta, meu senhor. Mas é tão bonita, não é? Suponho que essa seja a natureza humana, desejar coisas que são bonitas e assustadoras.

– É, sim – concordou ele. – O mar fala com todos nós à sua maneira. Dá vida e, num mau momento, também a tira. A natureza é assim, tanto protetora como destruidora ao mesmo tempo.

As mãos de Vesper apertaram mais o corrimão. Ele esticou a mão e cobriu a mão esquerda dela com a sua direita.

– Não falámos daquilo – disse ela, suavemente.

– Do quê? – Ele tentou fingir que não percebia. Mas sabia a que se referia. *Do beijo*. O que criara aquela onda de vida dentro do seu corpo.

– Não pode voltar a acontecer – disse ela, com uma expressão estoica.

Griffin observou a luz do sol a esticar-se pela água à frente deles como brilhos de diamantes cintilantes.

– Suponho que tenhas razão, mas não porque não te escolheria como minha esposa. Fá-lo-ia se pudesse.

– Mas não pode. Por causa da minha família, da desgraça...

– Isso não significa nada para mim – replicou ele, apertando-lhe a mão. Ela não tentara afastar-se dele e ele agarrou-se a esse vislumbre de esperança. – Mas pedi à Josephine para ser minha esposa antes de te conhecer. Se ainda desejar casar-se comigo quando a salvarmos, ver-me-ei forçado pela honra a cumprir essa obrigação.

Vesper ficou em silêncio por um longo instante.

– E se o recusar?

– Então, serei livre para seguir o meu coração...

A mão dela tremeu por baixo da dele e nenhum deles se atreveu a olhar para o outro.

– E o seu coração levá-lo-ia até... mim? – A esperança na sua voz fê-lo voar.

– Sim... se me aceitasses.

A expressão alegre de Vesper foi a resposta que precisava. O

coração de Griffin doeu-lhe com uma mistura de alegria e tristeza. A felicidade verdadeira, não apenas contentamento, estava muito perto do seu alcance. Mas não sabia qual seria o seu destino até Josephine estar segura com a sua família e conseguir descobrir onde tinha o coração. Se quisesse libertar-se do seu noivado, ele fá-lo-ia. Queria presumir que se recusaria a casar-se com ele, mas fazê-lo era o jogo de um néscio. Tinha de esperar para ver se o destino acreditava em dar-lhe uma segunda oportunidade na vida.

JOSEPHINE APERCEBEU-SE do momento em que Gavin saiu da cama. Regressou a meio da noite para se deitar ao lado dela e, depois de algumas horas, puxou-a contra ele. Ensonada, apercebera-se da sua presença sempre que acordava brevemente. Em vez de se sentir tímida e insegura, o seu corpo a reivindicar sossegadamente o dela por dormir ao seu lado, criara uma onda de entusiasmo dentro dela.

Agora, a sua ausência fê-la virar-se e esticar a mão pelos lençóis frios onde ele estivera deitado. Pousou a palma da mão na marca da sua almofada e reviveu cada momento da noite anterior, sentindo vontade de que regressasse à cama.

Estivera assustada, excitada e, finalmente, atrevida enquanto se rendia à provocação de se despir. E depois... meu Deus... como fora senti-lo a tocá-la de tantas formas maravilhosas e em tantos pontos. As sensações eram-lhe familiares. Explorara o seu próprio corpo nos últimos anos e sentira coisas que fora demasiado tímida para perguntar à sua mãe. O que sentira não fora nada comparado com a forma como Gavin a levava a esses mesmos picos.

Havia uma pureza no prazer que experimentava com as mãos de Gavin. Era tão claro, tão perfeito. Não conseguia imaginar outro homem a tocar nela assim e a sentir a mesma euforia. Deitou-se de costas, rindo-se quando se apercebeu de que estava completamente nua numa cama que balançava em alto-mar. O que é que todos pensariam se soubessem como era verdadeiramente livre naquele momento?

O sol quente queimava-lhe a pele e mimou-se ficando deitada na cama por mais meia hora, antes de finalmente se levantar e vestir as roupas de Dominic de novo. Dirigiu-se para a porta e parou com as mãos a centímetros da maçaneta. E se Gavin a trancara de novo? Ficaria louca se a mantivesse presa durante um mês e meio.

Tocou na maçaneta e rodou. Com um suspiro de alívio, saiu da cabina e foi procurar comida na cozinha. Olive estava a fazer um guisado e deu-lhe uma tigela para experimentar, e uma maçã.

– É melhor comê-la enquanto a fruta ainda está fresca – disse

Olive. – Agora, enquanto comes, conta-me tudo sobre aquele jantar elegante de ontem à noite. Que provisões é que aqueles homens elegantes da marinha tinham?

Josephine detalhou a sua refeição entre colheradas de guisado e falou sobre a conversa que tivera com o capitão e os seus homens.

– Então, andam à caça de piratas, não é? – perguntou Olive, num tom baixo.

– Sim, mas não vão encontrar nenhum aqui – adicionou Josephine, rapidamente.

Olive lançou-lhe um olhar estranho antes de o esconder com um sorriso.

– Não, é claro que não. Vai-te embora. Não devias estar a distrair-me ou as bolachas vão queimar-se. Recuso-me a fazer biscoitos salgados para os homens, pelo menos, durante a primeira semana no mar. Se queimar as bolachas, os rapazes terão um ataque.

Depois de a mandar embora educadamente, Josephine foi para o convés, ainda a pensar na expressão de Olive quando ela mencionara os piratas.

O velho marinheiro experiente que a ajudara já estava no convés, a limpar.

– De volta de novo, menina?

– Sim. – Josephine sorriu para ele.

Bartholomew retribuiu o seu sorriso caloroso e o seu coração encheu-se de afeto pelo marinheiro velhote.

– Viste o meu... marido?

– Sim, estava a fazer exercícios com as armas esta manhã. Acabaram há apenas alguns minutos. Está ali, no castelo da proa.

Ela olhou por cima do ombro para a proa do barco. A secção mais pequena e mais alta do convés na frente do barco, o castelo da proa, tinha apenas uma figura solitária. A vela bujarrona da frente inchava por cima e à frente dele, esticando-se para o mar azul infindável e para o céu. Gavin estava parado com as mãos no corrimão e a sua figura alta mostrava os ombros largos e a cintura estreita, assim como as coxas poderosas. O brilho de uma espada curta cintilava-lhe na anca. A excitação cresceu dentro dela de novo.

– O meu pirata – murmurou ela, com um sorriso sonhador. «O meu amante», acrescentou, silenciosamente, e corou.

Passeou pelo convés, desviando-se dos marinheiros que paravam para olhar para ela antes de continuarem as suas tarefas. Depois de a terem visto com roupa masculina no dia anterior começavam a habituar-se. Não desejava incomodar a tripulação enquanto faziam as suas tarefas. Gavin poderia usá-lo contra ela como uma desculpa para a manter na sua cabina abaixo do convés todo o dia se pensasse que os homens se distraíam ao vê-la.

Subiu os degraus para o castelo da proa e Gavin virou a cabeça quando se aproximou.

– Devo presumir que isto será um hábito contigo? – Assentiu para a roupa dela.

Ela juntou-se a ele no corrimão.

– Sim, pelo menos, durante o dia. Quero explorar o barco e aprender a navegar. Ensinas-me?

Ele ficou em silêncio durante algum tempo antes de falar.

– Para quê, se é que posso perguntar? O que farás quando nos separarmos, menina? Não podes ir para o mar, não podes viver esta vida. Terás bebés e a tarefa da maternidade e de governar uma propriedade. Porque me pedes para aprender algo que o mundo te negará? – Havia uma nota de dor nas suas palavras, em vez de julgamento ou censura.

Ela demorou algum tempo a responder-lhe e tentou ignorar a pontada de dor no peito ao pensar que se separariam um dia.

– Acredito que as almas não são masculinas ou femininas... são simplesmente almas. – Apontou para si própria. – Este corpo, simplesmente porque é feminino, não devia roubar os meus sonhos. Eu vivo e morro, tal como qualquer homem. Porque não deixar-me ter esperança num futuro em que as minhas filhas não terão de ouvir que o seu único valor é serem esposas e mães? Não quero que a minha identidade seja apagada. A maternidade e ter filhos é importante, mas não é tudo o que as mulheres são. Não somos *apenas* mães. Somos muito mais, se os homens nos deixarem sê-lo. Deixa-me sonhar, Gavin, mesmo que não possa ter mais do que isso. Às vezes, agarrar-me à luz de um sonho é suficiente para sobreviver um século no escuro.

Gavin pôs uma mão por baixo do seu queixo e levantou-lhe o rosto. O seu nariz esfregou-se no dela quando se inclinou.

– Muito bem, menina. Dar-te-ei os teus sonhos. Mas lembra-te, quando mais alto subires, de mais alto cairás. E talvez não esteja lá para te apanhar.

Ela beijou-o.

– Nem todas as donzelas precisam de ser salvas por heróis. Algumas salvam-se sozinhas.

Riu-se e ela beijou-o de novo.

Ela empurrou-lhe os ombros com uma decisão corajosa.

– Para de adiar. Mostra-me como ser uma pirata.

Ele deitou a cabeça para trás e sorriu de puro prazer.

– Então, agora, tenho de te transformar numa *pirata*?

– A mais feroz do Atlântico – disse ela, já sem troça. – Dá-me a liberdade de uma pirata.

Ele traçou os seus lábios com o polegar antes de se inclinar e de lhe dar um beijo mais perverso nos lábios.

- A tua primeira lição é roubar um beijo de um capitão pirata.
- É só isso? Certamente, terei as melhores notas – prometeu ela, passando-lhe os dedos pelo cabelo e puxando-lhe os lábios para os dela. Depois, mostrou-lhe quão pirata podia realmente ser.

Segundo parecia, piratear não era tão fácil como Josephine imaginara.

Apesar do número de livros que lera sobre o assunto, nada a preparara para a grande intensidade do trabalho que representava ser um marinheiro. Não questionava que amava o oceano e estar num barco, mas simplesmente não se apercebera da grande intensidade das tarefas de um marinheiro. A primeira parte da sua manhã fora um teste mental da sua habilidade para memorizar e recitar os nomes dos mastros, vergas, cordames e velas, tudo enquanto corria para cima e para baixo das enfrechaduras a apontar para cada um deles. Havia um traquete, um mastro grande e uma mezena. Estava mais familiarizada com esses, mas não fazia ideia de que até as vergas de madeira afixadas aos mastros tinham nomes.

Quando os mastros e as vergas estavam completas, um barco era considerado «equipado» o que significava que todas as cordas, cabos e correntes usadas para apoiar os mastros e barras estavam prontos. Gavin fê-la aprender toda a informação vezes sem conta com um interrogatório rigoroso enquanto ela corria pelo barco, como um menino da pólvora excitado, a aprender que trabalho tinha de ser feito no convés.

– Sobe os ovéns – ordenou Gavin pela segunda vez naquele dia, quando Josephine esticava as mãos, cansada, para o cordame que levava dos lados do barco até aos mastros. Uma enfrechadura fora construída nas cordas, que formavam uma escada, para que qualquer marinheiro subisse. Depois de subir pela segunda vez e de voltar a descer, os pulmões esforçavam-se e as pernas e braços tremiam com o esforço. O suor perlava-lhe a pele e, agora que estava parada, tremia um pouco enquanto começava a sentir o frio.

Gavin, com as mãos juntas atrás das costas, vigiava-a de perto, com uma expressão educada, mas fria.

– Talvez uma terceira vez te ajude a tornares-te perita na subida. – A personagem rígida que assumia quando interpretava o papel de capitão causou arrepios nervosos nela e fez o seu coração acelerar com algo que não era entusiasmo. Era muito diferente do homem que fora um amante tão doce na noite anterior. Fazia-a sentir-se mais consciente dele como homem, de uma forma que uma mulher é quando mal consegue pensar noutra coisa senão estar na sua cama e

nos seus braços. Em resumo... Gavin, o capitão, excitava-a.

– Acho que já me tornei perita a subir os ovéns. – As mãos de Josephine descansavam nas ancas e respirava fundo. O seu coração ainda batia com força. Gavin arqueou uma sobrancelha escura e os lábios tremeram enquanto parecia esforçar-se para evitar um sorriso. Se ela não estivesse tão malditamente cansada, ter-lhe-ia batido por isso.

– Como membro desta tripulação, há coisas de que debes ser sempre consciente... – Começou a falar sobre os seus deveres, mas ela estava mais interessada na tripulação que estivera a observá-la a aprender as suas tarefas. Bartholomew ria-se abertamente à medida que ele e outros dois marinheiros desciam do cordame. Observavam-na e a Gavin com bastante diversão. Gozara com ela antes sobre isso, quando passara por ele enquanto descia.

– O capitão tem uma escolha estranha de preliminares – dissera-lhe ele.

Ela parara brevemente nas cordas para falar com ele.

– Preliminares?

– Sim, a maior parte dos homens levaria a esposa para a cama e...

– Depois, parecera lembrar-se de que falava com uma mulher e deixara a frase por acabar. Josephine adivinhara o que, certamente, quisera dizer.

– Pedi-lhe para me ensinar tudo isto. Desejo aprender o que significa ser marinheiro.

– Sim, consigo ver que sim, menina, mas acho que o capitão tem outros desejos. Olha para ti com ferocidade quando não olhas para ele, como se quisesse ter sexo contigo aqui mesmo, no convés. Por isso, pergunto-me, porque parece um homem que quer, mas ainda não foi para a cama com a esposa? – Os olhos do marinheiro mais velho tinham-se aguçado com interesse ao observar o seu rosto à espera de uma reação às palavras dele.

– Eu... Bom...

– Então, *não* te levou para a cama – confirmara Bartholomew, com surpresa. – Mas está claro que quer fazê-lo.

– Mexe-te, Josie! – Josephine corara intensamente quando Gavin gritara para ela do convés.

– Vai lá, menina! – Bartholomew rira-se de novo enquanto ela acabava de descer.

Era assim que, agora, se encontrava à frente do seu capitão pirata rígido quando finalmente acabou o sermão e parou de andar de um lado para o outro. Segurou-lhe o queixo com a mão.

– Já estás cansada? – perguntou ele, com um tom desafiante na voz.

– Podia subir as enfrechaduras todo o dia – declarou ela, mas o seu

desafio foi traído pelo cansaço trémulo dos seus membros. Ambos sabiam que ela estava exausta e seria uma tola se tentasse provar o contrário.

– Às vezes, as aventuras têm um custo – disse Gavin, suavemente.

– A minha mãe disse-me que o que vale a pena não é fácil de reivindicar – replicou Josephine.

Gavin acariciou-lhe o rosto com o dorso da mão.

– Ela tem razão. Suponho que possamos mudar o nosso foco para os deveres que se relacionam com a mente em vez do corpo. Senhor Phelps! – Chamou o seu «imediato», como lhe dissera para o chamar. Aparentemente, os piratas tinham *contramestres*, mas os navios mercantes tinham primeiros-imitados. Era importante aprender as diferenças para que não traísse Gavin e Ronnie com a tripulação.

– Sim, capitão?

– Controla o barco. Vamos levar os nossos estudos para debaixo do convés esta tarde.

Ronnie riu-se.

– Já estava na hora. Um bom sexo... eh, algum *companheirismo* com a sua esposa é realmente uma coisa boa.

Gavin olhou para o seu amigo.

– Não nos incomodes a não ser que seja absolutamente necessário.

– Compreendido, capitão. – Ronnie percorreu o convés a dar ordens para ajustar as velas enquanto o vento se mexia através do mastro do barco num novo ângulo.

– Vem comigo – disse Gavin a Josephine e desceram pela escada para debaixo do convés.

Ela seguiu-o, mas um pouco mais lentamente. As suas pernas ainda estavam fracas por causa das atividades da manhã.

Quando chegaram à cabina, ele apontou para a cadeira ao lado da mesa no centro do quarto.

– Senta-te.

Aquela era uma ordem a que adoraria obedecer. Talvez agora pudessem fazer o que esperara desde o momento em que pusera um pé no barco. A excitação ao pensar nessa possibilidade fez com que o seu ânimo e energia aumentassem.

Gavin assumiu uma posição professoral, parado à frente dela.

– Bom, há três ciências, ou artes se preferires, que definem o núcleo da vida de um marinheiro... ou de um pirata. São a náutica, a artilharia e a navegação. Cada uma é uma parte vital de ir a algum lado num barco. Consegues dizer-me o que significa navegação estimada?

Ela mordiscou o lábio e concentrou-se para pensar, mas tinha a certeza da sua resposta. Talvez, de alguma forma, pudesse usar o seu conhecimento em seu benefício. Como se ele percebesse os seus

pensamentos, Gavin falou, num tom mais sedutor do que instrutivo.

– Por cada resposta certa que me deres, *eu* tirarei uma peça da minha roupa – disse ele. – Por cada resposta incorreta, tirarei uma peça da *tua* – acrescentou Gavin, com um sorriso devasso.

Surpreendentemente, aquilo motivou Josephine. Gostava da ideia de ver Gavin sem roupa, mas, se perdesse a dela, acabaria atada à cama de novo e algo carnal aconteceria. Apesar de gostar dessa ideia, sentia que aquilo era sobre ele manter o controlo de alguma forma. Ele parecia querer resistir aos seus sentimentos em relação a ela e não queria que ele se controlasse. Se aquele tempo com ele no *Duende* era tudo o que teria, não queria que nenhum dos dois se controlasse. Precisava que ele perdesse o seu próprio controlo e fosse livre com ela.

– E se... a primeira pessoa a fazer com que a outra perca toda a roupa ganhar alguma coisa – sugeriu ela, com um sorriso atrevido.

Os olhos de Gavin brilharam com interesse.

– Ganhar o quê?

– Hum... – Desejou saber mais sobre fazer amor para saber como o seduzir. – Bom... Quem ganhar pode beijar a outra pessoa onde quiser.

Ao ouvir aquilo, os olhos de Gavin escureceram.

– Um prémio *intrigante*. Concordo. – Ele esticou a mão e apertou a dela. – Agora, o teste. Navegação estimada. O que é?

– É a posição do barco segundo as suas direções e a distância viajada. É realmente uma espécie de palpite fundamentado que tem em conta margens, correntes e outros fatores, mas não é tão exato como usar o sextante ou outras ferramentas náuticas.

– Correto.

Sorrindo, ela recostou-se na cadeira. Confiante, apontou para o colete de couro.

– Tira o colete.

Olhou para ela enquanto o desabotoava e tirou-o, deixando-o cair ao chão.

– Como é que a posição e a distância viajada são calculadas?

Ela procurou na sua memória aqueles momentos em que aborrecera o seu pai sobre navegar.

– São calculadas medindo a velocidade do barco e adicionando o tempo viajado segundo a velocidade registada – declarou ela, esperançosa.

Gavin esboçou um sorriso feroz.

– Muito perto, mas não está certo. *Multiplas*, não adicionas. – Aproximou-se dela e o seu olhar deslizou desde a cabeça até aos pés, como se decidisse que parte do corpo queria ver primeiro. – As tuas botas, se não te importares. – Assentiu para os seus pés. Ela tirou as botas e ficou descalça à frente dele.

– Como se usa a barquilha? – perguntou ele.

– É um pedaço de madeira... atado a um frio comprido de corda leve. Tem nós em intervalos precisos e o fio é atado à volta de um carretel que roda livremente. Atiramos a barquilha pelo lado e observamo-la até parar na esteira do barco. Contamos os nós que se desenrolam do carretel contra um relógio que drena areia em cerca de vinte e oito segundos. Se contarmos, digamos, seis nós ao passar por um ponto em particular no tempo que o relógio demora a drenar, podemos estimar que a velocidade do barco é de seis milhas náuticas por hora.

Gavin abriu muito os olhos.

– Bom... isso está correto.

Josephine riu-se.

– Pareces surpreendido.

– Estou, um pouco. Como raios...?

– Um pirata não revela os seus segredos – declarou Josephine. É claro, a resposta era óbvia... lera-o num livro... mas qual era a diversão daquilo se não pudesse provocá-lo um pouco?

Ele fez um som suave de descrença no fundo da garganta que parecia suspeitosamente uma gargalhada.

– Muito bem. Vamos tornar estas perguntas mais difíceis.

– Não tão depressa, capitão. Deves-me uma peça de roupa. Passa-me a tua camisa, se não te importares. – Ela esticou a palma da mão e mexeu os dedos para ele. Ele tirou a camisa por cima da cabeça e deu-lha. Ela quase encostou o rosto no tecido para inalar o seu cheiro, mas recordou-se que devia manter a cabeça limpa se quisesse ganhar aquele jogo.

– Quantos pontos de navegação tem uma bússola? – perguntou ele.

– Quatro – respondeu ela, confiante, mas quando o viu a sorrir, a sua confiança falhou. – Bolas. São oito, não são?

– Tenta trinta e dois – disse ele. – Há os quatro pontos cardeais, norte, sul, este e oeste. Depois, há os pontos colaterais, noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste. Os outros vinte e quatro pontos estão pelo meio, tal como su-sudeste ou su-sudoeste.

Josephine fez uma careta.

– Era uma pergunta armadilhada.

Gavin acariciou o queixo, o que fez com que os músculos dos braços inchassem. Meu Deus, gostava dos seus músculos. Deixavam-na deliciosamente tonta quando os observava.

– Os piratas não jogam de forma justa, menina.

«Então, eu também não.»

– Hum... – Estudou-a de novo, claramente a desfrutar de a deixar inquieta enquanto escolhia que peça de roupa queria que tirasse a seguir. – As tuas calças – declarou ele, num tom demasiado arrogante.

– Oh, estas? – Ela virou-se de costas para ele para desapertar as calças e sacudiu-se para as tirar. Não tinha roupa interior e sabia que lhe mostrava o rabo de lado. Quando as tirou por completo, virou-se para ele. A camisa branca emprestada que usava caía até meio da coxa. A expressão de Gavin valeu o esforço. As suas pupilas quase absorveram o castanho dos seus olhos.

– Próxima pergunta? – encorajou-o, afetadamente, e mostrou-lhe as coxas quando se sentou em cima da mesa.

– Insolente – murmurou ele e clareou a garganta. – Muito bem. Navegação astronómica. Como se faz?

– Hum, depende. – Ela fez uma careta, mas quando viu a luz de triunfo nos seus olhos, pegou numa madeixa de cabelo e começou a enroscá-la nos dedos, balançando um pouco e atraindo-o para ela. – Depende da medida do ângulo do sol em relação ao horizonte. Usamos um sextante para fazer a medição todos os dias ao meio-dia quando o sol está no seu ponto mais alto. Depois de sabermos a altura do sol acima do horizonte, podemos determinar a latitude do barco.

– Maldita seja. – Gavin rosnou. – Pensei que não saberias isso.

Ela dirigiu-se para ele com um sorriso confiante e passou uma mão desde o seu peito até à sua barriga.

– Penso que ficarei com as *tuas* calças.

Ele silvou suavemente, segurando-lhe a mão antes de ela conseguir tocar nas calças avultadas.

– Avisei-te, menina – disse Gavin, num tom baixo e perigoso.

– Sobre o quê? – Mas sabia muito bem. Avisara-a sobre brincar com o fogo quando se tinham encontrado pela primeira vez na Cornualha e ele estava a arder agora. Conseguia vê-lo nos seus olhos, mas ele não falou, por isso, recordou-lhe que ela tinha o controlo. – As suas calças, *capitão* – disse ela, inclinando-se e beijando-o suavemente.

Ele agarrou-a com força, mas sem a magoar, tomando o controlo do seu corpo. Virou-a e dobrou-a por cima da mesa. Passou uma mão à volta dela na mesa, fazendo com que os mapas voassem para o chão.

– Estava a ganhar... – protestou ela, mas as palavras foram silenciadas pelo som da palma da sua mão a aterrar no rabo nu.

Smack! Ela gritou, mais de surpresa do que porque sentira alguma dor. Ele deu-lhe mais algumas palmadas leves antes de se inclinar, beijar-lhe o lóbulo da orelha e, com a mão livre, acariciar o centro húmido da sua feminilidade com os dedos.

Ela gemeu, incapaz de pensar de forma suficientemente coerente para fazer um som.

– Devia-te umas palmadas, menina – disse ele, continuando a penetrá-la com os dedos e mexendo-os rapidamente para dentro e para fora. As pernas dela tremiam enquanto ele a levava para a paixão. Contudo, ela sentiu-se tanto aliviada como desapontada. Queria

provocá-lo, não *ser* provocada, mas ele sabia exatamente como tocar nela. Gemeu quando ele a alargou com três dedos. Estava perto de...

Abruptamente, ele retirou os dedos e pegou nela ao colo. Ela foi virada para ele e pousada de novo na mesa. Ele segurou-lhe o rosto, inclinou-se e beijou-a levemente durante muito tempo, até ela só conseguir olhar para ele maravilhada e desejosa.

– Deita-te e deixa-me mostrar-te as estrelas, Josie – disse ele, num tom suave e sombrio como o uísque que, uma vez, ela roubara do bar do seu pai. Era proibido, ardia e fazia-a sentir-se tonta e maravilhosa. Naquele momento, soube que, se visse estrelas, a conduziriam de volta para ele.

Ela deitou-se na mesa, apenas com a camisa a cobrir o corpo.

Ele inclinou-se por cima dela, abrindo-lhe as pernas. Contudo, antes de ela conseguir fechá-las e esconder-se do seu olhar, ele pôs a boca entre elas e os seus lábios e língua conquistaram-na. Nunca sentira nada como aquilo na sua vida. A forma como a língua tocava nas suas partes mais sensíveis era uma sensação indescritível. Fechou os olhos, perdendo-se num brilho que parecia começar dentro dela enquanto o deixava saboreá-la. O prazer aumentou e as ondas crescentes transformaram-se numa maré. E depois estava a voar, aquele prazer maravilhoso rebentou em estrelas por trás dos seus olhos fechados.

Ela gritou quando o clímax a atingiu como uma onda a varrer o convés durante uma tempestade. Gavin esticou a mão e silenciou-a com a palma da mão por cima da boca. Lambeu, sugou e prolongou o momento maravilhoso até ela não conseguir aguentar mais e ficar a tremer na mesa por baixo dele.

Gavin lambeu os lábios e endireitou-se. O seu corpo ainda se inclinava sobre o dela, fazendo-a sentir-se cativa dele e da intimidade que tinham acabado de partilhar. Podia fazer-lhe o que quisesse. Tinha o controlo do seu corpo e, mais uma vez, dera-lhe prazer sem receber nenhum em troca. Porquê? Não sentia o que ela sentia quando se uniam? E se não fosse suficientemente boa ou se fosse demasiado inexperiente? Talvez quisesse uma mulher que soubesse do que os homens gostavam na cama. Os seus lábios tremeram quando desviou o rosto e fechou as pernas contra ele com vergonha e embaraço.

– Josie? – Ele disse o seu nome com uma nota de preocupação. – Não te magoei, pois não? – Ela abanou a cabeça. – Assustei-te? – Mais uma vez, ela abanou a cabeça e tentou afastar-se dele. Se lhe tocasse naquele momento, ela saberia que seria por pena. – O que fiz, menina? – A sua voz era rouca e baixa.

– Estou bem. Por favor, dá-me algum tempo a sós.

Ele levantou-se, mas não saiu do quarto.

– Não, não vais fazê-lo. Não vais isolar-te de mim. – Pegou nela ao

colo e levou-a para a cama, onde se sentou ainda com ela ao colo. – Fala comigo, menina. Diz-me o que fiz. – Ele acariciou suavemente as madeixas brilhantes do cabelo dela. – Sei que ter a boca de um homem entre as pernas pode ser um pouco chocante, especialmente quando é a tua primeira vez...

– Não é o que fizeste... é o que *não* fizeste.

Ele pareceu confuso.

– O que não fiz?

Ela encostou o rosto contra o seu pescoço, escondendo-se dele. As suas esperanças de o seduzir tinham sido completamente destruídas.

– Josie, amor, o que não fiz? – Embalou-a suavemente, porém, de alguma forma, a sua ternura só tornou tudo pior. Ela não era uma pirata corajosa... só estava a fingir que era uma, tal como fingia tudo o resto na sua vida.

– Não queres fazer amor comigo – confessou ela, finalmente.

– Oh... isso. – Ele disse as palavras pesadamente contra o seu cocuruto, quase aliviado.

– Não sou desejável? – atreveu-se a perguntar. – Sou demasiado inexperiente?

Os lábios dele depositaram-lhe beijos suaves na testa.

– Exatamente o contrário. És *demasiado* desejável, Josie. A culpa é minha. Queria...

Ele parou a meio do que quer que fosse que ia dizer, por isso, ela beijou-o no queixo para o encorajar a continuar.

– Queria levar o meu tempo contigo. As melhores coisas na vida não são apressadas. São saboreadas. – Clareou a garganta, envergonhado. – Serias paciente comigo?

Ela deixou escapar uma gargalhada aguada.

– Desejas que *eu* seja paciente enquanto levas o teu tempo a seduzir-me? – perguntou ela. – Pensei que os piratas tiravam o que queriam.

– Sou um pirata, não haja dúvida, mas é diferente contigo. Não és como nenhuma das mulheres que conheci. A tua primeira vez na cama de um homem devia ter um significado para ti, tal como para o homem. Chama-me um tolo romântico, mas contigo, isso é importante. Não quero que venhas para a minha cama por necessidade de te rebelares contra as limitações que a vida te deu. Vem ter comigo porque me queres *a mim* e por nenhuma outra razão.

Oh, mas ela *queria-o*. Oxalá ele soubesse o quanto. Queria-o desde o momento em que caíra ao lado da sua cama naquela noite de tempestade. Contudo, sentiu que ele não acreditaria nela se lhe dissesse.

– Não sou simplesmente um prémio que roubaste? – perguntou ela, encostando a face na dele. Queria ouvi-lo a dizer que a amava

loucamente, que cruzaria todos os oceanos para estar com ela, mas isso era um sonho que, provavelmente, não estava ao seu alcance.

A sua gargalhada amarga fê-la aninhar-se mais contra ele.

– Penso que ambos sabemos que desde o momento em que te vi sempre foste *mais* do que isso. – Beijou-lhe a face. – Quando te roubei da tua casa, não estava realmente preparado para o que me farias sentir. Não desejo apressar isto, não contigo.

Olhou fixamente para ele. Os seus olhos castanhos eram tão quentes, tão suaves, com carinho. Porém, o seu rosto ainda tinha um vestígio de ferocidade de pirata. Olhava para ela tal como imaginava que um pirata olharia quando encontrasse uma gruta de joias douradas que tinham sido escondidas do mundo há mais de um século. Era um olhar de maravilha, obsessão e *desejo*.

– Como te tornaste pirata, Gavin?

Ele pestanejou para mudar de assunto.

– Desculpa?

– Quero dizer, sei que saíste de casa com dezanove anos, mas como acabaste aqui?

Gavin acomodou-se mais na cama, ainda a segurá-la no colo enquanto deitava a cabeça contra a cabeceira.

– Não é uma história curta ou feliz – avisou-a e os seus olhos escureceram com uma dor antiga.

Ela acariciou-lhe o rosto com a ponta do dedo e traçou os seus lábios.

– Às vezes, são essas histórias que mais precisamos de ouvir.

Ele esfregou-lhe as costas com a palma da mão como se, ao tranquilizá-la, conseguisse tranquilizar-se.

– Quanto tinha dezassete anos, conheci a Charity. Foi a primeira mulher que alguma vez amei. Mas, como sabes, ela escolheu casar-se com o Griffin quando tínhamos dezanove anos e eu decidi sair da Cornualha. Levei uma mala pequena de pertences para Saint Ives Bay, onde comprei uma passagem num navio mercante e naveguei para as Carolinas. Aí, sabia que precisaria de trabalho e consegui ser contratado a bordo de um barco pirata. Só quando já estávamos há duas semanas no mar é que percebi que o capitão e a tripulação eram piratas.

– O quê? Porque não te disseram? Pensei que os piratas tinham um código pelo qual se regiam.

– Têm, mas às vezes tem de ser evitado, como se diz. O Capitão Harding tinha perdido um terço da sua tripulação com malária antes de me contratar e aos marinheiros mais recentes. Estava em sarilhos, precisava de substituir a tripulação depressa para navegar o barco. Os barcos pirata têm menos homens do que os barcos da marinha, mas nem eles conseguem aguentar durante muito tempo sem a tripulação

mínima. Cada vez que um barco pirata captura um barco, tem de enviar homens do barco original para o capturado para o tripular. O Harding explicou-me e aos outros que, agora, éramos piratas e, como tal, mais nos valia juntarmo-nos oficialmente à tripulação. Poderíamos ir-nos embora no próximo porto se quiséssemos, mas demoraríamos um mês a chegar a um porto em que os piratas eram bem-vindos.

»Inicialmente, senti-me relutante, mas depressa me apercebi de que o Harding e a sua tripulação eram homens bons que tinham sido obrigados a tomar medidas extremas para sustentar as suas famílias e a si próprios. Escolheram viver fora dos limites da lei, mas não matavam a não ser quando tinham de o fazer para capturar outros barcos. Tens de compreender, menina, os piratas têm mais direitos, mais liberdade, mais dinheiro e mais comida do que a maioria dos homens que vive no mar. Habituei-me muito facilmente à pirataria.

»O Harding procurava navios mercantes muito carregados que, muitas vezes, sabíamos que se dirigiam para nós, barcos cujos donos eram mercadores ricos. Mantinha-nos longe dos barcos da marinha inglesa e espanhola. Eu vivi dessa forma durante três anos e trabalhei até ser promovido a contramestre.

– E como te tornaste capitão do teu próprio barco?

– Saqueámos muitos prémios bons no mar e eu poupei a minha parte. Estava determinado a reivindicar o meu próprio barco algum dia, mas nenhum dos prémios que tínhamos roubado me parecia certo para mim. Não os sentia como o *meu* barco. Fizemos uma visita breve às Carolinas no meu quarto ano no mar e foi então que o vi, o *Lady Sereia*... ou melhor, o barco que teria esse nome.

Josephine ouviu a alegria na sua voz, o amor pelo barco que seria dele. Sentiu inveja. A ligação de um capitão com o seu barco era sagrada e desejava poder tê-lo visto no seu barco amado. Secretamente, desejava ter o seu próprio barco. Como mulher, tudo o que possuía pertencia a um homem. As roupas que tinha no corpo, a comida na barriga, até a cama em que dormia. Como seria ter algo que era dela e apenas dela?

– O *Sereia* nunca tinha pertencido a nenhum homem. Nunca navegara antes. Era brilhante e novo. Os colonos têm jeito para construir barcos elegantes e rápidos. Não usam o carvalho inglês. A maioria é construída com carvalho-branco do norte, mas o meu foi feito com carvalho do sul da América do Norte. Poucos construtores navais o usam, mas eu soube, assim que pisei nos seus conveses, que o carvalho dele era superior a qualquer carvalho inglês alguma vez produzido.

Sorriu enquanto as lembranças prezadas suavizam as suas feições duras.

– Quase consigo ouvir os ecos do estaleiro. As pancadas rítmicas

das enxós dos construtores navais, o barulho dos martelos e o moer rouco dos serrotes compridos enquanto moldavam o carvalho e o abeto em estruturas e tábuas para construir a minha beleza.

– Como se tornou teu? – perguntou Josephine.

– Paguei-o com tudo o que tinha poupado ao longo dos anos e troquei a minha alma pelo resto. – Acariciou o seu rosto com os nós dos dedos. Era bom ser abraçada por ele assim, sentir o calor do seu toque muito depois de o calor do seu momento apaixonado ter arrefecido.

– E o Capitão Harding? Deixou-te ir?

– Sim, com a promessa de que navegaria com o *Lady Sereia* perto do barco dele durante alguns meses. Trabalhámos juntos, a capturar prémios. Estávamos perto da costa das Bahamas quando a tempestade nos atingiu. O Harding e a sua tripulação foram obrigados a abandonar o barco e a dirigir-se para terra. Salvámo-los e resgatámos alguma carga. O Harding ficou devastado depois disso. Decidiu reformar-se e deu-me a figura de sereia que tínhamos salvado do seu barco como um presente para o meu *Sereia*. Contratei alguns homens da sua tripulação e navegámos os mares até o meu mestre de armas, um homem chamado Beauchamp, virar a maior parte da tripulação contra mim.

Josephine olhou para ele quando ouviu o seu tom áspero.

– Porque se amotinaram? Eras um capitão duro?

Os olhos castanhos ainda tinham sombras quando olhou para ela, com o rosto solene.

– O meu estatuto dava partes iguais a todos os homens, incluindo eu. Mas não tínhamos conseguido muito dinheiro nos últimos meses e o Beauchamp convenceu-os de que eu tinha mentido em relação às porções justas e fê-los querer sangue. Os homens que ainda me eram leais foram mortos enquanto escapávamos do *Sereia*. Só o Ronnie e eu sobrevivemos. Aconteceu apenas algumas horas antes de te conhecer. Abandonar o meu barco foi a pior dor que alguma vez senti, para além da noite em que a Charity escolheu o Griffin.

Ela relembrou a noite em que se tinham conhecido com novos olhos, vendo agora quão terrível aquela noite devia ter sido para ele. Traído, ferido, perdido e cansado, procurara refúgio no único lugar onde alguma vez se sentira seguro, a sua casa da infância. Mas, em vez de encontrar o seu irmão gémeo, encontrara-a.

Como se conseguisse perceber os seus pensamentos, beijou-a.

– Ainda bem que foste *tu* que me encontraste. – Depois, beijou-a no queixo, na ponta do nariz e, quando ela fechou os olhos, nas pálpebras. – Sou um homem egoísta, menina. Não deixo o meu tesouro ir assim tão facilmente. – Observou-a significativamente.

O seu coração apertou-se com um desejo penoso e a esperança tola

de que falasse a sério, de que ela fosse um tesouro para ele. Se fosse verdade, queria mesmo ficar com ela? Teria uma vida de liberdade com ele no seu barco? Não se atrevia a perguntar, ainda não. Não lho perguntaria até ter a certeza de que ele diria que sim.

– Porque não descansas, menina? Preciso de falar com o Ronnie. – Gavin aconchegou-a por baixo dos cobertores, pegou na sua roupa e vestiu-se. Depois, roubou-lhe um último beijo prolongado antes de a deixar sozinha. Ela puxou os lençóis e olhou para a porta da cabina quando a fechou atrás dele.

O seu pirata queria mais tempo para a saborear, mas Josephine tinha uma sensação terrível de que não tinham muito tempo. Era quase como se conseguisse sentir que algum relógio cósmico contava os minutos que restavam da sua liberdade.

– Podes querer esperar, Gavin, mas eu não quero – sussurrou ela, na cabina vazia.

Estavam no mar há duas semanas inteiras quando o primeiro sinal de sarilhos apareceu. Josephine quase se tornara preguiçosa naqueles dias pacíficos de bom vento e tarefas de marinheiro, e naquelas noites passadas nos braços de Gavin, em que ele lhe mostrava o prazer uma e outra vez até ela cair de cabeça num descanso profundo e relaxado.

No décimo quinto dia de viagem, Josephine viu a tempestade. Estava no ponto de vigia em cima do mastro principal, o seu lugar favorito. Com os olhos postos no horizonte, no céu e no mar, viu a tempestade a chegar antes de qualquer outro. As nuvens, uma vez suaves e preguiçosas, começaram a construir uma torre por trás do barco. As beiras pontiagudas das formações de vapor ralo eram sinais claros de correntes de ar fortes. Pôs as mãos à volta da boca e gritou para avisar um marinheiro por baixo dela no ovém.

– Tempestade na popa de bombordo!

O marinheiro ouviu o seu aviso e correu para o lado oposto do convés, avisando os outros pelo caminho. Quando o resto da tripulação se apercebeu do perigo, Josephine já conseguia ouvir os gritos das ordens de Gavin.

– Todos às vossas posições! Pontas de vela para escota e briol, mastro de mezena e rizes!

Todos os homens correram para recolher a vela de mezena e a vela grande. Josephine desceu o cordame para se juntar aos homens nos ovéns que trabalhavam lado a lado para enrolar a vela grande para que não batesse contra o mastro se o vento mudasse e soprasse diretamente para eles em vez de vir de trás.

– Manobrar a barlavento o braço do mastro principal e o braço da gávea de cruzamento a sotavento! – Outra ordem ecoada ao longo do convés.

Ronnie estava no leme, onde aguentaria a tempestade porque mudar de timoneiro a meio de uma tempestade era demasiado perigoso. Os homens eram atirados para fora ou esmagados por baixo de um leme que girava sem controlo quando o soltavam para que outro homem o controlasse.

Gavin gritou que prendessem as armas para aguentar o mau tempo. Um grupo de homens seguiu-o pelas escadas para o convés de bateria lá em baixo, mas Josephine correu pelo cordame acima para ficar em segurança. Prendeu os pulsos aos ovéns e passou os tornozelos pelas cordas, tentando segurar-se às cordas grossas

enquanto a tempestade os atingia.

O *Duende da Cornualha* desviou-se para um lado quando as ondas o atingiram a bombordo. O impacto da parede de água fez com que o *Duende* se virasse como um homem que recebia um murro no queixo. O barco arfou, balançando sem controlo enquanto o vento passava pela floresta de mastros e cordas.

Bartholomew agarrou-se ao cordame ao pé dela.

– Segura-te com força, menina! – Eram como um par de aranhas em teias trémulas apanhadas numa tempestade. O vento atirava-lhe o cabelo contra a cara com força, obrigando-a a fechar os olhos. As ondas varriam os conveses e dois marinheiros perderam o equilíbrio. Felizmente, caíram contra a amurada em vez de irem parar ao mar. Os homens de vigia esforçavam-se para se manter por trás do escudo da lona com roupa quente. Assim que uma onda varreu os conveses, os homens lá em baixo acabaram de montar as cordas de segurança e fecharam a maior parte das escotilhas.

– Bartholomew, ficas de vigia? – gritou ela para o seu amigo.

– Sim, menina. Fico aqui. O Jim está na verga do traquete por cima de nós. Vai ver como está o capitão e as armas.

Com as mãos geladas por causa da chuva fria, Josephine correu pelas enfrechaduras para o convés e apressou-se a descer as escadas por onde Gavin fora. Lançou um olhar a Ronnie no leme. Tinha a cabeça deitada para trás, o cabelo ruivo a sacudir-se com força e ria-se como um louco enquanto o barco passava por cima de uma onda crescente.

Entrou na segurança relativa do convés de bateria e viu Gavin e vários homens a esforçar-se para prender as armas. O seu coração acelerou ao aperceber-se da ameaça que as armas maciças representavam. Bastava que um canhão se soltasse e deslizasse pelo convés, para esmagar qualquer marinheiro no seu caminho. Também podia destruir o equilíbrio do barco, tornando-o incapaz de se orientar. Até havia uma hipótese de cair pelo casco. Dois marinheiros seguravam uma das armas soltas e empurravam a parte da frente contra o grampo por cima da abertura lateral para que o canhão apontasse para cima num ângulo de quarenta e cinco graus.

Uma das armas deslizou alguns metros para a frente no convés, sem a tripulação se aperceber, pois estavam concentrados no lado oposto do barco. Ela não teve tempo para pensar, para além da ideia louca que apareceu na sua mente. Desceu um convés para onde os homens guardavam as suas redes.

– Precisamos de prender um canhão solto! Preciso das redes!

Dois homens agarraram nas suas redes e correram atrás dela para ajudar. Juntos, agarraram o canhão que deslizara para o meio do convés, usando as redes como fundas, e começaram a arrastá-lo para o

seu lugar original.

– Puxem! – gritou Josephine para os homens que a ajudavam. O seu grito chamou a atenção de Gavin e olhou para ela. Abriu muito os olhos quando viu a arma maciça que se dirigira para as suas costas expostas e se apercebeu de que fora Josephine que a detivera.

Juntou-se a ela, agarrando as pontas das redes para contribuir com a sua força. A arma gemeu em protesto enquanto era arrastada de lado para o entablamento do barco.

– Prendam-na de lado! – gritou Gavin para os outros dois homens. Responderam com acenos e novos gritos de «Puxem!». Finalmente, a arma foi virada e prenderam-na à frente e de lado contra o entablamento interior do barco.

As pernas de Josephine tremiam quando se deixou cair no convés. Dera tudo o que tinha para ajudar a puxar a arma através do convés.

Gavin pôs um braço à volta do fundo das suas costas e ajudou-a a levantar-se.

– O Ronnie ainda está ao leme?

– Sim. – Ela arquejou. Pararam nos degraus que levavam ao braço do mastro e Gavin encostou-a contra a antepara quando o barco começou a rodar de repente. Os seus corpos encharcados estavam um contra o outro e a sua respiração ofegante misturava-se com a dela. Os seus olhos eram escuros e ardentes ao observar os lábios trémulos dela.

– Fica aqui. Não subas para o convés, compreendes?

– Gavin, tenho de ajudar...

– Já fizeste o suficiente e fizeste-o bem. Agora, quero que estejas segura.

Silenciou-a com um beijo duro, um que a fez ficar tonta e a deixou com as pernas a tremer. Quando afastou a boca da dela, viu a sua decisão sombria.

– Fica aqui. É uma ordem. Se desobedeceres, não terei outra hipótese senão chicotear-te à frente da minha tripulação. – A violência da sua ameaça foi tão inesperada que só conseguiu olhar para ele.

Quando a soltou, correu pelos degraus enquanto um trovão rebentava através dos ventos uivantes. Ela deixou-se cair no convés, recostando-se contra a antepara, e lutou para se acalmar. A tempestade era diferente de tudo o que experienciara antes. Vira e vivera bastantes tempestades violentas em terra, mas uma tempestade daquelas tinha novos níveis de terror porque não podiam fugir dela. Saber que, a qualquer momento, a onda certa podia virar o *Duende*, ou esmagá-lo em pedaços, enchia-a de terror cru. Todos a bordo podiam morrer, todos os oitenta homens, incluindo ela e Gavin.

Pela primeira vez na sua vida, Josephine percebeu a natureza do medo enquanto rastejava pelas paredes da sua mente e afundava os

dentes e garras no seu peito. Não conseguia respirar. Não conseguia pôr ar nos pulmões. Havia um zumbido no seu crânio como uma colmeia de vespas zangadas.

– *Josie!* – Uma voz penetrou o nevoeiro de terror dentro dela e olhou para cima para ver a cozinheira, Olive, a esticar uma mão para ela. – Anda, rapariga, *mexe-te!* O médico precisa de nós. – Olive ajudou-a a levantar-se e dirigiram-se para o consultório.

Havia dois marinheiros num par de marquesas cirúrgicas e o doutor Gladstone esforçava-se para manter um homem deitado. A perna do homem estava partida e destacava-se num ângulo estranho. O marinheiro gritou quando o doutor Gladstone tentou acalmá-lo. O homem na outra mesa tinha um braço partido, que segurava com a mão. Tinha o rosto pálido enquanto observava o médico e o marinheiro com a perna partida a lutar.

– Segurem-no para que possa ir buscar o láudano – ordenou Gladstone.

Olive e Josephine ajudaram-no a deitar o homem na marquesa. Gladstone tirou uma garrafa azul-escura de láudano de um armário e virou-a na boca do marinheiro. O pobre homem tossiu e engoliu, antes de adormecer.

– Preciso de alinhar o osso – murmurou Gladstone e Josephine encolheu-se ao ver a pele e o osso a serem empurrados para trás e sentiu um nó no estômago.

– Vigie-o, senhora Castleton – ordenou o médico. – Olive, preciso que ajudes o Thomas enquanto trato do seu braço.

Josephine sentou-se num banco que estava pregado ao convés e agarrou-se à marquesa com um braço enquanto o barco balançava. O homem na marquesa mexeu-se em sonhos e Josephine precipitou-se para ele, agarrando-lhe um ombro para o manter quieto. Os candeeiros por cima das suas cabeças balançaram e ela olhou fixamente para o teto. O seu medo regressou em força. O que estaria a acontecer no convés principal?

«Por favor, deixa que o Gavin saia desta vivo.»

GAVIN ESTICOU um braço e agarrou um marinheiro antes de ser atirado borda fora. O homem gemeu e ambos se deixaram cair contra o convés quando uma onda passou por cima deles. Susteve a respiração quando a água salgada o engoliu brevemente e depois respirou fundo com força quando o convés ficou sem água.

Por cima deles, havia uma dúzia de homens nos ovéns, presos ao mastro principal, onde, de algumas formas, estavam mais seguros do que qualquer outra pessoa no convés. Esta era uma das coisas que

odiava em navegar. Até a mais forte das fragatas podia afundar em tempestades como aquela e todos os homens a bordo morreriam. Não importava quão qualificado fosse o capitão e a tripulação ou quão bem o barco fora construído. Gavin sempre odiara tempestades, mas, com Josephine ali, sentia uma nova intensidade nos seus antigos medos.

Gavin olhou para Ronnie, que ainda estava ao leme. Uma corda fora atada à volta dele, prendendo-o ao leme para que não perdesse o equilíbrio quando as ondas batessem contra o convés.

– A tempestade está a desaparecer! – gritou Ronnie e Gavin virou-se para ver as nuvens distantes atrás deles a desaparecer realmente, mas muito podia acontecer entre aquele momento e o céu limpo e azul que se aproximava à medida que a tempestade passava por eles e seguia em frente.

Um barulho tremendo ouviu-se à volta deles. Gavin virou-se para ver uma onda enorme a dirigir-se para o barco.

– Todos para baixo! – gritou ele.

A tripulação no convés correu para a segurança. Um dos homens mais velhos, um marinheiro chamado Bartholomew, escorregou enquanto a onda se aproximava. Praguejando, Gavin saltou para o homem, empurrando-o contra o abrigo do corrimão. A água atingiu-o com tanta força que lhe tirou o ar dos pulmões. A água escorreu à volta deles, caindo num dilúvio pelos lados do barco sitiado, mas ele e Bartholomew ainda estavam vivos.

– Obrigado, capitão. – O velhote cuspiu e limpou a água salgada do rosto.

– Quero que vás para dentro – gritou ele. Correram para a entrar nos conveses de baixo, mas Gavin apercebeu-se demasiado tarde de que não chegariam a tempo. Tudo se tornou mais lento enquanto ele e Bartholomew corriam para as escadas. De repente, Josephine apareceu na entrada que levava à parte de baixo do convés, com os olhos muito abertos ao perceber o que ele percebera antes. Uma onda grande arqueava-se por cima do barco.

– Corre, maldito! – gritou Gavin para o homem mais velho à frente dele, empurrando-o para os braços de Josephine. Um segundo mais tarde, a onda fez Gavin cair... e depois empurrou-o para fora do barco.

O mundo girou à volta dele quando mergulhou nas ondas pretas e escuras. Deu pontapés, nadando de forma frenética, mas não conseguia perceber para que lado era a superfície. Não é que importasse. Um homem no mar no meio de uma tempestade era um homem *perdido*.

Mesmo assim, não era o seu estilo desistir. Mexeu as pernas para o que rezava que fosse a superfície. A sua cabeça apareceu na superfície

e viu o *Duende* não muito longe. Nadou com avidez, dando força aos braços e às pernas para apanhar o barco, mas não havia esperança. Onda após onda atingia-o com força. Finalmente, o cansaço e a dor ganharam. Viu a sua única hipótese de salvação a afastar-se sem ele. Só tinha um pensamento, um arrependimento antes de se afundar por baixo das ondas: nunca mostrara a Josie o que significava para ele.

ASSIM QUE A ONDA arrastou Gavin para fora do barco, Josephine gritou o seu nome.

– Ele salvou-me – murmurou Bartholomew, em choque, aninhado no convés ao lado dela. Quando Josephine deu um passo para o convés exterior, ele agarrou-lhe o braço. – Morreu, menina. Não podes salvar um homem que caiu do barco. Não numa tempestade como esta.

– Veremos! – gritou Josephine.

Agarrou a corda mais comprida que conseguiu encontrar e enrolou uma das pontas à sua cintura, tentando fazer um nó seguro como Bartholomew lhe ensinara. Depois, prendeu a outra ponta ao mastro central do convés. Rezou para que a corda fosse suficientemente comprida.

Sem olhar para trás, correu para o corrimão e mergulhou por um lado enquanto o barco rolava para baixo em direção à água. O seu salto calculado significava que ficaria a três metros da água antes de cair nas ondas, em vez de seis. Assim que bateu na água, procurou Gavin. Aproveitou uma onda e viu-o não muito longe, exatamente quando se afundava. Mergulhou e os seus dedos agarraram o braço dele. Puxou-o, sempre a lutar para se dirigir para a luz tênue da superfície. Os seus pulmões ardiam como fogo. Todos os músculos do seu corpo gritavam, pedindo ar. O *Duende* afastou-se deles e a corda apertou-se contra a sua cintura, esmagando-lhe o estômago. Queria gritar de agonia, mas, se o fizesse, engoliria água.

Suplicou ao seu corpo que não desistisse. «Aguenta-te...» Uma onda levantou-os e depois o ar doce e glorioso encheu-lhe os pulmões. Agarrou Gavin por outro ângulo, mas não o soltou. A sua cabeça balançava por cima da água enquanto o puxava atrás dela e o barco puxava ambos. As nuvens por cima deles começaram a tornar-se mais finas e as ondas tumultuosas desapareceram. Rezou para que alguém se apercebesse depressa de que ela e Gavin continuavam na água. De repente, um rosto apareceu por cima do corrimão da popa e ouviu um grito. O que o marinheiro gritara perdera-se com o vento, mas apontou para ela e para Gavin à medida que mais rostos apareciam para olhar para eles.

Queria chorar de alívio, mas sabia que tinha de se manter forte por mais algum tempo. A corda à volta do seu estômago voltou a apertar-se, desta vez, enquanto era puxada para cima. Puxavam-na e a Gavin para o barco. Quando chegaram ao casco, agarrou-se à madeira do barco.

– Consegues subir, menina? – gritou Bartholomew para ela.

– Sim, mas o Gavin não consegue. Dá-me outra corda.

Os marinheiros deixaram cair uma corda que lhe permitiu prender a cintura e a parte de cima do corpo de Gavin, formando um arnês.

– Puxem-no! – gritou para os marinheiros. Um instante mais tarde, o corpo de Gavin foi puxado da água e começou a subir. Cansadíssima, respirou fundo e começou a subir pela madeira do barco. Gavin foi puxado por cima do corrimão muito antes de ela chegar ao cimo. Quando finalmente voltou a bordo, encontrou o mestre de armas, o senhor Greenwell, inclinado por cima do corpo inerte de Gavin e a pressionar-lhe o peito. Gavin tossiu e a água saiu-lhe pela boca.

– É isso mesmo, capitão, respire – encorajou-o Greenwell, virando Gavin de lado enquanto expelia a água salgada dos pulmões.

Josephine deixou-se cair de joelhos e olhou para Gavin. Estava vivo. Graças a algum milagre, conseguira salvá-lo.

– Foi uma coisa muito corajosa o que fizeste, menina – disse Bartholomew, que se baixou junto dela. – Salvaste uma vida. Nunca teríamos conseguido chegar até ele a tempo. Espero que o teu marido saiba quanto o amas.

Estava na ponta da língua dizer-lhe que não amava Gavin, mas Bartholomew estava certo. Amava-o. Por muito louco que fosse amar um homem que talvez nunca a correspondesse, amava-o com cada fibra do seu ser.

– Três vivas para a senhora Castleton! – gritou Bartholomew e todos os homens aclamaram.

Josephine tentou sorrir, mas, em vez disso, deixou-se cair contra o convés, ofegante. Os marinheiros à volta de Gavin levantaram-no e levaram-no para o consultório do doutor Gladstone.

Bartholomew agarrou Josie pelos ombros e levantou-a.

– Anda, menina. Vamos levar-te para a tua cabina.

– Mas o Gavin...

– Ficarás bem – disse o velho lobo do mar. – Precisas de dormir, menina. O bom doutor vigiará o capitão por ti.

Quando chegaram à cabina do capitão, ela cambaleou para dentro e deixou-se cair com a cara na cama, demasiado cansada para fazer alguma coisa senão dormir.

Uma voz familiar trespassou o nevoeiro na mente de Gavin enquanto lutava para acordar.

– Tem a sorte do próprio diabo, lá isso é verdade.

– Ronnie? – Pôs uma mão na cabeça e gemeu quando sentiu um pulsar tedioso que se juntava à confusão da sua mente.

Alguém pôs um copo nos lábios secos de Gavin.

– Beba isto – disse o doutor Gladstone.

Ele bebeu a água fria e esforçou-se para agarrar o copo.

– Calma, capitão. Não está em condições de se mexer – disse Ronnie.

Gavin lutou para abrir as pálpebras, mas o mundo parecia fazer pressão nelas de todos os lados.

– O que... o que aconteceu? – As palavras foram quase inaudíveis, até para os seus próprios ouvidos.

– Caíste borda fora. Pensámos que te tínhamos perdido, Gavin... – A voz do seu amigo estava rouca de emoção. – Eu estava preso ao leme, a tentar manter-nos equilibrados e não podia ir atrás de ti. – Aquilo dizia muito sobre a preocupação de Ronnie, porque raramente chamava Gavin pelo seu nome próprio.

Finalmente, Gavin obrigou-se a abrir os olhos e o mundo à volta dele, primeiro desfocado, começou a focar-se lentamente. Estava no consultório e o doutor Gladstone segurava um copo de água perto da sua boca. Com gratidão, bebeu outro gole longo antes de se virar para Ronnie, que estava do outro lado.

– Lembro-me de cair borda fora... – Tremeu quando uma onda de náuseas violentas se apoderou do seu estômago. – Como acabei aqui?

Ronnie pareceu compreender o que ele perguntava realmente. Como é que ainda estava vivo.

– Ela salvou-o. Nunca vi nada assim, capitão.

A sua mente e o seu corpo estavam dormentes por causa da dor e do cansaço e até aquela simples adivinha era demasiado para ele.

– Quem?

– A sua sereia.

– O meu barco? – Já tinham conseguido apanhar o Beauchamp? Porque o salvaria?

– Não, a sua sereia *verdadeira*, capitão. A sua esposa, quero dizer – explicou Ronnie. Ele demorou um instante a perceber o que Ronnie

queria dizer. *Josephine*.

– Ela está...? – Ficou tenso com um novo terror ao pensar que poderia tê-la perdido.

– Está bem, capitão. Está a dormir na sua cama neste momento.

Gavin deixou-se cair na marquesa.

– Como me salvou?

Os olhos de Ronnie brilharam com admiração.

– Foi algo digno de ser visto, foi, sim. Enrolou uma corda à volta da cintura e mergulhou atrás de si. Só Deus sabe como o encontrou. Os homens que viram tudo disseram que você se afundou, mas ela conseguiu encontrá-lo e agarrá-lo. As ondas bateram-lhe como um gato com um rato antes de a tripulação avistar as vossas cabeças a balançar na água. Ela aguentou-se, a sua sereia. – A voz de Ronnie encheu-se de orgulho. – Os homens puxaram-no para bordo depois de ela fazer um arnês com uma corda que enrolou à sua volta.

– Ela fez tudo isso? – Gavin estava chocado por ela ter conseguido salvá-lo das águas bravas da tempestade. Mas também estava agradecido e, francamente, fascinado com *Josephine*.

– Fez, sim. – Ronnie inclinou-se para perto de Gavin quando o doutor Gladstone se afastou para encher o copo de água. – Sabe o que penso sobre o casamento, capitão, mas, se fosse eu, casar-me-ia com a rapariga antes de o seu irmão nos apanhar.

Gavin deixou cair a cabeça para trás no pequeno monte de tecido que formava uma almofada por baixo dele e olhou para os candeeiros a balançar. *Josephine* salvara-o. Não só isso, mas arriscara a sua vida para o fazer.

– Quantos homens perdemos? – perguntou ao contramestre. Os seus pensamentos começaram a clarear e concentrou-se de novo nos seus deveres.

– Nem um homem, capitão. É um maldito milagre. Temos dois feridos. Felizmente, a tempestade foi breve e os homens no cordame conseguiram prender-se. Teríamos perdido o Bartholomew, mas ele disse que você o salvou. Isso recorda-me... ele está à espera lá fora para falar consigo, se se sentir capaz, quero dizer.

Gavin estava demasiado cansado para falar a sério, mas não queria a culpa de mandar o velhote embora. Assentiu.

– Deixe-o entrar, doutor – disse Ronnie ao doutor Gladstone.

Um instante mais tarde, o velho marinheiro enrugado entrou, com a cabeça baixa enquanto se aproximava da marquesa. Parecia quase tímido.

– Capitão, estou muito contente por o ver acordado. Queria agradecer-lhe. Salvou-me a vida e quase morreu por causa disso. Se não fosse por si e pela sua esposa, bom... obrigado. Passei quase toda a minha vida no mar. Pensei que morreria nele mais cedo ou mais

tarde, mas você deu-me mais tempo. Isso significa muito para um homem velho. – Bartholomew esticou a mão e Gavin agarrou-a, apertando-a com firmeza. – Bom, é melhor voltar para o convés. Temos velas para arranjar. – Bartholomew sorriu e foi-se embora.

– Quem são os homens feridos? – Gavin olhou para a segunda marquesa, onde havia um homem deitado com uma tala na perna. Respirava profunda e lentamente, ainda sob a influência do láudano. Mas Gavin não viu mais ninguém na sala.

– O outro homem tem um braço partido. Está deitado na sua rede neste momento. Ficar bem.

Gavin fechou os olhos brevemente quando o cansaço se apoderou dele. Tinha uma lembrança vaga de engolir o mar inteiro e voltar a cuspi-lo. Talvez fosse por isso que se sentia como se o diabo ainda estivesse sentado no seu peito.

– Ronnie, a Josephine está...? Preciso de... – Mas o cansaço atingiu-o enquanto tentava sentar-se.

– Seja o que for, capitão, terá de esperar. Agora, descanse. – Suavemente, Ronnie pôs a palma da mão no ombro de Gavin e fê-lo deitar-se. – Não faz sentido cortejar a menina quando mal consegue levantar-se.

Gavin caiu na escuridão, mas os sonhos que se seguiram foram suaves e dourados, enchendo-o de um desejo ardente...

Perseguia uma mulher por um jardim e o ar da noite estava cheio do cheiro pesado das flores. Conseguia vê-la, quase conseguia apanhá-la, se conseguisse correr um pouco mais depressa... As suas mãos fecharam-se na parte de trás do vestido de seda, fazendo-a parar. Ela virou-se e ele viu que era a sua amada Charity, porém, ela não era dele. O seu rosto era mais bonito, como o de uma mulher na flor da vida, enquanto se aproximava da maternidade. Aquela não era a Charity que conhecera com dezassete anos, mas a mulher que se casara com o seu irmão gêmeo e construíra uma vida com ele. Esta Charity nunca fora dele. Os seus olhos eram luminosos por baixo das estrelas enquanto olhava para ele. Esticou a mão e segurou-lhe a face.

– Está na hora – murmurou ela, com um sorriso agridoce.

– Na hora? – Não compreendia o que ela dizia.

Alguém por perto, um rouxinol começou a cantar e ela olhou à volta ao ouvi-lo, antes de voltar a olhar para ele.

– Na hora de me deixares ir, Gavin.

As suas palavras quebraram alguma coisa dentro dele e agarrou-a com mais força, com medo de repente, e os olhos cheios de lágrimas.

– Não, não quero fazê-lo.

Ela acariciou-lhe a face.

– Tive a minha vida. Agora, está na hora de viveres a tua. Já me fui embora... Mas ela é a sina que sempre estiveste destinado a encontrar. Vai

ter com ela.

Charity apontou para a silhueta de uma pessoa sentada num banco em que ele não reparara antes, uma jovem bonita. Parecia solitária e algo nela chamava o seu próprio coração solitário.

O vento espalhou-se pelo jardim e ele sentiu esse vento a roubar-lhe Charity enquanto se virava para a outra mulher. As pétalas das flores voavam à sua volta, impedindo-o brevemente de ver o jardim. Charity soltou-se da sua mão e o vento empurrou-o suavemente para a outra mulher.

– Já me fui embora...

As palavras deixaram um zumbido estranho e amargo no seu peito enquanto abria lentamente os olhos. O consultório estava em silêncio. Não havia sinal do doutor Gladstone. O marinheiro da outra marquesa ainda estava a dormir e Gavin adivinhou que tinham passado várias horas desde que acordara pela primeira vez. Sentou-se e deixou as pernas cair por um lado da marquesa. As marcas das lágrimas secas puxavam-lhe a pele quando esfregou a face com uma palma cansada.

Sentia-se vazio, como se uma onda poderosa tivesse varrido o seu coração e a sua alma, deixando apenas uma costa infértil.

Sonhara realmente com Charity? A lembrança desse sonho era vaga agora e os olhos ardiam-lhe só de tentar lembrar-se do que vira. Sim, sonhara com ela. Dissera-lhe para a deixar ir. Até àquele momento, não se apercebera de que se agarrava à lembrança dela tão ferozmente. Mas agora, sem aquele antigo amor a que se agarrar... ou melhor, sem a lembrança daquele amor a pesar-lhe... sentia-se mais leve. Respirou fundo para restaurar a clareza dos pensamentos.

A rapariga no jardim... Charity estava certa? Josephine era a mulher que ele estava destinado a amar? A necessidade de ver Josephine, de tocar nela, dominou-o de repente. Deslizou da marquesa e equilibrou-se enquanto se orientava. Depois, saiu do consultório e dirigiu-se para a cabina.

Quando passava ao lado dos marinheiros que faziam as suas tarefas, cada um dos homens parava, assentia ou levava o punho à testa numa saudação e murmurava «Capitão». Ele respondia sempre com um aceno pequeno antes de seguir em frente. Quando chegou à cabina, o peito apertou-se com nervosismo ao pensar em ver a mulher que lhe salvara a vida e muito possivelmente também o coração.

Abriu a porta e vislumbrou-a na cama. Ainda usava as roupas encharcadas, tal como ele, mas ele conseguia perceber que o tecido da camisa e das calças dela começava a enrijecer com o sal à medida que secava. Atravessou o quarto e deixou-se cair num dos lados da cama. O rosto dela estava virado para ele. Tinha o sobrolho franzido, como se os seus sonhos a incomodassem. Uma onda de carinho espalhou-se por ele de repente. Baixou-se e deu-lhe um beijo na face. Depois,

passou as pontas dos dedos pelo sobrolho dela até o alisar e ela relaxar.

– Salvaste-me, menina, de mais formas do que alguma vez saberás – murmurou ele.

Como se se sentisse reconfortada com a sua voz, ela mexeu-se na cama, aproximando-se dele. Até nos seus sonhos, parecia procurá-lo. Gavin não queria esperar mais. Sentia-se pronto para se abrir com uma mulher e reivindicar o futuro que pudessem ter. Mesmo que significasse lutar contra o seu próprio irmão para ficar com ela.

JOSEPHINE GEMEU enquanto os seus membros doridos se dobravam e se mexiam suavemente. Acordou e pestanejou, confusa, ao ver Gavin inclinado por cima dela. Ele parou a meio de lhe tirar as calças. Por um instante, sentiu-se simplesmente contentíssima por estar viva e bem. Vagamente, recordava que alguém a acompanhara à cabina antes de adormecer. Quando as suas mãos deslizaram pela pele nua das coxas dela, apercebeu-se de que estava a despi-la.

– Não queria acordar-te – desculpou-se ele. – Mas estas roupas estavam rígidas por causa da água salgada e tens de as despir. – A forma como lhe acariciava a pele sugeria que não estava apenas preocupado com a água salgada, mas que procurava uma desculpa para tocar nela e sentia-se mais do que satisfeita com isso.

Algo mudara entre eles... não é que conseguisse explicar o quê exatamente, só que sentia a diferença no ar. Já não era altura de esperar, de testar o controlo que ele dissera que lutara para ter. Aquela mudança entre eles era pura, porém, de alguma forma, era muito mais perigosa do que o que tinham tido antes. Agora, sabia que a reivindicaria da forma que desejava desde a noite em que se tinham conhecido. Estudou as suas feições, percebendo como a sua boca e os seus olhos se tinham suavizado, o que o fazia parecer muitos anos mais novo. Estava sentado na beira da cama, gloriosamente nu. Ela absorveu a visão dele, cada centímetro de pele bronzeada e músculo definido. Era lindo, duro e magro. Fazia-a ansiar deitar-se pele com pele com ele e sentir o seu corpo ao lado do dela.

Sentia-se estranhamente tímida enquanto deixava que a despisse. Nenhum deles falou enquanto lhe tirava as meias. Levantou-a para a sentar e o seu cabelo, agora ondulado com o sal, caiu-lhe pelos ombros. Estavam a centímetros de distância, a olhar para os rostos um do outro, ambos à espera de que o outro dissesse alguma coisa. Os dedos de Gavin passaram pela barriga dela e os polegares acariciaram-na e puxaram a camisa para cima para lhe tirar, espalhando o cabelo pelos ombros nus. A timidez e o desejo tornaram a sua pele cor-de-

rosa. Estava nua à frente dele na cama, contudo, estava demasiado cansada para se mexer.

– Salvaste a minha vida, menina. – As palavras, apesar de baixas, pareceram ecoar na cabina. O balançar rítmico do barco e o som das ondas contra o casco fizeram Josephine sentir-se como se estivesse numa ilha abandonada apenas com ele e o mar. Era uma sensação linda, *maravilhosa*.

Lentamente, sentou-se e esticou o braço para pousar a palma das mãos nas costas dele.

– Salvaste o Bartholomew. – Os seus músculos tremeram com o toque dela e deixou escapar o ar para libertar a tensão.

– Disse-te para não voltares a subir para o convés – recordou-lhe. Não olhou para ela, mas o seu tom não tinha amargura.

Josephine apercebeu-se de repente de que, fosse o que fosse que diria depois, daria forma ao seu futuro.

– Vim para este barco porque *queria* estar contigo. Não ia deixar que o mar te roubasse de mim, não quando te queria mais do que aquelas águas alguma vez poderiam querer-te.

Ela inclinou-se para a frente e beijou-lhe o ombro nu, saboreando o mar na sua pele. Ele respirou fundo e um arrepio espalhou-se pelo seu corpo e pelo dela. Ela passou os braços pelo seu pescoço por trás, pressionando os seios contra as costas dele e abraçando-o. Ele levantou o braço e cobriu a mão dela com a sua.

– Não te mereço, Josie. Estás acima de mim, estás para além do alcance *mortal*.

– Fazes-me parecer um anjo. – Ela riu-se lentamente, encantada com as suas palavras. – Certamente, não sou isso. – Ficou séria e beijou-lhe a face. – Talvez seja uma ninfa, uma *selkie*, uma sereia. Uma criatura da água, mas uma criatura que *te* pertence, tal como o teu barco. *Reivindica-me*, Gavin, sou tua.

Virou-se lentamente quando ela o soltou, mas não se afastou. Em vez disso, reivindicou-a com um beijo que continha o fogo do próprio sol. Ela arquejou e tentou lembrar-se de como respirar, banhando-se na sua luz. Deitou-se na cama e puxou-o com ela. As suas bocas fundiram-se num beijo infundável.

As suas ancas levantaram-se e as pernas abriram-se num convite silencioso e antigo enquanto ele se acomodava por cima dela. As suas coxas apertaram-se à volta das ancas magras e ele acariciou-lhe a parte exterior do joelho com a palma da mão à medida que a beijava. Gavin mexeu-se contra ela e ela perdeu-se nele, sentindo-se como se navegassem no mar para sempre e nunca mais tivesse de deixar aquela cabina ou deixá-lo.

Pôs as mãos no seu cabelo. Ele gemeu, ajustou o corpo e a sua masculinidade dura pressionou a entrada do núcleo dela. Ela levantou

as ancas e a pressão da sua entrada fê-la arquejar quando ele a penetrou. Acariciou-lhe a face e sussurrou palavras suaves que lhe encheram o peito de calor. Quando a pressão diminuiu lentamente, ele começou a mexer-se e deixou-a sentir a verdadeira magia de fazer amor.

Uma sensação maravilhosa de cair e depois ser apanhada pelo vento encheu-a enquanto ele se mexia. O ritmo suave daquele ato começou a crescer, transformando-se numa intensidade gloriosa. A sua paixão e amor desenrolavam-se como velas cheias de vento. Gavin era assim e, juntos, navegaram pelo mar brilhante de um sonho.

Aquilo era o *céu*, aquela sensação de pertencer não apenas a ele, mas a si própria. Era a sua escolha, o seu corpo, a sua alma e escolhera Gavin e escolhera amá-lo. Pela primeira vez, sabia o que era a liberdade. Deixar o seu coração, mente e corpo *escolher* o seu destino era como chegar à superfície da água e respirar pela primeira vez.

– Diz-me em que estás a pensar – sussurrou Gavin, a mexer-se por cima dela. Ela olhou para os seus olhos castanhos, que antes tinham tido umas sombras tão profundas. Agora, não via sombras.

– Estou a navegar – confessou ela. As suas palavras não pareceram precisar de mais explicação e ele capturou a sua boca noutro beijo ardente. Desta vez, mexeu-se com mais força, mais depressa, como se uma tempestade os perseguisse e ele lutasse para os levar para a segurança do horizonte distante e brilhante. Uma onda de um prazer súbito e maravilhoso dominou-a e gritou, em choque.

Ele gritou o seu nome e ela agarrou-se a ele, a cravando-lhe as unhas nas costas enquanto montavam aquela última onda juntos e depois, lentamente, a sensação intensa esbateu-se, mas a sensação mais suave e calada de alegria pura que restou foi igualmente poderosa. Caiu em cima dela, mas ela não se importou com o seu peso. Acariciou-lhe o cabelo e, desta vez, foi ela que sussurrou palavras suaves e doces enquanto ele tremia nos seus braços.

– A minha *sereia* – murmurou ele. Levantou o corpo de cima do dela, mas não se afastou. Deixou-se cair de costas, puxou-a para a deitar contra ele e beijou-lhe o cocuruto.

– O meu *pirata* – replicou ela, com um sorriso ensonado nos lábios. O corpo ainda lhe doía, mas de uma forma muito melhor e por uma razão muito melhor do que antes.

Estava quase a dormir quando ele falou de novo.

– Tenho uma casa. Um lugar privado numa ilha que é difícil de encontrar. Quero levar-te lá... Deixar-me-ás fazê-lo?

– É claro – replicou ela, imediatamente. – Como é?

– Chamo-lhe a Ilha da Canção. Centenas de pássaros tropicais de todos os tamanhos e cores enchem as árvores. Construí uma casa branca virada para o mar e a areia branca enche as praias. A água

fresca de uma nascente forma riachos no centro da ilha e os macacos saltam de ramo em ramo enquanto exploramos os caminhos da selva. É um lugar de beleza e paz. Foi o meu santuário nos últimos anos.

Ela fechou os olhos e imaginou a beleza daquele lugar, aquela Ilha da Canção. Só os dois, sozinhos com uma ilha para explorar. O seu coração flutuou como um petrel, a usar as correntes de ar.

Fosse o que fosse que viesse depois, pertencia a Gavin e ele a ela. Ainda nenhum deles falara de amor, mas ela sabia que esse dia chegaria. Por enquanto, sabia que o que havia entre eles era real, verdadeiro. Já não fingiam que eram um pirata e o seu prémio roubado. Eram dois corações unidos por uma emoção mais profunda do que qualquer oceano e que ardia mais do que qualquer sol nascente.

Podia enfrentar o que viesse depois, desde que Gavin estivesse ao seu lado. As tempestades podiam vir, os ventos podiam aumentar e os mares podiam escurecer, mas ela e Gavin manter-se-iam juntos.

A ilha da Canção era tudo o que Josephine sonhara que seria. Depois de pouco mais de quatro semanas no mar, a visão da ilha pequena no Atlântico era bem-vinda. A areia branca rodeava a ilha e, no centro, havia uma selva com folhagem frondosa e árvores antigas.

Gavin estava ao leme, a guiar o *Duende da Cornualha* pelos baixios por um caminho que só ele conhecia e que impedia o barco de se prender em recifes ou bancos de areia. O barco virou suavemente com a sua orientação subtil enquanto navegava seguro através de pontos que teriam prendido outros barcos. Fez o *Duende* desacelerar e, em pouco tempo, lançaram a âncora. Ronnie deu a ordem para que baixassem dois botes de forma a que a tripulação pudesse acompanhar Gavin e Josephine até terra.

Mais de uma dúzia de pessoas dirigiram-se para os baixios enquanto os botes deslizavam para a areia branca da praia. Homens, mulheres e algumas crianças, todos de pele escura, reuniram-se para lhes acenar quando saíram dos barcos. Os homens tiraram os seus chapéus de palha e as mulheres sorriram numas boas-vindas calorosas.

– Gavin! – Um menino com as calças arregaçadas e uma camisa branca aproximou-se a correr e precipitou-se para Gavin nas ondas.

– Sam, seu demónio! Meteste-te em sarilhos enquanto estive fora?

Gavin lutou com o menino, que não podia ter mais de seis anos, e levantou-o, segurando-o por baixo de um braço como se fosse um saco de farinha. Josephine cobriu a boca para evitar rir-se daquela figura.

– Josephine, este é o Sam – disse Gavin, depositando o rapaz na areia à frente de uma mulher linda de pele escura que tinha o cabelo escondido por baixo de um lenço à volta da cabeça.

– Já estava na hora de trazeres uma mulher para casa, Gavin. – A mulher esticou a mão para Josie como se a conhecesse há anos. – Venha, vamos dar-lhe de comer. A comida dos barcos não é nada comparada com a comida da ilha. – Estudou as roupas masculinas de Josephine. – E encontrará um vestido para usar. O meu nome é Jada e esta criança louca é o meu filho, o Sam.

Gavin acenou para encorajar Josephine, antes de se virar para os seus homens e começar a dar instruções. Jada conduziu Josephine para uma casa branca de dois andares.

Uma floresta cerrada rodeava parte da casa e o jardim no pátio lateral estava cheio de vegetais em vez de flores. À medida que se aproximavam, ela maravilhou-se tanto com o jardim como com a casa

em si. Um alpendre enroscava-se à volta do outro lado da casa e estava decorado com quatro cadeiras de aspeto confortável viradas para o mar. Conseguia facilmente imaginar-se sentada numa daquelas cadeiras a observar o sol a pôr-se por cima da água. As janelas grandes estavam abertas e as cortinas brancas inchavam com a brisa do mar. A casa linda parecia leve e arejada.

– O Gavin vai juntar-se a nós?

– Venha, menina Josephine. O seu homem virá em breve. Tem de tratar dos seus homens e de lhes dizer as regras desta ilha.

Josephine não conseguiu evitar corar por ela dizer que Gavin era o seu homem. Enquanto estavam no *Duende*, ambos se sentiam como se estivessem numa bolha íntima. Agora, estavam de novo no mundo. Parecia diferente, de alguma forma, ainda mais surreal do que nunca que estivesse *com* um homem.

Jada conduziu-a para dentro da casa e os lábios de Josephine separaram-se ao ver a escadaria que levava ao andar de cima. Apesar de a casa ser, de fora, como muitas das casas adoráveis a que estava habituada na Cornualha, o interior da casa era imensamente diferente. Paisagens marinhas tinham sido pintadas nas paredes. Fazia com que parecesse que a casa estava mesmo à beira-mar.

– Alguma vez têm inundações aqui? – Ouvira Dominic contar histórias de furacões que podiam apagar vilas inteiras do mapa, matando toda a gente.

– Não, esta ilha é abençoada. – Jada riu-se. – Vemos as tempestades, mas passam sempre ao nosso lado. – Jada conduziu-a para o andar de cima e abriu o armário alto de um dos quartos, onde havia vários vestidos pendurados. – Vamos experimentar este – disse Jada e levantou um vestido de linho leve da cor do coral cor-de-rosa, como os recifes que rodeavam a ilha.

Josephine assustou-se ao perceber que o vestido que Jada lhe dera não precisava de nenhum tipo de roupa interior. Não havia o enchimento, a armação ou as anquinhas necessárias para dar forma ao vestido. Em vez disso, tinha umas anáguas leves cosidas por dentro do vestido. Josephine pensou que seria de esperar, dado o clima. Simplesmente, seria demasiado quente usar mais do que aquilo por baixo do vestido durante a maior parte do ano.

Ficou parada à frente do espelho alto no canto do quarto grande e olhou para a sua forma natural, com as suas curvas gentilmente expostas, em vez das modas exageradas de Londres. O vestido era suficientemente curto para mostrar os seus tornozelos e permitir que a brisa lhe ondeasse as saias. Riu-se e abanou as ancas, fazendo as saias mexer-se à volta das suas pernas.

– Muito mais fresco, não é? – Jada riu-se e apertou suavemente os ombros de Josephine. – Então, é a mulher de Gavin?

Havia um vestígio de uma pergunta a ecoar na voz de Jada.

– Hum... sim. Sou a esposa de Gavin.

Os olhos de Jada brilharam.

– Casados de fresco? – adivinhou ela. – É bom ver que aquele homem assentou finalmente. – O sorriso de Jada desapareceu. – Mas onde está o *Sereia*? O barco que está ancorado na enseada não é o barco de Gavin. – Assentiu para a janela aberta, onde vislumbrou o *Duende* a flutuar na água.

– Não, aquele é o barco do meu irmão. – Não sabia bem quanto Gavin queria contar a Jada. Jada já sabia que Gavin era um pirata? Se não, Josephine não queria ser a pessoa que contava os segredos de Gavin. – Deu-nos o barco como presente de casamento.

– Estou a ver. – Jada pensou nisso com atenção e depois esboçou um sorriso brilhante. – Vamos pôr alguma comida nessa sua barriga.

Dirigiram-se para a cozinha no rés-do-chão e Josephine viu mais homens e mulheres a mexer-se pela casa, a tratar de várias tarefas de limpeza. Não conseguiu evitar sentir-se curiosa com o seu papel ali. Gavin não mencionara ninguém quando falara com ela sobre a ilha. A escravidão não era algo que a sua família aprovasse ou tolerasse. Como mulher, muitas vezes, sentia-se como uma propriedade. A ideia de ser dona de outra pessoa era simplesmente errada.

– Deve estar a questionar-se se somos escravos. Não somos. O Gavin parou um barco de escravos há três anos e libertou todos a bordo. O meu filho Sam só tinha três anos e eu fui uma das sortudas a quem não roubaram o filho por causa da sua idade. Trinta de nós escolhemos vir para esta ilha com ele. É mais segura do que as outras ilhas e arriscávamo-nos a ser recapturados se fôssemos para qualquer outro lugar. Aqui... somos apenas nós. Temos campos, cultivamo-los e as pessoas têm as suas próprias casas. Vivemos vidas sossegadas, mas satisfeitas. – A voz de Jada tinha tanta paz que Josephine a invejou. Como seria sentir-se tão em paz no seu próprio mundo?

Jada conduziu Josephine para uma cadeira à mesa e depois aproximou-se de uma mulher mais velha que cozinhava na cozinha. Ambas falaram suavemente uma com a outra na sua língua lírica, antes de a mulher mais velha se inclinar por cima do fogão e apontar para Josephine, sussurrando alguma coisa. Jada assentiu como resposta. Os olhos da mulher abriram-se muito e sorriu timidamente para Josephine.

Jada aproximou-se e apresentou-lhe a mulher.

– Esta é a Kai, a nossa cozinheira. Eu sou a governanta de Gavin. Há mais seis pessoas que escolheram viver na casa dele e ajudar o Gavin com os deveres domésticos, visto que está fora muitos meses do ano. O resto dos residentes da ilha trabalha nos campos e nos jardins e vive em casas agrupadas no outro extremo da ilha. Enquanto o Gavin

está fora, o que acontece muitas vezes, todos partilhamos o trabalho de manter a ilha com comida e as casas reparadas. Mantém-nos ocupados, mas gostamos de trabalhar e de ser donos das nossas terras e casas.

Josephine estava impressionada e contente por ver que Jada e os outros tinham escapado de uma vida de escravidão e, agora, tinham vidas próprias naquele pequeno pedaço de paraíso. Também era tudo o que ela desejava.

– É um prazer conhecer-te, Kai. – Sorriu para a cozinheira tímida.

Jada cortou um ananás em pedaços e levou alguma fruta a Josephine num prato para que comesse enquanto esperavam que Kai acabasse. Havia algo delicioso a cozinhar numa frigideira e, quando Kai a tirou do fogão, Josephine foi recompensada com um frango assado com especiarias. Novos sabores maravilhosos explodiram-lhe na língua.

Estava a lamber os dedos até ficarem limpos, sem sentir vergonha do seu comportamento pouco feminino, quando Gavin entrou na cozinha. Cumprimentou Kai e Jada com um sorriso malandro. Kai disse-lhe alguma coisa na sua língua e atirou-lhe um pano à cara. Ele agarrou-o e riu-se. Depois, beijou Jada na face de uma forma fraternal. Ela apercebeu-se de que *aquela* era a família de Gavin agora, uma família que criara sozinho.

– E tu – disse ele, virando-se finalmente para Josephine, com um sorriso tão brilhante que quase a cegou. Sentiu-se vista, *amada*, quando ele olhou para ela. Naquelas últimas quatro semanas que tinham navegado juntos, ela e Gavin tinham-se aproximado, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Não imaginara que seria possível sentir-se tão ligada a outra pessoa. Vivera a vida inteira com a sua família, mas sentia que conhecia melhor o coração e a alma de Gavin do que qualquer outra pessoa. Tentara não pensar no futuro, nas suas vidas a divergir a certa altura. Só queria desfrutar dos dias que ainda tinha com ele.

Os seus sorrisos, antes raros, tinham-se tornado mais frequentes agora e tornara-se viciada no que a faziam sentir. Como se pudesse fazer *tudo* na vida.

– Escolheste muito bem a tua noiva – disse Jada.

– Foi, não foi? – Gavin deslizou um olhar explorador por Josephine. – Deixa-me mostrar-te a minha ilha, Josephine. – Esticou uma mão e ela pôs a palma da dela por cima. Saíram e começaram a subir por um caminho de areia em direção à selva. Sentiu-se agradecida pelas sandálias que Jada lhe dera.

Pergantara a Jada sobre as roupas que lhe dera, questionando-se se Gavin trouxera outras mulheres ali. Não o fizera. Os vestidos tinham sido feitos por Jada e pelas outras mulheres da ilha com a esperança

de que, algum dia, Gavin trouxesse uma noiva para casa. Tinham feito roupas de todos os tamanhos e também sandálias de couro. Tudo estivera pacientemente à espera de alguém que abrisse o armário e o usasse.

– A tua casa é tão bonita, Gavin. É tudo tão diferente.

– Sim. Não há salas de estar asfixiantes nem retratos sombrios. É quente e acolhedora, como uma casa devia ser – concordou ele. – Quando a construí, queria sentir que era *minha*. – Disse aquilo com uma honestidade tão simples que ela sentiu lágrimas nos olhos.

Para esconder as lágrimas, pôs-se em bicos de pés e beijou-lhe a face.

– Apaixonei-me por ti quando vi o teu retrato *sombrio* – brincou ela.

Pararam no caminho da praia que levava à selva e ela questionou-se o que dissera para o fazer parar. E depois apercebeu-se de que dissera *as palavras*.

– Amas-me, menina? – O seu rosto estava tão sério que parecia lavrado em pedra.

– Sim – respondeu ela. – Amo-te. E não tenho arrependimentos por o ter admitido. É como me sinto e, enquanto respirar, serei dona dos meus sentimentos. Tenho orgulho neles, bons ou maus, porque são meus. Não tens de dizer nada.

– Mas fá-lo-ei. – Segurou-lhe o rosto com as mãos e olhou profundamente para os seus olhos. – Amo-te, menina. – A sua voz estava rouca com a emoção, mas os lábios curvaram-se ligeiramente num sorriso que ameaçava quebrar a solenidade do momento. – Quero que sejas realmente a minha esposa. – Então, esboçou um sorriso amplo e foi como se o próprio sol ardesse dentro dela.

Passou-lhe o dorso da mão pela face.

– Uma vez ouvi dizer... que se disseres três vezes que vais casar-te com alguém, se torna realidade.

Ela tentou ignorar a onda de entusiasmo quando ele baixou a cabeça para a beijar.

– *Caso-me* contigo – disse ele e beijou-a de novo. – *Caso-me* contigo. – Fez uma pausa e mordiscou-lhe o lóbulo da orelha, antes de dizer finalmente: – *Caso-me* contigo.

Ela passou-lhe os braços à volta do pescoço e cobriu-lhe a face com beijos, antes de repetir as palavras tão depressa que ele se riu de prazer.

Beijou-lhe a ponta do nariz.

– Quem diria que ficarias tão contente por ter uma segunda proposta de casamento?

– Estou contente porque é a proposta *certa*, do homem certo.

As palavras não tinham peso num tribunal ou numa igreja, mas,

para Josephine, eram reais. Aquelas palavras uniam a sua alma à dela para sempre.

– Deixa-me mostrar-te a nossa ilha. – Deu-lhe a mão e conduziu-a para a selva.

O CORAÇÃO de Gavin acelerou de entusiasmo. *Casado*. Podiam ter sido apenas palavras, mas sentia-se como se estivesse realmente unido a Josephine. Casar-se-iam legalmente assim que conseguisse organizar o casamento, mas, por enquanto, estava contentíssimo por simplesmente se *sentir* casado com ela. O antigo Gavin, o que fugira para os mares e parara de acreditar no amor, teria gozado com a ideia de estar casado, mas o mês que passara com Josephine a bordo do *Duende* mudara-o para sempre. Já não queria estar sozinho, já não queria estar de luto pelo coração que se partira uma vez. Agora, dirigia-se para um futuro brilhante e bonito.

O caminho que seguiram dividia-se em caminhos mais pequenos ao longo da floresta. Levou-a pelo caminho central para o coração da ilha. Apontou para os sinos amarelos com os seus grupos de flores que pareciam narcisos amarelos, para a sálvia selvagem com as suas flores cor de laranja e para os jacarandás roxo-claros que cresciam por todo o lado. As canções dos pássaros tropicais ecoavam pelas árvores, e papagaios de todos os tamanhos e cores voavam de ramo em ramo à frente deles enquanto andavam.

– Estes pássaros são todos desta parte do mundo? – perguntou Josephine, admirando os bandos multicoloridos que voavam por cima deles.

– Muitos não são nativos. Fugiram de barcos que passavam e encontraram esta ilha – explicou ele.

– As suas melodias são lindas. Costumava adorar as manhãs depois de uma tempestade quando era criança. Ficava deitada na cama e ouvia os pássaros a cantar com entusiasmo. O sol parecia sempre brilhar mais depois dessas tempestades.

Enquanto andavam, Gavin perguntou-lhe muitas coisas sobre a sua vida e ela fez o mesmo. Partilhou com ela histórias sobre a sua infância e sobre batalhas no mar. Ela absorveu cada pormenor.

– E pensar que conheces o meu irmão Dominic há mais tempo do que eu – refletiu ela.

Ele parou no caminho e olhou fixamente para ela. Era verdade. Numa reviravolta estranha do destino, conhecia Dominic há mais tempo do que ela.

– Eras apenas um bebé quando ele se foi embora, não eras?

Ela assentiu.

– Oxalá... oxalá soubesse como sentíamos a falta dele. Foi como se um pedaço dos nossos corações desaparecesse quando ele se foi embora. – Gavin viu um brilho de emoção inesperada nos olhos dela. – Apanhei a minha mãe a falar com o retrato dele uma vez. Ela pensava que não estava lá ninguém. Disse: «Continuo a acreditar que estás simplesmente de viagem e que, um dia, voltarás para casa e nos riremos de tudo como uma grande aventura. Mas e se não voltares? E se realmente desapareceste e nunca tive oportunidade de me despedir? Sabes como te amava? Sabes como ainda te amo?». – A lembrança pareceu criar tal dor em Josephine que teve de controlar um soluço.

Gavin puxou-a para os seus braços e beijou-lhe a testa, depois segurou-a com força. Naquele momento, desejou poder livrá-la de toda a dor.

– Se isto é um sonho, não desejo acordar – murmurou ela, contra o seu peito. – Mas tenho tanto medo, Gavin.

– Medo de quê?

– De perder isto, de *te* perder. – As suas palavras rasgaram-lhe o coração. – O futuro nunca me assustou tanto como neste momento, porque tenho muito a perder agora.

– Todos os sonhadores têm de acordar, mais cedo ou mais tarde... Mas e se acordarmos para algo ainda melhor do que isto? – perguntou ele.

– Disseste que não eras romântico. – Ela limpou as lágrimas e ele não conseguiu evitar sorrir-lhe.

– Qualquer homem apaixonado se torna romântico.

Ela levantou a cabeça ao ouvi-lo.

– Amas-me mesmo? Já mo disseste duas vezes.

– Acho que seria impossível *não* te amar – disse ele, com seriedade.

– Talvez devesse mostrar-te, visto que precisas de ser mais *convencida*.

JOSEPHINE SEGUIU Gavin para um lago profundo no coração da ilha, na selva minúscula, e olhou para a água azul brilhante com espanto. Era suficientemente límpida para conseguir ver o fundo, talvez com quatro ou cinco metros de profundidade.

– É uma nascente de água doce – explicou ele e começou a despir-se.

Ela observou-o, sentindo realmente que era dela, todo dela. Gavin tinha uma força nele que ia além do seu corpo, o que era impressionante. Mexia-se com uma graça fácil, contudo, tinha as cicatrizes da vida dura vivida no alto-mar. Queria beijar cada uma delas. Enquanto se despia, afastando cada pedaço de tecido com uma

lentidão quase deliberada, que a provocava e torturava, ela mordeu o lábio e conteve um gemido de ansiedade ao ver o seu corpo lindo.

Talvez houvesse algum tipo de magia no ar daquela ilha. Era o santuário de Gavin e, agora, sentia que podia facilmente ser dela também, se tivessem aquela vida juntos, que ambos queriam desesperadamente. Cerrou os punhos nas saias e observou com uma fome sensual enquanto ele despiu as pernas e os braços. Os seus dedos formigavam com a lembrança das noites preguiçosas a bordo do *Duende*, onde ele tocara nela com paixão. Tivera o cuidado de explorar o seu corpo nas suas noites na cama, mas agora queria ser ela a explorá-lo com a mesma liberdade.

– Junta-te a mim no lago, *esposa* – chamou-a, com um sorriso galanteador. Depois, mergulhou na água, completamente nu.

Ela despiu-se depressa, tentando não pensar em como parecia tola, a despir-se tão depressa à frente dele. Nunca tomara banho com tanta liberdade antes. Quando tomara banho numa banheira de cobre, tivera um lençol enrolado à volta dela por modéstia e, quando nadara no mar ou no lago, sempre o fizera com uma combinação ou com os saiotos. Agora, estava nua, *livre*. Pôs um dedo do pé na água e suspirou ao sentir o calor divinal do lago. A água estava surpreendentemente quente.

Gavin estava de pé no centro do lago, a observá-la, com os olhos brilhantes de desejo.

– Salta, menina! – Nadou para o fundo do lago para lhe dar espaço para saltar.

Com um grito, ela saltou e mergulhou na água brilhante. Quando chegou à superfície, ele estava pronto para ela e segurou-a nos seus braços. Ela passou-lhe os braços pelo pescoço enquanto ele os guiava para uma saliência rochosa que estava suficientemente dentro da água para que, quando ele se sentou e a puxou para ele, continuassem com a água pelo peito. Ela sentou-se em cima dele com as pernas abertas e os seus corpos esfregaram-se provocantemente um contra o outro. Ele reivindicou a sua boca, beijando-a profundamente. Os seus lábios sabiam a mar e eram maravilhosamente suaves, apesar de o resto dele ser duro.

Ela agarrou-lhe o cabelo para conseguir segurar-se enquanto ele deslizava a boca pelo seu corpo. Levantou-a nos braços até os seios ficarem à altura da sua boca e sugou-lhe os mamilos como se estivesse esfomeado dela. O puxão insistente da sua boca nos seios criou pontadas de necessidade nela.

Quando pôs um mamilo na boca, a palma da sua mão acariciou-lhe o outro seio e o polegar e o indicador beliscaram-no e puxaram-lhe ligeiramente o mamilo, para depois o acariciar com suavidade. Ela balançou-se contra ele, quase sem pensar, desejando apenas ser

possuída. O seu ventre latejava dolorosamente por ele.

– Por favor, Gavin. Por favor, para de me provocar.

Ele soltou o mamilo e sorriu.

– Estás a suplicar por mim? Gosto disso, esposa. Agora, diz-me o que queres.

– Quero ter-te dentro de mim. – Ela corou muitíssimo ao admiti-lo.

– Queres ser *possuída* pelo teu marido? – As suas palavras cruas fizeram o desejo dela crescer ainda mais. Como sabia o que dizer para tornar aquele momento ainda mais deliciosamente carnal? – Di-lo, esposa. *Suplica-me*. – Beijou o ponto entre as suas clavículas e, com uma mão, agarrou-lhe o rabo e apertou. Ela fechou as pernas contra as ancas dele.

– Por favor. – Ela arquejou. – Por favor, possui-me, meu marido.

Ele gemeu ao ouvir a palavra «marido» e levantou-a, acomodando-a na rocha. Ela segurou-se às rochas na beira do lago. Gavin posicionou-se atrás dela, com os joelhos contra os dela, e agarrou-lhe um ombro com uma mão enquanto usava a outra para se guiar para dentro dela. Ambos partilharam um gemido quando a penetrou profundamente.

– *Oh, sim* – lamuriou-se ela, enquanto as suas ancas se pressionavam contra o rabo dela, permitindo-lhe penetrá-la tão profundamente quanto era possível.

Arqueou as costas e ele mexeu uma mão para a sua nuca, agarrando-lhe o cabelo, enquanto a outra mão lhe segurava um seio e apertava suavemente. Saiu de dentro dela e voltou a penetrá-la.

– Diz-me que és *minha*.

– *Tua*. – Josephine só conseguiu ofegar a palavra enquanto caía por uma cascata de prazer para um mar de estrelas coloridas.

Gavin começou a mexer-se mais depressa e com mais força. Fez o seu clímax durar o que lhe pareceu uma eternidade, antes de um segundo se lhe seguir. Ela nem conseguiu gritar. Os olhos reviraram-se enquanto as canções dos papagaios por cima deles lhes faziam serenatas através dos picos de prazer e a água quente lhe aconchegava o corpo. O movimento das ancas dele criava salpicos suaves e ela só podia aceitar o que lhe oferecia e banhar-se na beleza do que a fizera sentir. O corpo de Josephine cantou com prazer. O seu canal ficaria dorido depois de ser reivindicada tão vigorosamente, porém, era lindo ser selvagem e livre, deixar-se sentir cada segundo do seu amor por ele.

Quando pensou que não conseguiria aguentar mais, ele afastou-se e mudou as posições dos seus corpos. Agora, estava sentado dentro de água na saliência rochosa e ela estava sentada em cima dele. Penetrou-a com o seu membro, fazendo-a gritar por causa da sensibilidade, e silenciou-a com um beijo antes de a levantar para

cima e para baixo no seu corpo. Deixou-a cavalgá-lo enquanto sugava um dos seus seios de novo, permitindo-lhe sentir as sensações de satisfação de o ter dentro dela e o puxão da sua boca ao mesmo tempo.

Um clímax mais suave embargou-a e soube que estava a chorar quando as lágrimas caíram pelas suas faces até ao queixo. Gavin beijou cada lágrima e murmurou palavras suaves de conforto, que ela não conseguia compreender porque estava demasiado comovida com o seu amor por ele.

Depois, ela adormeceu nos seus braços, com o membro ainda dentro dela. Quando acordou muito mais tarde, encontrou-se vestida e a ser levada ao colo. Ele dirigia-se para casa através da floresta.

– Gavin?

– Sim? – A sua voz baixa tinha um tom indulgente que ela nunca ouvira antes.

– Eu... não sei o que ia perguntar-te – admitiu ela.

Ele riu-se.

– Parece que te cansei, minha querida. Quero que durmas na nossa cama. Tenho planos para traçar esta noite.

Ela não gostou do som daquilo.

– Planos?

– Sim. Quero levar o *Duende* a Sugar Cove e encontrar um padre para nos casar. Presumo que te pareça bem?

– Sim – disse ela, um pouco surpreendida. – Não devia ir contigo? Não seria mais fácil?

– Não, quero que fiques aqui... por duas razões.

Agora, foi ela que se riu.

– Tu e as tuas razões. Muito bem, vamos ouvi-las.

– Primeiro, desejo casar-me contigo aqui, na nossa ilha. E, segundo, se tiver o azar de me encontrar com o teu irmão ou o meu, não quero que te tirem de mim. Se estiveres aqui, será mais fácil voltar para ti sem te perder. Nem sequer o Dominic sabe onde vivo nesta ilha.

– Ah, bom, isso faz sentido. Quando te vais embora?

– Amanhã, se puder.

A desilusão ardeu no seu coração.

– Tão cedo?

– Quanto mais depressa for, mais depressa poderei voltar para ti.

Chegaram à casa e uma Jada sorridente encontrou-se com eles à porta, segurando-a aberta para eles.

– Espero que tenhas realmente mostrado a ilha à tua esposa – troçou ela.

Envergonhada, Josephine lutou para que Gavin a pusesse no chão, mas ele ignorou as suas tentativas.

– Não lute com um homem quando insiste em levá-la ao colo – disse Jada, rindo-se. – Mandar-vos-ei o jantar. Imagino que tenham *muito* para discutir.

– Temos? – perguntou Josephine, quando Gavin começou a subir as escadas ainda com ela ao colo.

– Certamente, esposa. Principalmente, quantas vezes consigo fazer com que te desfaças nos meus braços.

Ela arquejou. Como podia falar tão abertamente sobre algo tão escandaloso?

– Senhora Castleton, salvou-me de uma tempestade mortal... não me diga que se sente tímida agora? – Sorriu, provocante, enquanto chegavam ao que ela presumia que era o seu quarto.

– É só... Oh, tanto faz. – Suspirou quando a depositou na cama.

Muito mais tarde, Jada trouxe-lhes um tabuleiro com comida e ambos comeram nus na cama. Josephine desfrutava daquela nova faceta de Gavin, das brincadeiras provocantes que eram tão suaves, combinadas com a sua paixão feroz quando fazia amor com ela.

– Tens mesmo de te ir embora amanhã? – perguntou ela, deitada em cima dele. Os seus corpos ainda estavam intimamente unidos e nenhum deles se mexeu. Ele pôs-lhe o cabelo atrás das orelhas e sorriu suavemente.

– Tem de ser. Precisamos de um padre para tornar o nosso casamento oficial.

– O que acontecerá depois? – Ela mordiscou o lábio inferior, preocupada.

– Depois do quê?

– Depois de nos casarmos. E o *Sereia*? Não estás preocupado com o teu barco?

Os olhos de Gavin escureceram pela primeira vez em dias e o seu contentamento pareceu desaparecer.

– Estou, mas quero casar-me contigo primeiro. Quando tiver a certeza de que serás minha esposa e não do Griffin, irei atrás do meu barco e devolverei o *Duende* ao teu irmão.

Talvez outra mulher pudesse ter pensado que o comentário de Gavin sobre casar-se com ela primeiro tinha a ver com uma rivalidade fraternal, mas Josephine sabia que não era assim. Queria-a, não porque pertencia a Griffin, pelo menos oficialmente, mas porque ela *queria-o* a ele. O seu desejo mútuo aprofundara-se em amor verdadeiro, apesar de ter acontecido tão depressa.

– Oxalá não tivesses de ir – murmurou ela.

Ele fê-la levantar o queixo para olhar para ele.

– Apressar-me-ei com o vento a encher-me as velas.

A sua promessa doce ficou a flutuar no ar. Lá fora, as canções dos pássaros desapareceram na noite caribenha suave e a brisa e as ondas

a quebrar tornaram-se uma canção de embalar pirata.

GAVIN LEVANTOU-SE da cama mesmo antes da alvorada e parou para olhar para Josephine enquanto dormia. Nunca poderia ter imaginado, na noite em que a conhecera, que estaria ali com ela agora e que a veria a transformar-se na sua cara metade.

O oceano podia dar os seus mistérios a um homem, mas não havia mistério maior ou mais maravilhoso do que o coração de uma mulher. Pensou em Charity e em Brianna, duas mulheres que eram muito parecidas com Josephine de algumas formas. Amara ambas, apesar da forma como as relações tinham acabado. Agora, não via essas relações como um fracasso, mas como prática. Não estivera pronto e não fora merecedor de amar uma mulher como Josephine naquela altura. Agora, sabia o que queria da vida e o que o amor significava realmente. Em apenas um mês e meio, encontrara algo mais precioso do que prata ou ouro. Tinha o coração de Josephine.

Baixou-se e deu-lhe um beijo na têmpora. Depois, saiu silenciosamente do quarto. Jada esperava por ele no andar de baixo, ao pé da porta. O céu matinal pálido iluminava-lhe os olhos castanhos. Aqueles olhos que tinham visto todos os seus segredos, por muito que quisesse escondê-los.

– Vais desistir por ela, não vais? – Jada falou suavemente. Nunca o julgara pelas suas atividade criminais. Jada via o melhor das pessoas, o que nunca parava de o surpreender, dado que fora tirada da sua casa em África, destinada a ser vendida num leilão antes de o *Sereia* intervir.

– Sim, suponho que o faça – concordou ele. Não pensara nisso até àquele momento, mas teria de o fazer. A vida de um pirata era perigosa. Era procurado em muitas águas. Seria bastante difícil manter-se longe da força *depois* de deixar a pirataria para trás. Sentia-se agradecido por aquela ilha lhes dar o suficiente para viver e tinha algum dinheiro guardado em alguns bancos das outras ilhas, tal como em bancos de Londres. Era por isso que regressava a Inglaterra uma vez por ano, para aumentar os seus investimentos.

Jada assentiu.

– Isso é bom. Ama-a e ela curará a tua alma.

Abraçou Jada.

– Tomas conta da minha menina até eu voltar?

Ela riu-se.

– É claro. Vai lá, o Ronnie está pronto para partir.

Ronnie estava à espera dele nos baixios com alguns marinheiros que tinham um bote pronto para que pudesse regressar ao *Duende*.

Entrou a bordo e a tripulação começou a remar. Olhou para trás, para a ilha, para a sua casa, imaginando a mulher que deixava para trás. Fê-lo querer apressar-se ainda mais.

– Esta foi a primeira vez que olhou para trás – observou Ronnie.

Com alguma surpresa, Gavin apercebeu-se de que o seu amigo tinha razão. Antes, olhara em frente para a próxima aventura, para onde o vento o levaria, mas agora sabia onde realmente queria estar. Uma vida com Josie era a única aventura que queria agora.

– É melhor raptarmos um padre e depressa – murmurou Ronnie. – Espero que o bebezinho chegue antes do Natal.

Meu Deus, nem sequer pensara nisso. Josephine já poderia estar grávida. Certamente, fizera amor com ela vezes suficientes para ser uma possibilidade.

– Oh, sim, não pensou nisso, pois não? – Ronnie riu-se. – É melhor casar-se depressa, *papá Gavin*.

Deu um pontapé na canela de Ronnie e ambos os homens se riram quando ele se posicionou com os seus homens e remou. Apesar de se sentir como se deixasse o coração para trás, a ideia de ter filhos com Josephine encheu-o de uma alegria incrível. Aquela vida linda que queria com Josephine estava ao seu alcance. Tudo o que tinha de fazer era chegar ao altar antes de Griffin.

Gavin e Ronnie olharam para o homem caído de bruços na lama de uma pocilga.

– Suponho que ele tenha de servir – disse Gavin.

– Sim, terá de servir. O Sheridan é o único padre nesta ilha. Não podemos arriscar-nos a ir a outro lugar.

Tinham parado em Sugar Cover, um refúgio muito conhecido de piratas que a marinha, felizmente, ainda não tinha encontrado.

Gavin acenou para o homem a dormir.

– Muito bem, acordem o homem. – Dois marinheiros que o tinham acompanhado do *Duende* levantaram os seus baldes e atiraram água fria para o homem deitado na pocilga. Ele ajoelhou-se depressa, a gritar, enquanto a água enlameada deslizava pelo seu corpo.

– Eh! – gritou o padre e Gavin surpreendeu-se ao ver que o homem era muito mais jovem do que esperara e com uma estrutura mais parecida com um homem que lutava boxe do que com um homem do clero. Não podia ter mais de vinte e cinco ou trinta anos.

– És o padre chamado Henry Sheridan, não és? – quis saber Gavin.

– Entre *outras* coisas, sim. – O homem limpou a lama do seu casaco uma vez elegante e olhou à volta à procura de alguma coisa.

Gavin levantou a garrafa de rum que estava mesmo do outro lado da cerca da pocilga.

– Estás à procura disto? – O padre esticou a mão, mas Gavin virou a garrafa ao contrário e entornou o conteúdo no chão.

– Acabaste de *desperdiçar* o melhor rum com especiarias que existe neste lado do Atlântico. – Sheridan lançou um olhar sombrio a Gavin que prometia retribuição.

– Vem connosco e pagar-te-emos o suficiente para comprares todo o rum da Jamaica. Até lá, preciso que estejas sóbrio.

– Sóbrio? – O padre saiu lentamente da pocilga. – Não me ofereces o suficiente para isso. Que tarefa é essa que requer o estado desafortunado da sobriedade?

– Preciso de um padre para me casar.

Sheridan riu-se.

– Sem ofensa, mas não és o meu tipo.

Ronnie empurrou Sheridan com força por trás.

– Este é o capitão. Mostra um pouco de respeito.

– Vi muitos capitães. Quem sabe quantos deles merecem respeito.

– Desejo casar-me com uma dama da alta sociedade – disse Gavin, sem se alterar. – Todas as tuas licenças, ou seja o que for que os padres precisam atualmente, estão em ordem? Preciso que o casamento seja legal.

– Sim, infelizmente, todas as minhas licenças estão em ordem. Recebo ofertas todos os dias para casar as malditas prostitutas com metade dos piratas desta maldita rocha a que algum tolo decidiu chamar ilha – replicou o padre, amargamente.

– Muito bem. Então, vem connosco. – Gavin liderou o caminho através do refúgio dos piratas. Dezenas de homens bebiam ou lutavam nas ruas, enquanto as prostitutas ofereciam os seus favores, exibindo-se em vestidos gastos e coloridos. O padre parou por um instante para deixar que um grupo de homens que carregava um bêbado passasse por eles para o atirar por uma janela aberta para dentro de uma taverna, em vez de para fora dela.

– Hum! Normalmente, atiram os homens para fora das tavernas, não para dentro – disse ele, secamente, e seguiram o seu caminho. Gritos explodiram dentro da sala, seguidos por sons de canecas a cair no chão.

– Posso perguntar como é que um homem do clero acabou num lugar como este? – perguntou Gavin.

– Costumava ser capitão na marinha.

– Um maldito homem da marinha – protestou Ronnie, atrás deles.

– Obviamente, já não sou – Sheridan cuspiu. – Persegui uma carreira na igreja depois de me ter demitido da minha comissão. Como segundo filho, não tenho muitas mais opções quando toca a viver a vida.

– Consigo compreender que tenhas saído da marinha, mas não pareces um homem destinado ao clero.

– É uma longa história e não estou interessado em contá-la.

– É justo. – Gavin não era um homem que se intrometesse nos segredos dos outros. Sheridan era um homem bastante bonito, com o corpo de um homem da marinha. Ainda parecia mais um capitão do que um padre. Devia ter sido algo realmente desesperado que o deixara tão em baixo.

Já estavam quase a chegar ao porto quando Gavin viu um rosto familiar entre os homens nas docas. Dominic Greyville estava ali, a falar com o capitão do porto. O homem abanou a cabeça e encolheu os ombros depois de ouvir Dominic.

– Maldição.

Gavin indicou aos homens que estavam com ele que se baixassem por trás da parede de uma taverna que estava por perto. Pagara ao capitão do porto pelo seu silêncio em relação aos movimentos deles quando tinham chegado a Sugar Cove. Era um acordo que tinham há

muito tempo e que o capitão do porto não queria estragar, pois era bem pago. Gavin tinha o *Duende* a dar voltas à ilha em vez de o ter atracado no porto. Não era tolo. Não se atreveria a pôr o *Duende* no porto, não quando havia uma hipótese de Dominic reconhecer o seu próprio barco se visitasse a ilha.

– O que se passa, capitão? – perguntou um dos outros homens, num tom preocupado.

Gavin praguejou silenciosamente. Tentara evitar dizer à tripulação do *Duende* que era um pirata que roubara um barco. Pensando depressa, inventou uma história para os dois homens que o tinham acompanhado e a Ronnie.

– Eh... é um velho amigo, a quem devo dinheiro. Não é alguém que queira ver agora e receei que estivesse aqui... foi por isso que deixei o *Duende* a dar voltas à ilha.

– Oh, certo. – O marinheiro assentiu como se aquilo fizesse sentido e fosse credível.

– É o Dominic? – murmurou Ronnie, atrás dele.

– Sim – sussurrou Gavin.

– Quem é o Dominic? – perguntou o padre, num tom baixo.

– O irmão mais velho da minha noiva – replicou Gavin.

O padre riu-se e depois abafou o som.

– Não, a sério, quem é ele?

– *O irmão mais velho da minha noiva* – repetiu Gavin, lançando o seu olhar mais sombrio ao padre.

Sem se alterar com o tom do pirata, o padre, simplesmente, lançou-lhe um olhar furioso.

– Meu Deus, estou envolvido em alguma farsa shakespeariana, não estou?

– É melhor voltarmos para o barco antes que ele nos veja – sugeriu Ronnie.

– Concordo. – Gavin fez um gesto para que o pequeno grupo voltasse para onde escondera o bote pequeno. Foi um milagre que chegassem ao afloramento rochoso no lado oposto da ilha, meia hora mais tarde, e sem serem vistos. O bote ainda esperava por eles onde o tinham escondido e, assim que o lançaram ao mar, o *Duende* apareceu numa ponta da ilha como se tivesse sido conjurado por magia cônica.

Assim que todos, incluindo o padre, entraram a bordo e o bote foi guardado, o *Duende* dirigiu-se para alto-mar, com o vento nas suas velas. Gavin ficou parado na popa e observou Sugar Cove a desaparecer no horizonte. Mas ainda não respirou fundo de alívio. Enquanto Dominic os caçasse, não poderia descansar, não até Josephine ser sua esposa. E, mesmo então, Dominic ainda poderia tentar matá-lo. Greyville era um bom homem para ter como aliado, mas um adversário mortal como inimigo.

Griffin OLHOU FIXAMENTE para o mar aberto, com o coração inquieto. Tinham parado num lugar chamado Sugar Cove à procura de notícias de Gavin ou do *Duende da Cornualha*. Fora um beco sem saída. Todos a bordo estavam inquietos. Temia que as hipóteses de encontrar Josephine a tempo de a salvar do que quer que fosse que o seu irmão tencionava fazer com ela diminuíssem com cada dia que passava. Sabia que Gavin não a magoaria, mas temia que a seduzisse e a fizesse apaixonar-se por ele antes de a abandonar. A frieza dentro do coração do seu irmão preocupava-o mais do que conseguia descrever.

Na noite passada, ao jantar, ele e Nicholas Flynn tinham ouvido Dominic e Brianna a discutir as suas teorias de onde Gavin poderia estar. Brianna indicara que Gavin conhecia ilhas pequenas nas Índias Ocidentais e poderia esconder-se em qualquer lugar. Havia rumores de que tinha uma casa escondida algures naquela zona, onde guardava os tesouros de todos os prémios capturados. Mas Brianna só poderia adivinhar a sua localização. Dominic sugeriu que falassem com o resto da Irmandade dos piratas e descobrissem se alguém sabia onde estava o rei dos piratas. Certamente, alguém devia tê-lo visto. Isso era presumindo, é claro, que algum dos piratas lhes daria a localização de Gavin, o que não era muito provável.

Agora, Griffin só podia olhar para o mar e preocupar-se. Uma sensação de fatalidade parecia aproximar-se deles e não conseguia evitar pensar que algo terrível ia acontecer.

Vesper aproximou-se dele na proa do barco e os seus braços tocaram-se. O seu cabelo dourado estava solto por cima dos ombros e, visto que o sol nascia no horizonte, adivinhou que ela devia ter acordado e viera diretamente para o convés. Vê-la acalmava a tensão assustadora dentro dele e dava-lhe uma sensação imensa de paz.

– Mal comes ou dormes há dias – indicou ela.

– É uma tolice dizer que tenho um mau pressentimento? Não quero amaldiçoar a nossa viagem, mas receio que estejamos condenados na nossa missão de salvar Josephine. A *lady* Camden concorda comigo. Diz que sente um vento doentio no ar.

– Não, eu também o sinto – admitiu ela.

Ficaram parados em silêncio por um bom bocado e, depois de um instante, Griffin deu-lhe a mão. Atrevera-se a roubar-lhe alguns beijos depois do jantar todas as noites, mas, sempre que o fazia, parecia-lhe uma traição. Josephine não desejava realmente casar-se com ele e o contrato de casamento fora assinado pelo seu pai, não por ela. Mesmo assim, não estava a agir bem com ela. Queria Vesper com cada fibra do seu ser. Poderia arruinar o seu dever e a sua honra para estar com a mulher que realmente amava? A resposta era simples. *Sim*.

– Vesper... Se quebrar o meu contrato de casamento antes de encontrarmos a Josephine, manchará o meu nome.

Ela respirou fundo ao lado dele, mas não falou, por isso, ele continuou.

– Se eu fizesse isso e depois te pedisse em casamento, a vergonha seria demasiada? – Desviou o olhar dela, com medo do que poderia dizer.

Vesper segurou-lhe a face e fê-lo virar-se para ela.

– Sabes que tenho a minha própria vergonha.

– É por isso que me preocupo. Não desejo aumentá-la.

Ela sorriu.

– Quando as pessoas se amam, partilham os seus fardos. Não me custa nada carregar o teu.

– Então, casar-te-ias comigo? – perguntou ele, de novo, desta vez pronunciando a pergunta importante com mais clareza.

Ela sorriu e as lágrimas brilharam nos seus olhos.

– Sim.

Puxou-a para os seus braços, beijando-a. Não precisava de palavras para mostrar como se sentia aliviado, mas um grito de aviso fê-los separar-se.

– Vela à nossa frente! – O vigia na verga do traquete gritou por cima deles.

Griffin e Vesper viraram-se na direção em que o homem apontava. Via-se uma vela no horizonte.

A próxima hora esteve cheia de preocupação enquanto o barco de Brianna se aproximava do outro barco. Dominic andava de um lado para o outro no convés como um lobo que cheirava uma presa. Lorde Camden e Adrian pareciam divididos entre observá-lo e ao barco enquanto se aproximavam.

– Não é o *Duende*! – Dominic rosnou quando levou a luneta ao olho.

– Não é? – perguntou Camden.

Brianna pegou na luneta e estudou o barco.

– Ele tem razão. Não é o *Duende*, mas reconheço-o. É o barco do Encino.

– Quem é o Encino? – perguntou Adrian.

Brianna e Dominic partilharam olhares de reconhecimento enquanto todos se reuniam no convés.

– O Encino é um membro da Irmandade – disse Dominic.

– Pirata – acrescentou Adrian, tentando ajudar, num sussurro para Griffin. Camden lançou um olhar furioso ao seu filho mais novo.

– É um dos capitães da nossa corte pirata – disse Brianna e aproximou-se do seu marido. – Ou foi. Nunca deixaria que um barco se aproximasse dele assim, não sem levantar a bandeira de aviso.

Alguma coisa não está bem.

Todos olharam para o barco enquanto o apanhavam lentamente. As velas do barco de Encino estavam cheias, mas o barco estava vazio. Não havia um único marinheiro no convés ou no cordame. O leme virava lentamente de um lado para o outro e o barco deslizava sem rumo para onde quer que fosse que o vento o levava.

– Nick, pai, venham comigo – disse Dominic.

Griffin deu um passo em frente ao lado de lorde Camden e Nicholas.

– Eu também vou.

Dominic pareceu pronto para discutir, mas mudou de ideias.

– Não te esqueças da promessa que me fizeste.

– Não o fiz – replicou Griffin.

Os homens entraram a bordo de um bote e remaram para o barco à deriva. Adrian ficou de vigia no corrimão, ao lado de Vesper, Roberta e Lucia. As três mulheres que se tinham atrevido a enfrentar a longa viagem com Griffin e os outros observavam-nos com preocupação. Todos sabiam que aquilo era perigoso. Brianna ficou ao leme do *Serpente do Mar*, pronta para o virar ao primeiro sinal de perigo. Griffin seguiu Dominic pelo lado do barco, segurando as tábuas de madeira que formavam uma escada.

– Tens de estar pronto. Pode ser uma armadilha – murmurou Dominic, quando chegaram ao convés. Depois, pôs as mãos à volta da boca. – Encino! É o Dominic Grey – gritou ele. Ninguém lhe respondeu. – Griffin, vem comigo. Nick, tu e o pai fiquem juntos. Vamos revistar o barco de cima a baixo.

Griffin e Dominic foram para os conveses de baixo. Não demoraram muito a encontrar a tripulação. Os corpos enchiam o convés de bateria. As suas gargantas tinham sido cortadas e muitos deles tinham outras feridas e tinham sido alvejados. Griffin empalideceu. Nunca vira a morte àquela escala antes. Pôs a palma da mão na espada que pendia da anca, precisando do conforto do aço naquele momento.

– Tem cuidado – murmurou Dominic e conduziu Griffin mais para dentro do barco. Chegaram ao que Griffin adivinhou que seria a cabina do capitão. A porta estava aberta e balançava ao sabor das ondas. Não era um bom sinal para quem estivesse lá dentro. Dominic encostou a palma da mão aberta à porta e empurrou-a.

A cabina estava desarrumada. Um único candeeiro balançava por cima da mesa no centro da cabina do capitão, apesar de o sol brilhar claramente através das janelas. Griffin adivinhou que quem quer que tivesse cometido aqueles crimes queria que a descoberta fosse visível, mesmo no escuro. Havia um corpo de um homem na mesa, com o peito nu e o corpo cheio de cortes profundos.

Dominic aproximou-se e tocou no seu ombro.

– Encino.

O homem arquejou, deixando Griffin em choque. Pensara que o homem estava morto, mas esse destino não devia estar muito longe.

– Dominic... – O capitão gemeu.

– Estou aqui, velho amigo. Quem te fez isto?

Griffin olhou para o homem gravemente ferido. Os olhos escuros de Encino deslizaram entre Dominic e Griffin.

– Tu... ele vai atrás de ti, Castleton.

– Quem? – quis saber Griffin.

– Beau... champ... – O nome escapou dos lábios de Encino ao mesmo tempo que o seu olhar se tornava lentamente distante e a luz desaparecia dos seus olhos.

– Beauchamp... Esse nome... Conheço-o – disse Griffin.

– Era um membro da tripulação de Gavin – disse Dominic. – Conheci-o uma vez.

– Esse é o homem que o meu irmão disse que liderou o motim contra ele – disse Griffin. O capitão confundira-o com o seu irmão.

Ambos olharam para o homem morto por um longo instante.

– Temos de sair do barco – disse Dominic. – O Beauchamp pode estar a segui-lo de longe. Reparei que sabotou os canhões para não poderem ser disparados. A linha do leme foi cortada, por isso o barco não pode ser controlado. Qualquer pessoa que entre neste barco pode ficar facilmente presa. Toda a carga foi removida... Acho que o Beauchamp armou uma cilada para qualquer um que viesse ver este barco.

Dominic dirigiu-se para a porta e Griffin seguiu-o de perto. Não houve conversas sobre enterrar os mortos no mar. Simplesmente, não havia tempo para pegar nos corpos e fazer uma cerimónia rápida. Todas as vidas a bordo do barco de Brianna, incluindo a de Vesper, estavam em perigo grave.

JOSEPHINE ficou parada com a água pelos joelhos nos baixios com Sam. Ambos seguravam arpões e observavam os peixes. Ela deixara o seu vestido no armário naquele dia e usava as roupas emprestadas do barco de Dominic, que Jada amavelmente lavara.

– Espera – aconselhou-a Sam, enquanto os peixes prateados nadavam à volta dos seus pés.

– Quando? – murmurou Josephine, apesar de os peixes não conseguirem ouvi-la.

Ele segurou o arpão pronto.

– Ainda não... Agora!

Josephine afundou o arpão profundamente na água, empalando o peixe. Com um grito de triunfo, levantou o seu arpão. A luz do sol brilhou nas escamas prateadas do peixe.

Sam sorriu.

– Vamos cozinhá-lo esta noite. Vou ensinar-te a limpar as escamas. Só temos de... – As suas próximas palavras morreram enquanto olhava para alguma coisa atrás dela.

– Sam? O que se passa? – Ela virou-se para o horizonte e viu um barco a navegar para a enseada. Ancorou perto da área que só Gavin sabia como navegar.

– Aquilo não é o *Duende* – murmurou ela para si e levantou uma mão por cima dos olhos para os proteger do sol enquanto estudava o barco.

Sam gritou de alegria e acenou para o barco.

– É o *Sereia*!

– O *Sereia*? – Uma sensação súbita de medo apoderou-se do seu estômago. Se Gavin tivesse recuperado o barco, teria sido fácil guiá-lo para a enseada. Mas o barco ficou em segurança, longe do labirinto de recifes, o que significava que Gavin não estava ao leme. – Sam! – Ela agarrou o rapaz pelos ombros e sacudiu-o. – Ouve-me. Não é o Gavin. Tens de ir! Diz a todos. Oh, meu Deus... – Havia algum lugar naquele pedacinho de paraíso onde pudessem esconder-se daquele mal?

Ela olhou para o barco e viu que começavam a baixar um bote para a água.

– Josie... – começou a dizer Sam, hesitante, com os olhos escuros muito abertos de terror.

– Vai, Sam! – Ela apressou-se para a costa. Ao ver as velas, alguns dos residentes da ilha tinham saído dos seus campos e das suas casas para dar as boas-vindas aos recém-chegados. Josephine gritou que fugissem. Só tinham alguns minutos antes de os amotinados chegarem a terra.

Jada encontrou-se com eles perto da costa. Quando viu o barco e depois o rosto de Josephine, pareceu perceber logo que não era Gavin.

– Temos de nos esconder. Aquele homem tentou matar o Gavin e matará todos no seu caminho – explicou Josephine, enquanto corriam para a casa.

Jada correu pelo apêndice da frente da casa e dirigiu-se para um sino dourado que pendia de uma viga no teto. Segurando a corda castanha com uma bola de metal que pendia por baixo dele, tocou o sino com força. O som ecoou por toda a ilha.

– Isto avisará os outros. Temos de ir para as grutas. – Jada agarrou as mãos de Sam e de Josephine.

– As grutas?

– O Gavin sempre temeu que algo pudesse acontecer-nos enquanto

estava fora, por isso, criou um abrigo nas grutas no caso de haver uma tempestade ou um ataque.

– Mas o Beauchamp e os seus homens não saberão onde estamos?

Jada abanou a cabeça.

– É o único lugar na ilha que a tripulação de Gavin nunca soube que existia, exceto o Ronnie.

– Cabemos todos nessas grutas? – Josephine temeu por todos os homens e mulheres que viviam ali. Não conseguia pensar na hipótese de lhes acontecer alguma coisa.

– Cabemos. As grutas são profundas e vão até ao centro da ilha, mas nunca se inundam quando chove. – Jada liderou o caminho, encontrando-se com os outros vindos dos campos e da aldeia pelo caminho, e parando para explicar o que se passava o mais depressa que pôde.

Quando chegaram à entrada da gruta, Josephine ficou chocada ao perceber que estavam na nascente onde ela e Gavin tinham ido nadar. Homens e mulheres mergulhavam profundamente no lago. Josephine viu um homem a mergulhar e nadar para baixo. Depois, nadou ao longo do fundo antes de desaparecer da sua vista de repente.

– Sabes nadar, não sabes? – perguntou Jada.

– Sei.

– A entrada da gruta é debaixo de água. Não te preocupes, não é longe. Abre-se para grutas com ar mais do que suficiente. – Jada urgiu várias mulheres a mergulhar antes deles. Depois, olhou à volta e abriu muito os olhos. – Sam? Sam! – Jada gritou o nome do seu filho. O rapazinho estivera com eles quase todo o caminho... mas, de alguma forma, no caos, tinham-no perdido.

O número de pessoas que mergulhava à vez no lago começava a diminuir. Jada tentou empurrá-la para a água.

– Vai, Josie. Nada para a gruta. Juntar-me-ei a ti quando encontrar o meu filho.

– Talvez precises da minha ajuda. Não vou deixar-te. – Josephine não ia deixar que Jada enfrentasse uma dúzia de piratas assassinos sozinha.

Ambas correram pelo caminho da selva, de volta à casa. Chegaram a um ponto onde a selva acabava e o campo que levava à costa e à casa começava, e Josephine viu Sam a lutar nos braços de um pirata. Tinham chegado demasiado tarde. O rapaz era levado ao ombro do homem. Jada começou a sair do esconderijo das folhas, mas Josephine deteve-a.

– Tens de ficar aqui. Eu vou atrás dele.

– Vão matar-te. – Jada arquejou. O seu rosto estava manchado de lágrimas. – Devia ser eu. Sou a mãe dele. Eu tenho de ir, não tu.

– Não têm motivos para não te matar, mas se lhes disser que sou a

esposa de Gavin, serei mais valiosa para eles viva do que morta quando o Gavin chegar.

Jada abanou a cabeça freneticamente.

– Ou podem matar-te assim que lhes disseres.

– Estou disposta a arriscar-me para salvar o Sam. – Josephine segurou o rosto da mulher até ter a certeza de que Jada se concentrava nela e não na visão do seu filho a desaparecer. – Alguém tem de dizer ao Gavin o que aconteceu e ajudar os outros residentes da ilha. Compreendes? Tens de ser tu a ficar – disse ela à sua amiga.

– Mas... o meu filho...

– Salvá-lo-ei... e, se não conseguir salvá-lo, defendê-lo-ei com a minha vida – prometeu Josephine e falava a sério. Mataria ou morreria para proteger o rapaz. – Agora, vai! Tens de te esconder antes que te vejam! – Empurrou Jada para a floresta e dirigiu-se para a casa, com cuidado para não deixar um rasto que os conduzisse a Jada ou ao caminho do lago.

Entrou por uma janela no rés-do-chão da casa de Gavin e chegou à sala de estar. Ali, viu dois piratas a revistar a casa. Estavam de costas para ela, mas não demorariam a encontrá-la. Correu para a lareira, onde um par de espadas pendia por cima do suporte como decoração. Rezou para que o aço estivesse suficientemente afiado para matar. Assim que libertou uma das espadas, ouviu os piratas a gritar para ela da entrada da sala de estar.

Afastou-se da lareira e atacou o primeiro homem que avançou para ela. O sangue salpicou as paredes e o seu rosto quando a lâmina se afundou no pescoço e ombro dele. Ele gritou e grugulejou antes de cambalear para trás agarrado à ferida mortal.

O outro pirata olhou fixamente para ela em choque por um breve instante, antes de levantar o seu próprio alfange e de se precipitar para ela. Mas anos a treinar com o seu pai e com Adrian tinham-lhe dado alguma experiência e as suposições do pirata sobre ela, por ser uma mulher, foram um erro fatal. A luta estava quase acabada assim que começou. Só mais tarde é que ela se atreveu a pensar nas vidas que acabara de roubar.

Correu para o pátio e perseguiu o pirata que levava Sam para a água. O bote esperava por ele para os levar para o *Sereia*.

– Tu! – gritou ela, para o homem que levava Sam, que ainda lutava nos seus braços. O pirata bruto que segurava o rapaz observou-a com desprezo.

Ela apontou a espada para ele enquanto avançava.

– Põe o rapaz no chão.

Deixou Sam cair na água. Ele tossiu quando uma onda o atingiu. O pirata avançou para Josephine. Apesar do medo que se apoderava dela, os seus passos e a forma como agarrava a espada eram seguros.

– Deixa esta ilha e nunca mais voltas – disse Josie, num tom frio.

– Ou o quê? – Ouviu uma voz atrás dela.

Ouviu o barulho do tiro de uma pistola, seguido da dor ardente a explodir na parte superior do seu braço direito. Sam gritou o seu nome, mas ela não se atreveu a olhar para ele. Virou-se para o homem que ainda segurava a pistola apontada para ela.

– Usaste o teu único tiro – disse ela, num tom rouco. – Não terás outro.

– Talvez não. Mas ele tem.

O pirata acenou para um terceiro pirata que se juntava a eles agora, com a pistola pronta para disparar. O pirata que pousara Sam pegou nele de novo e o terceiro pirata apontou o canhão da pistola para a têmpera de Sam.

– Larga a espada. *Agora* – ordenou o primeiro pirata. – Ou os teus miolos ou os dos rapaz vão espalhar-se por esta praia e o seu corpo alimentará os tubarões da baía.

Josephine deixou cair os ombros e atirou a espada para o chão. Afundou-se na areia branca. Aquela não era uma luta que pudesse ganhar. Já se sentia fraca com a dor e a perda de sangue.

– Quem és tu? – quis saber o homem.

Agora era o momento de apostar se ser a mulher de Gavin significaria que valeria mais viva do que morta.

– Sou a esposa de Gavin.

– Ah, sim? É *realmente* interessante. – O homem sorriu e a frieza dos seus olhos disse-lhe que devia ser Beauchamp. – Levem-na – ordenou Beauchamp. – O rapaz também. Se ela tentar lutar, recordar-lhe-emos todas as coisas *más* que podem acontecer a uma criança no mar.

Josephine arquejou quando o pirata enorme que levava Sam a agarrou de repente por trás. O seu braço enlaçou-se à volta do seu pescoço e deixou-a sem ar enquanto a arrastava para o barco que esperava ao longe.

– Agora, tenho o que preciso para matar um fantasma.

Alguma coisa estava mal. Gavin sentiu-o assim que cheirou o fumo no vento.

«Há alguma coisa a arder.»

Estavam, talvez, a uma hora da Ilha da Canção quando viu o fumo no horizonte.

– Capitão? – Ronnie parou ao seu lado e passou-lhe a luneta.

– Não gosto disto, Ronnie – murmurou Gavin. – É demasiado cedo no ano para queimar os campos de cana-de-açúcar.

– Sim. – O contramestre dobrou os braços e olhou para o horizonte onde o fumo se levantava para o céu.

A coluna de vento aumentou à medida que se aproximavam da ilha de Gavin. Gavin pegou no leme e guiou o *Duende* para a enseada. A visão que o recebeu foi uma que nunca teria imaginado. A sua casa linda não era nada senão madeiras escuras e cinzas que voavam com o vento como neve ardente.

– Meu Deus... O que aconteceu? – perguntou o padre, juntando-se a Gavin no leme. Gavin não disse nada. A visão deixara-o sem fala, era algo saído de um pesadelo.

– Baixem a âncora! – Ronnie deu a ordem e Gavin nem sequer esperou que pusessem um bote na água.

Desceu por um lado do barco e mergulhou para a água para poder nadar até à margem. Ninguém o recebeu com gargalhadas ou sorrisos. A Ilha da Canção estava silenciosa. Nem sequer os pássaros se atreviam a cantar.

Correu para a casa, encharcado, e entrou no relvado que antes era verde e que levava à sua casa linda. A relva queimada desfez-se por baixo dos seus pés. O segundo andar da sua casa colapsara. Só restava o rés-do-chão, apesar de todas as divisões terem sido destruídas.

Gavin levou as mãos à boca e gritou:

– Josie! Jada! Sam! Kai! – gritou os seus nomes até ficar rouco.

Exatamente quando perdia a esperança, uma figura feminina apareceu no mato. Jada, com os olhos muito abertos, com terror e esperança. Gritou e correu para ele, mas caiu ao chão antes de o alcançar, com o corpo a tremer por causa dos soluços. Ajoelhou-se ao lado dela e ela gritou.

– Jada, sou eu. O que aconteceu? – perguntou ele, passando os braços à volta dela para absorver os seus tremores. Lentamente, a mulher nos seus braços acalmou-se e a sua respiração aprofundou-se à

medida que se tranquilizava.

– Ga... Gavin? – Disse o seu nome com um desespero tão cru que ele temeu verdadeiramente o que ela diria depois.

– Onde estão a Josie e o Sam? O que aconteceu?

– O *Sereia* voltou.

Compreendeu o horror do que acontecera naquela ilha.

Beauchamp fora o responsável. Incapaz de o matar diretamente, destruíra o lar de Gavin, deixando-o para ser uma ferida aberta, no caso de Gavin não ter morrido quando fugira do *Sereia* durante o motim. Naquele instante, apercebeu-se de que qualquer pessoa em quem confiara ou a quem se aliara no passado estava em perigo. Beauchamp mataria qualquer pessoa que pudesse desafiar o seu direito ao *Sereia*. Beauchamp viera à procura do ouro que pensava que Gavin escondera? Porque é que Beauchamp não viera mais cedo?

– Pensámos que estavas a voltar, mas a Josie disse que tínhamos de fugir e esconder-nos. – Jada limpou as lágrimas que lhe caíam pelas faces.

O corpo de Gavin ficou tenso ao ouvir o nome de Josephine.

– Onde é que ela está?

– *Desapareceu*. – Jada gemeu a palavra. – Levaram o Sam. Ela foi atrás dele. Disse que não a matariam se soubessem que era a tua esposa. – Jada falou hesitantemente enquanto lutava contra a dor recente.

Agora, Beauchamp saberia que Gavin estava vivo. Devia ter ido à ilha à procura do tesouro que pensava que escondera ali, mas, em vez disso, Beauchamp encontrara Josephine. *Meu Deus...*

– Ela obrigou-me a ficar para trás para te contar o que aconteceu. Escondi os outros nas grutas.

Agradevia a Deus pelas grutas. Só mostrara a Ronnie e às pessoas que viviam na ilha o sistema de grutas subterrâneas que descobrira por baixo do lago central. Quisera que fosse um refúgio no caso de haver um furacão ou de serem descobertos pela marinha, mas nunca permitira que a sua tripulação soubesse daquilo, exatamente por causa de perigos como aquele.

– Há quanto tempo se foram embora?

– Há meio dia – disse Jada. – Pegaram fogo à casa quando se foram embora... – Desatou a chorar de novo, cobrindo o rosto com as mãos.

– Vou trazer-te o teu filho, Jada. Prometo. – Mesmo enquanto dizia as palavras, temia que fosse uma promessa que não podia cumprir.

Ajudou-a a levantar-se.

– Anda. Temos de dizer ao Ronnie e aos outros o que aconteceu.

Quando chegaram à casa queimada, viram que Ronnie e alguns marinheiros do *Duende* tinham chegado a terra, incluindo o padre. A expressão de Sheridan endureceu quando viu Jada a chorar.

– Quão mau é, capitão? – perguntou Ronnie.

– O Beauchamp levou a Josie e o filho da Jada. Todos os outros estão vivos e escondidos.

Ronnie tocou na espada que tinha na sua anca, os seus olhos escureceram com raiva e a sua cara ficou tão vermelha como o cabelo.

– Vamos matá-lo desta vez, não é, capitão?

Disso, Gavin não tinha nenhuma dúvida. Oxalá pudesse matar Beauchamp centenas de vezes pelo que fizera naquele dia.

Bartholomew falou.

– Capitão?

– O que se passa? – perguntou Gavin, tentando afastar a dureza da sua voz, mas sabendo que falhara.

– Nós... Quero dizer, os homens do *Duende*... Sabemos que não devia ser o nosso verdadeiro capitão... visto que é um pirata e tudo...

– O marinheiro olhou para os pés, quase timidamente.

– Sabiam que ele não era o vosso capitão? – perguntou Ronnie.

– Sim. Sabe, todos éramos piratas. Alguns navegaram com o Dominic Grey e os outros com outras tripulações. A maioria dos rapazes reconheceu-o como o capitão do *Lady Sereia*. O Dominic ter-nos-ia dito se o tivesse contratado, mas a forma como nos fomos embora, em segredo, de Saint Ives Bay, fez-nos perceber que você não devia estar no nosso barco. Mas, de qualquer forma, gostámos de si e pensámos que a sua esposa era uma verdadeira dama. Então, decidimos deixar que fosse o nosso capitão. Seja como for, o que tento dizer é... precisa de um barco e de uma tripulação para ir buscar a sua esposa. Somos os seus homens agora. Queremos ajudá-lo a salvar a menina Josephine.

– Esposa? – interrompeu o padre. – Pensei que ainda não eram casados.

– A esta altura, é apenas uma questão de legalidade, Sheridan – disse Gavin.

– Ah, estou a ver. Bom, fui um bom atirador em tempos e lido ainda melhor com a espada. Odiaria ver este mal a safar-se sem ser castigado. – Sheridan fletiu os braços, baixou-se e pegou numa espada meio enterrada na areia aos seus pés.

Gavin reconheceu o punho da espada. Estivera por cima da lareira na sua sala de estar. Como raios acabara na praia?

– Para onde acha que o Beauchamp iria, capitão? – perguntou Ronnie. – Poderiam dirigir-se para qualquer lado.

Isso era realmente um problema. Gavin só podia tentar adivinhar, mas só havia uma possibilidade real.

– Para a Ilha Negra – disse Gavin, em voz alta. Era o único lugar onde ainda poderia atracar nas Índias Ocidentais. Fora eleito como o líder da Irmandade dos Piratas e a Ilha Negra era o seu trono. Uma

gargalhada amarga escapou dos seus lábios. Era um belo rei! Alvo de um motim no primeiro ano e a sua esposa raptada pelo seu inimigo... Não era merecedor do título de rei de nada.

Beauchamp iria para a Ilha Negra e tentaria estabelecer uma reivindicação legítima como capitão do *Sereia*... e mataria qualquer pessoa no seu caminho.

– Eh... Capitão, temos um problema – anunciou Ronnie, de repente, e apontou para a enseada.

Um barco maior do que o *Duende* navegara para a beira da enseada e ancorara, impedindo que o *Duende* voltasse para alto-mar. Era o *Serpente do Mar*, que pertencia a Brianna. Gavin franziu o sobrolho enquanto um bote remava para eles. Mesmo àquela distância, reconheceu Dominic, Griffin e dois outros homens que, dadas as suas expressões, deviam ser o pai e o irmão gêmeo de Josephine.

– Que bela porcaria – murmurou ele. Não tinha tempo para aquilo. O tempo era tudo o que havia entre ele e a morte de Josephine às mãos de Beauchamp, presumindo que ainda estava viva.

– Hum! – murmurou o padre, parando ao lado de Gavin. – Não será a família da noiva a chegar? E o teu irmão?

– Sim, infelizmente, parece que sim – queixou-se Gavin.

Falara com Sheridan sobre a sua situação com Josephine durante a viagem de regresso à ilha. O padre provara ser um homem de confiança que não julgava Gavin pelas escolhas que fizera ou os começos questionáveis do seu namoro com Josephine. Gavin ficou parado na areia seca, onde a água não chegava, e esperou que o bote deslizasse para a costa. Griffin, Dominic e o pai de Josephine foram os primeiros a sair do bote.

– Dominic, não temos tempo para... – começou a dizer Gavin, mas, sem aviso, Dominic deu-lhe um murro duro que o fez cambalear para trás. Teria caído se Ronnie não o tivesse segurado. Dominic abanou os seus punhos magoados e pareceu pronto para atacar de novo, mas o pai de Josephine pôs-lhe uma mão no braço para o acalmar.

– Onde está a minha filha, pirata? – exigiu saber lorde Camden. O seu olhar de ódio atingiu Gavin com mais força do que o punho de Dominic.

Gavin esfregou o queixo.

– Foi levada. O meu antigo mestre de armas... o que organizou o motim e me roubou o barco... levou-a. Também raptou o filho da minha governanta. – Acenou para onde Jada ainda estava sentada na areia, a olhar para as ondas sem emoção.

Dominic virou-se para as brasas ardentes da casa de Gavin.

– Onde raios estavas? Porque não os protegeste?

– Pensei que *estava* a protegê-los. Pensei que a Josephine estaria a salvo aqui. – Agora, conseguia ver a tolice de pensar que aquele lugar

era seguro. Beauchamp estivera na sua ilha antes e seria natural procurar Gavin ali ou o ouro que o homem acreditava que ele escondera da tripulação.

– Porque a deixaste sozinha? – perguntou Griffin. – Porque não a levaste contigo?

– Porque fui buscar um maldito padre e não queria que vocês me apanhassem e me roubassem.

– Um *padre*? – perguntou Dominic. – *Porque* precisas de um padre? Ao ouvir aquilo, Sheridan riu-se.

– Bom, só pode ser para um casamento ou para um batizado, mas adivinho que prefeririam um casamento.

Dominic parecia dividido entre atacar o padre ou Gavin.

– Bom, qual deles é? – quis saber Camden.

– Está aqui para nos casar, à Josephine e a mim – replicou Gavin, irritado. – Amo a maldita mulher e quero casar-me com ela.

Olhou para o seu irmão e os olhos de Griffin abriram-se mais ao ouvi-lo.

Camden e Dominic precipitaram-se para Gavin, mas Griffin pôs-se no seu caminho, levantando uma mão para os deter.

– Por favor, Camden, vamos ouvir o meu irmão antes de decidirmos enforcá-lo no penol. – Griffin virou-se para Gavin. – Ias mesmo casar-te com a Josephine? Ela *quer* casar-se contigo? O que me preocupa mais são os desejos de Josephine. Isto é algo com que ela concordou ou vais obrigá-la? – perguntou Griffin.

– Sim, é uma boa pergunta – indicou Camden, secamente, com a promessa de violência nos olhos. – Responde com cuidado porque a tua vida depende disso.

– Nunca a forçaria. Ela deseja ser a minha esposa.

Sheridan deu um passo em frente.

– Nunca os casaria se ele tentasse forçá-la – acrescentou ele.

Gavin vira um brilho de alívio no rosto do seu gémeo ou imaginara-o simplesmente?

– Então, planeias casar-te com ela. Isso é um problema com que lidaremos mais tarde. Temos de descobrir onde raios está a minha filha. – Camden olhou para as ruínas queimadas da casa, antes bonita, de Gavin. – O homem que matou o tal Encino levou a minha filha?

Gavin ficou tenso ao ouvir o nome do seu amigo.

– O Encino está morto?

– O Beauchamp massacrou a tripulação e torturou o Encino. Morreu momentos depois de o encontrarmos e ao seu barco há dois dias. Preocupávamo-nos com uma emboscada, mas não aconteceu nada. Então, vimos o fumo na tua ilha e tememos o pior – disse Griffin.

– Para onde levaria a minha filha? – perguntou Camden.

– Suponho que para a Ilha Negra. Deseja legitimar a sua posição como capitão do *Sereia*. Agora que sabe que eu regressei, quererá verme morto e sabe que irei atrás dela.

– Porque é que o Beauchamp faria isso? – quis saber Dominic.

– Isto é por causa de tesouros? – perguntou Griffin. – Gavin, disseste-me que se amotinou porque pensava que tu tinhas um tesouro escondido algures.

Gavin olhou para a sua casa arruinada.

– Sim, mas não podia estar mais longe da verdade. Os últimos meses não foram rentáveis e ele pensou que eu estava a roubar as suas partes da pilhagem dos barcos abordados. Todo o meu dinheiro foi para o meu barco e para a minha casa. Esta ilha era o meu verdadeiro tesouro. Aquele maldito idiota nunca compreendeu isso.

Griffin deu um passo em frente e pôs uma mão no ombro de Gavin, olhando para os restos da sua casa.

– Imagino que fosse uma casa muito bonita.

– Era – admitiu ele. – E a Josie e eu... Íamos ser livres aqui. – A sua garganta apertou-se e depois cerrou os punhos. – Vou arrancar o coração negro de Beauchamp e dá-lo de comer quando o encontrar.

– Podes ficar com o que restar dele quando eu acabar – disse Camden, sombriamente. – Ninguém magoa a minha filha. *Ninguém*.

Naquele assunto, estavam todos de acordo. Beauchamp era um homem morto. Em breve, já não teria histórias para contar e aprenderia o que acontece quando um homem rouba o maior tesouro de um rei pirata.

PRIMEIRO, Josephine apercebeu-se da dor de cabeça e depois a dor no seu braço cresceu muito mais do que isso. Algo afiado tocou na sua pele ferida. Tentou afastar-se.

– Fica quieta, rapariga – murmurou um homem.

Ela pestanejou e levantou a cabeça, tentando ver onde estava. Parecia estar numa sala mal iluminada. Os candeeiros balançavam por cima da sua cabeça e o cheiro acre e ácido do álcool escapava da boca de um homem idoso enquanto se inclinava para cima dela para ver o seu braço direito. Tinha uns óculos grossos equilibrados na ponta do nariz.

– Onde estou? – Lutou para se lembrar do que acontecera. Lembrava-se de lutar com os piratas na praia e de Sam. «Oh, meu Deus, Sam!»

Tentou sentar-se, mas o idoso impediu-a e apontou para as correias de couro à volta da sua cintura e do seu peito que a mantinham presa à mesa.

– Estás no *Lady Sereia*, menina. Agora, cala-te e fica quieta. – O homem continuou a coser o seu braço.

– O rapaz... o Sam... Está bem? – Tentou ignorar a dor da agulha a puxar-lhe a pele. Pelo menos, aquela forma de tortura devia ajudá-la... mas não era o que sentia.

– Sim, por enquanto – disse o médico, num tom baixo. – É melhor fazeres o que o capitão Beauchamp te pedir. Matará o rapaz se não o fizeres. – Os olhos cinzento-pálidos do homem suavizaram-se e deu-lhe uma palmadinha no ombro em sinal de solidariedade. – Agora, tenta descansar. Tenho de coser isto ou ficará infetado.

– O capitão – troçou ela. – O homem é um amotinado. Um *ladrão*.

Durante a viagem com Gavin, descobrira tudo sobre Beauchamp. Era um homem avarento, sempre pronto a causar sarilhos. Isso não era invulgar, é claro, mas raramente resultava num motim. Josephine ficara chocada ao descobrir que a tripulação de Gavin acreditara tão depressa que ele lhes roubara a sua parte do tesouro. Mas, segundo parecia, as pessoas estavam sempre dispostas a acreditar no pior dos outros.

– É melhor controlares a língua – avisou o médico. – Ou o capitão cortar-ta-á, ouve o que te digo. É melhor fazeres o que ele quer e não te queixares. Ele disse-me para te ajudar e para te levar aos seus aposentos e será isso que farei. Jantarás com ele esta noite.

Josephine manteve a boca fechada, não por causa do seu aviso, mas para ter tempo para pensar. Tinha de encontrar Sam e os dois tinham de sair daquele barco de alguma forma. Até então, interpretaria o papel que os homens esperavam sempre dela. Uma mulher silenciosa era uma mulher com tempo para pensar e planejar. Beauchamp era um homem morto... simplesmente, ainda não sabia. Já matara dois homens e as suas mortes não tinham deixado marcas na alma dela. A dele não seria diferente.

Quando o médico acabou de a coser, retirou as correias de couro e ajudou-a a levantar-se, antes de a escoltar do consultório até à cabina do capitão. Um pirata alto e bruto que não falava empurrou-a para dentro e apontou para o vestido que havia na cama. Depois, fechou-lhe a porta na cara e ela ouviu-a a trancar-se. Estava sozinha e a salvo, pelo menos, por enquanto.

Tocou cuidadosamente no seu braço ligado. A ferida era mais profunda do que um arranhão, mas não parecia ter chegado ao osso. Era uma pequena bênção, mas ainda lhe doía como se o diabo lhe tivesse espetado um atizador ardente. Examinou a cabina, à procura de possíveis armas. Não havia nenhuma. Havia uma figura de proa em forma de sereia encostada contra a parede num canto e a cama estava mal feita. Nada naquele quarto parecia servir como uma arma decente. Nem sequer a mesa no centro do quarto tinha alguma coisa

com peso suficiente.

Com um gemido frustrado, virou-se para a cama. Havia um vestido elegante por cima da colcha. O vestido era vermelho-escuro com toques cor de laranja, como a cor das folhas no outono. Parecia estar limpo, talvez nunca tivesse sido usado. Havia roupa interior posta de parte, tal como um espartilho e uma armação. Apesar da beleza do vestido, não tinha vontade de o vestir.

Contudo, sabendo que Beauchamp poderia chegar a qualquer momento, despiu-se e vestiu o vestido. Não tinha vontade de ser obrigada a vestir-se à frente dele.

O corpete atava-se à frente por cima do espartilho e o peitilho dobrava-se por cima dos seus seios e cintura, escondendo os laços. Três camadas de renda fina adornavam o decote e as pontas das mangas nos cotovelos. A caixa de joias em cima da cama tinha um colar com uma peça de jade chinês lavrada em forma de uma caveira.

– Encantador – murmurou ela.

A prata fora moldada em forma de ossos cruzados por baixo da caveira. Supunha que fosse um colar adequado para a amante de um pirata. Estava claro que Beauchamp escolhera todas as peças. O seu estômago encheu-se de náuseas quando pôs o colar. O seu cabelo não estava apanhado e teve o cuidado de o pentear para se tornar algo mais agradável do que a confusão frisada que era. Se parecesse apresentável, talvez mantivesse Beauchamp de bom humor, o que lhe daria mais tempo e a Sam.

Acabara de se vestir quando a porta da cabina se abriu. O homem que lhe dera um tiro na praia estava ali, com o seu olhar de cobiça a deslizar por ela. *Beauchamp*.

Atrás dele, o pirata alto e silencioso, com olhos maldosos, que levava Sam, segurava um tabuleiro grande com dois pratos de comida e uma garrafa de vinho.

Beauchamp fez uma vénia trocista.

– Ah, a minha convidada adorável. – O bruto ao lado dele pousou o tabuleiro na mesa e depois, lançando um olhar a Josephine que a fez arrepiar-se, recuou para fora do quarto.

– Não lighes ao Billy... está ansioso por ter a sua vez contigo... quando eu acabar, é claro. – Beauchamp riu-se e fez um gesto para a comida na mesa. – Senta-te, come. Não quero que morras de fome. Gosto das minhas mulheres gordinhas.

Josephine sentou-se, ignorando a vontade de o atacar por lhe ter chamado a sua mulher. Estudou o frango no prato.

– Não tenho talheres – disse ela. Quando olhou para ele, apercebeu-se de que ele também não tinha.

Ele riu-se.

– Depois de como usaste aquela espada na praia, não ia dar-te

sequer uma faca de manteiga. – Pegou no seu frango pelo osso e deu-lhe uma trinca. Relutantemente, Josephine fez o mesmo. Tinha fome e comer mantê-la-ia com forças. – Então, diz-me, como acabaste por ser a mulher de Gavin? Não consigo imaginá-lo a concordar em casar-se, não dado a sua atitude livre e as suas *muitas* conquistas femininas.

Beauchamp tentava magoá-la, fazê-la duvidar do afeto de Gavin, mas não funcionou. Ela e Gavin tinham sido honestos um com o outro sobre os seus passados. Ele falara-lhe das poucas mulheres com quem estivera na sua vida, incluindo Brianna Holland, mas dissera que raramente ia para a cama com mulheres quando ancorava o barco no porto. Ela não tinha motivos para duvidar.

– Deixa-me *perguntar-te* uma coisa. Porque estás tão decidido a matar o Gavin? – perguntou ela, mudando de assunto. Queria fazer Beauchamp falar. Quanto mais o fizesse, mais descobriria sobre o perigo em que estavam, e como é que ela e Sam conseguiriam sobreviver.

– Matá-lo? Quero apagá-lo da existência. A ele e a tudo em que tocou.

– O que fez para merecer tal hostilidade?

Beauchamp bateu com o punho na mesa.

– Traiu-me. Traiu a sua tripulação. E um homem assim não merece viver.

Sabendo que se arriscava, dado o seu temperamento, pressionou-o mais.

– Como te traiu e à tripulação?

Ele pareceu acalmar-se um pouco, como se recordasse que interpretava o papel de anfitrião, não de um louco transtornado.

– Tem andando a esconder o seu tesouro, a ficar com mais do que a sua parte, o que é contra o nosso código – disse Beauchamp, simplesmente.

– Que provas tens disso? – Josephine acabou o seu frango e bebeu um gole de vinho da Madeira. Estava desesperadamente sedenta, mas, pelo menos, a fome acalmara. Já começava a sentir-se menos tonta.

– Um homem sabe quando alguém tem segredos e o Gavin está cheio deles. O seu sapinho, o Ronnie, estava a ajudá-lo a esconder o ouro que conseguíamos dos barcos capturados.

– O Ronnie? Como?

– O contramestre de qualquer barco está a cargo de contar o dinheiro, não é? Que melhor forma de roubar os outros? O par, a trabalhar junto, a esconder tudo. – Beauchamp fez um ar de desprezo. – Tomaram-nos a todos por parvos.

Talvez, pela primeira vez na sua vida, Josephine vislumbrou a loucura do ouro nos olhos de alguém. Beauchamp estava louco com alucinações de tesouros. Talvez pudesse usar isso em benefício

próprio.

Empurrou o seu prato vazio.

– Gostaria de ver o Sam agora.

– Não – replicou Beauchamp, sem emoção.

– Por favor. – Disse-o através dos dentes cerrados com a maior educação que pôde.

– Não – replicou ele de novo, bebendo o seu vinho.

– Porque não? – Josephine cerrou os punhos por baixo da mesa.

– Porque ainda não conquistaste nenhum privilégio. Temos três dias até chegarmos à Ilha Negra. Tenho a certeza de que, nesse tempo, encontrarás uma forma de me *tentar* a deixar-te ver o rapaz.

Levantou-se e deu a volta à mesa para se aproximar dela. Ela levantou-se num instante e recuou para se afastar. Perseguiu-a como uma presa. Ela olhou para o quarto à procura de alguma coisa que pudesse usar para o manter afastado e agarrou na cadeira em que estivera sentada. Contudo, assim que a levantou, o seu braço magoado ardeu de dor. Gritou e a cadeira bateu no chão.

Beauchamp precipitou-se para ela e agarrou-a pela garganta, empurrando-a contra a parede da cabina. Olhou para a sua boca e deslizou o olhar para os seus seios. O seu olhar gelado queimou-a enquanto tentava libertar-se das suas mãos.

– O que te torna especial, eh? Não és diferente de qualquer outra mulher que abre as pernas para um homem. Ele convenceu-te de que te *ama*? – Beauchamp riu-se. – Se és tão importante para ele, talvez devesse arrancar-te o coração e dar-lho quando vier buscar-te. – Inclinou a cabeça, considerando a ameaça violenta. – Ou talvez, quando ele se render para te salvar, te viole à frente dele, a não ser que me diga onde está o ouro.

– Se me magoares, perderás uma montanha de ouro. – Josephine arquejou à procura de ar enquanto lutava para escapar dele.

– O ouro de Gavin? Tê-lo-ei em breve.

– Que idiota... O Gavin não tem ouro. Gastou tudo o que tinha na sua casa e nas casas da ilha de onde me trouxeste. Perguntas porque sou especial? O meu pai é um conde rico. O meu irmão mais velho é um homem rico por direito próprio. E o homem de quem o Gavin me roubou, com quem supostamente deveria casar-me, também é rico. Todos eles perseguem o Gavin para me encontrar e pagariam muitíssimo para me ver devolvida a casa em segurança. Mas não pagarão por uma mulher violada ou morta.

Os seus dedos apertaram-se de novo na garganta dela.

– Como sei que não estás a mentir?

– Não tenho motivos para mentir. Como achas que o Gavin conseguiu perseguir-te tão rapidamente depois do motim e de o teres expulsado do seu próprio barco? Roubou um dos barcos do meu irmão

e uma tripulação. A minha família tem dinheiro. Raptou-me e levou o barco, sabendo que podia pedir um resgate por mim e pela devolução do barco à minha família. – Tinha de pensar depressa e rezar para que Beauchamp acreditasse na sua história. – Liberta-me e ao rapaz ilesos e poderás receber o resgate de um rei por nós.

Beauchamp considerou aquilo e depois soltou-a. Ela esfregou a garganta, tentando recuperar o fôlego.

– O resgate de um rei – murmurou ele, com a avareza a brilhar nos seus olhos. Virou-se para ela e deu-lhe uma bofetada forte na cara antes de ela conseguir reagir. Ela cambaleou e chocou contra a mesa, mas não caiu. – És forte, não és? – murmurou ele e depois chamou Billy aos gritos. – Leva a rapariga para o porão e fecha-a na cela com o rapaz. Não pode ser tocada por ti ou por qualquer outro membro da tripulação. Saberei se ela for magoada. Vale uma fortuna e tu e os outros podem ter todas as prostitutas de Sugar Cove com o dinheiro que conseguiremos por ela.

Billy semicerrou os olhos para Josephine. Grunhiu e agarrou-a pelo cabelo para a arrastar para fora da cabina do capitão. Ela cambaleou atrás dele enquanto a obrigava a seguir pelo corredor. Claramente, o homem tinha uma definição estranha de «magoar».

Chegaram ao porão e ela viu Sam numa cela, por trás de umas barras de ferro. Observou-a com os olhos muito abertos e assustados quando o pirata a empurrou para a sua cela. O escalpe doía-lhe por lhe ter puxado o cabelo, mas ela não fez nenhum som até ficar a sós com Sam.

– Estás bem? – perguntou ela à criança.

– Sim... sim – disse o rapaz, com os lábios a tremer.

– O meu Sam corajoso. Anda cá. – Esticou o braço que não estava magoado e o rapaz aninhou-se como um cãozinho assustado. Nunca admitiria que tinha medo, mas, mesmo assim, podia reconfortá-lo o melhor que conseguisse.

– Vamos morrer? – perguntou ele, num tom fraco.

Ela apertou-lhe os ombros.

– Achas que o Gavin permitiria que isso acontecesse?

– Não. – Sam bufou, confiante. – Matará esses malditos piratas.

– Fá-lo-á, sim. Virá buscar-nos. Só temos de nos manter calmos.

Sam deixou escapar um suspiro trémulo.

– Estou contente por estares aqui, Josie.

– Eu também, Sam. Eu também. – Acariciou-lhe o cabelo e abraçou-o na escuridão do porão. Conseguira comprar-lhes algum tempo, mas não sabia durante quanto tempo conseguiria manter Beauchamp e os seus homens afastados.

«Gavin... Depressa...»

A Ilha Negra ficava a três dias de distância e cada minuto daquela viagem curta era uma tortura para Gavin. Mal dormia ou comia e gritava com qualquer pessoa que se atrevesse a questioná-lo. Mas tinha um propósito para se manter de pé. Tinha de salvar Josephine e Sam. Eles estavam em perigo por sua causa.

Todas as mulheres que tinham viajado de Inglaterra no *Serpente do Mar* tinham escolhido ficar na Ilha da Canção, exceto Brianna, que precisava de estar pronta para capitanear o *Serpente* se se encontrassem em perigo. Ninguém conseguia comparar-se a ela em inteligência rápida e habilidade de navegação, e isso seria importante se enfrentassem Beauchamp numa luta no mar. Gavin sentira um nó no estômago quando a vira a beijar o seu bebé na testa enquanto dormia. Havia muitas possibilidades de ela e Nicholas morrerem na luta que se avizinhava e o pensamento apoderou-se de Gavin com uma ferocidade que nunca experimentara, não antes de conhecer Josephine. Continuava a pensar na possibilidade de ter filhos com ela e pensar no seu bebé sozinho no mundo congelava a sua alma.

Adrian também ficara para trás, na ilha, e recebera o comando do *Duende* e uma tripulação decente. Griffin esperara que Dominic ficasse para trás, mas, quando o homem se afastara com ele, dissera que precisariam de todos os homens capazes de lutar que conseguissem encontrar. Adrian, e a tripulação do *Duende* que lhe fora atribuída, faria com que todos na ilha tivessem forma de fugir no caso de voltarem a ser atacados. Gavin sabia que toda aquela dor e aquele perigo eram por sua causa e pelas escolhas que fizera.

– Gavin.

Deu um salto ao ouvir a voz do seu irmão e depois olhou para Griffin quando parou ao lado dele e lhe segurou o braço.

– É aquilo? – perguntou Griffin, apontando para uma ilha rodeada de nevoeiro que se materializava lentamente no horizonte.

O nó no seu estômago apertou-se.

– Sim. – E rosnou.

Outro homem poderia ter-se encolhido, mas o seu irmão limitou-se a apertar-lhe mais o braço.

– Vamos salvá-los a ambos. Mas – continuou ele, num tom mais baixo –, se não tiveres cuidado, poderás fazer com que morram ou seres tu a morrer.

O carinho de Griffin infiltrou-se na pele de Gavin, afundando-se

por baixo dos seus ossos para despertar um afeto que enterrara há muito tempo.

– É isso que esse tal Beauchamp quer, não é? Quer que reajas imprudentemente – continuou Griffin, cada palavra deliberada e medida. – Se não estiveres equilibrado, dar-lhe-ás uma vantagem que não nos podemos permitir. – Salvaremos a Josephine e o Sam. Mas, se *tu* não tiveres cuidado, podes fazer com que morram ou seres tu a morrer. É isso que esse tal Beauchamp quer. Se não estiveres equilibrado, ele terá vantagem.

Griffin tinha razão. Gavin respirou fundo e olhou para a forma distante da ilha escura. O céu estava negro e o cheiro de uma tempestade que se aproximava enchia o ar. Fossem quais fossem os ventos marinhos que varriam aquela parte do oceano, também criavam tempestades frequentes à volta da Ilha Negra. Em breve, um nevoeiro cerrado esconderia o seu barco, tal como encobriria a ilha. Dominic e lorde Camden juntaram-se a eles no corrimão.

– Qual é o nosso plano quando chegarmos à ilha? – perguntou Dominic. – Conheces melhor o Beauchamp do que qualquer um de nós.

Gavin continuou a olhar fixamente para a ilha.

– A Brianna e o Nicholas têm de manter a maior parte da tripulação aqui. Se precisarmos de uma retirada precipitada, quero que o *Serpente* esteja pronto para navegar.

– É justo – concordou Dominic. – E os outros?

– Caçaremos o Beauchamp e os seus homens e matá-los-emos a todos. Sem misericórdia – disse Gavin, com uma voz suficientemente dura para esconder o seu medo por Josephine e Sam.

À medida que o *Serpente* navegava pelo nevoeiro e se aproximava do refúgio dos piratas que também acolhia a corte sombra da Irmandade, um silêncio apoderou-se da tripulação. As ordens foram dadas apressadamente e tão silenciosamente quanto foi possível. Cada ranger de madeira, cada salpico de uma onda poderia avisar os inimigos da sua chegada. Quando entraram na enseada, viram apenas um barco a flutuar ali. *O seu barco*. Mas ver o *Sereia* não lhe trouxe uma onda de alegria. Estava demasiado parado, demasiado silencioso na luz pálida e fria que banhava a Ilha Negra quando o nevoeiro clareou. Os outros três barcos na enseada tinham sido afundados e os seus destroços quase tinham sido engolidos pelo mar. Apenas as pontas dos mastros se destacavam na água.

– Nunca estive num refúgio de piratas antes, mas imagino que aqueles barcos não devessem estar afundados daquela forma, pois não? – perguntou Griffin.

Gavin olhou fixamente para os restos dos barcos. Não havia sinais de corpos ou da tripulação, que teria sido deixada para trás para

tomar conta dos barcos enquanto os outros estavam em terra. O que raios é que Beauchamp fizera? Navegara para o porto e abrira fogo para os barcos ali atracados? Era isso que parecia.

– Não, não deviam. Alguém atacou aqueles barcos.

O *Sereia* parecia completamente desprovido de vida, o que significava que Beauchamp e os seus homens estavam algures na ilha... possivelmente, escondidos à espera.

– Enviem um grupo armado para o *Sereia*. Revistem-no à procura de homens.

Lorde Camden fez uma careta.

– Achas que querem atrair-nos para uma armadilha?

– É bem provável – disse Gavin. Verificou o par de pistolas e a espada afiada que guardara no cinto à volta da cintura. – Estejam prontos.

Enquanto o grupo de desembarque entrava no bote, Gavin afastou-se com Brianna. Os olhos astutos dela viram através da sua alma, como sempre tinham feito. Os anos entre eles e a sua amizade tinham criado uma confiança que se transformara numa compreensão entre iguais.

– Tens de estar pronta – murmurou ele. – Não confio em nada disto.

– Sim, estaremos prontos. – Brianna assentiu solenemente, erguendo o queixo com ferocidade. – Gavin – acrescentou ela, quando ele se virou. Os olhos dela suavizaram-se ao olhar para o seu rosto e depois deu-lhe um beijo na face. Foi um beijo suave e rápido entre velhos amigos. – Tem cuidado. Traz a Josephine de volta.

Fê-lo sentir-se muito agradecido por ter aquelas pessoas que estavam dispostas a arriscar as suas vidas e as suas famílias pela mulher que ele amava e por um menino.

– Arriscaste tudo para estar aqui, para me ajudar, mas se alguma coisa correr mal, tu e o Nicholas têm de sair da ilha. O vosso filho precisa de vocês. – Segurou-lhe os ombros e olhou para ela nos olhos.

Ela engoliu saliva, assentiu e afastou-se dele.

– Obrigado. – A palavra saiu rouca enquanto lutava contra outra onda de emoção.

– Vai. Salva a Josie e o rapaz – urgiu-o Brianna e voltou para o leme para tomar o controlo do barco. Nicholas assentiu para Gavin numa despedida silenciosa, antes de Gavin saltar para o bote enquanto descia para a água.

Embrulharam tecido à volta dos remos para abafar o som que faziam a remar o máximo possível. Quase todos sustinham a respiração e tentavam suavizar os seus gemidos enquanto remavam. Um ar frio e húmido rodeou-os, aumentando o nervosismo que cada homem sentia à medida que se aproximavam da costa. Quando

chegaram a terra e pisaram a praia, mantiveram-se cautelosamente atentos à procura de Beauchamp e dos seus homens. A selva pesada que cobria grande parte da ilha estava estranhamente silenciosa. Não se ouviam os pássaros ou os gritos dos macacos. A ilha parecia... *morta* e um arrepio gelado espalhou-se pela espinha de Gavin. Ninguém disse nada enquanto usavam as espadas para cortar o matalgal e chegar ao coração da ilha.

No centro da Ilha Negra, duas filas de casas formavam uma rua pequena onde os piratas se reuniam durante as reuniões grandes de capitães ou onde as tripulações vinham descansar entre viagens longas. Mas, agora, a aldeia estava silenciosa. Não havia piratas a celebrar a captura dos seus últimos prémios. Havia um grupo pequeno de homens e mulheres que vivia permanentemente na ilha e também não estava à vista. Os taberneiros, os estalajadeiros e até as prostitutas que viviam ali primavam pela sua ausência.

– Alguma coisa não está bem. Esta ilha não devia estar... vazia. Havia pelo menos três barcos afundados na enseada. Onde raios estão as tripulações desses barcos? – murmurou Dominic e olhou para Gavin, que encolheu os ombros. Também não sabia a resposta.

– Talvez estejam escondidos? Verifica a taverna – sugeriu Gavin.

Dominic dirigiu-se silenciosamente para a porta da taverna e abriu-a com cuidado. Parou abruptamente e o seu corpo ficou muito quieto. Depois, recuou lentamente da porta aberta, com o rosto pálido ao virar-se para o grupo. Gavin nunca vira o seu amigo tão afetado.

– Encontrei os aldeãos... e a maior parte das tripulações daqueles barcos. Estão espalhados pela taverna. Até crianças... – Engasgou-se secamente com a última palavra.

– Crianças? – repetiu o padre, Henry Sheridan, e o seu olhar de terror fez com que todos se encolhessem.

As crianças... Havia sempre algumas crianças a correr pela ilha, normalmente filhos de piratas e prostitutas e, ocasionalmente, algum rapaz que queria transformar-se num menino da pólvora de um barco. Sempre tinham estado seguros ali, protegidos pelos aldeãos... Um gosto metálico encheu a boca de Gavin e o seu estômago apertou-se enquanto lutava contra a necessidade de o esvaziar.

Lorde Camden abriu a porta de uma estalagem do outro lado da rua e recuou lentamente. Mesmo à frente dele, Gavin vislumbrou corpos ensanguentados espalhados pelo chão da casa.

– Acho que estes são mais marinheiros desaparecidos daqueles barcos – disse Camden, num tom baixo. Depois, fechou a porta e virou as costas à casa da morte. Beauchamp infringira as regras da ilha. Infringira todos os códigos que a Irmandade criara.

Quando Gavin recuperou, trocou um olhar com o seu gémeo.

– Se os encontrarmos, tens de tirar a Josie e o rapaz daqui. Mata

todos os que se puserem no teu caminho, mas o Beauchamp é meu.

Afastaram-se da aldeia que estava tão cheia de morte e dirigiram-se para os penhascos enormes no extremo da ilha. Quando chegaram aos limites dispersos da selva, Gavin viu exatamente o que temera.

Uma dúzia de piratas esperava por eles na base do penhasco. Um homem segurava Sam pelo pescoço e apontava o canhão da pistola para a cabeça do rapaz. Contudo, nenhum dos homens era Beauchamp e não havia sinal de Josephine. Um poço negro formou-se no seu estômago. Porque é que ela não estava ali e onde estava o canalha que a levara?

Gavin levantou uma mão, avisando o seu grupo de que parassem antes de saírem do esconderijo da selva e exporem a sua localização aos piratas.

– Onde está a Josephine? – perguntou Griffin, num sussurro.

– Não sei. Estejam todos prontos. Vou sair primeiro. Todos os outros, fiquem escondidos. – Gavin abandonou o abrigo das árvores. Assim que apareceu à vista, os homens ao pé do penhasco ficaram tensos e viraram-se para ele.

– Ora, ora, se não é o nosso antigo capitão. – O homem que segurava a arma sorriu desdenhosamente. – Acabaste de me custar uma pequena aposta com o novo capitão. Pensei que serias inteligente e terias ficado em casa.

– Lamento desapontar-te, Blackspot. – A alcunha do homem provinha da sua reputação de distribuir nódoas negras aos homens condenados. Gavin nunca gostara do homem, mas Beauchamp atestara por ele quando assinara o contrato com Gavin. Não era fácil conseguir a tripulação que queria e, muitas vezes, os capitães eram forçados a contentar-se com quem conseguiam encontrar. Agora, Gavin via que Beauchamp se aproveitara desse facto e enchera a tripulação de Gavin de homens que conseguiria facilmente virar contra ele. – Onde está a minha esposa, Blackspot? – exigiu saber Gavin.

– Ah-ah! Nem mais um passo, capitão. Não queremos que aconteça nada ao rapaz, pois não?

Sam lutou, com as mãos atadas atrás das costas e o rosto cheio de nódoas negras. Gavin agarrou a pistola com mais força.

Blackspot acenou para o cinto de Gavin.

– Pousa as tuas armas. *Todas* elas.

Gavin hesitou por um segundo antes de se baixar e deixar cair as duas pistolas e a espada no chão. Depois, ergueu-se.

– Fiz o que me pediste. Solta o rapaz.

– Oh, vou soltá-lo – troçou Blackspot, com uma gargalhada cruel. Empurrou o rapazinho por um dos lados do penhasco. O grito fraco de Sam foi apagado pelo vento.

– Não! – gritou Gavin e precipitou-se para as suas armas.

A luta começou instantaneamente quando os seus homens escondidos nas árvores correram para o ajudar. Sheridan parou ao pé de Gavin e apertou-lhe o ombro enquanto disparava por cima da cabeça dele para um dos piratas, matando-o com um tiro bem apontando.

– Vou buscar o rapaz. Trata destes homens.

– A queda poderia matar-te – avisou Gavin. – Há rochas por baixo e uma contracorrente.

Sheridan riu-se.

– Se o almirante da frota não conseguiu matar-me, isto também não conseguirá. – O padre correu para o penhasco e saltou pela beira sem hesitar.

– Gavin! Atrás de ti!

O aviso de Dominic fez Gavin virar-se mesmo a tempo de se defender do ataque letal de Blackspot.

Gavin afastou a espada e passou por baixo da espada que Blackspot arqueou por cima da sua cabeça. Deu um murro no estômago do pirata e Blackspot grunhiu com força quando o ar escapou dele. Blackspot olhou para ele furiosamente enquanto levantava a espada para atacar, mas outra espada trespassou-o pelas costas. Dominic agarrou o ombro do homem e empurrou mais a espada. Blackspot olhou para baixo, surpreso. Depois, olhou para Gavin enquanto a força o abandonava e caía de joelhos.

Gavin agarrou o homem pela camisa e abanou-o.

– Onde está a minha esposa, maldito patife?

Blackspot riu-se através dos dentes ensanguentados.

– Chegaste... demasiado... tarde.

– O que é que ele quer dizer? Demasiado tarde para quê? – Dominic abanou o ombro de Blackspot. – Onde raios está a minha irmã, crápula?

O som distante de canhões ecoou pela selva silenciosa.

– Bem te... disse. – Blackspot riu-se, tossiu sangue e o seu corpo ficou flácido nas mãos de Gavin. O rosto de Dominic empalideceu quando olhou para Gavin.

– A Brianna – disseram, em uníssono.

Tinham de ir, mas, primeiro, Gavin correu para a beira do penhasco e olhou para baixo. Duas figuras nadavam em direção à costa rochosa lá em baixo.

– O Sheridan tem o rapaz. Voltaremos para vir buscá-los.

Gavin virou-se para a clareira e viu que todos os piratas estavam mortos, e que alguns dos seus próprios homens tinham morrido ou estavam a agonizar. A visão macabra e o custo de vidas eram um peso na sua alma. Queria parar, pegar nos homens feridos e levá-los de volta para o barco, mas não havia tempo. Griffin ficou a observá-lo,

ofegante, com o rosto salpicado de sangue.

– Eu fico com eles, capitão. – Ofereceu-se um dos marinheiros ilesos do *Duende*. – Sei um pouco sobre tratar dos feridos.

– Obrigado – disse Gavin e deu uma palmadinha no ombro do homem. – Voltaremos para vir buscar-vos. Diz o mesmo ao Sheridan. – Todas as cabeças se viraram ao ouvir os canhões a disparar de novo. – De volta ao barco! – gritou Gavin.

JOSEPHINE FOI empurrada contra o mastro do *Sereia* por um dos homens de Beauchamp. O vento passava pelas velas que se desenrolavam por cima das suas cabeças e o pirata atou-a ao mastro com uma corda. Ela puxou as cordas, mas o pirata deu-lhe uma bofetada com o dorso da mão assim que tentou. A dor deixou-a tonta e deixou-se cair contra as amarras.

Não se atrevia a olhar para Beauchamp, que andava de um lado para o outro no convés. Tornara-se assustadoramente claro nos últimos dias que sofria da loucura do ouro. Consumia-o ao ponto de ordenar aos seus homens que disparassem para os outros barcos pirata na enseada... e que massacassem as tripulações e os aldeões. Isso seria o que mais a assombraria... ouvir os gritos das pessoas inocentes a serem assassinadas por um louco. Estava assustadíssima por Sam desde que fora deixado na costa com um grupo pequeno de piratas.

A maior parte da tripulação de Beauchamp escondera-se na mata com um caminho rápido para voltar ao barco e um grupo pequeno de homens levava Sam para servir de isco. Beauchamp esperara que aqueles homens fossem mortos por Gavin, mas dissera-lhe que era um preço razoável a pagar pelo resgate que receberia por ela. Depois, Beauchamp dera o sinal e os seus homens tinham voltado para o *Sereia* como ratos a subir pelas amarras. Só tinham sido vistos quando chegaram ao convés e puxaram a âncora.

O barco que viera para a enseada não era o *Duende da Cornualha*, como ela esperara. Era um barco maior, um que tinha um dragão como figura de proa. Ela reconheceu-o como o barco de Brianna que vira nas docas em Saint Ives Bay, na Cornualha. Se o *Serpente* estava ali... significava que a sua família podia ter vindo buscá-la. Gavin estava com eles? Só podia rezar para que estivesse. De que outra forma é que a sua família saberia onde encontrá-la?

O barco de Brianna abriu fogo, mas o *Sereia* estava mais perto da entrada da enseada e exatamente no ângulo certo para a maioria dos tiros falharem a proa. O brilho do fogo dos canhões atravessou o nevoeiro enquanto o barulho percussivo ricocheteava nos montes da selva densa que protegia a enseada. Josephine queria tapar os

ouvidos, mas tinha as mãos presas.

O *Sereia* fugira da enseada, apesar de os canhões do *Serpente do Mar* dispararem para o barco. As últimas horas tinham-lhe parecido uma eternidade e, agora, tudo parecia uma confusão de luta furiosa e terror.

O pirata que a atava ao mastro puxou a corda com tanta força, que se pressionou duramente contra as suas costelas e a fez gritar.

– Cala a boca! – Dessa vez, o homem bateu-lhe com força suficiente para que pontos negros enchessem a sua visão. O nevoeiro que rodeava o barco começou a desaparecer quando o *Sereia* apanhou um vento forte nas velas e começou a voar para o mar, deixando a ilha para trás.

Beauchamp estava na popa, a observar a ilha a tornar-se cada vez mais pequena antes de se virar com um sorriso maldoso no rosto. O seu plano estava a funcionar. Na noite anterior, dissera-lhe o que tencionava fazer. Obrigara-a a jantar com ele enquanto se gabava do seu plano grandioso e desonesto: usar o rapaz para manter Gavin na ilha enquanto ele fugia para o mar e a levava para longe. Depois, podiam pedir um resgate à sua família para a devolver a salvo quando ele quisesse. Infelizmente, o seu plano de o distrair com mais ouro funcionara demasiado bem.

Mordeu o lábio para conter um soluço quando a dor das suas costelas magoadas e do golpe na cara a deixou maldisposta. Beauchamp dirigiu-se para ela pelo convés, com aquele sorriso maldoso ainda a esticar os seus lábios. Queria-a atada ao mastro onde a tripulação do *Serpente* pudesse vê-la. Fá-los-ia hesitar na hora de disparar para os conveses de cima ou para os mastros.

– Não vão apanhar-nos. O Castleton foi até à outra ponta da ilha à tua procura e não conseguirá chegar ao barco a tempo, não quando chegarmos a mar aberto. Ninguém consegue apanhar o *Sereia* em mar aberto.

Ninguém exceto o *Serpente*, pensou ela, silenciosamente. Gavin falara-lhe do barco de Brianna, como pertencera antes a Thomas Buck, o seu pai adotivo e o antigo Rei das Sombras das Índias Ocidentais. Uma vez, Gavin dissera-lhe que o barco mais rápido ainda podia ser vencido se o barco que o perseguia tivesse um capitão melhor e o vento certo. E, segundo ele, Brianna era uma das melhores capitãs vivas. Isso enchera Josephine de orgulho, pensar que uma mulher pirata era uma das melhores capitãs do alto-mar.

«Ela vai apanhar-te, Beauchamp. É suficientemente rápida.»

Da sua posição no convés, virada para a ilha, Josephine concentrou-se na forma distante do *Serpente* à medida que aparecia. Ajudava-a a distrair-se da dor nas costelas e da falta de ar.

– Capitão! Vela! – gritou o vigia.

Beauchamp andava de um lado para o outro no convés, atordoado com aquela reviravolta.

– Livrem-se da carga! – ordenou ele. A tripulação apressou-se a deitar fora tudo o que não era preciso para aumentar a sua velocidade. Josephine temeu que isso desse vantagem ao *Sereia* na corrida através da água.

Depois, Beauchamp apontou para ela.

– Billy! Verte o óleo!

O pirata grande e mudo chamado Billy agarrou num candeeiro a óleo apagado e aproximou-se de Josephine. Verteu o óleo num círculo grande à volta dela e do mastro. Depois, olhou para ela com um sorriso desdentado e sombrio antes de se afastar. Ela olhou para baixo, para o círculo de óleo à volta dela, e depois para Beauchamp. O louco devia planear queimá-la viva se pensasse que não conseguia fugir do *Serpente*. Ela lutou ainda mais contra as cordas, mas fora atada com demasiada força para conseguir mexer-se. As suas mãos já estavam dormentes.

– Preparem as armas! – O grito foi repetido pelo convés e os marinheiros apressaram-se a preparar as armas.

Os piratas do *Sereia* correram pelos conveses e pelo cordame para desenrolar as velas, mas não resultou. De repente, o tempo virara-se contra Beauchamp. Apesar da dor que sentia, Josephine conseguiu sorrir. Era como ela sempre acreditara: o mar e o vento eram femininos e queriam vingar-se.

Agora, o *Serpente do Mar* perseguia-os através do mar aberto. Josephine sabia que Brianna estaria ao leme. O barco mal tocava na água enquanto voava para eles como um falcão peregrino a mergulhar para a sua presa. Apesar de a sua vida estar num perigo terrível, Josephine encorajou o *Serpente*.

Quando o outro barco os apanhou, o convés do *Sereia* encheu-se de piratas prontos para a luta. O artilheiro gritou ordens para preparar as armas em resposta ao outro barco. Josephine viu, com horror, os canhões pretos das armas do *Serpente* que, agora, apontavam para o *Sereia*... e para ela.

O *Sereia* começou a disparar no mesmo instante que o *Serpente*. A metralha atravessou os corpos dos homens na popa, longe dela e do mastro. Os gritos misturaram-se com as ordens do artilheiro que preparava a próxima ronda. Josephine tentou olhar para o outro barco através do fumo grosso. Gavin estava ali? Conseguira voltar para o barco antes de o *Serpente* os perseguir?

Os barcos estavam próximos agora, *demasiado* próximos, de facto. Com um arrepio gelado, Josephine observou o *Serpente* a chocar com o *Sereia*. Ambos os barcos rangeram com o impacto, mas nenhum dos cascos se quebrou. Através da confusão do fumo, viu homens a

balançar-se em cordas pelo meio de nuvens vaporosas e a aterrar no convés do *Sereia*. Gritou o nome de Gavin, esperando que a ouvisse.

– Não deixem ninguém vivo! – gritou Beauchamp, desembainhando a espada. Depois, ela viu, aterrorizada, como Beauchamp se dirigia para ela em vez de se juntar à luta. Agarrou num dos candeeiros a óleo acesos e partiu-o aos seus pés. Josephine gritou quando o círculo de chamas se espalhou à volta dela, selando-a por trás de uma parede de calor.

GAVIN E GRIFFIN aterraram lado a lado no convés do *Sereia*, tal como o resto do grupo de abordagem. Os irmãos tinham as pistolas e as espadas prontas. Griffin observou o sangue e a morte que os rodeavam agora e assentiu para Gavin.

– Vai à frente, eu sigo-te. – Era algo que faziam desde crianças. Gavin sempre liderara as batalhas a fingir com as outras crianças e Griffin sempre o seguira. Não porque Gavin fosse mais assertivo ou audacioso, mas porque o seu irmão compreendia o valor do apoio. Juntos, tinham sido imbatíveis.

Mexeram-se com uma graça felina pelos conveses, massacrando qualquer um que se interpusesse entre eles e Josephine. Quando o fumo do fogo dos canhões clareou finalmente, Gavin vislumbrou a sua figura atada ao mastro.

– Encontra a Josephine! Eu protejo-te – disse Griffin a Gavin, virando-se na direção oposta e atrasando uma nova onda de atacantes.

Gavin viu Beauchamp exatamente quando o pirata parou à frente de Josephine. Demasiado tarde, Gavin apercebeu-se de que o canalha tencionava partir um candeeiro aceso aos pés de Josephine. Um círculo de chamas espalhou-se à volta dela e ouviu-a a gritar o seu nome. Gavin deixou escapar um uivo de raiva.

Correu pelo convés, com as pistolas levantadas, a disparar para o seu inimigo. O tiro falhou a cabeça de Beauchamp por um centímetro e enterrou-se na madeira. Beauchamp correu pelas escadas para um convés mais alto, rindo-se maniacamente enquanto andava.

– Escolhe, Castleton! A tua mulher ou eu! – Depois, desapareceu por trás de uma muralha de piratas e marinheiros do *Serpente* a lutar.

– Vai! – disse Griffin, correndo para o fogo. – Eu vou buscá-la!

Tal como quando eram crianças, os gémeos eram da mesma opinião. Gavin era a espada e Griffin, o escudo. Um irmão podia destruir a ameaça e o outro podia proteger. Sabiam quem era mais qualificado para enfrentar Beauchamp e isso significava que Griffin podia concentrar-se em Josephine. Gavin odiava deixar Josephine, cortava-o profundamente, mas só podia protegê-la se destruísse a

ameaça. Gavin seguiu o pirata pelas escadas, pegando na espada e livrando-se da arma inútil.

– Enfrenta-me, maldito cobarde! – desafiou-o, quando Beauchamp passou por baixo de um pirata enorme que segurava um par de sabres. Gavin reconheceu o homem, Billy, outro marinheiro que aceitara na sua tripulação por causa da recomendação de Beauchamp. Com Billy no caminho, Gavin não conseguia chegar ao seu alvo. Beauchamp fugiu.

Billy deixou escapar um bufido profundo e precipitou-se para Gavin. Gavin levantou a espada, defendendo-se do golpe de Billy. Passou por baixo da espada que balançou por cima da sua cabeça e ajoelhou-se, vendo a sua abertura para atacar. Virou a espada para cima e afundou-a profundamente no peito de Billy.

Billy gemeu e cambaleou. Os seus dedos tentaram agarrar o punho da espada de Gavin para a puxar. O sangue borbulhava à volta da sua boca quando as mãos caíram do punho. Gavin ergueu-se enquanto o homem grande caía, fazendo o convés estremecer com o impacto.

Freneticamente, Gavin procurou outra arma e encontrou um dos sabres de Billy abandonado no convés. Quando se levantou, olhou para o mastro principal, só para o encontrar vazio. Não havia sinais de Josephine. Onde estava? Onde estava Griffin? Teve de lutar pelo seu caminho através do convés durante alguns minutos, matando qualquer homem que aparecesse. Sempre que tinha uma oportunidade, procurava Josephine e Griffin.

Ali! Griffin estava de costas para o corrimão, mas estava preso e Josephine pendia, flácida, nos seus braços.

Beauchamp conseguira passar por ele no meio da confusão e, agora, tinha uma pistola apontada para o peito de Griffin, com um sorriso triunfante no rosto.

Não! Gavin saltou por cima do corrimão do convés superior e correu para a proa do barco.

Griffin virou-se de costas, protegendo Josephine com o corpo. Um instante mais tarde, ouviu-se um tiro. Griffin tropeçou e caiu para a frente com Josephine ainda nos seus braços. Nenhum deles se mexeu enquanto caíam no convés.

O grito que escapou da boca de Gavin fez todo o barco estremecer. Beauchamp virou-se, com os olhos muito abertos, e Gavin precipitou-se para ele como um anjo negro vingador.

– Não... Matei-te! – gritou Beauchamp, olhando para o corpo de Griffin, claramente confuso.

– Não podes matar um homem que já está morto! – Gavin atacou um pirata que se interpôs à frente dele enquanto se esforçava para alcançar Beauchamp.

Ninguém na tripulação, para além de Ronnie, sabia que ele tinha

um irmão. No calor da batalha, ele e Griffin deviam ter parecido idênticos a Beauchamp.

Beauchamp e Gavin encontravam-se num conflito de metal. As suas armas cantavam um hino de morte enquanto o par lutava. Beauchamp era um espadachim forte e talentoso, mas Gavin não perderia aquela luta. Aquele homem roubara-lhe tudo, a sua mulher, o seu irmão, a sua casa, o seu barco. E o preço que Beauchamp pagaria seria a sua vida.

Gavin saltou para trás quando Beauchamp balançou a espada para baixo, apontando para as pernas de Gavin. Aterrou agilmente e empurrou a espada para a frente, arranhando o braço de Beauchamp, mas o seu inimigo escapou da ferida mais profunda que poderia ter-lhe feito.

As duas tripulações lutavam pelas suas vidas, mas Gavin só via um homem, apenas um coração que precisava de parar de bater para sempre. Estava cansado de que a vida lhe roubasse as pessoas que amava. Beauchamp pegou numa pistola que encontrou num homem morto e disparou. A bala acertou no ombro de Gavin. Tropeçou e grunhiu quando a dor o atingiu como um mastro caído. Agarrou-se ao corrimão próximo e obrigou-se a continuar a mexer-se.

– Não conseguirás fazer isso outra vez – avisou-o Gavin, avançando.

– Um tiro é tudo o que preciso – gritou o canalha, levantando a espada. Gavin só teve um instante para atacar antes de perder as forças.

O barco ficou assustadoramente silencioso. Beauchamp olhou à sua volta e viu que a maior parte da sua tripulação morrera e cada vez mais olhos se viravam para ele. Para Gavin. Claramente, reconheciam que aquela era a última batalha. Beauchamp riu-se, ávido daquele último momento de glória. Beauchamp precipitou-se para Gavin ao mesmo tempo que Gavin se precipitava para ele. Chocaram e Gavin afundou a espada no estômago do homem. A arma de Beauchamp mal o arranhou. Um tiro ecoou pelo convés como o barulho de um chicote. Beauchamp abriu muito os olhos. Ambos caíram no convés, deitados lado a lado enquanto Gavin olhava para o sangue que se espalhava à volta da ferida de bala no peito de Beauchamp e para o sangue a escorrer à volta da espada dele. Os olhos do pirata estavam vazios de vida.

Confuso, Gavin levantou a cabeça e olhou à sua volta.

Lorde Camden estava parado à frente deles, meio silhuetado pelo fumo e pela luz do sol enquanto segurava a pistola no ar.

– Ninguém magoa a minha filha – disse Camden, num tom que poderia congelar a água.

Gavin gemeu quando o seu corpo se rendeu à dor no ombro e caiu

no convés, ofegando. Camden aproximou-se, esticou a mão para ele e ajudou-o a levantar-se.

– A Josie? O meu irmão?

O pai de Josephine não respondeu, mas passou o braço de Gavin à volta do ombro e ajudou-o a andar pelo convés. Os olhos de Gavin procuraram as duas figuras que ainda estavam deitadas no convés. «Não... Certamente, não podem estar...»

As duas pessoas que mais amava naquele mundo não se mexiam. Aquele barco custara-lhe tudo. Cambaleou pelos degraus e correu para a multidão que se juntava à volta dos corpos. Griffin estava deitado por cima de Josephine.

Protegera Josephine com o seu corpo. Gavin sempre fora a espada e Griffin, o escudo. Mas fora o escudo que salvara a mulher que Gavin amava, não a espada.

Deixou-se cair de joelhos ao lado dele. Brianna estava ali, com o peito salpicado de sangue, mas nenhum era dela. Segurou a mão de Josephine e inclinou-se por cima dela, verificando a sua respiração. O rosto de Josephine estava coberto de cinza, mas parecia estar apenas a dormir.

– Está viva, Gavin, mas acho que inalou demasiado fumo. – A mão de Brianna deslizou para o pescoço de Josephine, para verificar a pulsação. O seu peito subia e descia de forma normal. Gavin lutou para respirar através do medo que se apoderou dele subitamente quando se virou para o seu gémeo.

– Griffin... – Virou o seu irmão e viu o ponto onde a bala passara pelo seu abdómen. O seu irmão estava vivo, mas mal respirava.

– Gavin... – murmurou o seu irmão, com os olhos enevoados de dor. Griffin tentou levantar uma mão. Gavin agarrou-a e segurou-a enquanto lhe afastava o cabelo dos olhos. Naquele momento, teve a sensação estranha de que se via a morrer ao olhar para o rosto do seu gémeo. A sua dor sempre fora partilhada, tal como a alegria. Também partilhariam a sensação da morte?

– Devia-te... uma *vida*... irmão... – disse Griffin, num tom rouco. Depois, revirou os olhos e desmaiou.

– Ajudem-no! Alguém, *por favor*! – A voz de Gavin quebrou-se com agonia. Centenas de imagens deles quando eram crianças passaram pela sua mente e o vazio enorme deixado pelos anos que tinham passado separados abriu-o em dois. Fora um maldito tolo por fugir. *Um covarde*. Se tivesse ficado, tudo teria sido diferente. Tudo...

– Alguém que me ajude a levá-lo para o barco – disse Brianna e vários homens ajudaram a levantar Griffin e a levá-lo para o *Serpente*.

– O *Sereia* está a afundar-se. Temos de nos mexer, rapaz. – Camden pôs uma mão no ombro ileso de Gavin.

O seu barco estava perdido. Aquilo por que, tão tolaemente, achara

que valia a pena lutar e morrer seria engolido pelo mar em breve. Agora, nem sequer conseguia sentir a dor. Só conseguia sentir o vazio. Não podia lamentar a perda do *Sereia* enquanto as águas azuis das Índias Ocidentais o levavam. Levantou-se quando Camden pegou em Josephine ao colo.

– Deixa-me levá-la. – Esticou a mão para Josephine, mas Camden hesitou e não o deixou pegar nela.

– Estás ferido, rapaz. Perdeste muito sangue. Eu levo a minha filha. Trataremos do teu braço e depois poderás sentar-te com ela – disse Camden. O seu tom era firme, mas gentil e Gavin sentiu-se demasiado cansado para discutir com ele. Queria abraçá-la por um instante, mas Camden tinha razão, não conseguiria levá-la para o outro barco.

Camden seguiu pela prancha entre os dois barcos e Gavin foi atrás dele. Quando chegaram ao *Serpente do Mar*, Dominic tirou Josephine ao seu pai.

– Vamos instalá-la lá em baixo para descansar – disse Dominic. – Depois, precisas que alguém examine esse ombro. – O seu tom era surpreendentemente suave para um pirata tão feroz.

«Porque o meu irmão está a morrer...»

Um vazio enorme e terrível encheu-o como o céu negro de uma noite sem estrelas. O sangue pingava pelo seu braço e tropeçou quando tentou descer as escadas para seguir Dominic.

– Anda cá, rapaz. – Camden ajudou-o como um pai ajudaria um filho magoado. – Por aqui... Com calma...

A dor e a perda tinham deixado todo o seu corpo dormiente e lutou para se dirigir para o consultório. Se perdesse o seu irmão ou Josephine, certamente, morreria.

Josephine sentia-se como se estivesse debaixo de água, com um peso escuro e terrível que a empurrava por cima e pelos lados. Lutou para respirar e a primeira coisa de que se apercebeu foi de uma mão quente a segurar a dela. Apertaram-lhe a mão quando lutou para abrir os olhos. Só desejava ver uma pessoa, mas o homem que a observava não era ele.

– Onde está o Gavin? – A sua voz era apenas um sussurro. Cada palavra arranhava-lhe a garganta.

O seu pai afastou-lhe o cabelo da cara e os seus olhos suavizaram-se.

– Está com o irmão dele.

– O irmão? – Griffin... Griffin estava ali. O seu pai estava ali. Mas como? Primeiro, tudo se misturou na sua mente, antes de finalmente recordar...

Griffin a libertá-la das cordas do mastro quando ela mal se mantinha viva. O fumo e o calor quase a tinham matado. Depois, enquanto fugiam do fogo, ela vira Beauchamp a precipitar-se para eles. Vira a pistola levantada e o brilho de uma faísca antes de Griffin se virar. Depois... nada.

– O Griffin...? – Os seus lábios tremeram. Não conseguiu acabar a pergunta.

Camden desviou o olhar.

– Está quase morto, minha filha. Já não aguentará muito.

A dor daquelas palavras cortou-a profundamente e rasgou o seu coração de tal forma que se sentiu a morrer. Griffin dera a sua vida para salvar a dela. Gavin perdera o seu irmão gêmeo por sua causa. E se tivesse perdido Adrian por algo que Gavin fizera? Seria capaz de o perdoar?

– Posso vê-lo? – perguntou ela ao seu pai.

– Suponho que sim, se achares que consegues andar. Inalaste muito fumo e o médico acha que deves descansar.

O seu pai ajudou-a a endireitar-se. Ficou sentada por um instante, olhando à volta da cabina pequena. Sentiu falta de ar e doía-lhe respirar.

– E todos os outros?

– Houve algumas perdas entre a tripulação, mas não tantas como temíamos. O teu irmão, a Brianna e o Nicholas estão bem. Só sofreram

algumas feridas aqui e acolá. O Gavin levou um tiro no ombro, mas o médico diz que sarará com o tempo. – O seu pai esticou a mão para lhe tocar no braço, mas ela encolheu-se.

– O que te aconteceu, minha filha? – perguntou ele.

– Estava a tentar salvar o Sam. E... – O momento voltou com rapidez. – Oh, meu Deus, o Sam!

– O rapazinho? Está bem. – O seu reconforto tirou-lhe um peso enorme de cima.

– Diz-me que o Beauchamp e os seus homens estão mortos. – Precisava de ouvir as palavras.

O seu pai olhou para ela quando se levantou.

– Está. Fui eu que lhe dei um tiro. A sua tripulação está morta, à exceção de alguns que se renderam. O *Sereia* está no fundo do mar.

O peso voltou e pressionou o seu peito. Gavin perdera o seu barco e o seu irmão por causa dela. Talvez aquilo fosse realmente imperdoável.

O seu pai acompanhou-a para outra cabina e bateu suavemente à porta. Quando ninguém respondeu, tentou a maçaneta e a porta abriu-se. Griffin estava deitado quieto na cama, o seu peito subia e descia lentamente. Gavin estava sentado numa cadeira ao lado dele, com a mão à volta do braço nu de Griffin. Tinham despido Griffin até à cintura e o seu abdómen estava ligado com faixas de tecido.

– Obrigada, papá. Ficarei bem. – Abraçou o seu pai e depois juntou-se a Gavin ao lado da cama do seu irmão.

A sua vigília era tão profunda que não se apercebeu da sua chegada. Quando mexeu uma das cadeiras para se sentar ao lado dele, arranhou o convés. Ele deu um salto e virou-se para ela com os olhos cheios de lágrimas.

Ela abriu a boca, mas as palavras não vieram. Não sabia se alguma palavra seria correta para um momento como aquele. Pôs a cadeira ao lado da dele e, por um instante, ele limitou-se a olhar para ela. Ela esticou a mão e pôs o braço à volta dos seus ombros. Ele começou a tremer e baixou a cabeça. O cabelo caiu tapando-lhe a cara, levou os dedos aos olhos e chorou.

Josephine abraçou-o, um salva-vidas numa tempestade, e não disse absolutamente nada. O seu toque diria as palavras que ela não conseguia dizer.

O tempo passou e, finalmente, Gavin parou de tremer. A sua dor suavizou-se em respirações mais leves e irregulares enquanto tentava acalmar-se. Ambos olharam para o rosto pálido de Griffin enquanto dormia. Depois, sem aviso, os lábios de Griffin afastaram-se e deixou escapar um sussurro.

– Vesper. – O nome flutuou no ar silencioso.

– Vesper? – disse Josephine, em voz alta e segurou a mão de

Griffin. Ouvira-o mal?

Os músculos de Griffin ficaram tensos.

– Vesper – disse ele, de novo. – Digam-lhe...

Gavin olhou para ela e para o seu irmão, confuso.

– É a tua criada, não é? Estava no barco com o Griffin e os outros.

Os olhos de Josephine encheram-se de lágrimas.

– Ela veio? Mas a Vesper tem medo da água. – A sua criada, a sua amiga, amava-a tanto que atravessara um oceano inteiro para a encontrar? Devia ter passado mais de um mês com Griffin no mesmo barco. Talvez tivessem passado tempo a falar, juntos e...

– Diz-lhe... – repetiu Gavin, suavemente. – Diz-lhe o quê?

De repente, ela compreendeu.

– Ele ama-a – sussurrou ela. – Ama a Vesper.

Fazia sentido. Vesper era calada, generosa e bondosa. Tinha um temperamento muito parecido com o de Griffin, tal como Josephine se parecia mais com Gavin.

Josephine sentiu uma onda de esperança súbita.

– Ela está no barco?

Gavin abanou a cabeça.

– Não. A Vesper e o resto da tua família estão na Ilha da Canção. Deixámo-los lá com o *Duende* e alguns membros da tripulação, caso surtisse a necessidade de fugirem.

Josephine segurou a mão de Griffin, suavemente.

– Griffin, a Vesper está perto. Tens de aguentar por ela.

As pestanas de Griffin tremeram e o nome de Vesper escapou dos seus lábios, mas não acordou totalmente.

– Não podemos desistir. – Ela pousou a cabeça contra o ombro de Gavin. Agora, estava claro para ela que a vida era uma tapeçaria de centenas de fios tecidos juntos. Aquele sempre fora o seu destino? Acabar ali, a lutar pela vida de Griffin?

Gavin respirou fundo.

– Tens razão. Ele não desistiria de mim. Não posso desistir dele.

– Quão longe estamos da Ilha da Canção? – perguntou ela.

– Com bons ventos? Dois dias.

Dois dias. Se o levassem até Vesper, talvez ela lhe desse forças para lutar, para ficar com a mulher que adorava. O seu pai diria que o amor tinha muito pouco a ver com a cura de uma ferida física, mas Josephine acreditava profundamente no poder do amor. Depois de tudo por que Gavin e ela tinham passado, acreditava no amor acima de tudo o resto.

Gavin pousou o braço do seu irmão suavemente e segurou o rosto de Josephine. Ela sabia que tinha muito mau aspeto. O rosto ainda lhe doía dos golpes que recebera, o cabelo estava despenteadíssimo e sentia dores por todo o corpo. Não era o prémio bonito de um pirata

naquele momento.

Os seus olhos castanhos aqueceram enquanto pareceu beber da visão dela.

– És a coisa *mais* bonita que alguma vez vi. – Ele baixou a cabeça e os seus lábios encontraram-se num beijo suave que pareceu durar horas.

– Devo ter um aspeto terrível e sinto-me ainda pior – disse ela, mas ele reacendera o brilho dentro dela que Beauchamp quase extinguiu. As palavras de Gavin e aquele único beijo cheio do amor que existia entre eles, um beijo que continha centenas de palavras não ditas, tinham-lhe devolvido a vida.

– Lamento não ter estado lá quando acordaste – disse ele. – Não conseguia suportar deixá-lo. Eu...

Ela pôs os dedos nos seus lábios.

– Era aqui que devias estar. E também é onde *eu* devia estar. Agora, ele precisa dos dois.

Mantiveram a sua vigília ao lado da cama de Griffin e Josephine lançou uma prece à brisa do mar. Rezou para que o mar os levasse depressa e para que o vento enchesse as suas velas para que chegassem à Ilha da Canção o mais depressa possível.

«Salva-o... Salva-o.»

Dois dias mais tarde

VESPER MANTINHA-SE OCUPADA, a ajudar outra mulher a cozinhar numa das casas pequenas da ilha, quando um grito ecoou pela aldeia. Alguém vira uma vela. Com a esperança a crescer dentro dela, Vesper pendurou o avental num gancho antes de seguir os aldeãos para a costa.

Havia uma mistura de esperança e de medo entre todos. A esperança de que fossem Gavin e os outros a regressar, o medo de que fosse Beauchamp para acabar o que começara. Mas parecia que o barco fora reconhecido como o *Serpente do Mar*, porque os ilhéus depressa começaram a acenar e a aplaudir.

Ela sorriu quando viu um bote pequeno a ser posto na água e a remar para a costa. Josephine estava na proa. Vesper correu para os baixios, sem se preocupar com molhar o vestido. Tudo o que importava era que Josephine estava viva. Josephine puxou as saias para cima, saltou para as ondas e passou os braços à volta de Vesper num abraço apertado.

– Minha senhora, está bem!

– Estou. Não consigo acreditar que vieste até aqui por mim – disse Josephine.

– Faria tudo por si, minha senhora. Tudo.

– E eu faria tudo por ti. – Josephine parecia estar à beira das lágrimas. Vesper só podia imaginar o sofrimento por que passara para chegar até ali.

Vesper virou-se para o resto dos passageiros do bote, procurando o rosto que mais ansiava ver, para além do de Josephine. Griffin não estava entre os passageiros do primeiro grupo de desembarque. Sorriu um pouco. Conhecendo-o, teria deixado que os outros viessem para terra primeiro. Lorde Camden, Dominic e um menino saltaram do barco, assim como um homem alto e bastante atraente com cabelo escuro e olhos castanhos, que vigiava a criança com uma proteção paterna que Vesper não ignorou. O seu uniforme, apesar de gasto, era claramente naval. Contudo, não era um uniforme novo. Depois de trabalhar como criada nos últimos anos, tornara-se experiente a reconhecer roupas velhas que alguém dava o seu melhor para remendar.

Jada, uma das mulheres da ilha, correu para o menino que fora raptado com Josephine. Jada gritou o seu nome e o menino precipitou-se para a sua mãe e abraçou-a pela cintura. O homem de cabelo escuro seguiu-o de perto, mantendo o menino vigiado. Sam apontou para o homem e conversou entusiasticamente sobre como aquele homem, que aparentemente era um padre, o salvara.

– O meu nome é Jada. – Esticou uma mão para o homem, que a aceitou gentilmente e lhe beijou os dedos com respeito.

– Henry Sheridan – replicou ele.

– Não posso agradecer-lhe o suficiente, senhor Sheridan.

– Por favor, chame-me Henry. – O rosto de Sheridan ficou um pouco vermelho enquanto olhava fixamente para o rosto bonito de Jada.

Vesper desviou o olhar daquela cena adorável. Só a fazia pensar mais na pessoa com quem queria estar naquele momento.

– Onde está o Gri... o lorde Castleton? – perguntou a Josephine. – Precisavam dele no barco?

A preocupação no rosto de Josephine transformou-se numa agonia profunda.

– O Griffin está... – Aparentemente, a sua amiga não conseguia obrigar-se a dizer as palavras.

– Não... – Griffin não podia estar morto. *Não podia.* Não era correto. Ele fora a única pessoa que vira o seu «eu» *verdadeiro*. A única pessoa que ela se atrevera a acreditar que realmente a amaria.

Josephine agarrou-lhe os ombros.

– Respira, Vesper.

Vesper lutou para encher os pulmões de ar e as suas pernas tremeram.

– Está vivo, mas precisa de ti. Por favor, vem comigo. – Josephine agarrou-lhe a mão e percorreram os baixios. Lorde Camden ajudou Vesper e Josephine a entrar no bote e depois os marinheiros remaram de volta ao barco.

Assim que os marinheiros ajudaram Vesper e Josephine a entrar no barco, inclinaram as cabeças respeitosamente para Vesper. O nó no seu estômago aumentou. Claramente, não esperavam que Griffin sobrevivesse.

– Está aqui. – Josephine conduziu-a para uma das cabinas inferiores.

Encontrou Griffin deitado numa cama, com o peito ligado. Havia um homem sentado ao lado dele, com uma mão no braço de Griffin. O homem da cadeira virou-se quando se aproximaram e Vesper arquejou. Parecia-se tanto com Griffin naquele momento que quase correu para ele.

Josephine apresentou-os.

– Vesper, este é o Gavin. O irmão do Griffin.

– Ele tem chamado por ti – disse Gavin, num tom cheio de emoção. Levantou-se e deu um passo atrás para a deixar sentar-se ao lado do seu amor.

– Ah, sim?

– Sim – disse Josephine. – Esperava... Sei que parece uma tolice, mas esperava que se ouvisse a tua voz e sentisse o teu toque...

Os olhos de Vesper desfocaram-se com as lágrimas, segurou a mão de Griffin e levou-a ao rosto.

– Estou aqui, Griffin. *Estou aqui.* – A sua voz tremia enquanto falava. – Prometeste-me que ficaríamos juntos. Lembras-te? Não podes quebrar essa promessa. Não vou deixar-te. – Pressionou os lábios contra a palma da sua mão num beijo e fechou os olhos enquanto se concentrava em fazê-lo ouvi-la. – *Por favor, luta por mim.*

– Vesper... – Os lábios de Griffin formaram o seu nome e um brilho de esperança cresceu no seu peito.

– Sim. Estou aqui. Volta para mim.

GRIFFIN NUNCA COMPREENDERA o mar ou a forma como chamava algumas almas e não outras. Sempre adorara a terra sólida por baixo dos seus pés. Mas agora flutuava, balançando num mar escuro infundável de onde não podia escapar. O oceano pedia-lhe para se *deixar ir* e afundar-se por baixo da superfície para um nada suave. Render-se seria fácil.

Contudo, sempre que tentava deixar-se ir, algo mantinha a sua cabeça acima da água. *Olhos verdes, cabelo suave e loiro da cor do mel, uma gargalhada calorosa e um coração ainda mais caloroso...* Aquelas imagens e sensações provocavam-no, assombravam-no e tornavam-no incapaz de se render ao mar. O canto de sereia da água começou a desaparecer quando uma voz no vento sussurrou para ele.

– *Volta para mim, Griffin...*

Uma ilha apareceu ao longe. O horizonte atrás dele estava banhado por um brilho dourado brilhante. Mas cada movimento na água doía, cada centímetro que nadava era mais agonizante do que o último. Porém, quando mais difícil se tornava, mas queria *sentir* essa dor em vez de escapar dela.

– *Luta por mim...*

Estava tão malditamente cansado, mas não podia desistir. Não com aquela voz que lhe suplicava que lutasse. A costa estava mais perto agora. Tão perto. Estava quase lá... depois, tudo desapareceu...

Abriu os olhos. Uma luz ténue filtrava-se no quarto onde estava deitado. Pestanejou e lambeu os lábios secos. Havia uma mulher sentada numa cadeira ao lado dele, com o corpo dobrado por cima da cama e a dormir com uma mão levemente agarrada à dele. As visões do oceano e da ilha desapareceram e começou a lembrar-se da batalha no *Sereia*.

Fora alvejado nas costas para proteger Josephine. A prova dessa ferida encontrava-se no peso das ligaduras à volta do seu peito. A mulher ao lado dele não era Josephine, mas Vesper. *Vesper*. Vê-la ali ao lado dele encheu-o de uma alegria que, por um instante, o deixou sem fala.

Finalmente, disse o seu nome e ela mexeu-se. Quando ela levantou a cabeça, os seus olhos verdes abriram-se muito com esperança e amor.

– Griffin?

Ele sorriu, cansado.

– Voltei. – Foi tudo o que conseguiu dizer naquele momento, mas ela pareceu compreender o que queria dizer. Aquela palavra ecoara tão fortemente como o que queria dizer em vez disso: «Amo-te.»

Ela limpou as lágrimas e sorriu para ele.

– És livre.

– Livre? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– A Josephine e o teu irmão desejam casar-se. Isso significa que és livre.

Pensou que os milagres não paravam de acontecer naquele dia e uma onda de alegria encheu o seu peito.

– Há quanto tempo estou... aqui? – perguntou ele.

– Passaram duas semanas – disse ela. – Não podíamos levar-te para terra, não nas condições em que estavas. Tenho-te alimentado com sopa e água.

Fizera-o? Ele nem se apercebera disso.

Alguém bateu à porta e interrompeu-os. Gavin entrou pela porta aberta.

– Pareceu-me ouvir vozes – disse o seu irmão, com o rosto cheio de rugas de preocupação.

– Vou deixar-vos falar. – Vesper levantou-se, beijou os lábios de Griffin e saiu do quarto.

Gavin sentou-se ao lado da cama depois de ela se ir embora e, por um longo momento, ficaram os dois em silêncio. Finalmente, o seu irmão falou.

– *Salvaste-a.*

Gavin só podia estar a referir-se a uma pessoa. O barco, o mar, já não tinham o coração de Gavin da mesma forma. Só havia uma mulher que amava naquele momento.

– É claro que sim – replicou Griffin. Desejava beber um copo de água, mas havia coisas que tinham de ser ditas entre eles primeiro. – Quando chegámos àquela ilha e descobrimos o teu lar a arder e a Josephine desaparecida, sabia que só havia uma forma de te ajudar. Faria *tudo* por ti, Gavin. Somos *irmãos*. – Disse aquilo com tanto orgulho e alegria que o fez sentir-se como antes de Charity entrar nas suas vidas. Antes de ele ter partido o coração do seu irmão por amarem a mesma mulher. – Quando o Beauchamp levantou a pistola, soube que só podia fazer uma escolha. A Josephine é o coração que bate dentro de ti. Não podia deixar que te roubassem o amor pela segunda vez.

Os olhos de Gavin brilharam e ele pestanejou rapidamente.

– Ela é o meu sonho.

Griffin sorriu. Apesar das dores no corpo, sentia-se *gloriosamente* vivo.

– Então, renunciarás a reivindicá-la? – perguntou Gavin. – E rasgarás o maldito contrato de casamento?

Griffin desejou ter força para se rir.

– Já tinha decidido terminar o noivado, se a Josephine não quisesse casar-se comigo. Falei com o Camden sobre isso antes de encontrarmos a tua ilha. Ele concordou, com uma condição.

Gavin fez uma careta ao ouvi-lo.

– Que *condição*?

– Não faço ideia. Só me disse que teria de falar contigo sobre isso.

Gavin recostou-se na cadeira, mas Griffin sabia que o seu irmão estava a pensar com cuidado.

– Estarás aqui... para o casamento? Acompanhar-me-ás? –

perguntou Gavin, num tom suave e quase tímido.

Griffin levantou a mão da cama e Gavin agarrou-a.

– Não há nenhum outro lugar onde queira estar senão ao teu lado.

Gavin abriu a boca, depois fechou-a e sorriu em vez de falar. Depois de um bom bocado, levantou-se e chamou Vesper. Ela entrou e apressou-se a aproximar-se de Griffin. Não voltou a olhar para Gavin enquanto passavam um pelo outro. Foi então que Griffin soube, com certeza, que o que quer que fosse que corraera mal quando as estrelas tinham guiado o seu destino há sete anos fora finalmente reparado.

Vesper era dele e só dele e Josephine sempre fora destinada ao seu irmão. Griffin suspirou e fechou os olhos. Por um breve instante, jurou que via uma mulher com um vestido prateado à porta, a sorrir tristemente para ele, antes de desaparecer num raio de sol perdido. Não podia ter sido Charity... ela morrera. Simplesmente, estava a imaginar coisas. Vesper fechou a mão à volta da dele e beijou os seus dedos. Ele sorriu-lhe.

– Somos livres – disse ele.

Os seus lábios aqueciam-no com a promessa de uma vida de alegria.

– Somos, sim.

NO CONVÉS, Gavin viu Josephine a falar com o seu pai enquanto ambos observavam o mar aberto. Quando o viu, afastou-se de lorde Camden e correu para ele. Ele abraçou-a com força. Não parecia conseguir segurá-la ou beijá-la o suficiente. Perdê-la uma vez fizera-o ter medo de voltar a perder um único instante com ela. É claro, ter lorde Camden a vigiar Josephine fizera Gavin comportar-se o melhor que podia. Não havia nada como ver o pai de Josephine a alvejar um pirata nas costas por magoar a sua filha. Gavin só podia imaginar o que lhe faria. Não pudera dormir na mesma cabina do que ela e sentia a falta do conforto de a ter ao seu lado todas as noites.

– Está tudo bem?

– Sim – garantiu ele. – O Griffin acordou. A febre diminui finalmente. O médico diz outra coisa, mas acredito que foi o amor da Vesper que o trouxe de volta, tal como disseste que faria. É um maldito milagre.

O médico acreditava que nenhum órgão fora perfurado pela bala. Mesmo assim, a bala causara danos nos músculos. Tinham cosido as suas feridas e tinham rezado pelo melhor. Mas ainda demoraria muito tempo a sarar.

– Josie. Ele concordou quebrar o contrato de casamento.

Ela olhou para o seu pai do outro lado do convés.

– Suspeitava que o fizesse.

Gavin clareou a garganta.

– Então, casar-te-ás comigo?

Ela olhou para ele, com uma luz súbita nos olhos.

– Bom, deste-te ao trabalho de ir buscar um padre e de me salvar. Suponho que tenha de o fazer.

Sabia que ela estava a brincar, mas sentiu uma onda de nervos dentro dele.

Segurou-lhe o rosto.

– Toda a minha vida, estive à deriva no mar, a perseguir o horizonte e a deixar o vento empurrar-me cada vez para mais longe da costa. Só quando te conheci é que me apercebi de como estava perdido e de como queria voltar para casa. – Sentiu falta de ar e, de repente, mal conseguiu falar. – *Tu és o meu lar.*

O amor transformou o seu rosto com um ar maravilhado e ele questionou-se o que via nele naquele momento. Era um pirata, um homem com cicatrizes por dentro e por fora. Levantou o braço e enroscou os dedos nos seus pulsos.

– Casa-te comigo – murmurou ela. – Casa-te comigo, casa-te comigo. – Era um eco dos seus votos na Ilha da Canção.

– Casar-me-ei contigo hoje. Casar-me-ei contigo amanhã. Casar-me-ei contigo todos os dias do resto das nossas vidas.

Ela pôs-se em bicos de pés e encostou os lábios aos dele. Ele fechou os olhos, sentindo o vento a crescer à volta deles, tal como acariciava o tecido das velas. Mas, daquela vez, a brisa não o afastaria. Estava *ali*, ancorado pelo seu amor por ela. Griffin tinha razão.

Enquanto Josephine o beijava, sentiu a força pura do seu amor como a luz do sol brilhante numa manhã de verão depois de uma tempestade escura ter devastado a noite. Encontrara-o no meio de uma tempestade, não fora? Naquela noite há tanto tempo, quando caíra nos seus braços e ela o levava para a alvorada.

As suas bocas afastaram-se e ele ofegou com entusiasmo.

– Um homem como eu não merece ser tão feliz – confessou ele, passando os polegares pelo seu rosto e encostando o nariz ao dela.

– Bom, ainda tens de falar com o meu pai – replicou ela, com uma gargalhada, e ele beijou-a de novo.

– Bolas, tenho, não tenho? Seria muito mais fácil se simplesmente fugíssemos para Sugar Cove e deixássemos o padre casar-nos. – Ele gemeu. – Fica aqui. – Atravessou o convés para onde lorde Camden ainda estava. O homem tinha uma mão no corrimão e observava a água a ondular com a luz. – Lorde Camden... – Honestamente, não fazia ideia de como começar aquela conversa. – Peço desculpa por ter levado a sua filha desta forma, mas não me desculparei por querer reivindicá-la.

Camden sorriu tristemente.

– Estás enganado, meu rapaz. Ela reivindicou-te *a ti*. Essa é a primeira lição que aprenderás no casamento. Nenhum homem é dono de uma mulher. Há tolos que pensam que podem tratar as mulheres como borboletas presas num frasco, mas esse frasco, com o tempo, sufocará uma criatura selvagem e bonita. Liberta uma mulher e, se realmente te amar, reivindicar-te-á como dela. Compreendes?

– Acho que sim – disse Gavin.

Finalmente, virou-se para Gavin.

– Tenho dois filhos, ambos são homens bons. Vejo-me neles. Mas a minha pequena Josie sempre foi algo mais. As filhas são assim. Tentamos protegê-las dos males do mundo, defendê-las. A coisa mais difícil na vida é deixá-las ir.

Voltou a olhar para a água.

– Era tão pequena e perfeita quando peguei nela ao colo pela primeira vez. Não pensei que fosse possível amar tanto alguma coisa tão nova neste mundo num instante, mas fi-lo. E não posso deixá-la ir com *qualquer* homem. – Bateu com os dedos no corrimão e depois agarrou a madeira enquanto parecia lutar contra as emoções. – Ela casar-se-á contigo, independentemente do que eu disser. Mas quero a tua palavra, Castleton. Dá-lhe o mundo, dá-lhe liberdade e rende-te a ela completamente. É a única coisa que posso exigir-te, mas é o que mais importa.

– Ela é o batimento do meu coração – disse Gavin, com a garganta apertada. – Tem-me e tudo o que puder dar-lhe enquanto a vida me deixar respirar. Prometo-lhe, será sempre livre.

Camden virou-se lentamente de novo e esticou uma mão.

– Então, é melhor encontrarmos o maldito padre bêbado.

Gavin riu-se e apertaram as mãos.

– Quanto mais depressa, melhor.

Um mês mais tarde

OS PÁSSAROS CANTAVAM pela ilha enquanto Josephine e Gavin faziam os seus votos à frente de toda a sua família, Brianna, Nicholas, Griffin, Vesper, o reverendo Sheridan e os ilhéus. Ela usava o vestido azul-pálido que a sua mãe escolhera para o seu casamento com Griffin. Da última vez que usara aquele vestido, era outra mulher noutra vida. Sentia-se contente por não se ter estragado quando Gavin a tirara da Cornualha.

E, tal como ela, o vestido mudara desde então. Agora, o vestido azul-gelo que estava cheio de pérolas, voava à volta dela com a brisa do mar e fazia-a sentir-se como a Vénus a sair do mar.

Chegara muito longe desde aquela noite em que Gavin entrara às escondidas no seu quarto e a levava. Aquela vida, o caminho que não seguira, isso fora o sonho. Aquela era a sua realidade.

– *Todos os sonhadores acordam mais cedo ou mais tarde... Mas, e se acordarmos para algo ainda melhor do que isto?*

Tivera medo de acreditar nele quando dissera isso, mas Gavin tinha razão.

Certamente, aquilo era melhor do que qualquer coisa com que pudesse ter sonhado. Todas as pessoas que amava estavam naquela ilha pequena e dirigia-se para o futuro que ela própria escolhera. Não o da sua família, não o da sociedade, o dela.

Antes de começar a dirigir-se para o altar, o seu pai inclinou-se e beijou-lhe o rosto.

– Não podia separar-me de ti por mais ninguém. – As palavras estavam cheias de emoção e os seus olhos estavam cheios de lágrimas quando a abraçou. O seu pai sempre fora um homem orgulhoso e teimoso, mas ela nunca duvidara de que queria vê-la feliz.

– Serei sempre a tua filha, papá. *Sempre* – murmurou ela.

Ele abraçou-a com um pouco mais de força.

– Não sei como a tua mãe e eu sobreviveremos sem ti. – Depois, soltou-a e deu um passo atrás. Limpou os olhos e a sua mãe aproximou-se para lhe segurar o braço e dar-lhe um beijo na face. Então, Josephine virou-se para Gavin. Para o futuro.

Griffin estava ao lado de Gavin, inclinado sobre a bengala para se apoiar. Esboçou um sorriso cheio de afeto fraternal. Ele e Vesper

tinham-se casado no dia anterior, o que fizera com que muitos ilhéus pedissem ao padre para os casar também, até aqueles que estavam juntos há muitos anos. No fim, Henry Sheridan resmungava que casara metade da ilha e só lhe tinham pagado uma cerimónia.

Josephine e Gavin tinham esperado um mês inteiro para se casarem. Queriam que Griffin estivesse suficientemente bem para a cerimónia. Mais importante, Gavin queria ter uma casa para apresentar a Josephine como presente oficial de casamento.

Em apenas trinta dias, tinham conseguido começar a reconstruir a casa que fora destruída pelo fogo. Com a bênção de Dominic, Adrian tomara conta do *Duende*, com Ronnie como seu imediato. Tinha trazido madeira das ilhas maiores e, devido à insistência do seu pai, tinham contratado um arquiteto de Port Royal para fazer as plantas do edifício. O rés-do-chão da casa foi reconstruído com um novo desenho e continha um quarto para ela e para Gavin.

Durante aqueles dias ocupados com a reconstrução, a família de Josephine hospedara-se em casas vazias na aldeia que tinham sido construídas no caso de Gavin trazer alguém novo para a ilha. Fora uma misericórdia que Beauchamp e os seus homens só tivessem queimado a casa de Gavin e não a aldeia.

Todos tinham trabalhado juntos para reconstruir a vida que tinham tido naquela ilha e para pôr o passado para trás. Josephine trabalhara incansavelmente para ajudar Jada e as outras mulheres a cozinhar para os trabalhadores, antes de cair na cama todas as noites, exausta. O seu pai insistira que dormisse na cama sozinha, apesar de saber muito bem que já não era virgem. Sentia a falta de ter Gavin deitado ao seu lado, mas sabia que a espera valeria a pena.

Agora, chegara a altura de começarem oficialmente as suas vidas juntos naquele paraíso minúsculo.

Repetiram os votos à frente de Henry Sheridan, com as cabeças baixas enquanto os unia em matrimónio. No fim, Gavin roubou-lhe um beijo enquanto o sol se punha no horizonte atrás deles e o mundo caía num crepúsculo silencioso. Josephine passou os braços à volta do seu pescoço e abraçou-o quando aquele beijo pareceu levá-la para longe. Era como se voassem pela água juntos na proa de um barco, perseguindo a luz mortíça. Beijar Gavin seria sempre assim, como navegar em direção a um brilho infindável, e abriu a boca para aprofundar o beijo.

– Ah-ah. – O padre clareou a garganta. – Têm tempo suficiente para isso mais tarde, depois de o teu sogro beber um pouco mais de rum.

Corando, Josephine afastou-se de Gavin. Era a primeira vez que via Gavin parecer um pouco envergonhado. O seu pai lançou um olhar furioso a Gavin por se atrever a uma demonstração tão pública à

frente dos seus convidados.

Gavin deu a mão a Josephine.

– Lamento, padre. Até um pirata se deixa levar no dia do seu casamento.

O seu aperto forte fê-la sentir-se segura e certa e recordou-lhe quão *completamente* apaixonada estava por ele. Se alguém tentasse explicar-lhe aquele sentimento em Inglaterra, não teria sido capaz de o imaginar. Era universal, amar alguém com todo o seu coração. Mas, em vez de medo de algo tão importante, só sentia entusiasmo e alegria.

No entanto, não era apenas o amor pelo seu marido que lhe dava asas para voar. Era o amor que encontrara por ela própria, com defeitos e tudo, e não sentir que tinha de se desculpar por ser quem era. Tivera momentos em que falhara, momentos em que duvidara de si própria, mas também provara que era corajosa, que era forte. Amar-se dava-lhe a força e a coragem para amar alguém como Gavin. Tornava aquele momento ainda mais doce.

Desejava poder voltar atrás no tempo, encontrar a rapariga que fora uma vez e dizer-lhe para não perder a esperança, que tudo com que sonhara estaria ao seu alcance um dia se se mantivesse forte.

Gavin puxou-a para os seus braços, abraçando-a enquanto as pessoas reunidas na praia aplaudiam e os encorajavam. Não conseguia imaginar-se a sentir-se mais feliz do que se sentia naquele momento. Mais de um marinheiro assobiou e o corpo de Gavin estremeceu com uma gargalhada satisfeita.

– Vamos, esposa. – Gavin conduziu-a através da multidão. Primeiro, pararam ao pé da sua mãe, que lhe deu um abraço longo e depois olhou para Gavin.

– Bem-vindo à nossa família – disse ela. As faces de Gavin coraram como rubis.

Depois, Dominic e Roberta aproximaram-se. Dominic esticou uma mão.

– Suponho que seja bom ter outro pirata na família – disse Dominic.

– Talvez tenhamos de corrigir isso para pirata «reformado» – disse Gavin, olhando para Josephine. – Estava a pensar, se precisares de outro capitão para a tua frota mercante, aceitaria o cargo com prazer, desde que a Josephine venha comigo.

Dominic esboçou um sorriso amplo.

– Acho que conseguiremos encontrar um barco para vocês.

Roberta riu-se e abraçou Josephine. A ruiva que conquistara o seu irmão mais velho sussurrou-lhe ao ouvido.

– Parece que, finalmente, tens o teu próprio pirata.

Josephine riu-se.

– Tenho, não tenho?

Adrian e Gavin apertaram as mãos e ele pediu um momento a sós com a sua gêmea. Deu-lhe a mão e ajudou-a a seguir o caminho arenoso até à costa, até estarem suficientemente longe dos outros para falar com alguma privacidade. O rosto de Adrian estava cheio de alegria e dor. Clareou a garganta.

– Vai ser diferente, não vai? Quando ias casar-te com o Griffin, parecia que nada mudaria. Estarias por perto. Mas isto é *diferente*. Amas o Gavin, não é?

Ela assentiu.

– Desesperadamente.

– Consigo senti-lo. – Ele tocou no peito. – *Aqui*. Saber como és feliz faz com que seja mais fácil deixar-te ir.

Ela limpou as lágrimas da face.

– Estou feliz, mas sentirei a tua falta. – Durante muito tempo, tinham sido apenas os dois contra o mundo. Mas, como todas as coisas, o tempo trazia mudanças e aquilo era algo para o qual não estavam preparados.

– Eu sei – disse ele, com um sorriso amargo. – Mantive a minha promessa.

– Que promessa?

– A que te fiz no dia antes de te ires embora. Disse-te que te casarias com o Castleton, navegarias os mares e terias a vida com que sempre sonhaste. Nunca disse que seria o Griffin. Afinal de contas, o Gavin é realmente o conde de Castleton, visto que não morreu e o título voltará para ele. Simplesmente, não disse com que Castleton te casarias.

Josephine riu-se da inteligência do seu irmão.

Mas a sua gargalhada morreu quando uma nova ideia a fez parar. Nunca pensara no facto de se ter casado com o *mais velho* dos irmãos Castleton. Gavin vivera sete anos sem essa parte da sua vida e, certamente, também já não pensava nela. Teriam de regressar a Inglaterra para que pudesse voltar à sua vida como conde e gerir a propriedade?

– O que se passa? – perguntou o seu irmão.

– Na verdade, tinha-me esquecido de que ele é o conde e não o Griffin. – Olhou para a areia branca e as suas esperanças desapareceram depressa.

Adrian levantou-lhe o queixo.

– Fala com ele. Imagino que também não tenha pensado nisso. Talvez haja uma solução. O seu irmão e a Vesper vão regressar a Inglaterra. Se fosse eu, pediria ao Griffin para lidar com os assuntos imediatos da propriedade, deixando-te aqui com Gavin. Ninguém disse que tens de viver em Inglaterra. Ele será o conde, viva onde viver. Não

é invulgar que lordes com títulos deixem que outros os ajudem com as suas terras e propriedades enquanto vivem noutro lugar. Tenho a certeza de que o Gavin preferiria esse acordo.

– És realmente brilhante. – Passou os braços à volta do seu pescoço, abraçando-o.

– Sempre fui o mais inteligente... *au!* – Encolheu-se quando ela lhe deu um murro no ombro. – Volta para o teu marido, mocinha irascível!

Ambos desataram a rir-se.

Quando voltaram para trás pela praia, Gavin estava à espera deles. Abriu os braços para Josephine e ela aninhou o rosto no seu peito.

– Está tudo bem? – perguntou ele, num tom suave.

– É claro. Estava a falar com o meu irmão sobre... Bom, sobre o facto de seres o conde agora. O Griffin ficou com o título depois de o teu pai morrer quando todos pensavam que estavas morto. Mas, agora, tudo isso pode mudar. Receava o que possa significar para nós. O Adrian sugeriu que aceitasses o título, mas deixasses o Griffin ficar na casa da Cornualha com a Vesper a gerir a propriedade. Isso significaria que seríamos livres para ficar aqui.

Gavin ficou em silêncio por um longo instante.

– Honestamente, não tinha pensado nisso. Fui um pirata durante tanto tempo, a viver esta vida selvagem, que nem pensei nisso. Acho que o teu irmão tem razão. O Griffin e a Vesper podiam ficar na casa em Inglaterra e tu e eu poderíamos ficar aqui e poderíamos visitá-los uma ou duas vezes por ano para saber como está tudo. Tenho a certeza de que os teus irmãos também farão a viagem com frequência. Ficarias satisfeita com essa vida?

– Satisfeita? Não... Acho que usaria a palavra «abençoada» – disse ela. – Sentirei a falta de ver a minha família tantas vezes como esperava, mas esta vida... este lugar aqui contigo, com a Jada e com os outros... é o lar que realmente quero.

– Ainda bem. – Ele pareceu relaxar com as suas palavras. – Estás pronta para te retirar para a noite?

– Sim. – Fugiram silenciosamente da multidão e dirigiram-se para a sua nova casa. Tudo lá dentro cheirava a novo. A madeira brilhava e os móveis, apesar de escassos, serviriam por enquanto. Tinham uma cama grande no seu quarto partilhado e havia uma camisa de noite tão fina como gaze em cima da colcha azul.

Gavin riu-se quando levantou o tecido brilhante, as suas mãos eram visíveis através dele, o que deixava pouco à imaginação.

– É adorável, mas não vais precisar dela esta noite.

Ela ficou quieta enquanto ele lhe abria o vestido. Tremeu quando os seus dedos lhe tocaram na pele, sentindo-se como se fosse a primeira vez que estavam juntos. Em breve, ficou nua e as suas mãos

exploraram o corpo dela, agarrando-lhe os seios e o rabo, curvando-se à volta das ancas e dos ombros, até ela sentir que podia derreter-se nele. Depois, ele virou-a nos seus braços e beijou-a. Havia algo maravilhosamente perverso em beijar um pirata vestido enquanto ela estava completamente nua.

– Consigo sentir-te a sorrir nos meus lábios – disse ele, com uma gargalhada. – Em que raios estás a pensar?

Ela passou os braços à volta do seu pescoço e deslizou o nariz pelo seu queixo.

– Estava a pensar em como me tornaste perversa, para desfrutar de momentos como este.

– Como *eu* te tornei perversa? Querida, nasceste perversa. E estou muito contente porque podemos ser perversos juntos. – Mexeu a mão para o rabo dela e depois deslizou os dedos entre as suas coxas, provocando-a até se remexer nos seus braços. Queria muito que estivesse dentro dela, que fizessem amor.

– Não quero mais provocações. – Puxou as madeixas do seu cabelo e beijou-lhe o queixo e depois a boca. – *Por favor*, Gavin. Preciso de ti.

– E eu de ti. Deita-te. – Ela sentou-se na beira da cama e depois deitou-se, dobrando um pouco os joelhos. Ele agarrou-lhe a cintura e puxou-a para ele para conseguir segurá-la facilmente. Gostava de como tocava nela, não com aspereza, mas com confiança e desejo.

Gavin inclinou-se por cima dela e a sua boca começou a adorar os seios com movimentos da língua. Depois, sugou os mamilos até ficarem sensíveis. Os lábios deslizaram pela barriga e depois para o centro da sua feminilidade, antes de chegar à parte mais sensível dela. A parte que ardia por ele. Já estava pronta para explodir quando ele acariciou o centro húmido da sua feminilidade, mas ele parou mesmo antes de ela chegar ao clímax. Josephine gemeu em protesto, mas a sua frustração acalmou-se quando se apercebeu de que ele só parara para se despir.

Levantou a cabeça para admirar a vista do seu marido nu enquanto se aproximava. O homem tinha músculos por todo o lado. Até as suas mãos e pés eram lindos e fortes. Ela não era uma criatura minúscula, mas vê-lo assim fê-la sentir-se pequena e feminina. Ele subiu para a cama e aproximou-se dela, prendendo-lhe o corpo com o dele. Mas ainda não a penetrou... simplesmente, beijou-a, acariciou-lhe a língua com a dele e fê-la sentir-se amada.

– Como pirata, a minha mente esteve sempre concentrada em encontrar um tesouro ou capturar o próximo grande prémio. Sempre pensei que encontraria um tesouro como um pirata – murmurou ele, penetrando-a finalmente. Ela gemeu e levantou as ancas, encontrando-se com ele com avidez. Assim que a penetrou por completo, ambos ficaram quietos, desfrutando do momento e da ligação. Nunca se

sentira tão perto de mais ninguém. Ele beijou-lhe os lábios, a ponta do nariz e depois a testa.

– Ah, sim? E diz-me... Qual foi o maior tesouro que encontraste? – Falou num tom ofegante e ele levantou a cabeça. Mexeu-se dentro dela, primeiro com gentileza e depois a paixão apoderou-se deles e fizeram amor com total abandono. O prazer espalhou-se por ela como uma tempestade tropical e só começou a acalmar-se quando ele a fez rodar para ficar em cima dele, ofegante. Passou os dedos pela sua face e entreolharam-se.

– Descobri algo muito melhor do que prata ou ouro. *Encontrei-te.* – O amor nos seus olhos afastou as preocupações dela. Navegavam novamente para aquele horizonte brilhante e bonito e o seu barco avançava pelas nuvens. Ela era o mar e Gavin era a costa, sempre ligados, nunca separados. O seu amor era tão infundável como as areias que seguiam as marés.

E, do outro lado da janela, a música dos pássaros da Ilha da Canção espalhou-se pelas ondas e dirigiu-se para o mar.

Três semanas mais tarde

ADRIAN ESTAVA no convés do *Duende da Cornualha*, as suas mãos seguravam a madeira do leme. Por cima dele, no crepúsculo, as velas inchavam e apanhavam o vento. O *Duende* deslizava pela água, dirigindo-se para mar aberto e deixando a Ilha da Canção para trás. Sorriu quando o sol começou a nascer no oceano. Os seus raios banhavam a água azul brilhante com salpicos dourados.

– Não há nada como isto no mundo, pois não? – perguntou Ronnie, quando se aproximou do leme e parou ao lado de Adrian.

– É o mais perto que estaremos de voar – confessou Adrian.

Ainda não se sentia preparado para capitanear um barco, mas Dominic confiara nele para tentar. Nos últimos meses, ele e Ronnie tinham levado o *Duende* entre a Ilha da Canção e as ilhas vizinhas para ir buscar os materiais necessários para reconstruir a casa de Gavin e Josephine. Tudo correra lindamente nas viagens e o seu irmão mais velho decidira torná-lo oficialmente o capitão do *Duende*. Adrian sentira-se mal por ficar com um barco que Gavin navegara tão bem, mas Dominic assegurara-lhe que havia outro barco na sua frota em Port Royal naquele momento que seria entregue na Ilha da Canção como um presente de casamento atrasado para Gavin e Josephine.

– Nervoso por o levar para mais longe do que apenas uma viagem de abastecimento rápida? – perguntou Ronnie.

Adrian surpreendeu-se por o seu primeiro-imediato ser tão perspicaz.

– Um pouco.

Ronnie sorriu.

– Não te preocupes. Ensinar-te-ei tudo o que tens de saber, rapaz.

– Obrigado. – Adrian surpreendeu-se com a honestidade do homem. – Diz-me, porque não pediste para ser o capitão? Tens muito mais experiência do que eu.

Ronnie encolheu os ombros.

– Não sei bem. Nunca chamou por mim. Prefiro ser um contramestre. Eh... um imediato – corrigiu-se, com um sorriso.

– Bom, estou contentíssimo por te ter – admitiu Adrian.

Adrian falara com Dominic sobre as suas preocupações de ser um capitão adequado com a sua idade, mas Dominic rira-se.

– Eu era capitão com a tua idade. Só precisas de um bom imediato que te ensine a ouvir o barco, a ler a água e a sentir o vento. – Se isso fosse verdade, Adrian sentia que ficara nas melhores mãos possíveis.

– Bom, rapaz, para onde vamos? – perguntou Ronnie. – Provar os sabores daquelas mulheres espanholas lindas em Cádis? Ou talvez a Berbéria, onde podemos montar elefantes? – Os olhos de Ronnie brilharam com entusiasmo. – E o Maine espanhol? Podíamos procurar tesouros!

– Dirigimo-nos para as colónias. Nova Iorque, para ser exato – exclamou Adrian, com uma gargalhada. – O Dominic tem rum e açúcar para vender e nós temos muito para comprar e para trazer de volta quando regressarmos.

– Onde está o teu sentido de aventura, rapaz? – Ronnie deu um murro brincalhão nas costelas de Adrian. – Tens a pirataria no sangue. Porque não haverias de procurar um pouco de ouro pelo caminho, eh?

Adrian fingiu que pensava nisso por um instante.

– Talvez um *pequeno* desvio não nos faça mal, se a oportunidade se apresentar.

O seu primeiro-imediato deu-lhe uma palmada no ombro.

– Aí está o meu capitão! – disse ele, com orgulho. – Para Nova Iorque! E para qualquer aventura que encontrarmos pelo caminho.

Ronnie gritou ordens para a tripulação quando o vento mudou ligeiramente. Adrian continuou ao leme, com os olhos fixos no horizonte oriental.

Adrian ajustou levemente o leme quando a tripulação começou a trabalhar nas velas por cima dele. Depois, quase sem querer, começou a cantar baixinho uma antiga balada do mar, uma que o seu pai costumava cantar. O dourado brilhante do sol nascente tinha uma cor lindíssima e viciante. Até a sua forma era como um dobrão espanhol.

Naquele momento, compreendeu porque os homens como Dominic

e Gavin tinham ido para o mar para perseguir o ouro.

*Os nossos nomes serão aclamados,
E espalhados pelo céu.
Venham, todos os rapazes valentes
De coragem audaciosa.
Aventurar-se-ão comigo?
Encher-vos-ei de ouro...*

EPILOGUE

1752 – DEZ ANOS MAIS TARDE CÁDIS, ESPANHA

O bordel estava cheio para o meio do dia. Os marinheiros enchiam a sala comum e até havia alguns do outro lado da porta, ao sol brilhante. Os barcos tinham chegado cedo naquela manhã, trazendo bens para troca, o que significava que centenas de marinheiros enchiam a cidade portuária à procura de lugares para gastar as suas moedas. O álcool e as mulheres eram dois dos prazeres mais procurados.

Normalmente, Adrian não visitaria bordéis, mas Ronnie e ele tinham passado por um e tinham visto a multidão crescente. Divididos entre a curiosidade e a preocupação do que se passava lá dentro, tinham-se juntado à multidão no interior do bordel iluminado por candeeiros. Era uma sala grande cheia de sofás e com almofadas no chão que, naquele momento, não tinham as mulheres que, normalmente, se sentavam ali, prontas para entreter os homens pelo preço certo.

Todos se concentravam na plataforma levantada que, ocasionalmente, devia conter dançarinas ou cantoras. Mas não havia dançarinas naquela noite. Um homem de rosto sujo com um casaco e umas calças elegantes de cores bastante pirosas, estava ali parado a falar com a multidão. Adrian ficou tenso enquanto as palavras «mulheres para venda» se espalhavam à volta dele.

Acariciou o queixo, contente por a barba curta e bem cortada esconder muitas das suas expressões, especialmente a careta que fazia naquele momento. Não gostava de leilões como aquele nos bordéis. Fazia o seu estômago apertar-se. Nos últimos dez anos, desde que tomara o controlo do barco do seu irmão mais velho, o *Duende da Cornualha*, vira muitas coisas que o tinham deixado a sentir-se *impotente*. Mulheres a serem vendidas em bordéis enchiam-no de raiva.

– Calma, Adrian – murmurou Ronnie, ao lado dele. Como sempre, o seu primeiro-imediatos conseguia sentir a sua tensão, a sua necessidade de intervir. – O bordel tem uma dúzia de guardas prontos para qualquer sarilho. Lembra-te do que aconteceu da última vez que tentaste tirar uma mulher de um lugar como este... mal conseguimos chegar ao porto com as nossas peles intactas.

Adrian poderia ter vivido sem aquela lembrança. Tentara convencer uma mulher a fugir com ele, mas ela tivera demasiado medo de se ir embora e lutara contra ele. Os guardas tinham-se apercebido da agitação e tinham ido atrás dele e dos seus homens.

– Confio em que os nossos homens estejam quase a acabar de carregar a carga? – perguntou Adrian, num tom tenso.

– Sim, quase acabaram, capitão. – Ronnie cruzou os braços e juntou-se a Adrian. Adrian reconheceu uma dúzia de homens na multidão perto dele. Eram piratas. Homens com que se encontrara e que tinham tentado roubar a sua carga em mais de uma viagem.

– O que fazem aqui, Ronnie? Aqueles canalhas não costumam incomodar-se com *comprar* mulheres, pagam por elas aqui. – A maioria dos piratas não queria mulheres a bordo dos seus barcos, o que o fazia temer pelo que tencionavam fazer com a mulher que seria vendida.

– É por causa dela... – Ronnie apontou para a mulher que tropeçou quando deu alguns passos para o palco de madeira onde o homem imundo que liderava o leilão agarrou na corda atada à volta do seu pescoço.

O cabelo comprido e castanho balançava por cima dos ombros, solto e despenteado, e a pele de marfim estava manchada de sujidade. Não era anormal ver mulheres a serem vendidas em bordéis. Muitos barcos piratas com capitães pouco honrados atacavam barcos mercantes privados e raptavam os passageiros, especialmente as mulheres. Normalmente, não mantinham as mulheres a bordo por muito tempo. Usavam-nas, matavam-nas ou vendiam-nas em lugares longínquos geralmente por razões muito más a pessoas muito más. Adrian fechou os olhos brevemente e cerrou os punhos.

O homem que liderava o leilão agarrou a jovem pelo cabelo e arrastou-a mais uns passos para a beira da plataforma. Usava um vestido velho e sujo, que tinha uma manga rasgada e expunha um ombro nu, e não a cobria para além dos joelhos. Os seus tornozelos estavam arranhados e os joelhos ensanguentados. Adrian concentrou-se no seu rosto. A rapariga observava-o. Os seus olhos azul-cerúleo atingiam-no como um raio.

O leiloeiro começou a gritar em francês para que a maioria dos presentes o compreendesse.

– Uma linda dama inglesa. Não foi tocada. Bons dentes, ancas fortes e largas. – Deu uma palmada no rabo da rapariga com uma mão áspera e a jovem gritou, fazendo com que os homens que a observavam se rissem.

– Ronnie... – murmurou Adrian.

– Sim?

– Apronta o barco para sair do porto imediatamente. Tens de estar

pronto para levantar âncora assim que eu entrar no convés.

O seu primeiro-imediato praguejou.

– Oh, rapaz, o que raios tencionas fazer?

– Tenciono intervir. – Adrian arregaçou as mangas e o seu sangue começou a zumbir.

Uma mão agarrou-lhe o ombro, fazendo-o parar quando se teria precipitado para a frente.

– Pensa com a cabeça, homem. Não comeces uma luta.

– Não posso ficar aqui e deixar que seja vendida a alguém que a usará e, provavelmente, a matará.

O seu primeiro-imediato observou-o.

– Tens de o fazer, rapaz. Não podes salvá-la. Não podemos salvar todos. – Os olhos azuis e brilhantes de Ronnie continham sombras.

– Apronta o barco, Ronnie. *Agora* – ordenou Adrian.

– Sê sensato, rapaz – avisou Ronnie, mas suspirou quando pareceu aperceber-se de que Adrian não ia deixar o bordel. – Está bem. Vou preparar o barco – murmurou o seu primeiro-imediato e virou-se para se dirigir para as docas.

Adrian sabia que tentar libertar aquela mulher podia matá-lo, mas tinha de tentar. Aqueles olhos azuis suplicavam que a ajudasse... desafiavam-no a libertá-la. Era um Greyville em todos os aspetos e nunca recuava face ao perigo quando alguém precisava de ajuda.

Muito obrigado por ler meu romance! Mais histórias de piratas estarão disponíveis em breve! Não deixe de conferir meus outros livros disponíveis em português no site de sua livraria favorita ou aqui: <https://laurensmithbooks.com/genre/portuguese/>

BIOGRAFIA DA AUTORA

Lauren Smith é advogada durante o dia e autora durante a noite, escrevendo histórias românticas ousadas sob a luz do seu smartphone. Ela sabia que estava destinada a ser escritora de romances quando tentou reescrever todo o filme Titanic só para salvar a vida de Jack. Conectar-se com seus leitores por meio de narrativas emotivas, envolventes, realistas e sensuais que se passam em diversas épocas é sua paixão. Lauren ganhou múltiplas premiações em inúmeros subgêneros de romance.

Para saber mais sobre Lauren, visite:

www.laurensmithbooks.com

lauren@laurensmithbooks.com

